

THE SENSATIONAL *NEW YORK TIMES* BESTSELLER

THE NIGHT SEASON

"High-octane...The world that
Cain creates is as dark and ominous as ever."

—*THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW*

A NOVEL

CHELSEA CAIN

BESTSELLING AUTHOR OF *HEARTSICK*

Darkness falls—and murder is on the rise.



THE NIGHT SEASON

Série Beleza Mortal #04

Chelsea Cain

CIDADE DE PORTLAND



LEMBREM-SE:

O DIQUE É SEGURO NO MOMENTO.

VOCÊS SERÃO ALERTADOS SE NECESSÁRIO.

VOCÊS TERÃO TEMPO PARA SAIR.

NÃO FIQUEM EM PÂNICO.

— *Declaração feita pela Autoridade Municipal de Habitação de Portland para as pessoas de Vanport, Oregon, em 30 de Maio de 1948.*

Prólogo

Memorial Day de 1948

(N.T. — Memorial Day é um feriado federal dos Estados Unidos, que ocorre todos os anos na última segunda-feira de maio para lembrar os homens e mulheres que morreram enquanto serviam nas Forças Armadas dos Estados Unidos.)

FLOYD WRIGHT ENTROU no escritório de Williams, com o rosto vermelho e sem fôlego, suas roupas de trabalho empoeiradas.

"Está mal", disse Floyd.

Williams levantou-se de sua mesa. Ele recebeu a notícia com calma. Você não chega a ser presidente da Portland Union Stockyards sem ter um estômago de ferro. Ele sabia que isso poderia acontecer. É por isso que ele enviou Floyd com a patrulha. Ele já estava calculando suas perdas e as mudanças de itinerário dos vagões de gado para linhas alternativas. Se as linhas fossem restabelecidas em alguns dias, eles ainda poderiam entregar aos açougueiros sua carne.

A secretária de Williams entrou no escritório atrás de Floyd, mas Williams não queria ser interrompido. Ele fez sinal para ela esperar, e ela parou a porta.

"O que estamos analisando?" Williams perguntou a Floyd.

Floyd apertou o chapéu nas mãos. "O lado oeste", disse ele. "Colapso completo. Quinze metros, pelo menos".

Quinze metros? Eles esperavam que o dique teria alguns vazamentos. Alguns que poderiam ser reparados. Mas um vazamento de quinze metros era algo completamente diferente. Não havia contingências para isso.

"Oh meu senhor", disse a secretária.

Ela estava olhando para fora da janela, com a mão cobrindo a boca.

Williams passou tempo suficiente naquela janela vendo os carros de gado chegar para saber exatamente o que ela estava vendo.

Ele contornou a mesa e moveu-se rapidamente para o lado dela, apontando para Floyd para fazer o mesmo. Era um dia claro e ensolarado com vinte e seis graus. Não havia uma nuvem no céu. O escritório ficava na cobertura. Além de uma centena de hectares de cercas de madeira que sustentavam o gado à espera de abate, eles tinham uma boa vista da cidade de Vanport, e para o leste, os trilhos do trem que formavam a fronteira oriental da cidade. Setenta e seis blocos de prédios de dois andares estavam organizados em grupos de quatro em torno dos edifícios públicos. Um cinema e uma escola primária.

O leito da estrada de ferro funcionava como um dique, contendo o lago Smith da alagadiça Vanport. O vazamento era visível até mesmo da janela. Água marrom jorrava sobre os trilhos e para baixo em direção à cidade onde o cascalho e a terra tinham cedido com a pressão da água do lago.

Vanport ia inundar e rápido. Williams sentiu um nó no estômago. Os currais ficavam um nível acima do dique. O gado e os prédios, não seriam alcançados pela água. Mas as pessoas em Vanport. *Todas as pessoas.*

"Ligue para o gestor municipal da cidade de Vanport", Williams gritou para sua secretária. "Diga-lhes que há uma rachadura de quinze metros no canto noroeste da ferrovia."

A moça hesitou. Seus olhos pareciam nervosos.

"Agora", disse ele.

"Sim, senhor", disse ela, virando-se e correndo para a mesa do lado de fora do escritório.

Quinze mil pessoas viviam em Vanport. Pessoas trabalhando. Famílias. Muito menos do que viveu lá durante a guerra. Os apartamentos eram baratos, mas as paredes eram muito finas, e não havia água quente ou aquecimento durante a noite.

"Eles não têm telefone", disse Floyd. "A decisão é da empresa."

À medida que os minutos passavam, os dois homens ouviram em silêncio a sirene de emergência. Williams não ouvia nada. Ele levantou a janela. O cheiro de gado e feno impregnava o escritório. Ele poderia ouvir o gemido das vacas, o tremor de seus cascos no chão batido. Mas ele ainda não ouvia a sirene.

Era 16:35.

Sua secretária retornou.

"Então?", Disse Williams.

"Eu disse a eles", disse ela.

Mais alguns minutos se passaram. Williams começou a fumar. Ele pegou o par de binóculos que ele mantinha no parapeito da janela e apontou-os para fora. A rachadura havia aumentado, e agora estava a um quarteirão da cidade. A água do lago Smith que vazava através do dique era como uma cintilante cachoeira. Ela estava vindo com tanta força que Williams poderia vê-la em movimento, vê-la se espalhando no lado oeste do dique, uma formação de um novo lago, alargando rápido, a água barrenta transformando tudo, refletindo o azul do céu calmo, aparentemente tranquilo. Ele seguiu a água com os binóculos, em direção a Vanport. Um menino andando de bicicleta com os dois pés na água que já estava alagando a Autoestrada North Portland. Um carro dirigindo-se pela Victory Avenue. Um casal caminhando juntos em um parque.

"Por que está demorando tanto?", Perguntou Floyd.

Era uma boa maldita pergunta.

Williams soltou os binóculos, pegou o telefone em sua mesa, e se atrapalhou com ele, a palma da mão molhada de suor. Mas ele não fez a

chamada. Sua secretária fez. Ele a olhou, impotente e ela veio até sua mesa, pegou o telefone e discou, e em seguida, entregou-lhe o telefone.

"Alô", respondeu uma voz de homem.

"Pelo amor de Deus", Williams gritou no telefone, "alerte as pessoas."

Poucos minutos depois as sirenes finalmente foram acionadas.

Williams olhou para o relógio. Era 16:47.

Todo o leito da estrada de ferro deu lugar ao lago que agora fluía livremente sobre ele. Os trilhos da ferrovia, estavam cobertos pela água, o chão alagado por baixo deles, que agora parecia pairar no ar.

A secretária começou a chorar baixinho. Williams achava que ele deveria dizer algo, mas ele não o fez. Floyd tossiu. Ninguém falou. Os três estavam juntos na janela, sem palavras, enquanto a água continuava a subir. Ele largou os binóculos no parapeito. Williams não quis mais olhar.

1

Dias atuais

TECNICAMENTE, O PARQUE estava fechado.

Mas Laura conhecia um lugar onde a cerca de arame foi cortada, e ela deixou os cães australianos entrarem através dela e então escalou atrás deles. Parecia uma lagoa. Não havia, de fato, um lugar mais enlameado no inverno em Portland.

Os cães corriam à sua frente na água parada, espirrando lama, já se emaranhado na terra molhada e na grama morta. Ocasionalmente, eles se viravam para olhar para ela, seu hálito quente em condensação no ar frio de janeiro.

Laura limpou o nariz com as costas da mão. Era um dia terrível para sair. Suas calças de chuva estavam escorregadias, seus tênis de corrida estavam encharcados. Ela fez uma caminhada leve de manhã cedo no centro da cidade e suas costas doíam. O ponto de estresse da fratura em seu pé latejava. Os médicos tinham dito para ela ficar de repouso por seis semanas.

As nuvens encobertas pairavam tão baixo que as copas das árvores pareciam escová-las.

Ela adorava isso.

Nem o tempo ruim, nem o corpo dolorido. Nada poderia mantê-la dentro de casa. Passear com os cães. Ela ia lá todos os dias, não importava o quê. Ela não era como todos esses impostores que saíam no verão com suas camisas de verão e corriam ao longo da esplanada com seus iPods balançando os cotovelos. Onde eles estavam no auge do inverno? No ginásio, era onde estavam.

Deus, Laura odiava essas pessoas.

Franklin olhou para ela, abanou o rabo curto e grosso, latiu uma vez, abaixando suas orelhas, e foi para o outro lado do terreno alagado pela estrada velha. Era a sua rota habitual. Penny, o cãozinho, ficou perto de Laura afastando-se 2 metros em seguida, circulando de volta.

Laura ouviu então. Ela tinha ouvido o tempo todo, mas tinha-se desvanecido como um som ambiente, como uma sobrecarga durante a passagem de um jato.

O Canal Columbia.

Ela sabia que ele estaria cheio. Eles tiveram uma tonelada de neve em dezembro. Em seguida, tinha esquentado e então começou a chover. Isso significava degelo das montanhas. Lotes de lama. Bueiros abertos. O Rio Willamette estava próximo de transbordar. O noticiário local estava ao vivo dia e noite, eles estavam considerando evacuar a cidade. Mas esse era o Willamette. Ficava há quilômetros de distância.

Quando Laura virou a esquina, além das árvores, onde o antigo pavilhão de concreto estava encravado no barranco de lama, ela parou de boca aberta.

No verão, o lama ainda era lisa e coberta por algas tão espessas que parecia sólida o suficiente para caminhar. Esse lamaçal era tão estagnado que Laura ficou surpresa que alguma coisa poderia sobreviver nela. O lamaçal parecia um bacia de água que havia sido deixada na varanda de trás durante todo o verão. Este pântano estava vivo. Movia-se como algo com raiva e medo, soando como algo rápido e alto.

A correnteza arrastava destroços ao longo da margem, rio abaixo. Laura viu um galho ser sugado para dentro da água e perdeu de vista em um instante quando foi engolido pela espuma borbulhante.

Franklin foi à frente, farejando ao longo do antigo pavilhão de concreto pelo barranco de lama. Ele choramingou e olhou para ela.

Ela chamou o seu nome e deu um tapa na coxa. "Vamos sair daqui", disse ela.

Ele virou-se para ela. Ele era um cão de resgate. Seu marido o havia encontrado na Internet. Ele havia sido mantido em um celeiro em Idaho, com pouca comida e nenhum conforto humano. Eles tinha levado anos para ensiná-lo a confiar nas pessoas. E encheu Laura de orgulho ao saber que ele tinha se transformado em um cão tão bom.

Mesmo com o barulho do lamaçal, ele a ouviu. Ele virou-se para sair.

E foi aí que tudo aconteceu.

Será que ele escorregou? Será que o lamaçal se levantou de repente e o levou? Ela não sabia.

Ele estava olhando diretamente para ela, e em um segundo ele sumiu.

Ela levou um momento para se mover. E então ela correu.

Seu cão não ia morrer. Não assim. Ela correu. Ela não pensou em sua fratura.

Em sua dor nas costas. No rio enlameado. Ela correu para o alto do barranco, procurando por ele dentro d'água, enquanto Penny latia ferozmente atrás dela. Seu coração deu um salto. Ela o viu. Um olhar, um monte de pelo úmido lutando na correnteza. Ele estava descendo o rio, mas ele estava vivo, seu focinho preto um pouco acima da água.

Ela tinha várias opções.

Talvez se Franklin não estivesse olhando nos olhos dela quando isso aconteceu, ela teria considerado outras opções. Ela teria chamado ajuda, ou correria ao lado do rio, ou amarraria uma corda em torno de sua cintura.

Ela sabia o que acontecia com as pessoas que entravam na água para resgatar seus animais de estimação.

Elas morreriam.

Mas Laura tinha visto algo nos olhos castanhos de Franklins. Ele olhou diretamente para ela.

"Fique", disse ela para Penny.

E ela mergulhou na água fria procurando por dele.

A primeira sensação de Laura, na lama suja, foi de não ser capaz de respirar. Ela tinha sido atropelada por um carro uma vez, em sua bicicleta. Foi assim. Como ter todo o ar forçado a sair de vez, por um impacto de aço e concreto. Laura forçou a tomar uma respiração profunda, enchendo seus pulmões, e ela tentou orientar si mesma. Sua cabeça estava acima da água, a trança molhada em volta de seu pescoço. Ela se virou, e já estava a 3 metros de distância de Penny. A força do lamaçal era implacável. Galhos e ramos bateram contra o rosto de Laura, machucando sua pele. Penny estava latindo para o rio, arranhando o chão. Até que Laura não podia ouvi-la mais.

Onde estava Franklin?

Laura se esforçou para vê-lo, mas tudo que podia ver na água era mais água. Ela estava a uns 30 metros longe de Penny agora. Ela não podia ver. Ela não conseguia ver a margem. Apenas o céu com nuvens escuras acima dela.

Flutue.

Sobrevivência na água fria. Você fica com hipotermia se nadar.

Apenas flutue.

Ela respirou fundo e levantou as mãos, já dormentes como se pertencessem a outra pessoa. Ela abriu os braços movendo-os em suas costas, e deixou o rio levá-la.

A correnteza tinha levado Franklin.

Ela iria levá-la para ele.

Água fria encheu seus ouvidos. Eles doíam. Seus dentes batiam, o som perdido no barulho da lama. Suas roupas estavam pesadas, cheias de água, arrastando-a para baixo.

E então ela ouviu.

Laura virou-se e usou a sua força para lutar contra o fluxo através da correnteza em direção ao som dele choramingando. Ele estava lá, preso contra

as raízes de uma árvore caída, a água prendendo-o. Ele a viu e se animou, e suas patas remaram em vão em sua direção.

Ela ficou com ele.

Ela não sabia como.

Ela o pegou e colocou os braços ao redor de seu pescoço. Ele poderia ter lutado contra ela. Animais fazem isto quando em pânico. Mas ele não fez. Ele ficou mole. Ele ficou mole em seus braços, e ela conseguiu usar a árvore como alavanca e empurrar os calcanhares no lodo no fundo do pântano, e de alguma forma chegar na margem do rio lamacento.

Ela caiu ao lado dele na lama, ainda segurando-se a ele, ainda não podia deixá-lo ir. Seu coração estava batendo. Eles estavam encharcados. Franklin gemeu e lambeu seu rosto.

Eles conseguiram.

Ela rolou de costas, totalmente tonta. Eles estavam vivos. Ela gostaria de ver um daqueles corredores ocasionais sobreviver a algo como isto.

Franklin sacudiu a água do seu pelo e Laura se afastou, levantando a mão sobre a rosto. "Ei, garoto", disse ela. "Calma".

Ele rosnou, apertando seu lábio superior. Ele estava olhando para algo atrás dela.

"Que foi?", Disse ela.

Os olhos de Franklin estreitaram, ainda focado sobre o ombro de Laura.

Ela estremeceu. Se era de frio ou medo, ela não sabia.

Laura se virou.

Na lama da margem, parcialmente exposto, estava um esqueleto humano.

2

SUSAN WARD ESTAVA cantando "Smells Like Teen Spirit", quando ela quase bateu em uma gaivota.

Portland, Oregon, ficava a uma hora do mar. Mas quando estava ventando muito no litoral, as gaivotas fugiam para o interior.

Quando as tempestades começaram há duas semanas, a cidade estava infestada delas. Elas entravam em lixeiras abertas, cagavam nos terraços e ficavam na calçada em pequenos grupos, conversando como meninas do primeiro grau em recesso. Elas estavam com raiva, aves mandonas. Mas Susan percebeu que ela também estaria com raiva se ela tivesse acabado de ser soprada por 30 quilômetros.

Susan parou de repente, e a gaivota deu-lhe um olhar acusador e voou para a chuva. Era uma gaivota branca com asas de ardósia e bico amarelo. Elas eram pássaros grandes, de pernas longas e bem constituídas, não como as gaivotas esqueléticos do Atlântico. Susan não sabia ao certo se a ave era do sexo masculino. Era apenas uma teoria. Algo sobre o olhar que ela lhe deu.

Viu carro de polícia sem identificação de Archie no último remendo seco do asfalto no estacionamento e conseguiu espremer seu antigo Saab no lado dele, colocou o capuz de sua capa impermeável e saiu na chuva.

Era início da tarde, mas já parecia noite. Portland era assim no inverno. Crepúsculo permanente.

A chuva em sua capa soava como óleo fritando em uma frigideira. Isso a fez desejar bacon.

Ela olhou para a encosta onde Oaks Park aninhava-se contra o Rio Willamette.

Susan sentia pelos parques como ela se sentia sobre a natureza em geral. Ela gostava de saber que ainda existiam, mas não sentia a necessidade de

participar pessoalmente. Este não era um ponto de vista popular em Portland. Portlandenses, em geral, tinham grande orgulho de seus parques, e sentiam a necessidade de visitá-los regularmente, mesmo no auge do inverno, quando já estava escuro, a grama estava coberta pela lama e ninguém se preocupava em pegar o cocô de seu cachorro. Havia parques selvagens, jardins de rosas, jardins japoneses, jardins chineses, parques de skate, praças públicas, parques com fontes, arte de rua, carrinhos de alimentos, campos de tênis, piscinas, trilhas, monumentos e anfiteatros. Havia até mesmo o menor parque do mundo, Mill Ends Park, que tinha cerca de dois por cinco metros. Susan sempre tinha achado este último ridículo.

Em seguida, havia Oaks Park. ("Onde a diversão nunca para!") que estava lá a tanto tempo que ninguém mais se lembrava, há mais ou menos cem anos. Uma dúzia de caminhos, para andar de patins, jogos, áreas para piquenique. Era um bom passeio saudável para toda a família, a exceção de alguns poucos trechos que viraram ponto de drogas ou para uma rapidinha no carro.

Um cadáver foi encontrado no carrossel.

Susan sorriu. Às vezes, essas coisas se escreviam por si só.

Ela terminou de descer o barranco e caminhou através do arco de madeira muito branco para o corredor.

Os policiais em volta do carrossel pareciam miseráveis. Curvados, seus ponchos negros levantavam com o vento, o que lembrou Susan de corvos ao redor de uma carcaça.

Todos, mais o detetive Archie Sheridan.

Ele estava parado longe dos outros, usando um daqueles casacos com capuzes que você encontra em lojas de artigos do exército para expedições ao Ártico.

Fazia 10 graus. Praticamente tropical para janeiro, mas ele mantinha seu capuz levantado. Ela só sabia que era Archie por causa de como ele estava parado perfeitamente imóvel, com uma mão no bolso, a outra em uma enorme copo de papel de café, apenas observando. E porque ele estava sozinho.

Ele olhou e a viu e segurou o copo de café em uma espécie de onda distraído. Seu rosto estava tão abatido e amassado como sempre, nariz torto, pálpebras pesadas, mas ele tinha cor na sua pele novamente, e seus olhos tinham mais vida. Um lenço verde cobria a cicatriz horizontal no pescoço. Seus cachos castanhos caíam em ângulos estranhos em torno de sua testa.

"É ela?" Susan perguntou a ele.

"Parece que sim", disse ele. "Robbins irá emitir um documento de identificação oficial do gabinete do ME".

Stephanie Towner tinha sido dada como desaparecida dois dias antes. Os policiais encontraram o seu carro no estacionamento do Bishop Close, um parque estadual ao longo de treze hectares de ribanceiras altas do lado oeste do rio. Os moradores gostavam de fazer caminhadas tranquilas lá quando eles não estavam agachando-se para tirar fotos de plantas com os seus iPhones. Os policiais encontraram a bolsa de Towner em uma poça de lama onde aparecia que alguém tinha tomado um atalho para a margem do rio. Você poderia culpar o darwinismo. Ou você pode culpar a garrafa de vinho que o marido falou que ela tomou antes de sair. Talvez um pouco de ambos.

"Eu acho que ela se afogou", disse Susan.

Os cantos da boca de Archie subiram ligeiramente. Tinha levado um ano para Susan reconhecer a expressão como um sorriso. "Eu acho que sim", disse ele.

Ela seguiu seu olhar para o carrossel. Estava alojado em um pavilhão octogonal coberto e aberto em todos os lados. Quinze ou vinte gaiotas lutavam por espaço no telhado. Elas estavam em um pé e noutro e gritavam nervosamente. A cerca de ferro que cercava o passeio estava aberta e Susan entrou. Um dos policiais vestindo poncho, estendeu a mão para detê-la. "Não pise na plataforma", disse ele, sacudindo a cabeça em direção às pegadas de lama no piso de carvalho do carrossel.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para frente a partir da beirada da plataforma. O cadáver foi posicionado numa avestruz. O avestruz era bonito, esculpido em madeira, marrom com uma sela de vermelho e dourado. Suas pernas amarelas esticadas, como se congelado em um alegre pular. Stephanie

Towner foi colocada como se andasse na coisa. Mas não ficou convincente. Ela caiu com o queixo pressionado contra o pescoço da avestruz, os braços balançando em cada lado da sua barriga. Felizmente, com o cabelo caído no rosto. Susan não conseguia ver o suficiente para ter muitos detalhes. Mas ficou claro que ela tinha estado na água. Ou pelo menos na lama.

Archie deu um passo atrás de Susan. Ela podia sentir o cheiro do café na mão e a pele molhada em seu casaco. A chuva caía sobre o telhado do carrossel. As gaivotas gritavam. "Ela foi carregada", disse ele. "Há lama e grama." Ele virou-se para trás e fez um gesto em todo o parque para a área de piquenique na beira do rio, onde uma cerca de arame cercava a margem do rio. "Descobrimos cabelo na cerca. Parece que a correnteza a levou rio abaixo e ela se enroscou lá em cima. Então, alguém a encontrou, a trouxe por cima da cerca e arrastou-a até aqui. A chuva lavou as pegadas, mas pode-se ver as marcas do arrasto na lama."

Susan tirou a caderneta úmida e escreveu tudo o que entendeu.

Archie estava jogando-lhe um osso e ela sabia disso. Ele tinha feito isso algumas vezes ao longo dos últimos seis meses. Não era culpa dele que ela quase se matou por estar algumas vezes na frente dele, mas ele não parecia achar isto. Então ele deu-lhe uma atualização sobre as coisas estranhas. Um furo jornalístico. Tinha certeza de que todos no jornal pensavam que eles estavam dormindo juntos.

"Quem ligou?", Ela perguntou.

"Alguém dos trabalhadores da pista de patinação", disse ele. "Eu acho que eles estão fazendo algo no chão."

Susan tinha crescido patinando na pista de patinação do Oaks Park. Todos os seus melhores aniversários foram lá. Todas as crianças patinavam sob a bola de discoteca até que alguém inevitavelmente quebrava um osso e tinha que ir para a sala de emergência. A pista era agora a sede dos Rollers, a equipe de patinação do Rose City, um bando de garotas tatuadas, coxudas e fodonas de shorts curtos. "Ele flutua", disse ela. "O piso da pista. É em pontões flutuantes. Quando o parque inunda eles o separam da fundação."

Archie deu de ombros e tomou um gole de café. "Isso é inteligente. Eu acho."

Susan esticou a cabeça em direção à pista de patinação, que estava do outro lado do parque, e tentou avistar os trabalhadores. "Você acha que foi um deles ...?"

"Não parece", disse Archie.

Ela virou-se para o carrossel. Ele era cercado por três fileiras de animais em plataformas em ascensão circular. Cavalos saltando. Vários cavalos. Um gato. Um cervo. Um dragão. Zebras. Mulas. Porcos.

"Por que o avestruz?", Disse ela. Quem colocou o corpo teve um monte de problemas. Não deve ter sido fácil levantar um cadáver sobre uma cerca. "Está na fileira circular interna. Por que levá-la até lá?"

"Como chama esta cor?" Susan ouviu Henry Sobol perguntar. Ele parou ao lado de Archie, sorrindo.

Susan corou e tocou no cabelo, que ela tinha recentemente tingido de framboesa. "Você é silencioso, para uma pessoa tão grande", disse ela, colocando o cabelo para trás sob o capuz de sua blusa.

Henry estava usando um gorro sobre a cabeça raspada, e seu bigode brilhava com a chuva. "Formação profissional", disse ele com um sorriso. Suas botas de motoqueiro pretas estavam cobertas de lama, provavelmente da área de piquenique onde o corpo tinha inicialmente sido se afogado.

"Deixe-me adivinhar", disse Susan. "Você era um SEAL da Marinha."

"Porteiro", disse ele. "Eu aprendi a me esconder."

Susan nunca sabia quando ele estava brincando.

Mas ela não deixava transparecer.

"Eu gostei do roxo", disse ele. "Como você chama esta cor?"

"Plum Passion", disse ela. "É da Manic Panic. Este é chamado Deadly Nightshade".

"O que aconteceu com Clairol?" Henry ponderou para Archie, e Susan viu Archie sorrir.

"Mover um corpo é crime, certo?", Perguntou Susan.

"Abuso de cadáver", disse Archie. "É um crime de classe C em Oregon. As pessoas que realmente gostam de abusar de cadáveres devem ir para a Califórnia. Lá não é uma contravenção."

"Percebo", disse Susan.

Ela já tinha chamado um fotógrafo, mas eles estavam todos em missão cobrindo a inundações. O *Herald* iria mostrar uma foto do carrossel, ou uma foto de Stephanie Towner em dias melhores, se mostrasse alguma foto. Agora os leitores estavam mais interessados em saber se estavam seguros dos deslizamentos de terra do que em mulheres que caíram no Rio Willamette e se afogavam. Mesmo quando elas acabavam em cima de avestruzes.

"É a terceira pessoa que se afogou no Willamette em dois dias", disse Archie.

"Inundação da cidade", disse Henry, notando a lama em suas botas com uma careta. "As pessoas se tornam estúpidas em torno da água."

"Sim", disse Archie.

Henry deu a Archie uma olhada e bateu no relógio.

"Você tem certeza que pode lidar com as coisas?" Archie disse-lhe.

"Vá", disse Henry. Ele tirou um lenço de algum lugar em seu casaco, inclinou-se, e secou suas botas.

Archie virou-se para Susan. "Eu tenho um compromisso do outro lado do rio", explicou.

Ele jogou sua xícara de café em uma lata de lixo do parque, que foi imediatamente cercada por gaivotas, e, em seguida, dirigiu-se ao estacionamento.

Susan observou-o ir. Passando a cadeirinha, o trenzinho das crianças, e passando a nova atração mais quente: "A Casa dos Horrores da Beleza

Mortal". Ela se lembrou de como costumava ser uma casa assombrada padrão: crânios incandescentes, holograma de fantasmas, corredores escuros assustadores. Agora eram cenas dos crimes da beleza assassina. Susan tinha ouvido falar que tinha até um manequim parecido com Archie, amarrado a uma maca, com uma animação de Gretchen Lowell, como uma Barbie gigante, a torturá-lo com um bisturi de plástico. Quando Gretchen apertava o bisturi no peito do manequim, um fluxo de sangue jorrava mais de um metro.

USE ÓCULOS, uma placa na entrada avisava.

Todo mundo adorou.

"Vi sua coluna sobre o esqueleto que foi encontrado no lamaçal", disse Henry.

"Eu pensei que você só lia poesia alemã", disse Susan. Mas ela estava secretamente satisfeita. Ela tinha escrito uma longa história sobre o esqueleto. Em qualquer outro ciclo de notícias, poderia ter chamado mais atenção. Ela tinha ficado desapontada quando ele não tinha.

Henry esfregou a parte de trás do seu pescoço. "O que você sabe sobre Vanport", ele perguntou.

Ela deveria ter sabido que ele seria crítico. "O que eu escrevi. Toda a cidade foi inundada em 1948. Pessoas morreram. Alguns corpos nunca foram encontrados. E o parque onde o esqueleto foi encontrado é exatamente onde era a cidade."

"O esqueleto estava no terreno há 60 anos, então ele deve ter morrido na enchente Vanport?"

"Eu não disse que ele morreu em Vanport", Susan disse uniformemente. Ela tivera o mesmo argumento com o editor. "Eu disse que ele morreu a cerca de 60 anos atrás, e foi encontrado no meio da área que costumava ser a cidade de Vanport, antes de Vanport ser arrastada pela enchente há sessenta anos."

"Basta ter cuidado com o que você mexe", disse Henry.

"Eu exalo cautela", disse Susan.

Henry bufou.

Vinte metros a frente no rio agitado e marrom, a corrente de detritos chicoteava em um ritmo frenético. Algumas gaivotas circulavam acima da água, mas nenhuma se atrevia a aproximar-se dele. Os carvalhos estavam mortos para o futuro, seus topos estavam se desintegrando na névoa úmida que cobria a cidade como musselina.

Susan teve uma súbita sensação de pavor.

"Que foi?" Henry disse, olhando para cima.

Ela sacudiu-se. "Nada", disse ela. "Eu só estou com frio."

3

"ALGUM PESADELO", PERGUNTOU Sarah Rosenberg.

A cortina de água caía do lado de fora da janela de seu consultório. As meias de Archie estavam encharcadas, as calças úmidas quase até os joelhos. Mais café teria sido bom. Mas Rosenberg só tinha chá.

"Eu estou bem", disse ele. Sua arma pressionado o seu quadril.

"Sério?", Disse ela. Seu cabelo escuro estava preso atrás e mantido no lugar com um lápis, e ela estava vestindo moletom. Sem maquiagem. Ela pensou que ele não iria aparecer.

"Sem pesadelos", disse ele.

Ela levantou uma sobrancelha cética.

Depois do que ele passou, ele podia ver por que ela não acreditava nele. "Eu sei que é difícil de acreditar ", disse ele, " mas eu realmente estou muito bem".

Fazia três meses desde seu último encontro com Rosenberg, seis meses desde que Gretchen Lowell tinha ido para a prisão pela segunda vez. Ele estava de volta ao trabalho. Ele estava sem tomar analgésicos. Suas feridas físicas havia se curado.

"Você não esteve em contato com ela?", perguntou Rosenberg, nivelando o seu olhar com o dele.

"Não", disse Archie. "Pelo que eu ouvi, ela não falou uma palavra desde que foi presa." Ele desviou o olhar de Rosenberg, para fora da janela, onde uma árvore de ameixa retorcida brilhava escura e molhada, seu último punhado de folhas amarelas contra o vento. "Ela está só lá."

"Ela está tentando uma defesa por insanidade?", perguntou Rosenberg.

Archie deu de ombros e voltou sua atenção para a sala. "Ela não é louca. Ela só gosta de matar pessoas. Ela vai ser condenada a pena de morte num instante".

Uma rajada de vento sacudiu a velha casa, e as janelas agitaram. A boca de Rosenberg estava apertada. Ela estendeu a mão e centralizou a caixa de tecido na mesa de café. Archie não era psiquiatra, mas ele tinha sido um policial tempo suficiente para conhecer um calafrio quando o via.

"É apenas o vento", disse ele.

Rosenberg olhou para cima. "Como está lá fora", ela perguntou.

"Ruim", disse Archie. "E só vai piorar."

"Fiquei surpresa por você ter vindo."

Ele não tinha sequer considerado o cancelamento. Ele tinha um compromisso. "Nós tínhamos um compromisso."

Ele viu algo mudar em seus ombros, um olhar para o relógio na mesa dela. Seus cinquenta minutos já passaram. "É isso aí", disse Archie. Rosenberg balançou a cabeça e seguiu-o quando ele saiu do consultório para a sala de espera, onde as botas de chuva estavam pingando no tapete oriental de Rosenberg. Ele as calçou e a borracha pressionou a lã molhada nos seus pés.

"Como esta Susan?"

Archie olhou para cima, assustado. "Por que perguntou sobre ela?"

Rosenberg franziu a testa inocentemente. "Eu leio a coluna dela."

Archie sabia que Rosenberg nunca perguntava nada casualmente. Ele olhou para ela por um momento, em seguida, respondeu à pergunta. "Trabalhando em seu livro, procurando por novas matérias. A mesma coisa".

"Uh-huh", disse ela.

Archie pigarreou. "Eu a verei daqui a três meses, Sarah." "Você pode vir mais cedo, se quiser", disse ela.

Ela estendeu a mão e ele apertou.

"Fique fora das ruas."

Rosenberg abriu a pesada porta da frente para ele. "Henry disse que você se mudou", disse ela.

Então Henry ainda estava cuidando dele. "Sim".

"Para onde?"

Archie olhou para a chuva e sorriu. "Para o andar de cima", disse ele.

A MESA DE Susan no *Herald* ficava no quinto andar e se ela se levantasse e caminhasse 10 metros, ela tinha a visão do The Nines no outro lado da rua. Mas não valia a pena o esforço. Principalmente por isto Susan ficou em seu lugar, onde ela datilografava sua coluna sobre o crime, entre à procura de um novo emprego no Monster.com e procurando no eBay um blazer de veludo vermelho que Tom Ford fez para Gucci em 1995. Ela concordou em escrever a coluna em um raro momento de insegurança no emprego. Descobriu-se que as pessoas amavam crimes, e quanto mais estranho, melhor. Sua primeira coluna foi sobre um estudante de química ucraniano que tinha o hábito de mergulhar o chiclete em ácido cítrico para o sabor durar mais tempo, e, morreu depois que acidentalmente molhou seu chiclete nos explosivos que ele estava usando para seus experimentos. Ele explodiu metade do seu rosto. Você não deve fazer estas coisas. Ela ainda recebia cartas sobre isso.

Era um trabalho fácil. Ela pegava histórias internacionais ou pela Internet, e mostrava os horrores locais. Um velho esqueleto em um lamaçal, por exemplo.

A manchete de hoje? A MENINA MORTA NO AVESTRUZ.

Ela tinha acabado o e-mail para seu editor quando as flores chegaram.

Tecnicamente, os recepcionistas lá embaixo deveriam ligar antes de mandarem um visitante. Mas eles nunca avisavam. Recepcionistas sempre odiaram Susan. Ela não sabia o porquê.

Susan ouviu Derek Rogers cacarejar sua desaprovação algumas mesas atrás, antes mesmo que ela visse o cara da loja de flores.

The *Herald* era tranquilo, era como trabalhar em um museu. Especialmente desde que todas as contratações e demissões começaram. A cidade estava inundando e a redação estava tão quieta que Susan podia ouvir o barulho da descarga do banheiro dos homens por todo o editorial. Derek

sentou-se algumas mesas a frente dela, e ela jurou que podia ouvi-lo quando ele engolia em seco. Havia algo sobre a acústica do lugar, o enorme piso plano, tudo em carpete. Metros de carpete. Havia mais de mil produtos químicos utilizados na manutenção de carpetes. Entre os danos do sistema nervoso central a partir dos cigarros e a radiação de todos os telefones celulares no andar, Susan estava esperando o dia em que todos comesçassem a sangrar pelos olhos.

Ela endireitou-se e virou sua cadeira para trás.

Don, o cara loja de flores, parecia que tinha acabado de descer de um barco de pesca de caranguejo do Alasca: casaco de pescador preto, botas de borracha e uma capa de chuva amarela. Ele tinha uma destas barbas completas que todos os homens em Portland decidiram deixar crescer cerca de um ano atrás, e ele era enorme, parecia um estivador. Mas Susan tinha certeza que ele nunca tinha estado em um barco.

Suas botas rangeram sobre o tapete.

"Está muito ruim lá fora", disse ele, enxugando a chuva de seu rosto corado. "Não há mais entregas."

"Sua loja fica em frente", disse Susan.

Ele entregou-lhe o buquê molhado que ele estava segurando. Não havia mais a cerimônia das primeiras vezes em que ele entregou.

Susan olhou para o buquê. Estavam lindamente dispostas em um vaso de vidro quadrado. Lírios roxos, rosas vermelhas, descansando em algumas folhas do tamanho de punhos. Para um cara com os dedos como salsichas, ele tinha muito jeito com o design floral. "Isto é repolho?", ela perguntou.

"Couve do inverno decorativa", disse ele com um suspiro.

"Oh".

"Sério", disse ele. "Diga ao seu admirador fazer uma pausa até depois a chuva parar. O governador declarou estado de emergência hoje. "Ele olhou em volta para o triste, escritório vazio. "Você não assistiu na TV?", Disse.

"Eu li o *Herald*", Susan disse incisivamente. Alguém tinha que fazer.

Ele balançou a cabeça e se arrastou em direção ao elevador, deixando uma mancha molhada no carpete onde ele esteve de pé.

Derek virou sua cadeira de trabalho ao lado de Susan. O almíscar de sua loção pós-barba era avassalador. Stetson. Ele era o único cara na casa dos vinte que Susan sabia que usava loção pós-barba. "Leo Reynolds é encrenca", disse ele, apontando um dedo para as flores.

Era verdade, ela pensou. Mas eu aposto que ele não usa Stetson.

Leo Reynolds tinha enviado um buquê no trabalho de Susan a cada semana durante seis meses. Os cartões de todos, diziam a mesma coisa: *Para Susan, De Leo*. Um verdadeiro formalista. O cara da floricultura disse que Leo fazia o pedido por telefone. Ele provavelmente tinha uma conta em cada loja de flores na cidade. O dinheiro da família de Leo vinha da importação de grandes quantidades de drogas para a Costa Oeste, mas Susan tinha que admitir que gostava da atenção.

"Você nunca me mandou flores", disse ela para Derek.

"Ele é rico", disse Derek. Ele baixou a voz e olhou em volta para as vinte pessoas que ainda estavam no escritório, todos usando fones de ouvido e olhando fixamente para suas telas de computador. "Eu ganho trinta e dois mil de dólares por ano ", disse ele.

"Oh," disse Susan.

"Oh?"

"Assim, oh."

Derek olhou para ela. "Quanto é que você ganha?"

Susan ganhava quarenta e dois mil. E o adiantamento de seu livro que estava prestes a ser lançado sobre as estranhas maneiras que as pessoas morrem tinha sido cem mil. Ela encolheu os ombros. Não queria fazê-lo se sentir mal. "Ganho isto ", disse ela.

"Como está indo o livro de Gretchen Lowell?", Ele perguntou. A pele de Susan arrepiou. Ele sabia que ela tinha desistido do livro Beleza Mortal. Ele estava apenas fazendo insinuações.

"Eu estou ocupada com uma ideia nova", disse ela.

"Qual?"

"O combate à criminalidade em Portland, Oregon."

"Então, este é o verdadeiro crime?"

Susan sentiu uma pontada de constrangimento. "Seria mais como uma história de detetive."

Ele piscou para ela. Ele jogou futebol americano universitário. "Então, ficção", ele disse.

"Não-ficção criativa", disse ela.

Ele estreitou os olhos. "Quem são os personagens principais?"

Susan sorriu magnificamente. "Uma jornalista corajosa com um chip em seu ombro e um policial viciado em Vicodin em recuperação com um segredo obscuro a resolver crimes juntos."

"Você está escrevendo um livro sobre você e Archie Sheridan?"

"Meu agente diz que é muito vendável."

Derek levantou a mão e riu até que seus olhos lacrimejaram. "O que isso faz de você?" Ele riu um pouco mais, já satisfeito com o que ele estava prestes a dizer. "Dr. Watson?"

Susan deu-lhe um olhar duro.

A mão dele caiu e ele limpou a garganta. "Sério. E se nada emocionante acontece?"

Susan estendeu a mão e tocou a cicatriz do tamanho de uma ervilha em sua bochecha, onde um louco assassino mascarado tinha furado com uma agulha de piercing. Quando ela não cobria com maquiagem, parecia um enorme zíper.

"Algo interessante acontece sempre", disse ela.

E então, como se Susan tivesse desejado isso, seu telefone tocou.

STEPHANIE TOWNER TINHA sido assassinada. Este era o único fato que Archie tinha quando Lorenzo Robbins o havia chamado. Não era nem mesmo um fato, era conjectura. Mas Robbins gostava de ser dramático. Uma vez, ele havia anunciado que um menino de oito anos de idade, tinha sido assassinado por sua irmã de dez anos. Quando ele chamou a atenção de todos, ele passou a explicar que a irmã tinha involuntariamente passado nele um parasita que se espalhou para o cérebro do rapaz e o matou. Então, quando Robbins tinha relatado esta notícia sobre Stephanie Towner, Archie sabia o que acompanhava.

"Defina assassinada", Archie disse, segurando o celular no ouvido com o ombro. Ele abriu a porta de seu apartamento, caminhou para dentro, jogou o correio daquele dia em uma pilha de outros envelopes fechados, e tirou o casaco. Ele tinha deixado as luzes acesas. Era algo que ele fazia agora. Ele não tinha mencionado a Rosenberg.

Houve ruído na linha telefônica: vozes, o que soou como móveis sendo arrastados. "Eu não tenho tempo para falar ao telefone", disse Robbins, "só chegue aqui assim que puder."

A linha ficou muda.

As janelas de Archie mostravam o norte, em direção a Portland industrial, onde os navios carregados com grãos do Centro-Oeste partiam para a Ásia e, em seguida, voltavam carregados com Toyotas. O porto não tinha inundado ainda. O que já era alguma coisa.

Mais ao norte, estava o rio Columbia, e atrás dele, Vancouver, Washington, onde sua família vivia. A Couve, como era conhecida por ter um terço do tamanho de Portland, e parecia ainda menor. Muitos Portlandenses nunca tinha ido a Vancouver, exceto para conduzir para o norte de Seattle através dela, ou acompanhando uma viagem de campo da escola ao histórico

Fort Vancouver. Eram vinte minutos do apartamento de Archie para a casa de Debbie, mas parecia que era em outro país.

Seus filhos conheceram o novo namorado de Debbie. Ele trabalhava na indústria eólica. Ele tinha conseguido mostrar as crianças a compostagem. Ele provavelmente reciclava seu cotonete usado.

Archie digitou o nome de Henry em seu telefone.

Ele tocou uma vez.

"Sim?" Disse Henry. Havia sempre um traço de pânico em sua voz quando Archie lhe ligava, como se só pudesse ser má notícia.

"Robbins pensa que Stephanie Towner foi assassinada", disse Archie.

"A moça no avestruz? Ela se afogou. Eles descobriram uma marca de derrapagem. Caso fechado"

"Com exceção da coisa do avestruz", disse Archie.

"Eu te encontro lá embaixo."

Archie tirou a camisa. Cheirava como um cachorro molhado. Era o que acontecia quando a lã ficava molhada. Fedia. Algumas pessoas diziam que cheirava como uma ovelha ensopada, algumas pessoas pensavam em um curral, urina. Archie gostava do cheiro. Ele lembrava de quando ele era criança, quando o Oregon cheirava como um cachorro molhado grande no inverno. Agora, com o advento do aquecimento global, tudo tinha mudado.

Ele abriu um botão da camisa sob o suéter. Ele a tinha vestido há 10 horas e seu cheiro não era tão agradável como a lã molhada. Ele desabotoou-a e jogou no cesto de roupa suja que Debbie tinha comprado quando ele saiu de casa. Então, ele pegou outra camisa da gaveta. Ele não examinava a si mesmo no espelho. Suas cicatrizes eram tão parte dele como a cor do seu olho. A cicatriz em forma de coração que Gretchen Lowell tinha deixado em seu peito a quase três anos atrás servia apenas como um lembrete de suas falhas. Se ele não olhasse para ela, ele poderia fingir que não estava lá. Ele poderia evitar pensar nela. Era a única maneira que ele poderia lidar com isso.

Ele abotoou a segunda camisa tão rapidamente quanto pôde e puxou a camisa de volta. Ele não tinha comido durante todo o dia, mas não havia nada para pegar antes de sair, e não havia tempo para fazer nada.

A chuva batia na janela, fazendo com que riachos de merda das gaiivotas corressem como fios brancos no vidro.

Archie colocou o casaco de volta. E deixou as luzes acesas quando ele saiu.

6

O NECROTÉRIO FICAVA no centro da cidade de Multnomah, do outro lado do Rio Willamette e do apartamento de Archie. Portland tinha um centro muito bonito, com tijolos restaurados e fachadas de arenito, muita arte pública, rampas para bicicletas e lojas de café em cada esquina. No verão, cestas de flores eram penduradas nos postes de luz, no inverno as árvores eram decoradas com luzes brancas.

A maior parte do interior do lado oeste estava cercada por uma grade, avenidas em ordem numéricas paralelas ao rio, e ruas perpendiculares em ordem alfabética. Os quarteirões eram curtos — quarteirões de casas de boneca, como os chamavam — para que os fundadores da cidade pudessem vender muitos terrenos de esquina. O necrotério ficava na Quarta Avenida, o que significava que eram quatro blocos no oeste do Rio, morro acima, bem acima da inundação.

Mas ficava, como os necrotérios tendiam a ser, em um porão.

Ele estava inundado.

Archie sentiu no momento em que chegou. O corredor do primeiro andar já estava cheio de equipamentos e macas, caixas e computadores. Dois funcionários do necrotério, auxiliares de patologia, com os rostos vermelhos, arrastavam um dispositivo de aço pesado que parecia que tinha sido roubado de um açougue. Uma serra de ossos estava ao lado de um bebedouro. O corredor estava coberto de pegadas molhadas.

"Onde está Robbins?" Archie perguntou aos assistentes de patologia quando eles passaram espremidos por ele.

"Lá embaixo", disse um deles. "Siga a gritaria . E suba as escadas, o elevador esta com curto-circuito."

Archie andou através do corredor de obstáculos de detritos e encontrou as escadas, onde uma dúzia de pessoas formaram uma fila para passar pelo

conteúdo do necrotério. Archie não podia deixar de se perguntar o que estava guardado nos recipientes Tupperware que estavam sendo empilhados no topo da escada. Almoço de alguém? Ou o estômago de alguém?

Robbins gritou para ele debaixo. "Venha aqui!", Disse.

Archie mostrou o distintivo e desceu passando as pessoas nas escadas. Robbins estava no fundo, de pé na água.

"Você acredita nesta merda?", Disse Robbins.

As luzes deviam estar em curto-circuito, pois as luzes de emergência gerais piscavam, dando a tudo um tom de ficção científica verde. Vários alarmes pulsavam em várias direções. Robbins estava de roupas civis, sem jaleco, sua camisa desabotoada até o meio peito. Suor manchava seu peito. Suas calças estavam dobradas encima das botas de borracha pretas que Archie tinha visto ele usar nas cenas dos crimes. Seus dreadlocks, o que ele normalmente usava amarrado com um elástico, pendiam contra os ombros. A luz fazia parecer que ele estava vibrando.

"Onde estão os corpos?", Perguntou Archie.

"Eu achava que os tinha empilhado no andar superior do hall," Robbins disse, enxugando a testa com a mão de luvas de látex", e então me lembrei uma coisa que aprendi na decomposição na escola médica. Temos que mantê-los refrigerados. Senão ficará um verdadeiro fedor aqui. Emanuel e OHSU se ofereceram para levá-los. Nós ainda estamos tentando descobrir a melhor maneira de transportá-los. Será que você dirige?"

Archie pensava no seu carro de polícia, e perguntou-se se poderia caber um cadáver no banco traseiro. "Eu poderia usar a pista de carona ?", ele perguntou.

Robbins sorriu. Então seus olhos arregalaram-se para Archie, ele era todo negócios. "Bom, você está calçando botas. Não toque na água." Ele saiu andando, acenando para Archie segui-lo. "Vamos lá." A água pulsava conforme Robbins arrastava por ela.

Um jovem de jaleco passou carregando uma assadeira de alumínio com um crânio humano. O crânio estava corado, quase da cor de chá.

Robbins pegou a assadeira de suas mãos. "Vou levar isso", disse Robbins. "Pegue os computadores. O equipamento. Material biológico. E certifique-se de tirar a TV do meu escritório." Ele se inclinou para Archie. "Tela plana", explicou.

Eles ouviram um respingo e ambos se viraram para ver Susan Ward aparecer na parte inferior da escada. Ela estava usando botas de borracha de arco-íris com listras dobradas sobre o jeans e uma capa de chuva amarela na altura do joelho. A capa estava aberta, revelando uma camiseta azul com branco escrito CONSERVE A ÁGUA, TOME BANHO JUNTO. Ela chutou a água como uma criança em uma piscina rasa e sorriu para eles. O batom era da mesma cor brilhante pink como seu cabelo. "Uau", disse ela. "Que legal".

Robbins ergueu os dedos. "Esta ainda é uma área segura ", ele gritou para as escadas. Ele deu a Archie um olhar cansado. "Você disse Stephanie Towner foi assassinada?"

"Stephanie Towner foi assassinada?" Disse Susan. Houve uma série de respingos que ela espirrou neles. Seu rosto brilhava rosa sob suas sardas.

Archie não tinha contado nada a ela. Ela adivinhava quando aparecer. Às vezes Archie se perguntava se ela já tinha ido nos escritórios do *Herald* alguma vez.

Robbins olhou para Archie, à espera de uma resposta, ainda segurando a assadeira com o crânio.

Archie deu de ombros. "Eu não disse nada a ela", disse ele.

"Eu vim porque eu ouvi que o necrotério estava inundado", disse Susan. Ela inclinou-se para Archie e disse com sua boca rosa pink, "eu tenho uma dica de alguém que eu conheço em Emanuel."

Então algo pareceu ocorrer a Susan e ela olhou para os pés de todos dentro da água. "Será que vamos ser eletrocutados?"

"Provavelmente não", disse Robbins.

"Eletrocussão é a segunda principal causa de mortes durante as inundações", disse Susan.

"Nós não vamos ser eletrocutados", Robbins insistiu. "As luzes de emergência funcionam com baterias."

Archie se perguntou por que tantos alarmes estavam apitando, se não havia nenhuma energia elétrica.

Robbins pareceu ler sua mente. "Os alarmes são todos ligados a um equipamento muito caro que nunca fica desconectado".

Susan abriu a boca para fazer outra pergunta, mas depois Archie viu os olhos dela irem para a assadeira de alumínio. Ela deu duas olhadas. "Isso é um crânio?"

"Algem passeador de cão encontrou-o em West Delta Park", disse Robbins.

"Oh," Susan gritou em reconhecimento. "Eu escrevi sobre ele." Ela dobrou os joelhos para que seu rosto ficasse no nível do crânio. "Eu escrevi sobre você", disse ela ao crânio.

Archie tinha lido essa coluna. Não, Archie lembrou, Henry tinha lido a coluna para ele. Susan tinha vindo com alguma teoria de que esqueleto no parque tinha algo a ver com o dilúvio em Vanport. Henry tinha ficado irritado com isso.

Mas não era por isso que eles estavam aqui.

"Fale-me sobre Stephanie Towner", disse Archie.

Robbins sacudiu a cabeça na direção de Susan. "Tudo bem ela ouvir?"

Susan não tinha nada que estar lá. Se esta era realmente uma investigação de homicídio, que Archie não tinha certeza o que Robbins estava querendo mostrar, então o que é que isso importava? "É para parar de gravar quando eu disser", Archie disse a ela.

Susan balançou o queixo para cima e para baixo.

"Você confia nela?" Robbins perguntou em dúvida.

"Eu confio", disse Archie. Surpreendeu-se com a facilidade com que ele disse isso.

Susan sorriu. A emissão de sinais de alarmes continuava ao seu redor. Havia um cheiro vago de decomposição no ar. Archie perguntou-se se era da água.

Robbins suspirou e balançou a cabeça. "Venham por aqui." Ele os levou para o corredor verde cintilante, passando por um escritório onde os dois funcionários do necrotério tentavam resgatar uma TV de tela plana.

A água era mais profunda ali, a poucos centímetros do topo das botas de Archie. A água borbulhava em quatro pontos diferentes no centro da sala de autópsia.

"A água está subindo através dos ralos do piso", explicou Robbins.

Archie tinha visto o que se passava naqueles ralos. Ele só podia imaginar o que poderia vir para cima. "Junto com o quê?"

"Uma série de riscos biológicos", disse Robbins. "Eu lhe disse para não tocar na água." Ele segurou o crânio na direção de Susan. "Aqui, segure isso."

Susan pegou a assadeira. "Onde está o resto do corpo", ela perguntou.

"Venha", disse Robbins.

Susan levantou o crânio para que ela pudesse olhá-lo nos órbitas. "Acho que vou chamá-lo de Ralph", ela disse.

"Estou feliz que você fez um novo amigo", disse Archie. "Mas podemos voltar a Stephanie Towner?"

Robbins ajustou sua postura, endireitando-se como se estivesse prestes a dar uma palestra. "O que você sabe sobre afogamentos?", ele perguntou. *Aqui vamos nós*, pensou Archie. A água continuava a borbulhar do chão.

"Estamos ouvindo", disse Archie.

Robbins cruzou os braços e se inclinou um ombro contra o refrigerador do necrotério. "O primeiro estágio é o medo. A maioria das pessoas, elas não olham ao redor ou gritam. Eles estão focados na respiração. O estágio dois,

eles vão afundando. Dê uma golfada de água, e vai sufocá-lo, quando torna a respirar engole mais água, o que faz com que sua laringe ou cordas vocais se contraíam e selem a via aérea. Isso é chamado de laringoespasma. "É involuntário. Agora eles estão debaixo d'água. Terceira Fase. Estão inconsciente e em paragem respiratória.

"Estágio quatro", continuou ele. "Olá, convulsões hipóxicas. Alguns espasmos. Eles começam a ficar azul."

Robbins virou-se para Susan. "Você está entendendo tudo isso?"

"Azul", disse ela. "Entendi." Ela jogou para Archie um olhar divertido. "Isto realmente vai ajudar da próxima vez que eu entrar numa piscina."

Ela estava claramente gostando de antagonizar ele. "Continue", Archie disse a Robbins.

"Estágio cinco. Meu velho amigo, a morte clínica. Ataque cardíaco. Respiração e circulação param."

"Então o que é estágio seis?" Susan perguntou secamente. "Céu?"

Isso tudo esta indo para algum lugar, Archie disse a si mesmo. Tinha que ir para algum lugar.

Robbins acenou um dedo de luva para ela. "Aha. É aí que fica interessante. Estágio seis é morte biológica".

"Qual é a diferença entre a morte clínica e biológica", perguntou Susan.

"Cerca de quatro minutos", disse Robbins. "Esse é o tempo que você tem para começar a Massagem Córdio Respiratória e desfibrilação antes que seu cérebro fique todo mole e não há como voltar atrás."

Ele empurrou uma alavanca na gaveta do refrigerador do necrotério e deslizou a bandeja transportadora onde estava o corpo de Stephanie Towner.

Como cadáver, ela parecia melhor do que estava no parque naquela manhã. Seu cabelo estava molhado e penteado para trás de seu rosto, sua pele estava limpa de lama e detritos. Mas ela ainda era uma visão perturbadora. Seu rosto, pescoço e parte superior do tórax estavam marcadas com um

hematoma denunciador escuro. Ela estava como se tivesse levado um soco. Mas as aparências podem enganar. Corpos flutuando de bruços, a cabeça menor do que o resto do corpo. O que pareciam ser hematomas provavelmente eram exatamente onde o seu sangue tinha parado de vez quando seu coração havia parado o bombeamento. Um pequeno traço de espuma rosa em suas narinas. A brutal incisão em Y, fechada com grampos industriais, onde Robbins cortou para abrir o peito para autópsia.

Archie checou Susan. Ela estava olhando para as coxas do cadáver. A pele estava cheia de espinhas. Pele de ganso, Archie tinha ouvido os legistas falarem. Isso era bom. Ela não se fixava no rosto. Contanto que você não olhe para o rosto, você pode fingir que o que você está olhando não é humano.

Archie sabia que ela tentava parecer forte. Mas o crânio chocalhando em suas mãos mostrava uma história diferente.

"Aqui está a coisa," Robbins continuou. "A maioria das pessoas, uma vez que está inconsciente, sua laringe relaxa e seus pulmões se enchem de água. Estão vendo? Sem água em seu estômago. Sem hemorragias no ouvido médio. Sem água em seus pulmões. Isso pode acontecer. Algumas pessoas mantêm esse selo. Afogamento é complicado quando se trata na causa da morte. Mas isso me fez pensar, e eu olhei mais atento para ela. E achei isso."

Ele gesticulou para a mulher como um garçom apresenta o prato do dia. Então abriu suavemente os dedos para expor sua palma. Suas pontas dos dedos estavam branqueadas e enrugada, como se tivesse ficado na banheira muito tempo.

Archie e Susan se inclinaram para frente dos lados opostos da mesa de transporte, quase colidindo as cabeças. Robbins indicou uma pequena mancha castanha, perto do centro da palma da mão. Parecia que alguém tinha marcado-a com a ponta de uma caneta marrom.

Esta era a grande evidência da Robbins? "O que é isso?", Perguntou Archie.

"Uma sarda?" Susan falou adivinhado.

"É um ferimento", disse Robbins.

Susan não parecia convencida. "Parece que uma sarda."

Archie tinha que admitir, que se parecia com uma sarda. Ou milhares de outras coisas. "Ela estava na água há algum tempo, espancada", disse Archie. Na verdade, o corpo estava coberto de arranhões e lesões onde ela tinha sido jogada na correnteza rio abaixo. Ela tinha tido sorte de não ter terminado numa hélice de barco. Em seguida, houve o peixe que tinha se banquetando com ela.

Archie olhou para o chão. A água estava quase no topo de suas botas. O conteúdo do recipiente Tupperware balançava.

"Não havia nada sob as unhas quando a trouxeram", disse Robbins. "Não haviam ferimentos nas pontas dos dedos. Ela teria tentado se agarrar em alguma coisa. Se ela tivesse escorregado do barranco, ela teria se agarrado para se salvar. Há arranhões na parte de trás da mão. Mas não nas palmas das mãos."

Archie ainda estava tendo dificuldade em ver como tudo isso estava ligado. "Você acha que ela já estava morta, quando ela entrou na água. Que alguém a jogou para dentro do rio." Mas ele vira espuma rosa em volta da boca e do nariz, tanto no parque quanto no necrotério, uma indicação comum de afogamento. "E quanto a espuma?", disse.

Robbins concordou. "A espuma é um sinal de que uma pessoa estava viva quando entrou na água, com certeza", disse ele. "Mas também pode ser causada por um ataque cardíaco *antes* de uma pessoa entrar na água." Ele se inclinou sobre a cabeça do cadáver e ternamente abrindo uma pálpebra, revelando um olho injetado vago, o branco dela recheados com pequenos pontos vermelhos. "Pequenas hemorragias", disse ele. "Raro em afogamento. Mas comum em mortes por asfixia. Paralisia respiratória, por exemplo, pode causar um ataque cardíaco."

"Estágio cinco", disse Susan. "Do *afogamento*."

"A ordem é importante", disse Robbins.

"Ferimentos perfurantes", disse Archie. "Ataque cardíaco. Rio."

Robbins balançou a cabeça lentamente.

"Alguma coisa ou alguém perfurou ela", disse Archie. Ele sabia onde Robbins queria chegar. "Você acha que ela foi envenenada? Baseado em uma perfuração na palma da mão?"

"Com base nestes." Ele tirou duas fotografias digitais impressas do bolso da calça e colocou sobre as coxas de Stephanie Towner. "São fotos das autópsias de Megan Parr e Zak Korber".

Duas outras pessoas que tinham se afogado em Portland essa semana. Cada uma tinha sido arrastada. Sem testemunhas.

Ambas as fotografias estavam com a palma da mão para cima, e uma seta amarela apontando para um pequeno ponto marrom, que parecia uma sarda.

"É a mesma marca", disse Archie.

"Eu percebi logo de cara", disse Robbins.

"O que está acontecendo?", Perguntou Susan.

Alguém esta envenenando as pessoas e empurrando no rio.

Archie olhou para ela. "Você não ouviu isto", ele lembrou. "Lembre-se disso."

Ela assentiu, e o crânio fez um barulho metálico, uma vez que deslizou na assadeira de alumínio e bateu contra o aro.

Archie voltou para Robbins. "O exame toxicológico", ele perguntou.

"Meu necrotério está debaixo d'água", Robbins lembrou. "Mas eu vou fazer isso logo."

Houve uma comoção e logo um desfile de bombeiros apareceu, descendo as escadas.

"Demoraram muito tempo", disse Robbins, e ele partiu para a dar instruções para eles.

Archie voltou seu olhar para as fotografias.

As manchas estavam nas mãos. Era um lugar estranho para um ponto de injeção. E se eles tivessem tentando se proteger, expondo as palmas das mãos

no processo? E, em seguida, um outro cenário ocorreu a ele. Eles haviam sido segurados. Isso explicaria a coisa da mão. Eles haviam pego alguma coisa que lhes perfurava. Alguma armadilha? Algo que os prendeu?

Archie não poderia manter as pessoas longe do rio. Não quando metade da cidade estava lá embaixo, com sacos de areia para salvar centro da cidade.

Os alarmes pararam. Todos de uma vez, como se alguém tivesse desligado. Archie estava quase se acostumando com o ruído.

A que horas foi isso?

Archie sentiu uma súbita dor na boca do estômago.

Onde estava o Henry? Ele deveria já estar lá agora.

Archie acionou a discagem automática. Tocou e tocou.

Mas Henry não atendeu.

HAVIA MIL E quinhentos voluntários no Tom McCall Waterfront Park, enchendo e empilhando sacos de areia na chuva. Havia também algumas centenas de funcionários da prefeitura, várias dezenas da Guarda Nacional, e alguns milhares de pessoas, mais ou menos, apenas ficando no caminho. O objetivo era construir uma parede temporária de quatro metros de altura e 1.5 quilômetros de extensão para conter o rio e não inundar a cidade. Isso envolvia um monte de madeira compensada, plástico, concreto e barreiras rodoviárias em Jersey. Como isto ia conter as águas, Susan não tinha ideia.

Mas pela aparência do nível da água, não tinham muito tempo.

As luzes da construção aumentavam o brilho amarelo das luminárias antigas dos postes que se alinhavam na calçada de concreto do parque. A luz iluminava a chuva, que caía em um chuveiro sombrio.

Um helicóptero da Guarda Costeira sobrevoava.

Archie estava a pé. O necrotério ficava há seis quarteirões, e as ruas estavam um caos. Susan não se preocupou em perguntar se poderia ir. Ela tinha seguido atrás dele. Ela fechou o zíper do casaco e meteu as mãos nos bolsos, encontrando moedas, goma e fiapos.

A parede de sacos de areia foram instaladas em pontos intermitentes ao longo do comprimento do parque que circunda o Rio Willamette. Do outro lado do parque, apenas a uma centena de metros do rio, o centro de Portland se estendia no horizonte até a cobertura de nuvens.

"É a Claire", disse Archie.

A detetive Claire Masland, estava encoberta por uma capa de chuva na altura do joelho com o capuz sobre seu cabelo escuro e curto. Susan não sabia como Archie a tinha reconhecido. Mas então, quando você passa dez anos trabalhando em uma força-tarefa acompanhando um Serial killer, você provavelmente tem que diferenciar cada silhueta. Henry e Claire tiveram um

romance por menos de um ano. Mas Henry, Archie e Claire tinham trabalhado juntos por muito tempo.

"Eu encontrei o carro dele", disse Claire.

Henry ainda não tinha atendido o telefone. Agora parecia que ele nunca tinha saído da margem do rio.

"Algo aconteceu com ele", disse Claire. Apenas um pequeno tremor nos cantos da boca deu a entender que Henry era mais do que um colega.

Susan se afastou deles e olhou para o rio. Havia muitas pessoas ao longo da água, todos eles se movendo ao redor, todos usando chapéus encharcados ou capuzes — Henry poderia estar lá e eles não seriam capaz de vê-lo. Talvez ele tivesse ficado preso no projeto paredão e havia decidido continuar trabalhando. Ele poderia estar enchendo sacos de areia há 100 metros deles agora.

Mas Susan sabia que isso não era verdade. Henry faria quase qualquer coisa para Archie. Se ele disse que ia encontrá-lo no necrotério, ele estaria lá. Henry não apareceu.

A chuva e o vento batiam na barreira de sacos onde o plástico ainda não tinha sido colocado. As pessoas trabalham na parede à direita na beira do rio. Normalmente era uns vinte metros da calçada para a água, mas agora o que era? Um metro? Um passo em falso e você estava na água, em uma correnteza que se movimentava rápido. No primeiro estágio, Robbins tinha dito. As pessoas não gritam. Elas não acenam os braços e gritam.

Susan sacudiu o pensamento de sua mente.

Henry era forte, teimoso e grande. Ele não iria se afogar. A menos que ele tivesse sido envenenado.

Stephanie Towner. Megan Parr. Zak Korber. Todos eles tinham sido assassinados perto do rio.

A brigada do saco de areia, composta de homens e mulheres em casacos de chuva, o cabelo grudado nas cabeças, passando sacos de areia para a parede. Falavam de forma silenciosa, os tons graves de pessoas que estavam

trabalhando com velocidade, e não podiam perder um minuto. Então, muitas pessoas acabaram ajudando, Susan sentiu muito orgulho de sua cidade.

Se houvesse um assassino solto por lá, até mesmo a possibilidade, essas pessoas não deveriam ser avisadas?

Ela olhou em volta para todos eles. Os postes de luzes brilhantes dos prédios. Os soldados da Guarda Nacional com seus chapéus pretos na chuva. Os velhos e os jovens. E foi aí que um transeunte pegou o olhar de Susan. Havia sempre transeuntes nas margens do parque. Eles se sentavam nos bancos no extremo norte da ponte metálica e dormiam na grama em frente ao Parque histórico Japanese American.

Este sujeito estava sentado em um banco do parque, embrulhado em um pedaço de plástico molhado que se parecia com o material que estavam usando para o projeto do dique. O que chamou a atenção de Susan foi uma rápida luz azul claro como o brilho de uma tela de LCD. Ela deu um passo em direção a ele e olhou de soslaio. Ela não podia ter certeza. Ele estava enrolado no plástico, como algo fora do congelador. Talvez fosse apenas um reflexo?

Ela correu de volta para Archie e Claire. Claire estava soltando seu telefone no bolso da jaqueta. "Eu estava tentando novamente", disse Claire. Ela deu a Archie um olhar de aço. "Precisamos chamar ajuda. Isto não é dele."

Susan pegou Archie pelo braço e fez sinal para que eles a seguissem. Ela levou-os pela multidão para o banco do parque. Então, para dar-lhes uma razão para estar lá, ela fingiu jogar alguma coisa fora no lixo entre onde eles estavam e o banco.

"Tente ligar para o Henry agora", disse ela para Claire.

Claire parecia confusa, mas puxou o telefone de novo, e, com um olhar duvidoso para Susan, bateu num botão.

"Espere", disse Susan.

E então eles ouviram. O som de um telefone tocando. A poucos metros de distância.

8

O HOMEM NO plástico não estava falando. Archie tinha-o pelos ombros, o plástico escorregadio estava enrugado sob suas mãos. O homem só olhava para ele, as pálpebras reviradas, as narinas tremendo, seus poucos dentes amarelados estavam expostos, seus lábios rachados.

"Onde você conseguiu esse telefone?" Archie perguntou novamente.

Nada.

Archie queria sacudi-lo, para tirar a verdade dele. Archie sabia como ferir alguém. Gretchen havia lhe ensinado mil maneiras de ferir alguém.

O telefone tinha caído do colo do homem quando Archie tentava levantá-lo de seu assento, escorregando pelo concreto. Claire mexeu no telefone e percorreu o registro de chamadas.

"A única atividade recente é a conversa com você e as de quando todos nós começamos a telefonar para encontrá-lo", disse ela.

Archie ajustou o plástico firmemente nos pulsos dele juntando as mãos, de modo que o plástico estava enrolado firmemente em torno do tronco do homem, apertando-o. O lábio superior do homem tremeu, mas ele ainda não dizia nada. Será que ele não fala Inglês? Qual é, então? Eles não teriam tempo para encontrar um tradutor. Archie precisava fazê-lo reagir.

"O telefone pertence a um policial", disse Archie. Os olhos do homem se arregalaram ainda mais, revelando duas coisas. Um, ele falava Inglês. Dois, ele não sabia que Henry era um policial. O homem olhou por cima do ombro de Archie, ao norte. Ele estava quase se abrindo. "Se alguma coisa aconteceu com ele, você estará em um mundo de dor."

"Poderoso Willamette", o homem disse rispidamente. "Amigo bonito. Eu estou aprendendo. Eu estou praticando. Para dizer o seu nome.

"Que porra é essa?", Disse Claire.

"Está esculpido em uma das pedras no Japanese American Plaza", disse Susan. "No extremo norte do parque, pela ponte de aço."

"O telefone estava no solo sagrado", disse o homem. "Não havia ninguém perto."

Archie ouviu Susan dizer o nome dele.

Ele virou-se. Susan estava de pé, braços ao lado do corpo, olhando para a multidão à beira do rio. A brigada dos sacos de areia tinha se dispersado juntando-se a um grupo que empurrava contra o paredão, esforçando-se para ver o rio sobre ele. Os sacos de areia estavam onde eles tinham deixado, salpicados com a chuva. Havia talvez uns vinte, e mais se juntavam a cada momento.

"Há algo acontecendo", disse Susan.

Archie soltou o plástico e o homem deslizou para fora de suas mãos de volta para o banco.

As pessoas estavam apontando agora, gritando por socorro. Havia algo no rio.

Archie correu. Ele pegou seu distintivo como ele fazia, levantando-o para mostrar às pessoas enquanto ele se acotovelava para passar.

"Há alguém na água", uma mulher gritou.

Um soldado da Guarda Nacional, provavelmente recém saído da escola, estava no centro da multidão, rastreando freneticamente o rio escuro. Archie podia ver a ansiedade no rosto dele, o pânico no ângulo de seus ombros. Fardas tinha um jeito de levar as pessoas a pensar que quem as utilizava tinha um plano. Esqueciam que o garoto tinha dezenove anos. Ele provavelmente estava apavorado.

Além disso, eles nunca avistariam ninguém no escuro.

Archie assumiu o controle. Ele fez o seu caminho em direção ao soldado. "Eu sou policial", disse ele. "Qual é o seu nome?"

"Carter, senhor", disse o soldado.

Archie apontou uma luz de construção nas proximidades. "Traga essa luz aqui."

Carter balançou a cabeça rapidamente e mudou-se para reposicionar a luz.

"Quem viu esta pessoa?" Archie perguntou à multidão.

Uma mulher em uma jaqueta de esqui de nylon levantou a mão.

Archie podia sentir Susan em seu ombro. Ele perguntou-se onde estava Claire, e torcia para que ela estivesse segurando o homem no plástico. Archie não queria que ele voltasse a correr.

"Eu vi alguém", disse a mulher. Ela apontou para um ponto dez metros da margem do rio. "Ali". Archie só viu escuridão.

"Você tem certeza?", Perguntou Archie. Como alguém podia ver algo lá fora, ele não sabia.

"Era uma pessoa. Eu sei que era uma pessoa". Sua voz era esganiçada pela histeria. Tudo o que ela tinha visto lá fora, ela acreditava que era humano.

Carter tinha rolado a luz mais perto da margem do rio.

Archie tentou calcular a velocidade da correnteza. Se havia uma pessoa lá fora, ele ou ela estava provavelmente sob a ponte Burnside agora. "Balance para lá", disse ele.

No silêncio repentino, a chuva parecia ficar mais alta. E batia em sua jaquetas de nylon impermeável, batendo no concreto. A chuva escorria pela nuca de Archie. Ela escoava para o rio, mais e mais água, o Rio Willamette parecia aumentar mais quando ele olhou para ele. Archie olhou de esguelha. O rio aumentou ao norte, um borrão escuro, correnteza turva.

O Willamette em janeiro ficava em torno de 7°C. Na água fria, você teria talvez 30 minutos até que você perdesse a consciência. Uma hora se você fosse forte o suficiente.

Será que a mulher realmente viu alguma coisa?

E então alguém gritou:

"Ali!"

Archie virou a cabeça para seguir o seu dedo, e Carter balançou a luz para o centro do rio.

Alguma coisa na água. Um pássaro? Não, uma bóia? Não. Uma pessoa. Uma criança. Jesus Cristo. *Uma criança.*

A criança, se deslocava para o norte. Rápido.

Archie começou a correr ao longo do paredão. Você nunca deveria se aproximar de uma vítima de afogamento sem um dispositivo de flutuação, uma corda em volta de sua cintura, algo assim. Vítimas de afogamento em pânico se debatiam. Levavam as pessoas para baixo com eles. O garoto estava vivo. Consciente. Se ele não estivesse vivo teria afundado. Não havia tempo para dispositivos de flutuação ou cordas.

Susan estava bem atrás dele, junto com a multidão crescente, todos apontando e gritando. Archie procurou por Claire, mas não a viu. Ele tirou o casaco e colocou nos bolsos o seu crachá, carteira e telefone. Em seguida, ele soltou a arma do cinto, colocou-a no bolso interno do casaco, fechou o bolso, e entregou o casaco para Susan. "Chame o 911", ele disse a ela. "E não perca a minha arma".

Então, ele olhou para a luz. Bom. Carter tinha mantido a calma, mantendo a luz apontada para a criança na água.

Archie escalou o muro, mantendo o foco no garoto, respirou fundo e pulou no escuro no rio gelado. Sua respiração deixou seu corpo assim que ele caiu na água.

SUSAN TINHA PERDIDO Archie de vista.

Ela desligou a chamada com o 911, e agora ela não conseguia encontrá-lo na água. Tinha sido apenas um minuto. Mas parecia mais. Ela percebeu que estava abraçando o casaco de Archie perto do peito.

As pessoas que se afogaram no Willamette geralmente nunca mais foram vistos.

Havia mais luzes agora. Mais soldados da Guarda Nacional. A multidão foi crescendo à medida que eles se moviam ao longo do calçadão, todos em um movimento lento, com os olhos na água onde as luzes iluminavam. Uma cabeça pequena balançava. Ouvia-se as botas na calçada. As capas de chuva molhadas chiavam formando poças d'água. O paredão era maior em alguns lugares, onde o processo de construção estava adiantado, e todos eles tinham que se esforçar para ver sobre ele, suas cabeças balançando para cima e para baixo na borda da parede, como paparazzis.

As pessoas tiravam seus celulares com câmera para fora, fazendo vídeos de baixa resolução devido a pouca luz que era lançada na água escura. Hoje em dia, qualquer um era repórter.

"Ele conseguiu", alguém disparou.

A Susan engoliu a bola em sua garganta quando viu Archie na luz.

A multidão explodiu em aplausos espontâneos.

"Ele ainda tem que tirá-lo da água", disse em voz baixa o soldado da Guarda chamado Carter.

Era verdade. Todos observavam, fascinados, como a silhueta de Archie circulava a silhueta da criança, duas cabeças na água. Susan não queria olhar, e ao mesmo tempo ela não conseguia desviar o olhar. Archie ainda estava a um

braço de distância do garoto, que parecia ter encolhido na água, tanto que estava difícil manter a visão nele na forte correnteza.

"Por que ele não o segura?", perguntou Susan.

"Ele está tentando pegá-lo por trás, por baixo dos braços", disse Carter. E então, como se quisesse mostrar a sua autoridade repentina, ele acrescentou: "Salva-vidas, todos os quatro anos do ensino médio."

De repente, as duas formas se juntaram. Archie pegou. Ele segurava o menino.

Houve mais aplausos e um outro soldado juntou-se a Carter e Susan. "Eles estão desacelerando," o novo soldado disse.

Susan não tinha notado até que ele disse isso, mas ele estava certo. Eles não estavam se movendo tão rápido. Isso era bom, não era?

"Ele está nadando contra a correnteza, Capitão", disse Carter.

Isso não fazia sentido. Ele não podia lutar contra ela, não poderia voltar para a margem onde eles estavam, não poderia chegar ao paredão. E mesmo que ele fizesse, e então? Havia escadas metálicas enferrujadas que iam do calçadão de concreto até a água, mas era uma a cada cem metros ou mais. Quais eram as chances dele conseguir alcançar uma delas?

"O que ele está pensando?", Perguntou o capitão. "Ele vai se esgotar."

Susan sabia o que isso significava. Se Archie perder a força, eles afundarão. Eles se afogarão.

Ela viu Carter olhar para longe da luz, rio acima, em seguida, de volta para Archie e o garoto. "A ponte", disse ele. "Capitão, eu posso levá-los até a ponte."

O capitão hesitou.

"Eu ganhei o estilo cinquenta metros livres pelo Estado", disse Carter. "Eu sou nadador de resistência. Se alguém me direcionar, posso alcançá-los. Podemos tirá-los de lá. Eu posso fazer isso. Senhor." Ele inclinou a cabeça na

direção de Archie e o garoto, que agora estavam quase indo ao fundo. "Ele está nos dando tempo."

A ponte de aço, construída em 1912, era uma das mais antigas de Portland. Era uma ponte double lift, ou seja, toda a estrutura poderia ser levantada para permitir a passagem dos navios pelo rio. Era também uma ponte de dois andares, carros e veículos elétricos ligeiros no andar superior, trens e pedestres abaixo. O andar inferior ficava a 8 metros do rio, quando este estava em seu nível normal.

Mas o rio não estava em níveis normais. O rio estava alto. Muito alto. Tão alto que o andar inferior estava, provavelmente, apenas cinco metros acima da água. Eles poderiam alcançá-lo.

"Vamos lá, soldado." Carter passou a luz a outra pessoa e seguiu o capitão. Eles correram, tocando outros soldados nos ombros, até que houvesse uma meia dúzia deles correndo para a ponte. Susan correu ao longo da calçada atrás deles, ainda segurando o casaco de Archie, como se fosse uma parte dele, como se ela o segurasse com força o suficiente, poderia ser capaz de vê-lo fora da água.

O centro da ponte estava suspenso. Estava assim desde a manhã, quando a cidade tinha ordenado elevá-la por tempo indeterminado, assim evitando um curto circuito que a manteria na posição para baixo. Seria difícil pegá-lo por lá. Se Archie não chegasse ao outro lado, ele iria para debaixo da ponte e não haveria maneira conseguir ajudar. Ao norte da ponte de aço o rio alargava e o parque dava lugar a condomínios e ao porto.

Susan seguiu os soldados pela plataforma até a passarela de concreto para pedestres. Eles correram para o desnível da ponte, onde o resto da ponte tinha sido levantada, e passaram sobre o portão de segurança. Carter ajoelhou-se à beira da passarela. "Tudo que vocês têm que fazer é segurar meus tornozelos, e quando eu pegá-los, me puxar para cima", disse ele para os outros, como se fosse assim tão simples.

Susan se esforçou para ver Archie e o garoto lutando contra a correnteza. Eles estavam perto. Talvez 9 metros de distância, talvez 15. "Eles estão quase aqui", disse ela.

Carter entregou-lhe uma lanterna preta que estava em seu cinto. "Ligue isto e mantenha-a para que ele possa nos ver."

Ela seria a sua luz, então ele saberia que estavam lá, para que viesse até eles.

De repente, com uma calma calculada, Susan amarrou o casaco de Archie em torno de sua cintura, ligou a lanterna, e estendeu-se na superfície molhada para que ela pudesse chegar o mais perto possível de Carter. Em seguida, ela enganchou seus pés nas grades de segurança, direcionou a lanterna para o fim da passarela, e apontou-a para o sul. Ela piscava a lanterna, na esperança de chamar a atenção de Archie. Ao contrário da maioria das outras pontes de Portland, a Ponte de Aço era enfeitada com luzes. Era uma menina antiquada: funcional, prática. Tinham postes apenas sobre a pista do andar superior, e algumas luzes ao longo do comprimento da plataforma inferior.

Me veja, Susan chamou por Archie. Me veja.

Ela podia sentir o peso da arma de Archie em seu casaco, como um punho. O concreto molhado e o metal das vigas estavam frios, mas Susan apertou o lado de seu rosto nele, tentando chegar ainda mais seu braço para baixo. Ela podia sentir lágrimas quentes em seu rosto, ou chuva, ou ambos.

"Ele está vindo para cá", ela ouviu alguém dizer de cima.

"Abaixe-me", disse Carter.

Susan podia ouvi-los logo atrás dela lutando para segurar as pernas dele, os grunhidos deles ao balançá-lo para fora da borda. Ela não podia virar a cabeça. Não era possível ver se ele estava perto o bastante para poderem alcançá-los. Em vez disso, concentrou-se na lanterna. Ligada, desligada. Ligada, desligada. Ela tinha uma tarefa. Ela poderia fazer isso direito. Ela não iria estragar tudo.

As luzes estavam quase debaixo dela, e ela podia ver a parte de trás da cabeça molhada de Archie.

Carter começou a gritar. "Aqui, aqui. Eu pego você. Por aqui."

Aconteceu rápido. Carter deu uma guinada. Ele balançou tanto que Susan podia sentir o tremor na passarela em seu peito. Os outros soldados lutaram para segurá-lo, e então todo mundo estava lá, puxando, gritando, gemendo.

Susan deixou a lanterna cair de sua mão no rio e agarrou alguém, que ela nem sabia quem, puxando com toda a força.

Levantaram Carter, e com ele, Archie e o garoto. Um garoto. Um garotinho. Carter sentou-se sob suas pernas, ombros arfando. Archie estava do seu lado, ensopado e visivelmente tremendo. O menino, que parecia ter cerca de oito anos, estava quase cianótico. Ele não estava tremendo. Susan sabia que isso era um mau sinal.

Os soldados tiveram que tirá-lo dos braços de Archie.

Dois dos soldados começaram a tirar as roupas molhadas do garoto, um moletom com capuz, uma camisa de manga comprida e jeans. Ele obedeceu frouxamente, com os olhos abertos, mas sem resposta. À medida que tiravam suas roupas molhadas, envolviam-no em seus próprios casacos. Susan se arrastou de joelhos para Archie. O capitão estava ao lado dele, esforçando-se para puxar a camisa de lã encharcada sobre a cabeça de Archie. Archie estava tentando ajudar, mas seus dedos se atrapalhavam inutilmente. Susan ajudou a tirar a camisa fora.

"Você conseguiu", ela disse a ele. "Você o salvou."

Ela podia ouvir sirenes agora, e gritos. Ela não tinha notado até então, mas a multidão havia seguido para a ponte. Eles se separavam no meio para abrir caminho para os paramédicos, que vieram correndo com a maca. Claire estava com eles, na liderança, mostrando-lhes para onde ir. De alguma forma, ela conseguiu abrir o portão de segurança.

Archie ainda estava tremendo muito. Susan e o capitão desabotoaram-lhe a camisa encharcada e conseguiu tirá-la. Ele cruzou os braços sobre o peito. Um reflexo dele na tentativa de esconder suas cicatrizes, Susan pensou, mesmo que estivesse escuro demais para que todos pudessem vê-las. O capitão tirou a própria camisa e colocou em torno dos ombros de Archie.

Susan podia ouvir Archie batendo os dentes. Desamarrou o casaco encharcado da cintura e colocou o sobre seus ombros em cima do outro.

"Hey," ele disse. "Você não o perdeu."

Os paramédicos assumiram. Calças pretas de chuva. Jaquetas vermelhas. Uniformes padronizados. Havia quatro deles, movendo-se rápida e silenciosamente.

Claire assumiu, respondendo às perguntas. O que aconteceu? Quanto tempo eles tinham ficado na água? Susan estava feliz que eles estavam falando com Claire. Ela achava que não conseguiria falar sem chorar.

Um paramédico tirou as jaquetas do ombro de Archie e envolveu-o em uma manta térmica Mylar. Parecia ser feita de uma folha de alumínio, como algo feito para um astronauta dormir. Archie tentou acenar a um paramédico mais distante. "Tome conta do menino primeiro", disse ele. Ele tentou levantar-se, mas vacilou, e o paramédico segurou seus ombros e guiando Archie de volta para baixo. Susan colocou o braço em torno dele, forçando todo seu peso para manter ele sentado.

Um paramédico sentou sobre os calcanhares e olhou para Archie nos olhos, certificando-se que ele tinha a sua atenção. "Você está com hipotermia", disse o paramédico. "Precisamos mantê-lo aquecido. Sem movimentos bruscos. Se você se movimentar, enviará todo aquele sangue frio de suas extremidades para o coração. Você quer ter um ataque cardíaco?".

Próximo a eles uma das macas foi levantada, e o menino, enrolado em um outro cobertor espacial, foi levado do meio da multidão, que estava silenciosa.

"Ele está bem?", Perguntou Archie.

"Ele vai ficar", disse o paramédico.

Susan e Claire afastaram-se quando dois paramédicos cuidadosamente posicionaram e imobilizaram Archie na outra maca. O pai de Susan tinha sido levado de casa preso a uma maca, exatamente como agora, quando ela tinha 14 anos de idade. Ele nunca voltou para casa.

Archie pareceu sentir o que ela estava pensando. "Eu te vejo em breve", disse a ela.

Ela pegou o casaco do concreto de onde ele estava deitado e colocou-o sobre seu colo.

Os paramédicos levantaram a maca e suas pernas estenderam.

"Espere", disse Archie. Ele levantou a cabeça e olhou ao redor, seus olhos caindo sobre Susan. "O cara que nos pegou. Foi Carter, não foi?"

Susan assentiu.

"Eu quero falar com ele", disse ele.

Susan olhou em volta e rapidamente avistou Carter e indicou-o. "Hey," Archie disse a ele. Archie sorriu fracamente. "Você foi bem, garoto."

Carter se endireitou. "Sim, senhor."

Eles se moveram em seguida. Os paramédicos empurrando Archie no meio da multidão, um em cada extremidade da maca. Algumas pessoas aplaudiram, alguns tiraram fotos. Susan e Claire tentavam proteger Archie do flashes. Susan sabia que era inútil. Sua imagem seria liberada em toda parte na internet até meia-noite. Perguntou-se se essas pessoas reconheceram Archie Sheridan, policial herói, aquele que tinha sido torturado por Gretchen Lowell, aquele que tinha pego ela, duas vezes. Provavelmente não. Mas, eventualmente, alguém o faria.

Eles saíram da ponte. Susan podia ver as luzes rotativas vermelhas e azuis de duas ambulâncias. Eles haviam estacionado na avenida.

"Você quer que eu chame alguém?" Claire perguntou a Archie suavemente.

Archie estava olhando em volta, em todo seu entorno. Susan pensou que ela podia ver seu cérebro clareando. Ele não estava tremendo tão forte mais. "Esta é a ponte de aço?", Disse.

Claire assentiu.

"Henry", disse Archie. "Encontre Henry."

AS DUAS MULHERES estavam sozinhas.

A repórter do *Herald*, ele reconheceu. A fotografia dela vinha ao lado de sua coluna. O cabelo era de uma cor diferente, mas era definitivamente Susan Ward. Ele não a teria reconhecido uma semana antes, mas ele estudou seu rosto, desde então, traçando as pontas dos dedos sobre a coluna que ele tinha recortado até que o jornal estivesse desfeito.

A outra mulher usava um distintivo dourado no pescoço.

Ele observou-as passar da luz para a escuridão da praça, depois que a ambulância saiu.

Elas o deixaram curioso.

A multidão se espalhou, os voluntários voltando aos seus postos no deck. Todo mundo estava interessado em outra coisa — os policiais na borda da ponte onde o menino e o homem tinham sido trazidos, as equipes de TV nas testemunhas, os soldados da Guarda Nacional em dispersar os espectadores. Ninguém notou as duas mulheres no escuro.

Exceto ele.

A policial tinha uma lanterna. Ele observou, sem se mexer. Ele podia ver o perfil de Susan Ward no feixe de luz, ela lembrou-o um esquilo na estrada, em foco e terror. A policial entregou-lhe alguma coisa e Susan brincou com ela e, em seguida, um feixe de luz fino apareceu. Uma lanterna de bolso. Sua inutilidade o fez sorrir.

"Que rock era esse?", Perguntou a policial.

"'Mighty Willamette. Dos Beautiful Friend'", disse Susan. Seu cabelo estava molhado grudado em volta da cabeça. Ela tinha um capuz no casaco,

mas ele estava atrás, esquecido ou negligenciado. Ele quase podia senti-la tremer.

Ele conhecia a sensação.

A praça ficava centrada em um caminho de paralelepípedos que seguia ao lado de uma parede de pedra inclinada. Surgindo do muro tinha uma coleção de pedras cuidadosamente dispostas no estilo de um jardim de pedras japoneses. Um haiku foi esculpido em cada pedra, como um conjunto de sepulturas. Um pomar de cereja, tão recortado e preto como qualquer pesadelo, estendia-se pela extensão do caminho.

As mulheres caminharam, e ele as seguiu. Ele ficou um metro e meio atrás, arrastando-se ao longo da grama na beira do caminho, o som de seus passos perdidos nos respingos da chuva.

Ele foi atraído para elas.

"Procure no chão", disse a policial. "Uma traçado, como este." Ele viu quando ela demonstrou, movendo o círculo do feixe da lanterna para cima e para baixo e, em seguida, todo o caminho na frente deles, e, em seguida, no aterro de pedra para a esquerda e na grama para a direita. Nenhuma das mulheres o viu. O caos estava barulhento, e ele se movia lentamente. Ele estava acostumado à escuridão. Além disso, elas se abaixaram no chão, e a noite circundante foi preenchida com sombras.

"Eu vou começar de novo lá", acrescentou a policial. "Nós nos encontraremos no meio."

Ele não podia acreditar na sua sorte, pois a policial se afastou trotando na escuridão, deixando-o com Susan.

Seu peito começou a vibrar.

"Então, eu aposto que o mendigo está muito longe agora", disse Susan.

A policial tinha ido embora, o único sinal dela era um feixe de luz balançando.

Ele avançou, alcançando Susan, pisando do calcanhar ao dedo do pé, oh tão suavemente sobre a grama. Seu sangue pulsava no ritmo do rio.

"Eu o algemei ao banco", disse a policial do outro lado da praça.

"Devemos voltar para lá?", Perguntou Susan.

"Deixe que ele se molhe um pouco", disse a policial.

Ele estava a apenas dois passos atrás da repórter agora — eles estavam em completa sincronia. Susan moveu a lanterna em um padrão de grade no chão na frente dela. Cada padrão de pesquisa levava uma eternidade e ele se deliciava com sua proximidade silenciosa.

Ele poderia matá-la. Num piscar de olhos. Ele nem mesmo suaria para fazê-lo.

"Você sabe, a praça foi inaugurada em 1990, dedicada à memória daqueles que foram deportados para campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial ", disse ela. Ela parecia nervosa agora, ocupando-se com a conversa. Ele queria acreditar que ela sentiu a presença dele, instinto animal a mil, a ansiedade periférica de presa. "Havia um bairro japonês próspero em Portland antes da guerra", disse ela. "Mas, então, os moradores foram enviados para campos e a maioria deles perdeu tudo. Seus negócios foram fechados. Quando eles saíram, não havia muitos motivos para ficar por aqui".

A policial não respondeu.

"Você sabia que na Constituição original era ilegal uma pessoa negra pisar em Oregon ?", perguntou Susan. Ela virou a cabeça para baixo, outro padrão de grade. "Não é de admirar que as pessoas pensassem que o dilúvio de Vanport era algum tipo de conspiração."

Ele endureceu com a palavra.

Vanport.

Susan parou com a cabeça levantada. Ele podia ver sua respiração acelerar e seus ombros se voltarem.

"Continue procurando, Susan", disse a policial da escuridão.

"Eu estou", gemeu Susan, brilhando sua lanterna no aterro de pedra à sua esquerda. "O que nós estamos procurando exatamente?"

"Uma pista", disse a policial. "Os sinais de uma luta. Esse tipo de coisa."

Vanport.

A bolsa de couro estava aberta, e ela a usava em seu ombro para que a bolsa descansasse contra seu quadril.

Ele colocou a mão sobre a extremidade da mesma e soltou algo de seus dedos.

Em seguida, ele deu um passo para trás, e depois outro.

SUSAN PAROU NA pedra. Tinha cerca de quatro metros de altura, irregular e plana, e salpicada com minerais.

Ela focou a lanterna que Claire havia lhe dado ao longo das duas últimas linhas do poema esculpido em sua superfície:

Por que reclamar quando chove?

Isto é o que significa ser livre.

Ela correu a luz para baixo pela extensão da pedra, iluminando o chão em torno dela.

A mão quase passou despercebida. O cérebro tem uma maneira de dar explicações para as coisas, e ignorar aquilo que não faz sentido.

Quando ela processou o que tinha visto, ela já se virou com a lanterna para trás.

Uma mão com a palma para cima, dedos curvados.

"Claire?" Susan gritou.

Claire veio correndo.

A lanterna de Susan ainda estava focada nos dedos grossos saindo de atrás da pedra. Dedos de um homem.

"Olá?" Susan falou hesitantemente para os dedos. Ela estava paralisada de medo, com medo de se aproximar, do que ela veria.

Claire não perdeu tempo. Ela arrastou o banco e ajoelhou-se atrás da pedra. "É Henry", ela disse. "Ele não está respirando."

Susan podia ouvir Claire no telefone, pedindo uma ambulância, mas ela não conseguia se mexer. Ela não queria ir para lá. Ela não queria ver Henry

assim. Ele era um homem forte.

Sem respirar.

Como Robbins tinha chamado?

Paralisia respiratória.

"Ajude-me", disse Claire. "Susan, agora."

Susan pulou e correu até o rochedo. Henry estava caído atrás da pedra, a cabeça inclinada para frente. Roupas encharcadas. A água da chuva umedecendo seu rosto. De certa distância, parecia que ele estava dormindo. De perto, parecia mais grave.

"Eu preciso tirá-lo daqui", disse Claire. Ela estava chorando, limpando o nariz com a manga.

"O que eu faço?", Perguntou Susan.

"Pegue seus pés."

Claire segurou Henry pelos braços, sob as axilas, e Susan puxou as pernas para fora e elas conseguiram colocá-lo em uma posição mais adequada.

"Você sabe fazer massagem cardiopulmonar (CPR)?", perguntou Claire.

Susan tinha aprendido CPR para sua certificação de babá no ensino médio, mas agora lhe deu um branco completo. "Não realmente", disse ela.

Claire abriu a jaqueta de Henry e agarrou a mão de Susan, colocando seu pulso sobre o peito de Henry entre seus mamilos e sobre seu esterno, e em seguida, colocou a outra mão de Susan em cima da outra.

"Empurre", disse Claire rapidamente. "Assim." Ela empurrou as mãos de Susan para baixo. "50 mm. Você deve bombear na frequência de cem vezes por minuto, então faça-o rápido. Mais rápido do que uma vez por segundo. Conte. E quando você chegar a trinta, pare, para que eu possa respirar por ele." Ela se inclinou sobre o rosto de Henry, tapou o nariz, colocou os lábios nos dele, e exalou. Em seguida, ela virou a cabeça e ouviu em sua boca por um momento. Então ela colocou os lábios nos dele novamente e repetiu. "Agora vai", disse ela para Susan.

Susan começou a bombear. 50mm. "Um", ela contou. "Dois, três, quatro..."

Ela estava no chão, a lama fria penetrando nos joelhos de seus jeans. Ela manteve o bombeamento. Ela não olhou para cima. Ela não queria ver o rosto de Henry.

ARCHIE ESTAVA ENCOBERTO com cobertores de aquecimento de borracha que pareciam grandes esteiras de banheira extra. Conseguia sentir suas mãos e pés novamente. Seu corpo estava rígido, mas sua cabeça tinha desaparecido.

Ele estava em seu quarto na sala de Emergência do Hospital Emanuel. O menino estava pior do que ele. Tinham o levado para um lugar onde pudesse bombear o sangue quente nele ou algo assim. Não havia relógio em seu quarto, uma maneira inteligente de manter os pacientes sem saber quanto tempo eles estavam esperando. Mas Archie era a última pessoa no mundo com um relógio. Supondo-se que, após um mergulho prolongado no Willamette, o relógio ainda trabalhava, já era nove horas. Ele estava no pronto-socorro por mais de uma hora.

Eles já tinham anunciado a intenção de mantê-lo durante toda noite. De vez em quando alguém vinha e verificava os sinais vitais e a temperatura de seus cobertores. Quando eles viram seus registros médicos começaram a dar-lhe olhares interessados. Gretchen tinha esculpido o seu baço. Seu fígado ficou ruim devido às pílulas. Ele tinha visto a enfermeira arregalar os olhos quando ela abriu o cobertor e viu suas cicatrizes. O que era apenas a ponta do iceberg.

Ele estava sozinho. Mais sozinho do que o habitual. Ele ainda tinha Debbie na lista de contato em caso de emergência, mas ele disse para o hospital não chamá-la. Ela iria querer vir, e era perigoso nas estradas. Ele poderia ter chamado Henry se ele pudesse. Henry teria vindo e o repreendido por saltar no rio sem um plano. Em seguida, ele teria colocado suas botas de cowboy em cima da cama de Archie e ligado a TV em um programa de culinária.

A porta do quarto de Archie estava aberta, então ele passava o tempo ouvindo os sons do hospital. Uma mulher chorava baixinho no quarto ao lado dele. Um homem frágil de cabelos brancos, que tinha chegado segurando

uma camisa ensangüentada em sua cabeça estava sendo suturado. Enfermeiros e enfermeiras cansados atrás do balcão.

Havia um ritmo em um hospital. Archie ficou surpreso em como ele lembrou-se disso. O som de sapatos no assoalho, anéis de cortinas deslizando nas hastes de metal, conversas de TV distante. Formas movendo-se pelo corredor no mesmo ritmo. Era autossuficiente, em seu próprio ecossistema. Havia um compartimento marcado para tudo, toda ação era registrada em um gráfico, vida movendo-se em um ritmo previsível.

Até que parou.

Archie podia sentir a mudança. O ritmo do edifício acelerou. O tom da conversa do lado de fora da porta reduziu. O zumbido desnecessário de movimento no ambiente cessou.

Um enfermeiro correu com carrinho de choque pela porta de Archie.

O menino, Archie pensava. Ele ainda não tinha idéia de como o menino tinha ido parar no rio, quanto tempo ele tinha ficado na água, ou como ele mesmo conseguiu se manter à tona. Ele estava pouco receptivo quando Archie tinha chegado a ele. Assim que Archie tinha enganchado seus braços sob o menino, o garoto tinha ficado inerte. Se ele tivesse lutado com Archie, provavelmente, ambos tinham se afogados. Archie tinha salvado a vida do menino, com certeza. Mas o rapaz também tinha salvado Archie.

Eles não podiam deixá-lo morrer.

Archie levantou as mantas de borracha, sentou-se e balançou as pernas para fora da cama. Ele estava envolto em mais cobertores, aqueles de flanela branca, e levou um minuto para desembrulhar-se. Então ele saiu da cama e caminhou para fora de seu quarto em seu vestido e meias hospitalares.

"O que está acontecendo?", Disse.

A enfermeira correu em direção a ele, o braço estendido. "Você precisa voltar para o seu quarto, senhor", disse ela. Houve um chiado de abertura hidráulica das portas e ambos, Archie e a enfermeira, olharam para o lado direito onde uma maca foi levada às pressas para dentro.

Não era garoto.

O menino estava bem.

Era outra pessoa.

Alguém que estava realmente machucado.

Mesmo estando 6 metros abaixo no corredor, Archie podia ver que tinha uma máscara de oxigênio sobre ele, e alguém estava apertando um saco. Um paramédico estava correndo ao lado da maca fazendo compressões torácicas, em direção a Archie.

A pessoa na maca não estava respirando.

Archie não se mexeu.

Os paramédicos foram cumprimentados por dois médicos e dois enfermeiros, que se juntaram com esforços na ressuscitação.

Archie viu o topo de sua cabeça, quando a maca estava mais perto. Uma cabeça grande. Raspada.

Ele afastou-se, encostou no batente da porta que ele tinha acabado de passar, e se firmou.

Era Henry que estava sendo levado á sua direita.

A equipe médica trabalhava para salvá-lo, falando termos médicos cortados e urgente, mas Archie poderia decifrar as palavras e deduzir o que diziam. Parada respiratória. Entubar.

Archie tropeçou na porta atrás deles.

Eles estavam se movendo rápido — cinco metros de distância, em seguida, dez. Archie não conseguia entender o que eles estavam dizendo mais.

"Senhor", ele ouviu alguém dizer. "Afasto-se, por favor."

"Eu preciso ver as mãos dele", disse Archie. Uma enfermeira entrou na frente dele, impedindo-o de continuar pelo corredor e alcançar o quarto no canto diretamente à frente, onde tinham colocado Henry. Archie passar por ela, mas alguém estava puxando-o suavemente por trás.

"Por favor", disse ele, tentando não soar como um louco: "Eu sou seu parceiro. Ele é um detetive. Ele pode ter sido envenenado. Eu preciso ver se há uma mancha marrom em sua mão."

"Existe", disse uma voz atrás dele.

Archie se virou para ver Susan Ward. "Ela está lá", disse ela. "Na palma da mão esquerda. Eu disse tudo a eles. Eles estão fazendo exames toxicológicos."

Archie olhou para a parte de trás do corredor através da porta aberta a alguns metros de distância, onde Henry estava morrendo. Eles estavam obstruindo sua boca com uma calçadeira de metal, e então guiando um tubo em sua garganta. O oxigênio fluiu. O peito de Henry subiu e logo em seguida a máquina na outra extremidade do tubo começou a respirar por ele. E quase fez parecer que ele estava vivo.

SUSAN, CLAIRE, ARCHIE, Robbins e o chefe de polícia de Portland, Robert Eaton, estavam agrupados próximo quarto de Archie quando este tinha sido ordenado que voltasse para debaixo dos cobertores térmicos.

Cada vez que a enfermeira entrava para checar Archie todos eles tinham que se mover para dar espaço no quarto.

Susan estava comendo um pacote de salgadinhos que ela tinha encontrado em uma das gavetas sob a pia. Era talvez à melhor comida que já tinha experimentado.

Robbins e Archie acabaram informando ao chefe de polícia sobre sua teoria, que quando dito em voz alta, não era de grande importância, e trouxe mais perguntas do que respostas.

Susan gostava do Chefe Eaton. Ele era pequeno, talvez 1,5 mts, mas não parecia se preocupar com isso. E ele deixou Archie voltar ao trabalho depois de sua estada de dois meses na ala psiquiátrica, o que deve ter exigido certa burocracia.

Ele esfregou o rosto com a mão. Olhou para Archie. Olhou para Robbins. E, em seguida, esfregou o rosto novamente.

"Seis casas deslizaram pela West Hills", disse ele. "Onze mortos. O rio ainda está subindo. A I-5 está fechada em Chehalis. Oregon City e Tillamook estão inundadas. Não diga uma palavra sobre isso. Ponha sua equipe nisso. Traga quem você precisar. Mas tente fazer isso em silêncio. E mantenha-me informado."

Ele foi para a porta e parou na frente de Claire, que estava sentada em uma cadeira de plástico ao lado de Susan.

"Eu sinto muito por Henry," ele disse a ela.

"Ele é um bom policial", disse Claire.

"Pare com isso, Claire", disse Eaton. "Todo mundo sabe sobre vocês dois."

"Sim, senhor."

Ele colocou o chapéu na cabeça. E colocou um plástico transparente para se proteger da chuva. "Cuidem-se, todos", disse ele, e saiu pela porta.

Claire levou as mãos ao rosto. "Merda", disse ela por entre os dedos. "Deixei o cara algemado ao banco. "Ela baixou as mãos e levantou-se. "Eu preciso fazer uma chamada," ela anunciou, saindo da sala.

Archie ergueu as sobrancelhas para Susan.

Ela sabia quando mudar de assunto. "Em quanto tempo vai ficar pronto o exame toxicológico de Henry?", ela perguntou a Robbins.

"Depende. Eles têm que executar uma série de testes. Eu trouxe uma amostra de Stephanie Towner. Talvez possa ajudar." Ele deu um passo em direção a Archie e bateu com a mão no ombro dele. "Olha", disse ele, "Eu tenho que voltar para o necrotério. Tem muita coisa lá que precisamos tirar. Virei mais tarde"

"Obrigado", disse Archie.

Quando Robbins passou por Susan, ele olhou para seus pés. "Você lavou essas botas depois que você saíram do necrotério, certo? Antes de você chegar ao hospital e trazer todo o risco biológico para a Sala de Emergência?"

Ela não os tinha lavado. "Absolutamente", disse ela.

Quando ele foi embora, ficaram apenas Archie e Susan. Ela não sabia o que dizer a ele. Ele e Henry tinham sido parceiros há 15 anos. Eles trabalharam no caso Beleza Mortal juntos. Henry esteve presente ao lado da esposa e das crianças de Archie os dez dias que ele estava desaparecido, e depois sentou ao lado dela em todas aquelas semanas no hospital, depois que Gretchen tinha deixado Archie paralisado, quase morto. Quando Archie tinha surtado, tinha sido Henry que havia protegido ele, e que tinha, finalmente, convencendo-o a buscar ajuda.

Só recentemente que Archie tinha começado a ter semelhança a uma pessoa sã. Ele passou por oito meses de desintoxicação dos analgésicos. Seis meses de tratamento hospitalar. Susan não tinha idéia do que iria acontecer com ele se Henry morresse.

"Eu estou bem", disse Archie.

Susan olhou para cima. Ela podia sentir lágrimas em seu rosto.

"Realmente", disse Archie.

Susan enxugou as lágrimas e sorriu. "Por que um de nós sempre acaba no hospital?" Ela disse.

A porta se abriu e uma das enfermeiras enfiou a cabeça dentro.

O coração de Susan parou. Henry.

Mas a enfermeira não estava trazendo notícias sobre seu amigo. "Onde está Robbins?", ela perguntou.

Susan soltou a respiração que estava segurando. "Ele acabou de sair", disse ela.

A enfermeira trazia um longo Tupperware selado com uma tampa azul. "Eu tenho sua cúbito", ela disse.

"Seu o quê?", Perguntou Archie.

"Seu cúbito." Ela indicou seu antebraço. "Osso do braço", explicou ela. "Supostamente, ele enviou alguns corpos ao nosso necrotério e descobriram este cúbito sobre uma das bandejas de cadáveres ao lado de um corpo. Era para Robbins buscá-lo."

Através do plástico leitoso, Susan podia ver o osso, marrom e rachado pelos tantos anos enterrados.

Ralph, ela pensou.

"Dê-me", disse Susan. "Eu vou alcançá-lo."

A enfermeira hesitou por apenas um segundo. Ela tinha um trabalho a fazer, e Susan sabia disso. Susan pegou o Tupperware de suas mãos e saiu da

Sala de Emergência.

Ela conhecia o Hospital Emanuel. Seu pai tinha morrido ali. Como todos os hospitais, era um labirinto de corredores, saídas e entradas. Ela dirigiu-se para um corredor lateral, na esperança de encontrar Robbins. O Cúbito de Ralph sacudia na Tupperware enquanto ela corria.

Assim que ela chegou ao corredor, viu o cabelo rastafári de Robbins balançando no corredor da entrada principal.

"Hey!", Ela gritou. "Robbins!"

Ele parou e se virou.

Uma mulher empurrando uma criança em uma cadeira de rodas lhe deu um olhar de cima a baixo.

Robbins caminhou em direção a Susan. O corredor era inteiramente de vidro de um lado, com vista para o jardim infantil. Ainda estava chovendo.

Susan levantou a Tupperware. "Você se esqueceu do cúbito de Ralph", disse ela.

Robbins baixou a cabeça. "Merda".

"Você conseguiu uma equipe fantástica agora", disse Susan.

Ele estendeu a mão e pegou o pote de plástico. "É um esqueleto de sessenta anos de idade", disse ele. "Não é prioridade máxima. Quer saber o que vai acontecer com Ralph? Ele vai acabar em uma caixa em algum lugar. Até que alguém acidentalmente, atire-o para longe. "Ele disse que isso não era importante com naturalidade, mas não sem pesar.

Susan, perplexa, deixou Robbins e começou a andar de volta para a Sala de Emergência. Ela não tinha andado muito quando seu telefone tocou.

Ela reconheceu o toque e seu estômago apertou, era Ian, seu editor.

Ela atendeu-o de qualquer maneira. "Sim", ela respondeu.

"Diga-me que você está no prédio", disse ele.

Ele tinha certeza que ela não estava no prédio onde ele esperava que ela estivesse. "Eu estou no Emanuel", disse ela.

"O que diabos têm de errado com você? O Canal Six tinha uma fotografia sua ao lado de Archie Sheridan em uma maca, e eu acabei de ler um relatório informando que você foi uma das duas pessoas que encontraram Henry Sobol."

"Eu já estava indo fazer a matéria", disse Susan. "Eu tenho estado muito ocupada."

"Você está morta? Você está mentalmente incapacitada?"

"Não."

"Então, parta com o seu rabo para o escritório."

Ele desligou.

"Eu não tenho um carro aqui", ela disse para ninguém em particular. Ela tinha ido para o hospital na Ambulância com Henry. Ian não tinha sequer perguntado como Henry estava, como Archie estava. Nada. Ele não se importava.

Ela deixou cair o telefone de volta na bolsa.

Ela poderia chamar um táxi. Se ela pudesse conseguir um agora.

Então, lhe veio um pensamento. A chuva deslizou nos vidros das enormes janelas de vidro.

Foda-se Ian.

Não era nem dez horas da noite, ele poderia segurar as publicações da edição da revista até o dia seguinte.

Deixe-o cozinhando um pouco.

Ela entrou e tomou o elevador até o quinto andar. O elevador se abria para um corredor com vista para o átrio. Susan virou-se para a direita e seguiu pelo corredor que levava aos consultórios médicos".

As fotos ainda estavam lá, emolduradas e penduradas na parede de luz azul, uma em cada três portas. As imagens em preto-e-branco eram parte de uma exposição permanente patrocinada pela Sociedade Histórica de Oregon. Um homem negro com um Fedora (N.T. — Chapéu) carregando um garotinho loiro através da água até a cintura, carros inundados até o teto. Uma vista aérea de dezenas de apartamentos do prédio ainda em suas fundações estavam aglutinados, água até o piso superior. As equipes de resgate de mãos dadas, formando uma corrente, estendendo a mão para salvar as pessoas.

Ela tinha visto pela primeira vez as fotografias quando ela era uma adolescente com um pai moribundo e um monte de tempo para passar no hospital. Foi a primeira vez que tinha ouvido sobre Vanport. Você poderia crescer em Portland e nunca ouvir o nome. Ela havia sido exterminada. Não deixou nada de vestígio para trás. Até os professores não sabiam muito. O número de mortos era aterrorizante. A contagem oficial era de quinze. Alguns disseram que milhares de pessoas. Havia rumores de uma conspiração para encobrir os números reais.

Talvez ela tenham estendido o assunto em sua coluna, procurando conexões onde não havia nenhuma. Ralph provavelmente não teria morrido em Vanport. Mas outras pessoas morreram.

Susan tinha visitado as fotografias novamente naquele ano, quando ela tinha quatorze anos.

Era uma coisa a se fazer, quando ela não estava ocultando cigarros no jardim do câncer infantil.

Um anúncio estalou no intercomunicador, puxando Susan de volta ao presente.

Sala de emergência. Código azul.

Henry.

Susan correu para o elevador.

O CARRINHO DE CHOQUE, de perto, parecia como uma caixa de ferramentas. Suporte para acesso intravenoso, tanque verde de oxigênio, e tudo mais que você precisar — uma resistente caixa de metal vermelho com gavetas até em cima, cada gaveta ordenadamente rotulada. Mas em vez de CHAVES DE SOQUETE e PARAFUSOS SEXTAVADOS, essas gavetas eram etiquetadas como RESPIRAÇÃO e CIRCULAÇÃO.

Susan não estava chorando. Isso a surpreendeu. Ela provavelmente iria chorar mais tarde. Mas agora ela só sentia uma sensação demolidora de medo.

A porta do quarto de Henry estava aberta, mas Claire não estava olhando. Ela estava do lado de fora, no corredor, com as costas contra a parede, longe de Henry, as duas mãos sobre a boca. Por que as pessoas fazem isso? Susan perguntou. Elas estavam tentando manter suas emoções dentro, ou manter o mundo fora?

Archie estava no corredor, ao lado de Claire. Ele estava com a mão no braço dela. Ele estava em pé com ela, em sua roupa azul e branca e jaleco branco, suas panturrilhas descobertas e sapatilhas do hospital. Susan invejava a proximidade deles. Parecia que eles estavam segurando um ao outro. Ela passou os próprios braços sobre o peito.

Claire. Henry. Archie. Eles se conheciam há tanto tempo, passaram por tanta coisa. Susan parecia uma intrusa, talvez ela fosse. Quem era ela para eles, afinal? Ela ainda não conseguiu descobrir exatamente o que Archie pensava dela.

Mas, enquanto Claire parecia não ser capaz de olhar, Susan não conseguia tirar os olhos.

Havia coisas que Susan desejava não saber. Detalhes que ela aprendeu ao longo dos anos ao escrever histórias que ainda a assombravam. Os ingredientes da manteiga da pipoca no cinema, por exemplo. A quantidade de matéria

fecal que podem ser encontradas na maioria dos buracos para os dedos na bola de boliche. E por quanto tempo o percevejo pode viver entre as refeições (um ano).

Agora mesmo, Susan estava desejando que ela não tivesse feito a matéria sobre desfibrilação. Porque ela sabia que os pacientes raramente sobreviviam se eles precisassem de mais de três choques.

E Henry já tinha recebido dois.

Ela olhou para Archie e Claire novamente. Eles estavam compartilhando um momento de intimidade, cabeças próximas. Eles estavam orando? Susan nunca perguntou a Archie sobre religião. Ela imaginou que se ele tivesse alguma, ele tinha desistido naquele porão com Gretchen Lowell.

Susan não sabia como orar. Ela não conseguia pensar em uma única oração. Ela se perguntou se ela fizesse uma pesquisa no Google em seu telefone, se isso contaria. Provavelmente não. Ela deveria ter feito a aula de teologia na faculdade. A maior parte de sua educação religiosa veio interpretando Maria Madalena em uma produção de teatro para *Jesus Cristo Superstar* no ensino médio. É isso que dá você ser criada por hippies.

Quando seu pai morreu, sua mãe leu o *Livro Tibetano dos Mortos*:

Lembre-se da luz clara, a luz branca pura e clara de onde todo no universo vem, para onde tudo no universo retorna, a natureza original de sua própria mente. O estado natural do universo não manifestado.

Susan ainda não sabia o que isso significava.

A boca de Henry abriu e fechou, como um peixe ofegando por água em terra seca. Passou sua língua pelos lábios, em seguida, recolheu-a. Seus cotovelos estavam dobrados e os braços lentamente se contorciam em seus lados.

Mas ele não estava vivo.

Eram espasmos musculares, depois dos dois primeiros choques.

Era melhor que Claire e Archie não vissem isso.

"Afastem-se", disse o desfibrilador externo automático. "Não toque no paciente. Analisando o ritmos." A voz feminina computadorizada soou como uma daquelas senhoras da navegação de um GPS. Calma. Competente. Autoritária.

Desfibriladores tinha evoluído desde que tentaram reanimar o pai de Susan com painéis que pareciam um par de ferros de viagem.

A roupa de hospital do Henry estava aberta e seu peito de pelos grisalhos estava nu, exceto pelas duas placas brancas adesivas, uma no ombro direito acima do mamilo, a outra em seu flanco esquerdo na parte inferior da sua caixa torácica. Fios brancos se estendiam das placas para a máquina no carrinho de reanimação. Ele parecia pálido e afundado, como um homem velho.

Eles usaram um manequim no dia em que Susan tinha visto as novas demonstrações de AED (Desfibrilador Automático Externo). As máquinas economizavam tempo. Antigamente, havia equipes de urgência — alguém da cardiologia, da respiração. Demorava uma vida para ler o ECG (Ecocardiograma), interpretá-lo e operar a máquina. Com o AED, a equipe médica mais próxima poderia começar a desfibrilar imediatamente.

Isso era o que eles tinham dito na conferência de imprensa quando o hospital mudou para a nova tecnologia.

"Afastem-se", a AED disse novamente. "Não toque no paciente. Analisando o ritmo."

Tudo ficou tão quieto que Susan podia ouvir sua pulsação em seus ouvidos. Sua garganta inchou.

As cinco equipes médicas na sala ficaram em respiração suspensa em torno da cama de Henry, esperando o resultado o choque.

As pessoas não arquearam as costas e se afastaram da mesa da forma como faziam nos programas de Tv hospitalares. Eles meio que se encolheram. Ninguém tinha falado sobre isso na conferência de imprensa.

"Vamos lá", disse um dos médicos, como se ele estivesse em seu carro e o motor não pegasse.

Susan sentiu Archie olhando para ela e olhou para ele. Ela sabia que ele podia ouvir o silêncio, também. Ele estava olhando para ela, esperando a queda de seus ombros, o tremor de seu queixo — alguma pista que tudo estava acabado. Claire tinha deslizado para o chão e ficou descansando a cabeça sobre os joelhos. Estava demorando. Você não precisa de uma conferência de imprensa sobre desfibrilação para saber isso.

Susan voltou seu olhar novamente para o quarto, bem a tempo de ver o AED administrar o terceiro choque.

Lembre-se a clara luz, a luz branca pura e clara de onde tudo no universo vem, para onde tudo no universo retorna, a natureza original de sua própria mente. O estado natural do universo não manifestado.

Ela viu Henry estremecer. Como alguém surpreendido por um som distante.

Ela prendeu a respiração. A pulsação em seus ouvidos vibrava.

"Verificar pulso", o AED disse calmamente. "Se não houver pulso, fazer CPR".

Susan não podia ver o monitor cardíaco, não que ela poderia ter feito algo com isso. Isso tinha a atenção de todos na sala, no entanto. Eles observavam-no sem pestanejar, sem mover um músculo, como se estivessem no controle da missão, esperando por Neil Armstrong para anunciar que ele havia desembarcado na lua.

Um pequeno passo para o homem, um salto gigante para a humanidade.

Susan sempre tinha ficado no caminho de Henry. Ela irritou-o desde o início. Ele estava tentando proteger Archie, e ela veio com a intenção de fazer Archie reviver seu pesadelo. Henry tentou protegê-la, também, para mantê-la segura. Mas ela ignorou todos os avisos que ele já tinha jogado em sua direção, quase se matou no processo. Era assim que ela lidava com os homens autoritários. Ela se rebelava contra eles com toda sua força, ou se apaixonava. Nada além disso.

Espera.

O queixo de Henry moveu.

Não era um espasmo muscular. Susan não sabia como, mas sabia que era verdade, sem hesitação. Isso era algo diferente. Algo intencional. Sua mandíbula abriu. Seu peito — que parecia tão afundado e pálido, tão decrepito — expandiu-se e ergueu. Sua pele corou.

"Ele está respirando", disse alguém.

Susan sentiu as lágrimas quentes escorrendo pelo rosto. Se Henry sobrevivesse, ela iria ouvi-lo, ela não iria atrapalhar, ela seria menos irritante.

Por favor, Deus. Eu prometo.

"Temos uma batida do coração", alguém disse. "Está ficando mais forte."

Susan virou-se para Archie e Claire e sorriu, enxugando o rosto com a manga. Eles ouviram. Archie já estava ajudando Claire a levantar-se.

O telefone de Susan tocou. Ela sabia quem era. Ela enfiou a mão na bolsa e desligou o volume.

ARCHIE FOI USADO pela dor. Havia a dor física — as costelas que ainda doíam onde Gretchen as tinha quebrado, o ácido que queimou o fundo da garganta, onde o veneno, com o qual Gretchen tinha alimentado-o, comeu seu esôfago. Ele aprendeu a viver com a maior parte disso. Ele aprendeu sozinho a não tomar profundas respirações, a sentar-se quando comia, a dormir de costas. A dor emocional tinha levado mais tempo. Mas ele podia olhar-se no espelho agora, as cicatrizes e tudo mais. Ele poderia passar mais tempo com seus filhos sem o esmagador peso da culpa que se agarrou a ele como um cheiro.

Havia sempre a dor.

O truque era fazê-la parte de você.

A máquina inalando e exalando a respiração de Henry fazia um som simples. Firme, forte. Cada respiração exatamente a mesma que a anterior. Você pode se enganar ao considerar este tipo de respiração como garantida.

Eram onze horas da noite, e o hospital estava tranquilo. Eles transferiram Henry para a UTI, uma área sem portas, onde todos os quartos dos pacientes tinham três paredes e ficavam abertos para uma área central, como um hospital em uma casa de bonecas ou em um set de seriado de TV. Tudo ali era feito de plástico moldado que lembrava a Archie as bandejas da cantina escolar. Pisos de linóleo manchados; um recipiente com sabão e um porta-toalhas de papel na parede acima de uma pia. O efeito era em parte de um motel barato, em parte de banheiro público.

Archie estava sentado lá de moletom e uma camiseta emprestada de algum almoxarifado do hospital, suas próprias roupas eram um monte molhado em um saco plástico aos seus pés, ao lado de seu casaco.

O ecossistema foi restaurado, tudo estava em ordem.

Henry estava vivo, por enquanto, coração batendo, bombeando sangue. Mas os exames toxicológicos ainda não tinham revelado nada, então não havia

nada que os médicos pudessem fazer, além de tentar manter a respiração de Henry até que seu corpo lutasse contra tudo o que o tivesse desligado. Archie não estava disposto a sentar e esperar que o coração de Henry parasse novamente.

Havia muitas coisas em que Archie não era bom. Ele sabia disso. Ele poderia listá-las como os nomes dos membros da família. Ele não tinha sido um bom marido. Ele tinha sido fraco, autoindulgente e descuidado. Ele tinha cedido à tentação e mentido. Ele decepcionou as pessoas que dependiam dele. Mas ele era um bom detetive, sempre um bom detetive — quase sempre. Ele podia encontrar assassinos. Ele podia salvar vidas.

A frente de sua cabeça latejava. Ele pressionou o polegar e o indicador contra a ponte de seu nariz. Ele podia sentir a água do rio na parte de trás de sua garganta, enferrujada e pegajosa como cola. Era no meio da noite, mas o sono ainda estava longe. Ele estava vagamente consciente de que Claire tinha descido para encontrar a irmã. Ele não sabia que Claire tinha uma irmã. Mas ela estava aqui agora. Isso era bom. A irmã estaria aqui para Claire, Claire para Henry. Isso significava que Archie poderia ir fazer o que ele era bom — seu trabalho.

Eles tinham que voltar para o parque. Eles tinham que recriar os últimos passos de Henry. A equipe de Archie já estava lá em baixo. Eles tinham que ficar à frente da enchente.

Ele aparentemente havia perdido as botas no rio. Teria que sair de lá com o moletom e as sapatilhas hospitalares. Mas ele tinha que voltar para seu apartamento para se trocar antes que pudesse trabalhar.

Mas, primeiro, Archie tinha que falar com o menino.

O menino estava no rio a menos de 800 metros de onde Henry tinha sido encontrado. Havia milhares de pessoas entre eles. Mas Gretchen tinha ensinado Archie a não acreditar em coincidência, e ele se perguntava agora se o ataque a Henry e o menino no Willamette estavam relacionados de alguma forma. Henry tinha visto algo? Teria ele tentado ajudar?

Archie inclinou-se e colocou a mão no braço de Henry. Estava mais frio do que deveria estar, como algo não muito vivo. Os olhos de Henry estavam

fechados, e um leve brilho de suor umedecia sua testa. Uma veia ziguezagueava através de sua têmpora.

"Fique de olho nas coisas aqui para mim", disse Archie. Sua voz soava áspera e alta no silêncio.

Ele saiu da sala e quase colidiu com Susan, que tinha as mãos cheias de pacotes de salgadinhos e estava levando uma torre de recipientes plásticos tampados de suco de laranja presa entre o queixo e punho.

"Eu trouxe comida", disse ela. Seu cabelo cor de framboesa parecia especialmente selvagem, elétrico da chuva e das luzes hospitalares. Ela pareceu vê-lo perceber isso, e soprou uma mecha que tinha caído sobre um olho. A mecha voou para cima, e depois caiu de volta exatamente onde ela tinha estado. Ela tirou a capa de chuva amarela e amarrou-a ao redor de sua cintura.

Uma enfermeira saiu de trás de uma mesa. O uniforme dela era rosa e ajustado, calças cargo com vários bolsos. Seu cabelo loiro estava puxado para trás em um rabo de cavalo. No início Archie pensou que ela estivesse indo repreendê-lo por ter deixado o pronto-socorro, mas ela estava olhando para a braçada de lanches de Susan. "Você não pode simplesmente pegar tudo isso", ela disse a Susan.

Susan girou meio passo e protegeu a comida. "Estavam em armários abertos".

Archie se colocou entre elas. "Eu preciso falar com o garoto que veio comigo", disse à enfermeira. Ele usou a sua melhor voz de autoridade, embora o moletom provavelmente trabalhasse contra ele. O elástico do cós mal ficava por cima de seus quadris.

A enfermeira puxou o rabo de cavalo. "Ele está descansando."

"É um assunto de polícia", disse Archie, com um pouco mais de firmeza.

O lábio superior dela apertou-se. Ela tinha as linhas finas de um fumante em torno de sua boca. "Eu vou ter que verificar com meu supervisor." Ela virou-se e correu. Seus tênis brancos não fazendo nenhum som no linóleo.

Archie segurou o saco com suas roupas e esperou. Se eles não o deixassem falar com o garoto, não havia muito que ele pudesse fazer sobre isso. Ele olhou de volta para o quarto de Henry, mas ele só podia ver os pés de Henry dali. Um amontoado debaixo de um cobertor bege. Archie pensou que, no entanto, ainda podia ouvir a máquina: inalando, exalando...

Susan pigarreou.

Archie olhou para ela. Ela ainda estava equilibrando a coluna ridícula de suco. O cabelo ainda estava em seu rosto.

"Quarto onze", disse ela em um sussurro.

Ele levou um segundo.

Ela virou a cabeça na direção do posto de enfermagem, e Archie seguiu seu olhar até que notou o quadro gigante pendurado na parede. Nele estavam os nomes e os números dos quartos de todos os pacientes da enfermaria. INDIGENTE, HIPOTERMIA, QUARTO 11.

O garoto ainda estava listado como indigente. Fazia duas horas, desde que tinha sido trazido para o hospital. Tinha que estar em todos os noticiários. Mas se eles não tinham um nome, isso significava que o menino não havia sido reivindicado.

Como é que uma criança desaparece durante uma enchente e ninguém nota?

Henry estava no quarto três.

A UTI era em forma de ferradura. Por sorte, Archie teria brincado se ele estivesse se sentindo com o coração mais leve.

Ele começou a andar, contando os quartos conforme ele passava, Susan em seus calcanhares, ainda com os salgadinhos. Não havia um corredor, apenas uma variação em linóleo cor telha, um caminho preto e grosso no chão, que poderia ter sido um corredor. Archie olhou para cada cama que eles passavam, encontrando apenas fraqueza, rostos inconscientes. Sem balões. Sem flores. Inanimado assim, até as pessoas pareciam as mesmas.

"É o Próximo", disse Susan.

Quarto Onze

Três paredes. Uma pia. Um armário de madeira. Mesmas cores e banheiro sem estética. Exceto pela cama de plástico moldado bege este quarto estava vazio. Alguém tinha estado lá, e recentemente. Os lençóis brancos foram atirados para trás, o travesseiro amassado. Mas não havia ninguém no quarto agora.

Archie verificou o número em cima da cama.

Era o quarto certo. Archie reconheceu o que parecia serem cobertores térmicos deixados de lado no chão.

"Talvez ele tenha tido alta", disse Susan.

Seus pais teriam vindo e o reclamado, afinal?

A enfermeira de uniforme rosa silenciosamente movimentou-se em seus tênis brancos. Outra mulher, mais velha e mais robusta, seguia atrás dela.

A enfermeira de rosa olhou para Archie e deu-lhe uma careta de desaprovação. "Você não pode...", ela começou a dizer, mas parou quando viu a cama vazia. Seus olhos se arregalaram. Ela estava usando rímel azul.

"Onde ele está?", perguntou Archie.

Ela olhou para a outra enfermeira, que vestia uniforme verde — velha escola, sem calças cargo para ela — e óculos em torno de seu pescoço em uma prática corrente dourada. Um pequeno anjo de prata estava preso acima de seu coração. Era a supervisora da de rosa, Archie supôs.

A enfermeira rosa hesitou e agitou uma mão no ar. "Ele deveria estar aqui", disse ela.

Susan ainda estava segurando os salgadinhos, mas ninguém parecia tão preocupado com isso.

Todos ficaram olhando para a cama vazia como se ela pudesse levantar-se e sair também.

"Marcie", disse a supervisora calmamente para alguém atrás da mesa, "o onze foi a algum lugar para exames?"

"Não", Marcie respondeu.

"Então, onde está?" Archie disse novamente entre os dentes cerrados.

"Verifique o banheiro", disse a supervisora, e a enfermeira de rosa se encaminhou para uma porta próxima e abriu-a.

"Vazio", relatou.

Todos olharam um para o outro, impotentes.

Como pode uma criança desaparecer de uma UTI? Uma criança que ninguém reportou como desaparecida, e que ninguém percebeu sair a pé da sua cama de hospital, na calada da noite.

"Chame a segurança", disse Archie. "Talvez ele ainda esteja no hospital."

"Nós nem sabemos o seu nome", disse a supervisora, quase para si mesma. "Ele nunca disse uma palavra."

Susan avançou, e Archie quase lhe disse para parar, para ficar do lado de fora do quarto do menino, mas havia algo na intenção dela que o fez esperar de súbito. Ele observou enquanto ela caminhou até a cama e abriu os braços e deixou os recipientes de suco e pacotes salgadinhos caírem sobre o colchão.

"Ela não pode simplesmente pegar todos os salgadinhos", a enfermeira rosa disse novamente.

"Ninguém se preocupa com os salgadinhos, Heather", sua supervisora estalou.

Susan ficou de quatro e entrou debaixo da cama. Ninguém se mexeu. Susan retirou a mão de debaixo da cama. Havia algo nela. Ela balançou sobre os calcanhares e estendeu a mão para Archie, a palma para cima, como um menino de rua à procura de um trocado.

Archie arrastou-se para frente e olhou para o objeto na palma da mão de Susan. Era de metal enferrujado e parecia uma chave, mas era pequena — do tamanho de uma tachinha. Como algo que abriria uma pequena porta.

"O que é isso?", Perguntou Archie.

"Sonda", disse Susan.

A GAROA ERA implacável. Era o tipo de chuva que caía em seus olhos e escorria pelas suas bochechas, e parecia que todos estavam chorando. Archie tinha ido para casa e colocado umas calças de veludo. Isso era uma das coisas que você aprende vivendo em Portland — evitar brim molhado. A absorção do algodão levava a água para cima de modo que as bainhas molhadas iriam subir até seus joelhos. O brim suga o calor do seu corpo como um banho frio. Quando eles encontravam pessoas desaparecidas, mortas por hipotermia na neve, e elas estavam vestindo brim, não eram os alpinistas. Eles eram os caminhantes. Turistas. Os alpinistas não usavam brim. Eles usavam chapéus de lã e roupa interior térmica e polipropileno.

Eram duas da manhã, e a multidão ainda estava trabalhando no paredão na margem do parque. O clima ameno que havia causado o degelo estava frio, mas apenas para os menos de quarenta anos, para os acima estava congelando. A gravidade estava puxando o escoamento de todo o córrego da montanha diretamente para o vale abaixo.

Archie estava usando sapatos de couro marrom. Imaginou suas botas no rio em algum lugar, flutuando ao lado do excesso de porcaria que a inundação tinha arrastado junto: garrafas de cerveja vazias, troncos, isqueiros, preservativos, tampas plásticas de garrafas, jarros de água, e um ocasional sapato de couro perdido. Os sapatos de couro amarrados aos tornozelos. Clarks. Debbie tinha dito a ele uma vez que eles tinham saído de moda por volta de 1980, mas Archie tinha um fraquinho por eles.

Toda a Praça Japanese American estava isolada com fita amarela. A julgar pelos feixes de lanternas, havia cinquenta policiais lá, pelo menos. Alguns deles conheciam Henry. A maioria provavelmente não. Mas era assim mesmo. Se um dos seus for ferido, você aparece. Não importa que seja no meio da noite e um estado de emergência foi declarado. Cinquenta policiais. *Muitos*, Archie pensava.

Todos conheciam Archie. Ele tentou não pensar nisso agora. Gretchen Lowell lhe trouxera mais do que a sua quota de infâmia. Dentro das fileiras do Departamento de Polícia de Portland, ele era um fantasma ou um profeta. Os que pensavam que ele era um fantasma de volta dos mortos evitavam o contato com seus olhos. Os que achavam que ele era um super policial com um alto conhecimento em serial killers, não o deixavam em paz. Eles pensavam que ele era inteligente, corajoso e sortudo.

Ele não era nenhuma dessas coisas.

Sem sorte, de qualquer maneira. Certamente não tanto. Todo mundo ao redor dele sofreu, de uma maneira ou de outra.

Agora Archie tinha de compensar isso, tinha que encontrar uma maneira de salvar Henry. Ele não poderia fazê-lo de pé lá sozinho na chuva.

O detetive Jeff Heil subiu. Archie reconheceu seu passo. O céu era uma espessa camada de nuvens, que encobriu a lua e as estrelas e parecia ter o seu próprio grande brilho natural. Não era o suficiente para enxergar. E até mesmo os edifícios que se alinhavam à beira-mar estavam escuros — as luzes que normalmente eram deixadas acesas à noite tinham sido apagadas, a caixa elétrica foi desligada para evitar curtos circuitos.

Heil ergueu o feixe de luz, iluminando seu rosto comprido. Seu cabelo loiro escuro estava tão molhado que parecia pintado, e as sombras do feixe feitas nas maçãs do seu rosto esculpidas pareciam ainda mais acentuadas do que o habitual. Heil se juntou à força-tarefa de Archie um ano e meio atrás, quando Archie tinha voltado de sua licença médica pós-Gretchen de dois anos. Archie se entupia de Vicodin durante todo o dia naquela época. Heil tinha que ter sabido disso. Mas, tanto quanto Archie sabia, ele nunca disse nada.

"Então?" Archie disse, enxugando a chuva de debaixo de seus olhos.

Heil baixou a luz. "Nós procuramos por tudo", disse ele. "Não havia nada lá. Só merda de pássaro. Lama." Ele segurava alguma coisa. "E isso."

Archie focou sua própria lanterna para cima para ver que Heil estava segurando um saco de provas de plástico.

Ele estava vazio.

"É uma pista invisível?" perguntou Archie.

"É um saco plástico", afirmou Heil. Ele se conteve. "Quero dizer, dentro do saco plástico."

Heil centrou a sua luz sobre o saco, também, e deu-lhe uma pequena sacudida.

Archie pegou-o e deu-lhe um olhar mais atento. Havia algo dentro de plástico, quase exatamente do mesmo tamanho que a própria bolsa de provas. Pela aparência dele, era um saco plástico Ziploc para congelador.

Parecia limpo. Nenhum resíduo de drogas. Nenhuma migalha de sanduíche. "Um caminhante com seu cachorro poderia ter deixado cair isso", disse Archie.

Os cidadãos de Portland eram fanáticos recolhendo coco de seus cachorros. Os sacos escolhidos eram biodegradáveis — compravam aqueles destinados para a recuperação de resíduos, ou as luvas de plástico azul que vinham no *The New York Times*. Em algum lugar havia um aterro sanitário repleto de sacos de plástico azul do *NYT* amarrados e cheios de merda.

"Claro", disse Heil. "Mas eu queria te mostrar alguma coisa, e isso é tudo o que temos."

Um saco plástico vazio. Se isso era uma metáfora, eles estavam ferrados.

"Onde está o cara que tinha o telefone de Henry", perguntou Archie.

"Embaixo da ponte".

Heil seguiu a frente de Archie na avenida, se movendo entre os voluntários e os guardas que ainda empilhavam sacos de areia em sua corrida contra o tempo. Archie estava grato pela multidão. Havia ainda equipes de notícias locais no local, e ele não queria ficar em evidência. Eles poderiam estar em cima dele em instantes, as câmeras ligadas, querendo detalhes sobre o resgate.

A essa altura o departamento já teria ido a público sobre o menino desaparecido. As câmeras de segurança do hospital haviam capturado sua imagem desfocada saindo, sozinho. Era uma péssima foto — apenas 3/4 do seu perfil, ainda vestido com a roupa do hospital, com os pés descalços, fugindo para a chuva da meia-noite. Isso foi um flashback para Archie — salvar alguém e depois perdê-lo imediatamente. Clássico.

Levou um tempo olhando para a fotografia para Archie perceber o quanto o garoto parecia com seu filho.

Ele se perguntou se era mesmo um furo de reportagem. Provavelmente ninguém se importava. Provavelmente a notícia era somente sobre a inundação o tempo todo. Os pais do garoto ainda não tinham notado que ele se foi, por que ninguém mais notou?

Archie ainda podia sentir o frio do rio em seus ossos.

"Ali", disse Heil.

Eles estavam sob a ponte Burnside. Archie exalou, de repente sentindo-se mais leve, e ele levou um momento para perceber que era uma sensação estranha estar fora sem que a chuva o molhasse. A laje de concreto da ponte acima deles era suportada por pilares de concreto maciço. Esta ponte foi construída no século XIX e, em seguida, reconstruída em 1920. Não era ruim, com suas Torres da Renascença italiana e bonitas grades de metal. Mas isso era em cima. Aqui era úmido e sujo. Grande parte do ano, aos sábados havia estandes de feira, com seus utensílios para celulares e colares de cânhamo. Mas no inverno não havia feira, e a abertura sob a ponte tornava-se um abrigo para moradores de rua tentando se abrigar da chuva.

Estava lotado lá agora, mas não com os desabrigados. Caminhões da Guarda Nacional, voluntários distribuindo café, veículos do Parques e Recreação — uma festa normal na porta traseira. No centro da ação — superando todos, mas os maiores veículos eram da Guarda Nacional — o maciço e novo centro de comando móvel do DP de Portland. O único sinal dos inquilinos habituais era um carrinho de compras abandonado. Archie viu dois de seus detetives, Mike Flannigan e Martin Ngyun, um de cada lado de um homem que tinha o telefone de Henry. Só que ele não estava mais envolvido em plástico — ele estava envolto em um cobertor de lã cinza. Havia

uma mulher com eles. Ela trabalhava nos serviços sociais. Archie não tinha certeza de como ele sabia — algo sobre sua postura, peito largo, pés separados, não se intimidando pelo caos no ambiente.

As luzes sob a ponte eram diferentes das luzes que iluminavam o projeto do dique; essas giravam, brancas e laranjas, para que tudo mudasse de cor em intervalos de cinco segundos. O efeito era parte zona de desastre, parte discoteca.

Flannigan deu à mulher um toque suave para frente. Ela lhe deu um olhar pesado.

"Esta é Mary Riley," Flannigan disse a Archie. "Ela é da Missão".

A Missão de Resgate de Portland oferecia sopa e abrigo em Burnside, entre outras atividades de caridade. A sopa alimentava tantos que às vezes a fila de pessoas sem-teto se estendia por quarteirões ao longo da calçada da ponte Burnside diretamente acima deles.

"Preciso voltar", disse Riley. Seu cabelo castanho estava enfiado em um gorro de lã e ela estava vestindo uma jaqueta da Columbia Sportswear com uma saia de veludo e meias.

"Ela o identificou para nós", Flannigan continuou. "O nome dele é Dan Schmidt, mas ele atende por", ele levantou os dedos e fez aspas no ar. "Otter. Ele é esquizofrênico. Não está tomando seus remédios. De tudo o que pudermos interpretar, ele encontrou o telefone no caminho da Praça Japanese American. Pegou-o. Não viu nada. Ele continua mencionando essa pessoa Nick. Além disso, algo sobre uma nave espacial e Ronald Reagan. Averiguamos suas impressões. Ele está no sistema, mas nada violento."

Archie podia ver como Dan Schmidt ganhou seu apelido. Com seu cabelo castanho molhado e barba espessa, nariz achatado e sobremordida, ele se parecia com uma lontra (N.T. — *otter* em inglês).

"Ele é inocente", disse Riley com naturalidade. "Agora eu posso tirá-lo do frio?"

Otter nem sequer olhou para eles, com os olhos colados em um ponto no chão. Quem sabia o que se passava em seu cérebro? Com as pílulas certas ele

poderia ter uma história totalmente diferente, poderia ser capaz de descrever exatamente o que aconteceu com Henry. Mas eles não podiam forçá-lo a tomar remédios, não sem uma ordem judicial, e eles não podiam provar que ele tinha feito algo de errado. Não havia uma lei contra pegar telefone celular caído no chão. Se ele não tivesse pegado, eles nunca teriam encontrado Henry a tempo. Ele estaria morto.

"Quem é Nick?" Archie perguntou a Otter.

Otter arrastou os pés. "Rio de pessoas", ele murmurou. Os olhos dele acenderam-se e ele olhou através do Willamette para a Eastbank Esplanade. Era um local de acampamento popular para os vagabundos.

"Você sabe quem é esse Nick?" Archie perguntou a Mary Riley.

"Ele é um tipo de líder aqui", disse Riley. "Vive sob a Hawthorne, eu acho. Mas eu não o vi a semana toda."

Os moradores de rua que viviam em torno do rio tinham a sua própria tribo. A cidade tinha há muito tempo parado de combatê-los. Enquanto eles não vendessem heroína para as mães com carrinho de bebês ou bebessem em público, eles eram deixados em paz. A maioria deles se embrenhava para o lado leste, onde grande parte da esplanada era inacessível para carros e havia muitos lugares para se esconder.

Se Otter não pudesse dizer-lhes alguma coisa sobre o que aconteceu com Henry, talvez Nick pudesse. Era um começo.

"Você tem espaço para ele?" Archie perguntou a Riley, com um aceno de cabeça para Otter. "Se eu precisar encontrá-lo mais tarde?"

"Eu vou abrir espaço", disse Riley.

Archie olhou para toda a atividade por trás deles, os caminhões e equipamentos e pessoas. O lugar fedia com a exaustão e ansiedade. Todo esse trabalho, e eles ainda estavam à mercê do capricho do rio.

Mary Riley lhe entregou seu cartão. "Vou levá-lo agora, e dormir um pouco. Você pode me chamar na parte da manhã, se você quiser agitá-lo mais".

Archie estava guardando o cartão quando ouviu o seu nome. Ele poderia dizer pelos olhares dos detetives sobre seu rosto que era importante. Ele se virou para ver o Chefe Eaton em pé fora do seu trailer de comando, saudando Archie com um braço. Lorenzo Robbins estava ao lado dele, elevando-se sobre ele uns bons 30 centímetros.

Não havia uma boa notícia e não havia más notícias, e Archie principalmente tratava com as últimas. Ele poderia reconhecê-las à distância — certa relutância ao redor da boca, uma inclinação dos ombros — e ele poderia dizer com um olhar que Lorenzo Robbins teve uma má notícia e que o chefe ainda não sabia o que era.

Archie abaixou a cabeça e correu para eles.

O Chefe Eaton estava na chuva vestido em traje de gala completo, com quepe e tudo. Mas ele tinha pontos por não estar na cama. "Você o queria. Lá está ele," Eaton disse a Robbins. "Agora, nos diga o que você sabe."

Robbins respirou fundo e olhou para Archie. Em algum lugar debaixo da ponte, os bipes de caminhão de apoio soaram. "Nós identificamos a toxina", disse Robbins. "Mas você não vai gostar."

ELE VIU A foto do menino no noticiário. Ele estava vivo. Procurado para interrogatório. O detetive encontrado na praça estava em estado crítico. Envenenado, disseram.

Os outros três foram listados como vítimas de afogamento. Tragédias relacionadas à enchente. Foi o que disseram. Dezoito pessoas morreram em todo o estado desde que a enchente tinha começado. Ele tinha lido sobre todos eles. Deslizamentos de terra. Acidentes de barco. Carros arrastados em estradas rurais. O *Herald* sempre parecia descobrir histórias de tirar o fôlego através de algumas testemunhas ou sobreviventes. Ele tinha lido uma história sobre um homem idoso que tinha sido arrastado tentando resgatar sua esposa após o riacho subir em sua fazenda. Os vizinhos o viram mergulhar atrás dela. Ouviram-na chorar por ele. Então ela se foi. Eles disseram que puderam ver a cabeça dele acima da água por um tempo, olhando para o local onde ela havia desaparecido. Talvez ele estivesse esperando ela subir para pegar ar. Mas ela não subiu. E então ele afundou também. Das três, nenhuma parecia ter nada de especial como essa. Para ter uma boa história, você precisava de alguém para contá-la.

Ele pensou sobre como ele prepararia o reservatório.

Eram apenas vinte litros, pequeno para um aquário, mas as coisas ficavam pesadas rapidamente quando você imagina 4.5kg para cada litro de água. Ele suavemente lavou o tanque retangular com a água morna da torneira. Detergentes e sabões eram poluentes para tal ambiente intocado. Ele despejou uma mistura de cascalho azul da embalagem em um pequeno balde limpo que ele guardava na parte inferior da pia e abriu a torneira sobre o cascalho até a água correr clara. Ele rolou os seixos sob as pontas dos seus dedos. O azul era a cor do mar de um cartão postal. Foi por isso que ele tinha escolhido um cenário tão bonito colado por trás do vidro — a imagem de uma ilha grega, casas de gesso branco e telhados vermelhos, mármore descendo por um penhasco para o azul, a água azul. Ele baixou a placa de filtro na parte inferior

do aquário, e depois verteu cuidadosamente o cascalho limpo para dentro do tanque, fazendo um piso azul brilhante com 2 cm de profundidade.

Ele posicionou os filtros e o aquecedor, e depois colocou o tanque na pia embaixo da torneira. Ele colocou uma pequena placa na parte inferior do tanque diretamente sob o fluxo de torneira, para manter o cascalho deslocado. E ele abriu a torneira novamente.

Levou algum tempo para encher o tanque.

Mas ele não se permitiu ficar distraído. Em vez disso ele organizou suas plantas e decorações. Pequenas plantas na frente, mais altas na parte de trás. Ele escolheu um belo castelo, e um capacete de mergulho e uma ponte arqueada. Quando a água atingiu a marca de três quartos, ele os colocou, tomando cuidado para pressioná-los de forma segura no cascalho. Ele deu um passo para trás e admirou a paisagem marinha.

Então ele encheu o tanque até o topo.

Ele abriu a tampa de uma pequena caixa de papelão e levantou a criatura pelo pescoço.

O hamster tinha pequenos olhos negros e um trêmulo nariz rosa. Sua barriga era branca, a cabeça, as costas e as orelhas eram cor de damasco. Suas pequenas mãos rosa estavam em seu peito crispadas em pânico.

Ele largou-o no tanque e fechou a tampa.

Molhada, ele parecia um animal totalmente diferente. Pequeno e liso, os pés rosa desenrolados, patas agitando a água. Seus bigodes apareciam contra a superfície, as orelhas planas para trás, as pálpebras tremulando.

Ele aguentaria por um tempo. Todos eles aguentavam.

Quando ele finalmente cedeu, ele deixou-a descansar por algum tempo no fundo do tanque, sua pele damasco contra o cascalho azul.

E então ele desmontou o tanque, lavar tudo e começar novamente.

Ele ouviu a porta dos fundos ser aberta, e a chuva ficar alta.

"Aí está você," disse ele.

O menino passou por trás dele. Sua bata molhada do hospital agarrando-se a seus joelhos magros.

O hamster nadou e nadou.

O homem olhou para cima ao lado da janela sobre a pia, onde ele tinha colado a coluna que Susan Ward havia escrito, e se perguntou se ela tinha encontrado o que ele tinha deixado em sua bolsa.

SUSAN DEBRUÇOU-SE SOBRE seu computador no *Herald*, bocejou e tentou se concentrar em seu monitor. Nunca tome cápsulas chinesas com o estômago vazio. Isso foi o que a mãe de Susan, Bliss, dissera-lhe. Elas não eram mesmo originais . Eram apenas algumas ervas em cápsulas de gel em um frasco com caracteres chineses nele. Bliss pegou isso de seu acupunturista e deu a Susan antes dela sair em seu cruzeiro de yoga. Era exatamente a cara de Bliss sair em um cruzeiro de yoga pelo Caribe por três semanas alguns dias antes da inundação do século. Ela era sortuda assim. O navio tinha uma política de apagão da mídia, para proporcionar uma "limpeza". Bliss não tinha ideia do que estava acontecendo ao redor de Portland. Isso deixou Susan encarregada da cabra, da pilha de adubo e das goteiras do porão.

Susan se mudou de volta para sua casa de infância, oito meses atrás. Era para ser temporário. Deveria ser apenas até que ela economizasse o suficiente para o pagamento de um loft em um desses armazéns reconstruídos em Pearl District.

Viver com Bliss tinha seus prós e contras. A mãe de Susan usava os cabelos descoloridos e com dreads, boicotava qualquer uso de plástico e recentemente havia obtido um cartão de maconha medicinal para uma não especificada "ansiedade". Mas Susan poderia viver lá de graça. E se você gostasse muito de arroz integral, Bliss fazia uma refeição muito boa. O que Susan não gostava de admitir é que depois do que ela tinha passado ao longo do último ano, tão louco como foi, em casa se sentia segura.

Ela não deveria ter tomado as cápsulas chinesas. Mas eram duas da manhã. E Ian estava exigindo a matéria. Ele já tinha enlouquecido por ela ter ficado no hospital com Henry e Archie ao invés de voltar correndo para o jornal. Ela realmente se irritou com ele neste momento. Ele nem sequer pagou-lhe o táxi.

"Só isso?" Ian vociferou. Ele estava comendo batatas chips sabor salsa e cebola da máquina automática. Susan podia cheirá-las em seu hálito. Ele sentou-se na beirada da mesa, quase derrubando sua bolsa no chão. Ela mudou enfaticamente a bolsa para o outro lado de seu teclado. "Você escreveu uma coluna de duas mil palavras sobre um velho esqueleto de cão encontrado em um parque, e eu tenho trezentas palavras sobre um policial quase assassinado?" Ian disse.

"Derek já escreveu a notícia."

"Você estava lá quando ele foi encontrado. Eu quero saber como ele parecia. Quero senti-lo morrer na página."

"Ele é meu amigo", disse Susan.

"Você é uma jornalista. Aja como uma. Eu quero a matéria reescrita em 20 minutos."

"Não."

"Eu posso demiti-la."

Susan ignorou-o.

Ian jogou as mãos no ar. "Você sabe o quê?" Ele balbuciou por alguns segundos e em seguida apontou para ela. "Você está demitida".

Susan olhou para os lados. Ele estava brincando? "Você não pode fazer isso."

"Ian", disse Derek.

Ian apontou o polegar para Derek. "Eu posso contratar dois dele para substituir uma de você", Ian disse a Susan. "Você não é tão especial." Ele alisou o rabo de cavalo de volta no lugar. "Arrume uma caixa", disse ele. "Eu estou ligando para o RH." E ele se afastou.

Ele estava falando sério.

Isso não estava acontecendo. Isso era tudo uma alucinação das cápsulas chinesas. Era por isso que as pessoas não devem usar drogas.

Ela colocou a bolsa no colo e segurou-a lá.

"Você quer que eu te ajude a encontrar uma caixa?" Perguntou Derek.

"TETRODOTOXIN", DISSE ROBBINS.

Archie não tinha ideia do que era, mas Robbins estava certo — ele não gostava do som disso. O Chefe Eaton, evidentemente, não gostava, também, porque ele imediatamente colocou a mão no ombro de Robbins, fez sinal para Archie com a outra, e conduziu os dois para longe dos outros, de volta para o centro de comando móvel. De perto, parecia ainda maior e mais moderno, nenhum arranhão em sua pintura preta brilhante. Eaton os levou pela parte de trás do veículo. Archie nunca havia entrado. Mas ele tinha imaginado fileiras de monitores de tela plana e telefones vermelhos. Luzes cercavam o trailer, como se fosse parte de uma exibição de showroom para venda . Mas pelo menos eles poderiam ver uns aos outros.

Eaton baixou a voz: "Tetro— o que?" ele perguntou a Robbins.

O caminhão estava em marcha lenta e a fumaça de óleo diesel era grossa no ar. Eaton tossiu e afrouxou a gravata.

Bioterrorismo. Archie sabia que era o que o chefe estava pensando. Isso era para onde o pensamento nos levava nestes dias. Archie não sabia o que era tetrodotoxina, e ele não se importava. Eles identificaram. Tinham encontrado o que tinha envenenado Henry. Agora eles poderiam ajudá-lo.

"Tetrodotoxin", disse Robbins. "É uma neurotoxina produzida por uma bactéria. TTX, abreviado."

Neurotoxina. Isso não soa bem.

"O que estamos falando aqui?" Perguntou Archie.

Robbins hesitou, depois enfiou a mão no casaco, pegou um pedaço de papel dobrado, desdobrou-o, e entregou-o a Archie. Archie reconheceu o formato. Era uma página da Wikipedia.

Archie viu os cabeçalhos: Classificação, Comportamento, Alimentação, Reprodução, Veneno. Uma imagem à direita mostrava uma criatura em forma de espada carnuda com tentáculos moles. Era bege, e manchado com anéis azuis incrivelmente brilhantes. Eaton inclinou-se, apertando os olhos para ver a página sobre o ombro de Archie.

"O que é isso?" Perguntou Eaton.

Archie olhou para Robbins. Era uma piada? Robbins encontrou o olhar de Archie sem um traço de levandade.

"Um polvo de anéis azuis", disse Robbins.

"Um polvo," Archie repetiu. Parecia tão ridículo dito em voz alta quanto pareceu quando ele disse em pensamentos.

Ninguém falou por um momento. Havia barulho. Vozes em torno deles, motores a diesel em marcha lenta, rádios estalando, ordens sendo gritadas, o sussurro constante da chuva, o rio correndo — mas era também estranhamente silencioso, ausência dos ruídos que deveriam cercá-los. A ponte Burnside estava suspensa, por isso não havia automóveis circulando por ela. Naito Parkway, que corria paralela ao parque, foi fechada para todos, exceto para o pessoal da emergência. Nenhum grito de pássaros, crianças rindo ou cães latindo.

"O Detetive Sobol foi atacado por um polvo?" Eaton perguntou. Não havia julgamento nele, apenas um homem encarregado de repetir as informações que lhe tinham sido dadas por um especialista. Archie podia ver por que o cara tinha sido promovido.

Robbins inclinou-se perto deles, com o rosto tenso. "Não apenas Henry — as outras três vítimas, também. Todos testaram positivo para TTX".

Isso fazia sentido. "As feridas nas palmas das mãos", disse Archie. "Mas alguém não poderia ter isolado o veneno? Tê-lo injetado com uma seringa?"

"O ponto de entrada nas palmas das mãos é de um ferrão, não uma agulha", disse Robbins. "Um anel-azul envenena sua presa por punção com o ferrão. Mas deixe-me ser claro, isso não foi acidental. Esta coisa está sendo usada como arma."

"Então, qual é o antídoto?" perguntou Archie.

"Não há antídoto."

O que significava que não havia cura. O que significava que Henry ainda estava morrendo. Archie sentiu uma onda de náuseas correr por cima dele, e ele estendeu a mão e segurou-se na parte de trás do trailer.

"O tratamento são cuidados paliativos", Robbins disse rapidamente. "Mantê-lo respirando. Mantendo o coração batendo. Ele tem sorte que Claire e Susan encontraram-no naquele momento. Se ele aguentar as próximas vinte e quatro horas, ele terá chances de se recuperar."

Eaton puxou um pouco mais sua gravata, e olhou em volta deles para a Guarda Nacional, a polícia, o esforço pesado com os sacos de areia que haviam atraído milhares de voluntários para a beira do rio. Ele não parecia mais tão calmo. "Espere um pouco, filho", disse Robbins. "Você está dizendo que há um tipo de polvi mortal na água?"

Archie podia ver Robbins se eriçar com a palavra "filho".

"Polvo", disse Robbins. "'Octopi só seria correto para a segunda declinação do substantivo Latino. 'Octopus' é uma terceira declinação masculina grega. E não, não é isso que eu estou dizendo."

Archie estava fazendo contas. Ele esteve com Henry às seis. Agora eram quase três horas. Nove horas se passaram. Faltavam quinze horas. Quinze horas entre a vida e a morte. Isso não costumava parecer um longo tempo. Você poderia dirigir de Portland para Los Angeles em 15 horas. Agora parece uma vida. Para Henry poderia ser.

Três pessoas foram assassinadas.

Archie tossiu, o gosto de diesel na boca.

"A água está subindo", disse Eaton. "Se há algo mortal lá, é preciso alertar as pessoas."

Eles não estavam na água. O chefe não tinha feito a conexão ainda.

"Os polvos vivem no oceano", disse Archie. Ele examinou o parágrafo da Wikipedia sobre o habitat, a página já amassada e úmida na mão. "Esses polvos de anéis azuis, seu habitat é a água salgada temperada. Eles não durariam mais do que alguns minutos no Willamette".

O telefone de Eaton tocou. Ele não atendeu. Ele colocou a mão no estômago, como se estivesse doendo. "Então onde eles estão pegando essas pessoas ", ele perguntou. "Na calçada?"

Archie pensou nisso. "Talvez alguém entregue a coisa para eles."

"O quê?" Robbins disse secamente. "Tipo, 'Aqui, segure meu polvo".

A mente de Archie estava trabalhando agora. Ele não sentia mais frio. Era como se tudo mais ficasse distante e o mundo se resumisse a esta tarefa, a este único trabalho — encontrar a resposta. Foi o que o fez ser um bom detetive, e um péssimo marido. "De onde você tira essas coisas? Dos lados da Austrália?"

Você pode comprá-los no eBay", disse Robbins. "Eu verifiquei."

Eaton balança a cabeça lentamente. "Um maluco está usando um peixe maldito para matar pessoas?"

"Não é um peixe", disse Robbins. "Um cefalópode."

Archie lembrou do saco de plástico vazio que tinha encontrado na Japanese American Plaza.

"Qual o tamanho dessas coisas?" Archie perguntou a Robbins.

"Aproximadamente?" Robbins disse com um encolher de ombros. "O tamanho de uma bola de golfe, talvez."

Archie se afastou da parte de trás do centro de comando e olhou ao redor para onde Heil, Ngyun e Flannigan estavam de pé, esperando por notícias de Henry e da toxina. Os três empertigaram-se quando eles viram Archie caminhar até eles.

"Heil", Archie chamou. "Encaminhe o saco para testes por vestígios de água salgada."

Archie olhou para o chefe, para Robbins, passando pelos voluntários e pela Guarda Nacional, além do paredão, e sobre o rio. A Eastbank Esplanade era composta por uma série de passeios e docas flutuantes, passarelas de aço escovado e escuras passagens subterrâneas — que já tinham começado a inundar. As luzes que normalmente iluminavam a passarela à noite tiveram um curto-circuito. Partes da esplanada já estavam supostamente debaixo d'água. Estava escuro, úmido e frio.

Alguém tinha de ter visto algo.

"O que você está pensando?" Perguntou Robbins.

Archie olhou para seus sapatos errados, sua jaqueta errada e suas calças erradas. Ele espirrou. Então ele olhou para trás através do Willamette escuro .

Não era como se ele fosse conseguir dormir de qualquer maneira.

"Que eu quero me mudar para o deserto", disse Archie.

SUSAN TINHA LEVADO suas flores com ela. Fez seis viagens. Sete, incluindo a caixa com toda a porcaria da sua mesa nela. Uma caneca dos Hooters (N.T. — Cadeia de restaurantes que moças de patins servem frango frito). Uma cabeça para frenologia (N.T. — estudo para funcionalidades do cérebro) de cerâmica. *O Dicionário de Gíria americana*. Duas garrafas fechadas de vinho tinto. Essas coisas tomavam espaço.

Que tipo de pessoa despede alguém no meio da noite? Na chuva?

Ela não conseguia dormir. Muitas cápsulas chinesas. Então, ela se serviu de seu quarto copo de vinho tinto, recostou-se no sofá, e perguntou em que ponto beber tarde da noite tornou-se beber de manhã. Se ela fosse para a cama, ela ficaria ali deitada obsessivamente de qualquer maneira. Ela tinha sido demitida. Exterminada. Acabada. Empacotada. Dita que fosse fazer uma longa caminhada pelo pequeno cais.

Foi melhor, ela decidiu. Receber o bilhete azul. Ser indicada a porta de saída. Essa coisa toda. Ela tinha dinheiro guardado. E ela não tinha que pagar aluguel. Agora, ela estava livre para escrever o que ela quisesse. Ela estava livre do carpete cheio de ácaros, das luzes fluorescentes e das pessoas que pegavam o elevador por um andar em vez de subir as escadas. Ela estava livre dos recepcionistas do lobby que sempre fingiam não se lembrarem quem ela era. Ela estava livre de Ian.

Havia muitos buquês na sala. O que ela estava pensando? Cheirava a banheiro de restaurante chique — orquídea opressivamente doce.

Levantou-se e farejou ao redor da sala até que encontrou os possíveis culpados. Lírios. Ela sempre tinha pensado que lírios eram do tipo que fediam. Quem queria uma flor que você podia sentir o cheiro de lá em cima? Os romanos acreditavam que os lírios foram criados quando Juno estava amamentando Hércules, e o leite caiu do céu. Leite materno da antiguidade. Isso é o que os lírios eram.

Susan tirou os lírios do vaso de barro onde ela colocou-os e segurando-os com o braço esticado, se dirigiu para a porta dos fundos. Ainda estava chovendo. Choveria durante o resto de sua vida. Ela podia ouvi-la lá fora, caindo em torrentes das calhas transbordantes da casa vitoriana de sua mãe. Susan calçou botas de borracha e o poncho mexicano de Bliss mantido em um gancho na porta dos fundos, acendeu a luz da varanda, e saiu para o quintal com o buquê.

A pilha de compostagem (N.T. — reciclagem de matéria orgânica) estava na parte de trás do quintal. Sua mãe não tinha atualizado para os grandes barris de plástico preto com tampa que todo mundo em Portland parecia ter. As pessoas em Portland estavam cada vez mais obcecadas com a reciclagem. Mesmo os grupos de fast-food faziam isso, pelo menos os de propriedade local. Você pegava sua bandeja e levava 10 minutos para descobrir em qual das cinco categorias seu lixo se encaixava. Mas Bliss era da velha escola. Ela ainda tinha o curral gigante de madeira e arame que o pai de Susan tinha construído antes de ele ficar doente. Você tinha que tirar os tijolos da lona que cobria o material no qual você queria misturar o lixo orgânico, e em seguida, misturava o composto com um tridente enferrujado que enviaria pessoas correndo para uma vacina antitetânica.

Susan pisou no meio da lama, queixo para baixo contra a chuva. Os tijolos estavam molhados e a lona estava viscosa, mas ela conseguiu atolar os lírios no lixo e, em seguida, recolocou a tampa.

Isso a fazia sentir-se bem.

Não tão bem quanto ter um emprego.

Mas era bom.

Ela estava voltando para casa, quando ouviu a cabra. Ela fez um pequeno som de cabra.

"Oh, vamos lá," disse Susan.

A cabra estava em pé na chuva, olhando para ela. Ela choramingou novamente.

"Vá para sua casa", Susan disse, apontando para a grande casinha de madeira que Bliss tinha pintado para parecer um chalé tudor psicodélico. A cabra ficava amarrada a uma estaca, mas não tinha muito espaço para se mover.

A cabra ficou ali se molhando.

Talvez fosse o vinho, mas Susan de repente sentiu-se muito mal pela cabra. Lá fora sozinha no escuro como breu. Presa em um quintal urbano. Será que aquela cabra sonhava com fazendas? Com verdes pastagens e filhos?

"Você está sozinha, não é?" Perguntou Susan.

A cabra baliu.

Susan se aproximou e soltou a corda da cabra, e levou-a pelo colarinho subindo os degraus da varanda dos fundos para a cozinha. A cabra fez uma pequena dança no piso de madeira. Susan pensou que ela parecia feliz.

Ela tirou suas botas enlameadas, tirou o poncho molhado, e abriu outra garrafa de vinho. Em seguida, ela secou a cabra com um pano de prato e levou-a para a sala.

A cabra andou em círculos algumas vezes, como um gato, em seguida caiu no sono no tapete. Cheirava um pouco, mas era melhor do que os lírios.

A ESPLANADE EASTBANK tinha sido concluída em 2001 — um quilômetro e meio de passarela encravada entre a interestadual e o lado leste do rio, e para o lado oeste ligada com passarelas de pedestres sobre as pontes Steel e Hawthorne.

Archie estacionou no estacionamento público da esplanada, que havia sido escondido sob um nó de viadutos, na autoestrada, perto da ponte Hawthorne, e olhou para Heil. Ele teria vindo sozinho, se pudesse ter fugido dele. Heil era um bom policial. Mas ele não era Henry. E ele falava demais.

"Você sabia que dois lts de água são suficientes para lavar um carro", disse Heil.

"É bom saber", disse Archie.

Heil olhou para o céu escuro. "O sol sairá em quatro horas", disse ele.

Não breve o suficiente, pensou Archie.

Eles saíram do carro. As autoestradas acima bloquearam a chuva, mas a água caía em cascatas ao longo de cada borda. Os postes ainda estavam acesos. A água que corria em toda a superfície do estacionamento refletia seu brilho branco.

"Quatro centímetros de água em movimento pode derrubar alguém", afirmou Heil.

Um carrinho de compras vazio estava sozinho no estacionamento. Mais alguns, carregados com pacotes, foram empurrados para trás de um pilar de concreto. Uma lona azul estava nas proximidades.

Não parecia haver ninguém por perto.

Nenhum saco de areia aqui. Não havia muito a ser atingido. O corpo de bombeiros na beira do rio tinham passado horas evacuando. A água vai

continuar a subir, inundando as ruas laterais e armazéns, mas o potencial de danos à propriedade não era nada comparado ao que era no lado oeste.

A água sob seus pés infiltrou a leste, longe do rio. Não era profunda — somente uns poucos centímetros — mas definitivamente incomodava. Se era a correnteza do rio atual ou apenas o vento, Archie não podia dizer.

"Ali", Heil disse, e Archie virou a tempo de ver um flash de luz, como se alguém tivesse acendido um isqueiro e depois o apagando. Tinha vindo de uma fenda onde as elevadas faixas no sentido norte da I-5 tinham uma inclinação de concreto. Eles se dirigiram para lá, passando oito banheiros químicos azuis que estavam de costas, quatro de cada lado, um torcido ligeiramente fora do alinhamento.

O som ecoou lá, saltando do concreto que os rodeava, apenas para ser quase simultaneamente silenciado pela camada de água sob seus pés.

Archie estava à frente quando ouviu o rosnado vindo da fenda escura da passagem subterrânea. Ele congelou e virou a lanterna bem a tempo de ver a forma marrom rosnando para ele. O cão era todo músculos, suas gengivas aparentes ao redor da vibração dos dentes.

"Pit bull", ele ouviu Heil dizer em voz baixa, urgente.

Não me diga, pensou Archie.

O cão tinha parado dois pés na frente dele, cabeça erguida, olhos treinados em Archie. Ele podia sentir seu rosnar no centro de sua coluna vertebral.

Archie encontrou um ponto quarenta e cinco graus para a esquerda e olhou para ele, manteve o cão em sua visão periférica, evitando o contato visual direto.

Só não se mova, ele disse a si mesmo.

O cão avançou para frente. Archie podia sentir todo o pelo em seus braços se arrepiar.

"Você quer que eu atire nele?" Heil perguntou em algum lugar atrás dele.

Cães tinham períodos curtos de atenção. Se Archie não lhe desse uma razão para atacar, o cão se cansaria e seguiria em frente.

Archie tentou manter seu tom de voz baixo, calmo e casual. "Se ele me atacar, então sim," ele disse, sua voz quase cantante. *Tudo está bem! Não se preocupe!*

"Eu acho que não posso acertá-lo se ele estiver se movendo." Heil pausou. "Quero dizer, não sem acertar em você."

Ótimo.

O cão rosnou e farejou os joelhos da calça de Archie. Archie podia sentir o cheiro dele, cachorro molhado, como seu suéter de lã. Archie fechou os olhos e esperou.

"Gigi", disse uma voz.

Archie abriu os olhos e olhou para o cão, 40kg de rosnado, uma máquina assassina.

Gigi?

A cadela baixou a cabeça, virou-se, e latiu uma vez na fenda escura na curva do viaduto.

Um jovem deu um passo adiante em direção à luz e a cadela correu para ele, virou-se e sentou-se aos pés do seu dono, de frente para Archie.

"Nós não vamos sair", disse o homem.

Ele parecia ter uns vinte anos, latino, barbeado, vestindo jeans e botas de cowboy e um sujo casaco jeans abotoado até o pescoço. Ele era pequeno, mas ele manteve-se com uma autoridade fácil. Ele estava acostumado a estar no comando.

"Você deve ser Nick", disse Archie.

A cadela olhou para o homem, bateu o rabo contra o pavimento, e choramingou. Qualquer indício de agressão tinha desaparecido. Ele esfregou a cabeça dela. "Ela não é geralmente assim", disse ele. "O clima deixou-a apavorada."

Heil adiantou-se, e Archie pegou um flash de sua arma, ainda em punho, mantida contra sua perna. Archie podia ouvir a respiração de Heil, curta e rápida.

"Você pode guardar sua arma," Archie disse a Heil. "O cão está bem agora, certo Nick?"

"Sim", disse Nick.

Heil hesitou, os olhos ainda fixos na cadela.

"Guarde sua arma," Archie repetiu calmamente. Ele não olhou para Heil. Ele manteve seu foco no homem e na cadela. Sem movimentos bruscos. Calmo e casual. Cão raivoso. Homem com uma arma. As regras para a escalada de violência eram praticamente as mesmas.

Um minuto passou. Archie contou. Um minuto, com um pit bull e uma arma, é um tempo muito longo.

Então, depois de um olhar lento ao redor, como se estivesse guardando algo que ele tivesse roubado, Heil guardou a arma.

Archie soltou a respiração que estava segurando.

Nick não se encolheu. Se ele tivesse alguma ideia que seu cão quase tinha levado um tiro, ele não ficaria assim.

"O que você está fazendo aqui?" Archie perguntou a ele.

"Nós vivemos aqui", respondeu ele, a implicação óbvia era: *O que você está fazendo aqui?*

"Talvez você não tenha ouvido a notícia" Heil disse, "mas o rio está subindo. Vê aquele paredão que eles estão construindo ali? Isso pode manter o lado oeste seco. Mas você não os vê construindo um paredão aqui, não é?"

Era um ponto justo.

"Eu disse que nós não vamos embora." A voz de Nick era pesada, com determinação, mas sob ela Archie podia detectar um fio de ansiedade. "Agora, talvez vocês não gostem de dormir, mas nós gostamos. Foi um longo dia. Então, por que vocês só não vão embora, ok?"

"Quantos de vocês estão lá"? Perguntou Archie.

Nick olhou de volta para a escuridão da qual ele saíra. "Está tudo bem", disse ele.

Quatro pessoas se arrastaram para frente, ladeadas por mais dois cães. Dois homens e duas mulheres, todos embrulhados em uma lona ou um cobertor. Suas pálpebras estavam pesadas e os rostos inchados de sono. Archie poderia ver formas por trás deles, e ele levou um momento para perceber que eram coisas — malas pesadas cheias de roupas, bicicletas, barracas dobradas, carrinhos de compras segurando todas as posses mundanas de alguém.

Todas essas coisas, você não poderia levá-las para um abrigo.

Estes quatro e Nick estavam ficando para tomar conta do que conseguiram salvar.

Eles eram todos jovens. Os quatro que acabaram de aparecer usavam moletom com capuz sob outras roupas. Os homens tinham barbas, uma desgrenhada, outra que tinha sido dividida pequenas tranças. As mulheres eram pequenas, as cobertas em que estavam embrulhadas estavam enlameadas e arrastando no chão.

"Estão todos aqui", disse Nick. Ele disse com confiança, como um capitão que tinha evacuado um barco, e então caminhasse pelo convés para garantir que ninguém fora deixado para trás.

Ele se sentia responsável por estas pessoas. Archie reconheceu o impulso.

Não era pelas coisas materiais.

Tinha que haver outra razão. Archie tentou colocar-se no lugar de Nick. O que o faria ficar lá? E então ocorreu a Archie. "Você está esperando alguém?" Ele perguntou.

Algo na postura de Nick mudou, e Archie sabia que ele estava certo. "Este é o lugar onde deveríamos nos encontrar ", disse Nick. "Esse é o nosso plano para emergências. Se nós formos invadidos, ou o que seja. Nós nos encontraríamos aqui. Esperaríamos por todos". Ele fez uma pausa, os ombros caídos. "Eu não pensei na possibilidade do rio subir quando eu fiz esse plano."

"Otter não virá", disse Archie. "Ele está a salvo. Ele está na missão".

Nick se endireitou. "Você já viu Otter?" Disse. Os outros quatro trocaram olhares.

"Nós tivemos que interrogá-lo", disse Archie. "Um detetive da polícia ficou ferido no início desta noite. Otter estava com seu telefone celular."

Uma das mulheres mais jovens protestou. "Otter não o machucou", disse ela.

"Não", disse Archie. "Eu não acho que ele fez isso. Mas tivemos que falar com ele, para ver se ele tinha visto algo. Ele está na missão. Ele está seguro. Podemos levá-los até lá."

Nick olhou para seu grupo, e em seguida, gentilmente colocou a mão sobre a cabeça de seu cão. "Eu não vou deixar Gigi ou os outros dois ", disse ele.

"Outros dois o quê?" Heil disse.

Archie queria que Heil parasse de falar. "Cães", disse Archie.

Ele viu Heil olhar para os cães com as quatro pessoas do rio, e então de volta para Nick e Gigi. "Oh," ele disse.

"E se eu puder fazer arranjos para você, seus amigos e seus cães?" Perguntou Archie.

"E as coisas?" Uma das mulheres perguntou.

Nick ignorou. "Você acha que pode fazer isso acontecer?" Ele perguntou a Archie.

Archie acenou para Heil pegou o cartão de Mary Riley e entregou a ele. "Ligue para ela", Archie disse. "Explique a situação."

"E se ela disser não?" Perguntou Heil.

"Então, todos eles ficarão na sua casa", disse Archie.

"Eu moro nela", afirmou Heil, e ele deu alguns passos para fazer a chamada.

"Eu preciso fazer a todos vocês algumas perguntas," Archie disse a Nick. Nick e seus amigos olharam para Archie. Archie tentou descobrir uma maneira de expressar o que ele precisava saber, sem soar como um lunático, então decidiu que não havia uma.

"Isso vai soar um pouco louco", Archie disse, "mas aquele policial que mencionei anteriormente? Ele foi envenenado por um polvo."

O homem com a barba espessa disse: "Os polvos vivem no oceano, cara."

Ótimo. Um biólogo marinho. "Isso é verdade", disse Archie. "Nós pensamos que alguém pudesse estar carregando um polvo, talvez em um saco plástico. Este não é o primeiro envenenamento. E todos eles aconteceram perto do rio."

"Então," Nick disse lentamente, "você quer saber se vimos alguém com um polvo?"

"Muito".

Uma das mulheres fez uma careta. "Tem aquele cara que sempre pesca na doca. Ele tem um balde."

"Ele está lá todos os dias", disse a outra mulher. "Tem sido assim há anos. Eu nunca o vi pegar qualquer coisa."

"Como se você quisesse comer qualquer coisa que saísse deste rio fedorento" Disse o Barba Espessa desganhada.

"Qual é o nome dele?" Perguntou Archie.

"Nós não falamos com ele", disse Barba Espessa.

"Eu não acho que ele fala inglês", disse a primeira mulher.

"Ele é mexicano?" Perguntou Archie.

"Não, parece estoniano ou algo assim", disse o outro homem barbudo. Ele brincou com uma das tranças em seu queixo.

"Estoniano?" Disse Archie.

"Eu conheci um rapaz cuja família era estoniana", explicou o homem. "Ele parece com eles."

Isso não estava indo a lugar algum. "Alguém mais?" Archie podia ouvir Heil ao telefone, sua voz melancólica.

"Nesta época do ano", disse Nick, "a menos que o tempo esteja estranhamente agradável, aparecem principalmente os tipos radicais 'ao ar livre'. Eles correm, sabe? Eles não trazem nada. Talvez um iPod. E suas roupas são colantes, então veríamos algo sob elas. Alguns dos que caminham com cães ainda aparecem. Eles têm os bolsos cheios de sacos plásticos para pegar o cocô de seus cães."

"Você tem as pessoas do almoço", disse a segunda mulher.

"Pessoas do almoço?"

"As pessoas que trabalham no centro", disse ela. "Algumas delas caminham na hora do almoço, em vez de comer. Você sempre pode identificá-los porque eles têm as roupas de ginástica mais ridículas."

Os outros concordaram com a cabeça.

"Você não viu ninguém agindo estranhamente?" perguntou Archie.

"As pessoas que andam em vez de almoçar é estranho", disse a mulher.

"Além disso", disse Archie.

"O Esplanade foi fechado por dois dias", disse Nick. "As pessoas que temos visto desde então são trabalhadores dos serviços públicos e assistentes sociais. Nós não fomos para o lado oeste, uma vez que levantaram as pontes esta manhã. Otter deve ter ficado preso lá".

Heil ainda estava ao telefone. Archie tinha mais um ponto. Ele pegou a imagem da câmera de segurança do hospital e entregou a Nick. "E quanto a esse garoto? Será que ele parece familiar para alguém?"

Nick olhou para ela e entregou-a para uma das mulheres, que olhou-a e passou adiante. Nenhuma uma mão subiu.

"Ele estava sozinho?" O homem barbudo com as tranças perguntou, olhando para a foto.

"Provavelmente", disse Archie.

Heil voltou, o telefone de volta no bolso.

O homem se aproximou e entregou a imagem do garoto de volta para Archie. "Teríamos notado um garoto sozinho ", disse ele.

Era isso. Archie pegou a foto e dobrou-a em quatro partes, meio para ajustá-la de volta em seu casaco, meio para esconder sua decepção. "Então?" Archie disse a Heil.

"Ela disse que conhece algumas pessoas", afirmou Heil. "Eles fazem resgate de cães. Especializaram-se em pit bulls. Eles podem levar os três cães até que o perigo de inundação passe. Eles são boas pessoas. A mulher é voluntária da missão. Chama-se Violeta."

"Eu a conheço", disse Nick. "Ela trabalha na cozinha da sopa." Ele se virou para os outros. "Aquela com sobrancelhas estranhas." Eles todos pareciam saber de quem ele estava falando.

"Então tudo bem para você?" Disse Archie.

Nick olhou para o seu cão, e depois para cima na direção do rio. "Sim", disse ele.

"E quanto a nós?" Uma das mulheres perguntou.

"A missão está cheia", disse Heil. Ele sorriu, satisfeito consigo mesmo. "Mas ela disse que poderia encontrar espaço para mais cinco."

"Desculpe, mas não podemos ajudar mais", Nick disse a Archie.

"Faça-me um favor", disse Archie. "Pergunte por aí sobre o garoto. Ou sobre qualquer um perto do rio que poderia parecer suspeito."

"Faremos isso", disse Nick.

Gigi bateu o rabo novamente.

"Vê?" Nick disse. "Ela é uma boa cadela".

SUSAN DECIDIU FECHAR os olhos por apenas um segundo no sofá quando o telefone tocou. Se ela não tivesse tão desorientada, ela o teria deixado ir para o correio de voz. Mas ela tinha bebido uma garrafa e meia de vinho e não estava pensando direito. Sua bolsa estava ao seu lado no chão. Ela alcançou-a e procurou a superfície escorregadia de seu telefone, encontrou-o, levou-o a orelha e murmurou algo que soou como um "Alô".

"É Susan Ward?" Perguntou uma voz hesitante. Uma voz de mulher. Idosa.

Susan piscou, tentando clarear a cabeça. "Sim".

"Do *Herald*?"

Susan sentiu algo puxando a perna da calça e olhou para baixo para ver a cabra mordiscando a bainha suja de seus jeans. A cabra. Cristo. Quanto tempo ela tinha dormido? Ela podia sentir a dor de um vergão em sua face onde a bochecha foi pressionada contra a costura da almofada. "Quem é?", Ela perguntou.

"Meu nome é Sra. Gloria Larson. Eu não durmo bem."

Susan esperou.

A linha ficou em silêncio.

"E ?" Disse Susan.

"Eu gosto de ler a Internet", explicou a velha. "Eles têm uma sala de computador para nós aqui. Eu vou lá à noite, quando eu não consigo dormir e eu li a notícia. Eu vi sua coluna no computador. Sobre o esqueleto".

Ela era uma leitora. Um dos muitos idosos intrometidos do *Herald*. As pessoas mais velhas eram os únicos que liam jornais — tipo árvore morta. Pelo

menos esta já estava na era digital. "Como você conseguiu esse número?" Perguntou Susan.

"Eu liguei para o jornal e apertei os números para o sua secretária eletrônica e uma gravação tinha esse número".

Ian tinha mudado a sua mensagem de correio de voz. E deixou seu número pessoal de telefone celular nela. Caralho.

"Sra. Larson, se você quiser pode escrever uma carta ao editor..."

"Você disse que eles encontraram um esqueleto antigo perto do pântano." Gloria Larson fez uma pausa. Algo chamou atenção em sua voz. "Um homem".

"Sim".

"Eu estava em Vanport", disse a mulher. "Em 1948. Eu estava lá no dilúvio."

As fotografias do hospital brilharam na mente de Susan. "Sério? Quero dizer, oh. Sinto muito."

"Aquele esqueleto? Aquele homem que encontraram? Eu acho que o nome dele era McBee." Ela respirou fundo. "Eu tenho que ir. Alguém está vindo."

O telefone ficou mudo.

"Espere!" Susan disse rapidamente. "Vanport? Você acha que ele realmente morreu em Vanport?"

Mas ela estava falando sozinha.

Susan discou asterisco sessenta e nove e foi direcionada para o correio de voz do Lar de Idosos Mississippi Magnolia.

Ela olhou para o relógio. Eram quatro e meia da manhã. Havia pedaços de folhas e galhos espalhados por toda a sala. Folhas desfiadas. Pétalas. Pedaços de cerâmica e vidro.

Os vasos que restaram estavam vazios.

A cabra tinha comido todas as suas flores.

QUANDO SUSAN ACORDOU novamente, ela tinha uma dor de cabeça e estava em sua cama. A cabra tinha sido banida para o quintal. O sol estava alto, ou pelo menos o que seria o sol nesses dias. Por trás das cortinas, a janela do quarto era um retângulo de cinza claro. Ela virou-se e ligou o rádio para verificar as inundações. Eles teriam mais chuva. Estava esquentando. O degelo era feroz. Tinha havido mais três deslizamentos de terra em West Hills. Duas casas destruídas. Susan mudou para a estação de rock alternativo.

Sua cabeça doía.

Mcbee.

Ela não era mais uma jornalista, pelo menos não para o *Herald*. Identificar Ralph não era problema seu. A velha era provavelmente apenas mais um dos malucos do *Herald*. Porém, se ela soubesse de uma coisa, e percebeu isso quando Susan falou de Vanport em sua coluna — seria um argumento.

Isso faria com que ela estivesse certa. E Ian errado.

Ela se levantou, pegou seis Ibuprofenos, fez café, e colocou calça jeans preta e um suéter preto. (Com as botas do arco-íris, cabelo framboesa e impermeável amarelo, uma base neutra era crucial.) Ela aspirou os cacos menores de cerâmica na sala de estar. Então, ela sentou-se e pesquisou "Lar de Idosos Mississippi Magnolia." O horário de visitas era das dez até às dezenove horas. E eles estavam localizados na North Mississippi Avenue, não muito longe do Hospital Emanuel.

Não queria provar algo a Ian. Era para Henry.

Ela sentou-se ao teclado por um momento, reunindo coragem, antes que ela digitasse a URL para o web site do *Herald*. Se Henry tivesse morrido enquanto ela estava dormindo, Hveria uma manchete.

Nenhuma atualização.

Ele ainda estava vivo.

Quem ela estava enganando? Identificar Ralph não faria nada por ele. Não havia nada que Susan pudesse fazer por ele de algum significado real. A menos que ela descobrisse algum dom latente em toxicologia, ela era inútil.

Era muito ruim que Henry não tivesse uma cabra para ela poder se oferecer para cuidar.

Então ela teve uma ideia. Ela não podia criar um antídoto para o veneno, mas talvez houvesse algo que ela pudesse fazer para ajudar. Sua dor de cabeça passou imediatamente, e ela se viu cantarolando alegremente.

Bons samaritanos viviam mais tempo. Fizeram um estudo.

Ela jogou um par de maçãs fora da varanda de trás para a cabra, engoliu seu café, e saiu para o hospital.

* * *

SUSAN ENCONTROU ARCHIE e Claire na UTI com Henry, um de cada lado de sua cama. Claire estava dormindo, enrolada como uma criança, com os joelhos contra o peito. Archie estava inconsciente, cabeça para trás, corpo rígido em um ângulo de quarenta graus, pernas esticadas, cruzadas à altura dos tornozelos. Uma cópia do *Herald* desta manhã estava no colo dele, dobrado aberto na coluna de Susan, A GAROTA MORTA NO OSTRICH. Sua última coluna, ela percebeu.

Susan sempre sentiu uma leve agitação de alegria quando via Archie ler seu trabalho. Isso a fez se sentir um pouco ridícula — como uma criança buscando aprovação. Ele tinha apenas quarenta e um anos, apenas 13 anos mais velho do que ela. Então, por que ela se sentia como uma adolescente?

Ela já havia tido essa segunda opinião sobre ela. Ela teve muito tempo no caminho para o hospital para se sentir como uma idiota. Metade dos postes estava desligada, e uma porção do caminho principal para o norte no lado leste foi fechado, forçando-a a tomar ruas laterais.

Ela tinha o rádio ligado. O rio subiu mais quatro centímetros durante a noite.

Agora, ela olhava para o saco de papel branco na mão. Ela parou na loja de café no átrio e comprou um muffin para Archie. Ela não tinha pensado em pegar nada para Claire. Como ela poderia ter se esquecido de Claire? Claro que Claire estaria lá. E agora aqui estava Susan, com um enorme bolinho para Archie e nada mais. O muffin era do tamanho da cabeça de um gato. Pesava quase um quilo. Talvez eles pudessem dividir. Droga. Ela deveria apenas ir embora. Ela deveria deixar o muffin? Com um bilhete?

Archie se mexeu e abriu o olho.

Por meio segundo, Susan considerou gases.

"Hey," Archie disse, sua voz ainda áspera do sono.

Susan procurou algo para dizer. Ele parecia tão triste e enrugado, suas roupas amassadas, seu rosto vincado, pálpebras inchadas devido à falta de sono.

Ele passou a mão pelo cabelo castanho encaracolado. Se a intenção era alisá-lo, não funcionou. Um lado ainda estava colado contra o seu couro cabeludo, onde ele apoiou a cabeça no ombro dele, enquanto dormia.

"Eu pensei que Henry pudesse precisar de alguém para alimentar seus gatos", disse Susan. Ela disse isso baixinho, de modo a não acordar Claire.

Os olhos de Archie se arregalaram e ele sentou-se na cadeira.

"Quero dizer, eu sei que Claire está ocupada", Susan disse rapidamente. "E você também. E eu sei onde ele mora. Então, se você me der as chaves, eu posso passar lá." Ela deu um pequeno passo em direção ao pé da cama. Henry ainda estava ligado a um respirador, a máquina de inalar e exalar por ele. Tubos IV enfiados em suas veias, fios monitorando sua frequência cardíaca. Os vasos sanguíneos em seu rosto, aqueles que inchavam, brilhantes e vermelhos quando Henry estava irritado com qualquer coisa idiota que Susan tivesse feito, tinham desaparecido — substituídos por um brilho de cera pálido. Havia mulheres que comeriam vidro para ter uma pele assim.

Ela não sabia nada sobre gatos.

"Isso é bom", disse Archie. "Mas eu posso fazer isso."

Certo. Agora ela estava envergonhada. Tinha sido presunçosa. Não era da sua conta alimentar os gatos de Henry. Isso era algo que um amigo faria. Ela deveria ter ouvido seu lado racional quando ele tentou falar com ela no carro.

"Como ele está?", Perguntou Susan.

"Se segurando", disse Archie. Ele levantou o jornal de seu colo. "Eu comprei o jornal", disse ele.

Susan tinha visto. A história de Archie resgatando o garoto era a primeira página, abaixo da dobra, com uma grande fotografia de Archie em seus dias na força-tarefa de beleza mortal. **POLICIAL DO BELEZA MORTAL SALVA MENINO**, dizia a manchete.

"O jornal já tinha ido para impressão quando ele desapareceu", disse Susan. "É online. Mas não estará na edição impressa até amanhã. Eu não escrevi esse título."

"Eu li a história de Henry".

Henry ainda não tinha saído na primeira página. Ele tinha sido relegado ao meio.

"Você não a escreveu."

Ele tinha notado.

"É o estilo do Derek."

"Ele nem sequer citou-a. Você estava lá. Você e Claire o encontraram. Você estava no hospital. Nenhuma citação."

Susan não queria contar a ele. Ela levantou o saco de papel rigidamente. "Eu trouxe um muffin." Ela podia muito bem dar a ele. Ele custou três dólares. Ele parecia faminto. "Eu não sei que tipo de muffin que você gosta, então eu peguei qualquer um." Na verdade, ela passou 10 minutos debatendo se pegava com semente de papoula, limão ou banana, mas ela não ia dizer isso a ele.

Ele abriu o saco e olhou para dentro. Ela pensou que o viu sorrir. "Isso parece ótimo", disse ele.

O respirador de Henry inspirou e expirou. Claire murmurou alguma coisa ininteligível em seu sono e depois ficou quieta.

"Alguma notícia sobre o exame toxicológico?", perguntou a Susan.

Archie hesitou. Ele enfiou a mão no saco e tirou um pedaço do muffin de banana, colocou na boca e mastigou. Ele olhou para longe dela, com os olhos pesarosos para Henry. "Nada ainda."

Eles ficaram em silêncio novamente. Susan se sentiu grande e desengonçada naquele lugar, como quando Bliss a levou em sua aula de balé e Susan parecia alta e desajeitada usando o collant de cor errada, uma terrível malha de gola alta verde-ervilha, com o zíper nas costas lhe batia na virilha e foi feita de um tecido canelado grosso que fez Susan suar em bicas.

"Eu fui demitida", Susan deixou escapar. Ela não estava pensando em dizer isso. Simplesmente saiu. Ela podia sentir os olhos arderem com lágrimas. Ela já tinha sido demitida antes. Houve a época no café do colégio quando o proprietário descobriu que ela tinha rotineiramente fechado meia hora mais cedo. Na faculdade, ela tinha conseguido um emprego como funcionária do caixa em um supermercado, só para ser demitida em seu primeiro emprego, porque no intervalo do seu almoço ela se juntou a um grupo de trabalhadores migrantes em um piquete na frente da loja. Ela não se lembrava sobre o que eles protestavam, mas ela tinha certeza de que tinha sido por uma boa causa.

Ela já tinha sido demitida antes. Mas naquela época ela merecera. Desta vez, ela não tinha tanta certeza.

"Por quê?", perguntou Archie.

Susan olhou para Henry, meio morto em sua cama de hospital. Archie já tinha notado que Derek, não Susan, tinha escrito a história de Henry. Ele tinha que saber que isso tinha custado a ela. Mas ela não queria que ele soubesse o quanto. Ele se sentia responsável de alguma forma. "Ian não gostou da minha história sobre Vanport. Eu queria continuar com o caso. Ele achou que era o momento errado." Isso era parcialmente verdadeiro. Ian não tinha gostado da história dela sobre Vanport. Era o dilúvio errado. Notícia velha.

Assim como Ralph. Ninguém se importava. Não quando seus condomínios à beira do rio estavam inundando.

"Teria sido uma grande história", disse Susan. E ela acreditava nisso. "Identificar o esqueleto. Especialmente se se verificar que ele morreu na enchente. Sabe, algumas pessoas pensam que milhares de pessoas morreram em Vanport? Que o governo encobriu tudo. Empilhou os corpos no edifício de armazenamento de gelo no centro da cidade. Os enterraram em ônibus escolares. Algumas pessoas ainda achavam que os enviaram para o Japão para retornarem como soldados mortos."

Archie parecia cético. "Mas a contagem oficial era, o que, quinze?"

"Sim. Eles só *encontraram* quinze. Mas havia tantas pessoas em Vanport que estavam lá para trabalhar, sem família, sem ninguém para relatar o desaparecimento. Quero dizer, o rio varreu toda a cidade. Tudo. Havia quinze mil pessoas lá. Eles encontraram quinze corpos. Quantos mais foram arrastadas para o mar? Ou acabaram na lama do pântano?"

Susan estava ficando animada, levantando a voz.

"Ian agiu como se ninguém se importasse", ela continuou. "Como se fosse há muito tempo. Mas essa história é incrível. Toda essa cidade foi construída pelos marujos durante a guerra, integrados com a classe trabalhadora. Degelo. Calor fora de época. Chuva. Isso soa familiar? Eles foram informados de que estavam a salvo. Na manhã em que tudo aconteceu, eles foram informados de que estavam seguros, que estava tudo sob controle, que não havia nada para se preocupar. Em seguida cinco metros de água levou casas, carros, tudo. Foi um caos. Mas muitos deles conseguiram salvar uns aos outros. Para tirar as crianças. Eles formaram correntes humanas para puxar as pessoas para a segurança. Preto e branco, trabalhando juntos. E as pessoas em Portland agora? Elas não sabem nada sobre isso. Tem sido expurgado da nossa história. Imagine se eu pudesse identificar aquele esqueleto. Poderia ser um pequeno pedaço de encerramento. Alguém o conhecia. Além disso, vai mostrar que ainda me importo."

Archie colocou um pedaço de muffin na boca, mastigou lentamente, e balançou a cabeça. "Casos antigos como este, quase nunca são resolvidos. Testemunhas estão mortas. Papelada se perde. Não há nenhuma evidência

física. Você nem sabe se esse cara morreu em Vanport. Talvez ele estivesse pescando e morreu de um ataque cardíaco anos antes que Vanport fosse construída"

Susan mal podia se conter. "Eu tenho uma pista."

Ela disse a Archie sobre Gloria Larson, McBee, e o Lar de Idosos Mississippi Magnolia. "De qualquer forma," ela disse, "provavelmente não é nada mas eu pensei em, depois de sair daqui, verificar a história dela."

Claire abriu os olhos. "Bom dia."

"Desculpe", disse Susan, sussurrando tardiamente. "Será que a acordamos?"

Claire mudou de posição na cadeira e se espreguiçou. "Quando você passou pela porta. Deus, você é fala alto. Sinto muito por você ter sido demitida."

"Eu não trouxe um muffin para você," Susan confessou.

"Ok".

"Eu sinto muito", disse Susan.

"Você disse que aquela senhora mora no Mississippi?"

Susan assentiu.

Claire cutucou Archie com o cotovelo. "Você deveria ir com ela. Checar isso."

Archie hesitou.

"Eu ligo para você se alguma coisa mudar", disse Claire. "Você não deveria estar na UTI de qualquer maneira com esta gripe." Ela virou-se para Susan. "Ele precisa trabalhar", disse ela. "Ou ele vai ficar louco."

A permanência de Archie na ala psiquiátrica tinha um peso extra. Loucura não era um lugar tão longe dele. A loucura vivia na casa ao lado.

"Não há nada que você possa fazer até que Anne dê notícias, de qualquer maneira", acrescentou Claire.

"Anne?" Disse Susan.

Ela viu Archie dar uma olhada para Claire. Tinha que ser Anne Boyd. Ela era uma agente do FBI. Eles estavam esperando que ela traçasse o perfil do assassino do rio. O que significava que eles sabiam mais do que Archie estava dizendo. Eles sabiam o que o envenenou. Mas Henry ainda estava lá, como Branca de Neve, o que significava que, qualquer que fosse o veneno, não havia um antídoto.

"Está tudo bem. Eu entendo. Você não pode comprometer o caso. Mas a Claire está certa, você não pode simplesmente sentar-se aqui. Venha comigo. Vai ser divertido. Pessoas mais velhas. Pode haver gelatina."

Archie tossiu e não pareceu convencido.

"Eu não sou mais da imprensa", disse Susan. "Esta mulher, ela não tem motivos para me dizer nada se eu não estiver escrevendo uma história." Susan levantou uma mecha de seu cabelo de framboesa. "Eu não sou exatamente queridinha para as pessoas idosas." As pessoas mais velhas atravessavam a rua, por vezes, quando a viam chegando. "Mas um policial? Ela falaria com você."

"McBee, hein?", Disse Archie.

"Pare e alimente os gatos," Claire disse a Susan.

"Sério?" Perguntou Susan.

Claire levantou-se e abriu um armário branco de fórmica. Susan não podia ver o que estava lá dentro, mas ela imaginou que fosse a roupa de Henry, pois parecia que ela estava procurando nos bolsos. Ela fechou o armário e jogou algo no ar para Susan.

Susan resistiu ao desejo de esquivar-se, mas em vez disso levantou uma mão a tempo de pegar o chevier. Ela olhou para ele com surpresa. Ela pegou-o! Ela quase nunca pegava nada.

Era um chaveiro pesado. Henry era um homem com muitas chaves. Ela olhou para todas elas, um grande conjunto prata e bronze. Chaves grandes. Chaves médias. Chaves com colares de plástico coloridos em torno dos arcos. Chaves sujas. Chaves limpas. E por cima de todas as chaves, outra.

Uma pequena chave preta.

Como algo que poderia abrir a porta da frente de uma casa de bonecas.

Susan olhou para a chave por um longo segundo. Havia muitas chaves no mundo. Muitas fechaduras.

Ela levantou o chaveiro pela pequena chave e ergueu-a para Archie.

Ela não teve que dizer nada.

Ele estendeu a mão lentamente e tomou-a, e suas sobrancelhas se juntaram.

"O quê?" Claire disse, levantando-se.

"Parece com a chave que o menino deixou para trás", Archie disse suavemente.

Claire olhou para a chave. Seu rosto estava impassível. "Essa chave não estava aí ontem", disse ela.

Archie se atrapalhou com a carteira, abriu-a e tirou a chave que o garoto tinha deixado para trás sob sua cama de hospital.

As chaves pareciam idênticas.

Archie pegou seu telefone e digitou um número. "Sou eu", disse ele. "Eu preciso saber o que foi encontrado nos bolsos das outras três vítimas TTX." Ele escutou por um momento. Em seguida, baixou a testa em uma mão e esfregou as têmporas. "Como são as chaves?"

O estômago de Susan virou. O assassino tinha deixado aquela chave com Henry. Assim como ele, aparentemente, deixou as chaves com suas outras vítimas. O assassino tinha tocado nelas, e ela as segurou nas mãos.

Claire pegou sua bolsa, tirou seu próprio chaveiro, torcendo fora uma chave, e entregou-a a Susan. Susan compreendeu. Era a cópia de Claire de chave da casa de Henry.

"Ele vai demorar um pouco", disse Claire. "Eu acho que você está por conta própria com os velhos."

Susan olhou para a chave da casa. Ela estava sendo despensada. Pelo menos ela ainda podia alimentar os gatos.

Claire fechou os olhos e recostou-se na cadeira. "Deixe o muffin," ela disse.

Archie ainda estava no telefone quando Susan saiu.

ARCHIE OBSERVOU ENQUANTO Robbins colocava três fotografias lado a lado contra a perna imóvel de Henry.

Quando um corpo ia para o necrotério, todos os itens pessoais eram retirados, ensacados e catalogados. Vestuário. Joias. Piercings. Um técnico do necrotério tirava tudo. Às vezes, era devolvido à família, às vezes, ficava catalogado como prova, por vezes, se perdia em meio ao caos de uma evacuação de inundação. Às vezes, era fotografado.

Três fotografias. Três chaveiros. Todos diferentes. As chaves de Stephanie Towner estavam em um chaveiro com um S prateado. As chaves de Megan Parr estavam em um chaveiro Honda. As chaves de Zak Korber estavam no final de uma corrente de prata presa ao seu cinto. Chaves diferentes. Com uma exceção. Cada chaveiro tinha a mesma pequena chave preta.

Estava lá, em cada fotografia, claro como o dia. Removido. Ensacado. Catalogado. Mas ninguém tinha feito a conexão.

A chave do bolso de Henry e a chave do garoto estavam, cada uma em um saco de provas. Claire estudava-as agora, e então suspirou e jogou os dois sacos em cima da cama ao lado das fotografias.

Robbins deslizou para frente em seu banquinho e ajustou uma das fotos na perna de Henry. "Você tem certeza que ele não se importa?" ele perguntou a Claire, levantando uma sobrancelha.

"Faz com que ele sinta como se ele estivesse ajudando", disse Claire.

"Como pudemos deixar passar isso?", perguntou Archie.

"Todos eles tinham as chaves", disse Robbins. "Se eu atirar na sua cabeça agora e arrastar seu traseiro até o necrotério, eu aposto que encontro as chaves em seu corpo, também."

"Nós não sabíamos que eram assassinatos até a noite passada", disse Claire.

Archie estalou o pescoço. Seu corpo doía por dormir na cadeira. Ele tentou se esticar, mas não havia espaço suficiente no quarto. "O assassino esperou até que eles estivessem paralisados pela toxina, e em seguida, teve tempo para colocar uma chave em seus chaveiros", disse ele. As chaves, obviamente, significavam algo. Ele enviou de uma mensagem.

Claire mexeu nos sacos de provas. "As chaves têm a mesma aparência", disse ela. "Mas elas abrem diferente fechaduras. Olhe para as ranhuras. Elas são diferentes."

"Eu quero essas impressões digitais", Archie disse, acenando com a mão para as fotografias das chaves.

Robbins pegou os sacos de provas. "Eu posso deixar estas duas no laboratório", disse ele. Ele olhou para as fotografias. "As outras três podem levar algum tempo até que estejam lá."

O necrotério, pensou Archie, com a cabeça latejando. Seu conteúdo tinha sido transportado por toda a cidade.

"Não que elas estejam perdidas", disse Robbins. "Elas só estão embaladas em algum lugar."

"E a criança?" Claire perguntou, finalmente, colocando o que todos estavam pensando em palavras. "Onde é que ela conseguiu uma?"

"Eu vou fazer outra pressão na mídia", disse Archie. "Vamos ver se conseguimos identificá-lo."

Agora não havia nenhuma dúvida de que o garoto estava envolvido nisso.

Mas como?

Archie pegou uma das fotos e segurou-a a poucos centímetros do seu nariz. Claire estava certa. As ranhuras das chaves eram diferentes. Mas os arcos das chaves eram os mesmos — redondos, do tamanho de uma unha. Elas eram todas pretas. E todas elas pareciam estar cobertas com uma fina camada de meleca e ferrugem.

O que quer que essas chaves abrissem uma vez, não tinha sido aberto por um longo tempo.

O LAR DE Idosos Mississippi Magnolia ficava na Avenida Mississippi, que explicava a coisa do Mississippi, mas não a parte Magnolia. Até onde Susan poderia dizer, não havia uma árvore de magnólia à vista.

Ela tirou um pelo preto de gato de seu suéter — ou era pelo de cabra? — E atirou-o pela janela do carro enquanto fumava um cigarro. Os gatos de Henry tinham ido ao encontro dela na porta da frente e levaram-na corretamente aonde a comida era guardada na cozinha. Uma xícara de café suja estava ao lado da pia, onde Henry havia deixado. Susan alimentou os gatos, deu-lhes uma grande tigela de água e saiu. Pensou em enxaguar a xícara de café e guardá-la, mas desistiu. Henry gostaria de fazer isso por si mesmo, quando chegasse em casa.

Ela terminou o cigarro e olhou a rua. A Av. Mississippi tinha sido remodelada ao longo dos últimos dez anos. Lojas fechadas com tábuas tinham se transformado em cafés e lojas de discos. Depois, uma locadora de vídeo, um bar. Alguns restaurantes vieram depois. Algumas lojas de varejo. Mais bares. Os donos do café e a da loja de discos odiavam as boutiques por atraírem tipos suburbanos endinheirados para o bairro pelas calças de US \$300. As boutiques odiavam os bares por atraírem clientes que vomitavam em suas floreiras. Todos reclamavam das novidades, mas secretamente esperavam que uma Whole Foods (cadeia de lojas de produtos orgânicos e naturais) se instalasse ali.

Susan gostava da Mississippi. Era um bom lugar para ir se você estava procurando um capacete de bicicleta, uma cabeça de hiena empalhada, algumas batatas doces fritas, e *The Prisoner* em DVD.

Ninguém estava fazendo muitos negócios hoje. As lojas foram fechadas. Semáforos foram desligados. A esquina da Mississippi com Shaver tinha tanta água parada que estava intransponível, e as únicas pessoas ao redor pareciam fazer a triagem nos porões inundados.

Susan tinha estacionado em frente do Lar de Idosos Mississippi Magnolia. Este era um dos prazeres proibidos que o clima perigoso apresentava — excelentes oportunidades de estacionamento. O prédio era retangular e de tijolo, e foi construído para a direita junto à calçada. Parecia um lugar que você iria para a fila de desemprego.

Não estava chovendo no momento, mas Susan correu de seu carro para a porta da frente por instinto.

Ela parou na porta para enxugar os pés.

Havia uma sala de estar à direita. Nada extravagante. Alguém tinha definitivamente chegado a um acordo sobre assentos usados em quarto de motel. Mas havia um piano, e nas prateleiras estavam amontoados muitos livros.

A recepção era à esquerda.

A mulher atrás do balcão tinha um penteado de aparência ofensiva e estava usando uma blusa roxa de gola alta e blazer. Ela já tinha os braços cruzados. Susan reconheceu a pose. Ela a tinha visto muito quando adolescente depois que ela clareou seu cabelo, usava tudo preto, e mochila nas lojas.

"Estou à procura de Gloria Larson," disse Susan.

A expressão da mulher não tremeu. Ela tinha aquele tipo de maquiagem Avon impecável que envolvia todos os tipos de lápis e sombras. "E você é?" Disse ela.

"Eu sou jornalista", disse Susan. "A Sra. Larson tem informações sobre uma história em que eu estou trabalhando."

A testa da mulher franziu em descrença. "Gloria Larson", ela repetiu. "*Nossa* Gloria?" Ela ainda não descruzara os braços.

Susan sorriu e tentou parecer como alguém que usava delineador de lábios, menos hoje, porque ela tinha esquecido.

"É muito importante que eu fale com ela", explicou Susan. "Ela me ligou. Ela quer ajudar."

"O que você fez com seu cabelo?" Perguntou a mulher.

"É uma máscara da Manic Panic", Susan disse com um suspiro. "Deadly Nightshade".

O cabelo de Susan parecia acender um fósforo na imaginação da mulher e ela olhou fixamente para a cabeça de Susan, como se estivesse inspecionando o teor de gordura de uma barra de chocolate que ela estava pensando em comprar, em seguida, ela ergueu as sobrancelhas pintadas, seus braços caíram, e ela sorriu. "Susan Ward", disse ela. "Eu reconheço você agora. Eu li a sua coluna. Lembra-se do cego que roubou o carro?"

Por que as pessoas sempre sentem a necessidade de lembrá-la sobre as coisas que ela mesma tinha escrito? "Eu lembro-me, sim", disse Susan.

A mulher bateu palmas, encantada. "Ele andou uns quinhentos mts antes que batesse em uma árvore e eles o prendessem."

Não era mesmo uma boa história. Susan tinha escrito essa coluna em dez minutos. Ela estava atrasada para um cinema. "Aquilo foi engraçado", disse ela.

A mulher se inclinou para frente conspiratória. "Eu recortei-a e enviei-a para a minha sobrinha, na Flórida."

"Então, sobre Gloria", disse Susan.

"Eu vou tratar disso."

Dez minutos depois, Susan estava andando no elevador com o diretor do Lar. Cinquentão, ele se apresentou como Barry. Ele usava calças beges e uma camisa azul, sem gravata. Um conjunto de telefones e bips estavam arranjados em seu cinto.

"Ela ligou para você no meio da noite?" ele perguntou.

"Sim", disse Susan.

"Isso faz sentido. É quando ela está mais lúcida."

"Alzheimer?", perguntou Susan.

"Demência, junto com os sintomas de Parkinson. Ela nunca teve um diagnóstico certo." O elevador parou e seguiram para uma sala mal iluminada. "Na idade dela, os médicos não são muito agressivos".

"Quantos anos ela tem?", Perguntou Susan.

"Oitenta e cinco", disse Barry. Ele parou em uma porta onde uma guirlanda de Natal de plástico ainda estava pendurada, e bateu. "Ela veio até nós, há dois anos", continuou ele, "quando a filha não podia mais cuidar dela. Ela é uma mulher adorável." Ele baixou a voz. "Mas ela é inconstante."

A porta se abriu e um rosto enrugado apareceu. Ela era alta, para uma pessoa de idade, talvez 1,70m. Seu cabelo branco estava preso para trás na base do pescoço, e ela se vestia muito bem em um par de calças, uma blusa e um casaquinho. Ela olhou para eles com questionamento nos olhos azuis.

"Sra. Larson?" Disse Susan. "Meu nome é Susan Ward. Eu escrevo para o *Herald*." Uma pequena mentira. "Você me ligou ontem à noite?"

Gloria Larson sorriu. "Olá, querida", ela disse. Ela virou-se e voltou para o apartamento, deixando aberta a porta para Susan e Barry, o administrador, seguirem-na. Eles fizeram. A TV estava ligada no noticiário local. Gloria sentou-se em uma poltrona listrada que parecia ter sido comprada antes que *Gunsmoke* saísse do ar. Sentou-se facilmente, como alguém com metade de sua idade. Susan e Barry se sentaram no sofá listrado correspondente.

O apartamento era composto por uma sala, uma pequena cozinha, quarto e banheiro. Cheirava a pó de talco e ao rançoso sabonete Palmolive.

Gloria chegou à mesa do café, pegou o controle remoto, e baixou o volume, mas não de todo. "Eles dizem que a inundação matou mil e duzentas vacas em Tillamook County", disse ela. Ela disse isso em tom de conversa, da mesma maneira que você pode mencionar que tinha começado a época dos espargos, oh, e esquilos estavam caindo mortos do céu.

Barry se mexeu desconfortavelmente em seu assento. "Essa mulher", disse ele, com uma inclinação de cabeça para Susan, "está aqui por causa dos restos que foram encontrados na Columbia Slough, na semana passada. O esqueleto".

"Tudo bem", disse Gloria.

"Eu sou jornalista", disse Susan.

Gloria deu a Susan um aceno jovial. "Eu entendo. Você está aqui para me questionar."

Ela parecia bastante coerente. "Sim", disse Susan.

O claro olhar azul de Gloria vagava ao redor da sala e, em seguida, pousou novamente em Susan. "Você trabalha aqui?", ela perguntou.

Não tão coerente.

"Meu nome é Susan Ward," disse Susan. "Eu escrevi uma história para o *Herald* sobre o esqueleto que foi encontrado no lamaçal. Você disse que você poderia saber quem é."

Barry ajustou sua postura novamente. Todos os telefones e bips deveriam estar desconfortáveis. "Será que nada disso soa familiar, a Sra. Larson?"

Seus olhos corriam entre eles e ela parecia incerta, como se estivesse assistindo a um jogo de tênis de mesa e não soubesse o placar.

"Você mencionou um nome", disse Susan. "McBee?"

Gloria inclinou a cabeça para Susan. "Onde você ouviu esse nome?"

"De você".

"Não me lembro", disse Gloria. Ela voltou sua atenção para a TV. "Eles estão falando sobre o dilúvio. Explosão do dique. A água está derramando através dele. Por que não estão evacuando?"

"Você estava no Vanport, Sra. Larson?" Susan perguntou.

"Memorial Day, 1948."

"Você se lembra", disse Susan.

A velha olhou para longe além da TV para nada em particular. "Eu tinha um Chrysler 1939 preto naqueles dias. Belo carro. Paguei por ele eu mesma.

Eu ainda tomava os bondes, no entanto. Isso era quando o bonde percorria todo o caminho até Oaks Park."

Susan lembrou-se de todos os carros virados para cima nas fotos que tinha visto no hospital. "Você perdeu o carro na enchente?", ela perguntou.

Gloria sorriu para si mesma. "Eu não vi esse carro há algum tempo", disse ela. Ela estendeu a mão para o controle remoto e aumentou o volume. "Eles evacuaram seiscentas pessoas de Vernonia."

Charlene Wood do canal KGW estava falando direto de Tillamook. Uma vaca morta flutuava passando por trás. A manchete na parte inferior da tela prometia mais degelo, mais chuva, mais enchentes. EUA 26, I-84 e EUA 30 haviam sido fechadas devido a deslizamentos de terra. A Amtrak estava fechada.

Barry bateu as mãos sobre os joelhos e sentou-se para frente. "Eu acho que estamos perdendo tempo aqui", disse ele.

"Posso deixar o meu cartão?", perguntou Susan. O olhar de Gloria permaneceu fixo na tela da televisão. Susan vasculhou sua bolsa, esvaziando itens na mesa de café, uma lata Altoid, uma caixa de tampões, uma garrafa de água vazia, Kleenex usado, um pacote amarelo de cigarro, uma caneta rosa da Hello Kitty. Ela estava procurando algo para escrever. Ela não queria deixar um cartão do *Herald*. Mas ela não achou e não queria escrever seu número na parte de trás de um recibo do Burgerville. Ela encontrou os cartões de visita de Archie. Ela pegou um punhado em algum momento, e os manteve em sua carteira, presos atrás do cartão de sócio da academia que ela nunca usou. Você nunca sabia quando esse tipo de coisa viria a calhar. Tinha certeza que ela poderia usar um para sair de uma blitz. Ela riscou o nome de Archie, seu posto e selo da cidade de Portland, e escreveu o nome dela e o número do telefone celular na parte de trás com a caneta Hello Kitty. Em seguida, ela acrescentou a palavra *McBee*, seguido por um ponto de interrogação.

"Ligue-me se você se lembrar de algo", disse a Gloria. Ela colocou o cartão na mesa de café. Próximo ao controle remoto, então teria certeza que Gloria o veria.

Gloria olhou para ela e sorriu. "Claro, querida", ela disse.

Barry já estava de pé, percorrendo mensagens de texto como se ele tivesse alguma coisa importante para fazer.

Susan segurou a bolsa aberta ao lado da mesa, e varreu todas as coisas que ela tinha retirado de volta para dentro dela. A tampa da caixa de tampões abriu quando ela fez isso, e todos os tampões deslizaram para fora soltos em sua bolsa. Normalmente ela não teria se importado. Mas Barry estava agindo todo ansioso para ir, e Susan não queria tomar seu tempo. Houve um estudo sobre isso uma vez. Quando as pessoas em estacionamentos viam que um carro estava esperando por sua vaga, elas sempre levavam mais tempo para sair dela. Era um fato estatístico.

Ela vasculhou o fundo de sua bolsa e pegou-os de volta, os invólucros de papel branco já sujos com detritos do fundo de sua bolsa — uma bala velha, fiapos, tabaco, um pedaço de unha .

Susan sacudiu a unha de volta em sua bolsa.

Barry parecia um pouco apavorado.

"Desculpe", disse Susan, colocando os tampões de volta na caixa.

Ela enfiou a mão em sua bolsa de novo e veio com mais alguns tampões, alguns diferentes, um Hershey's Kiss achatado, e algumas cápsulas chinesas soltas.

Havia algo mais em sua mão, também, algo que ela pegou junto com os tampões. Ela percebeu o brilho preto de metal contra o branco das embalagens de tampão.

Uma acidez quente subiu pela garganta de Susan.

Ela sabia o que era. Como ela poderia não saber? Ela teve uma igual na mão a uma hora atrás.

Isso não fazia sentido. Ela não deveria ter isso. Era a de Henry? Ela tinha acidentalmente colocado-a em sua bolsa?

Não. A do Henry ainda estava no chaveiro dele. Archie estava segurando-a quando ela tinha deixado.

Esta era outra chave.

Pequena. Preta. Arco redondo. Assim como as outras.

O rosto de Susan estava quente.

Quanto tempo tinha estado na sua bolsa?

"Eles encontraram um cavalo morto boiando no Rio John Day", disse Gloria.

Ela ainda poderia ter impressões nela.

Susan olhou para cima. Não era como a grande cena do filme em que um órgão assustador toca a música e todos na sala suspiram em choque. Os olhos de Gloria estavam colados à TV. Barry tinha a cabeça inclinada para um dos seus telefones.

Susan deixou a chave cair de sua mão na caixa de tampão e pôs-se de pé, segurando sua bolsa ao peito.

Havia milhares de explicações. Todas elas assustadoras.

"Eu tenho que ir", disse ela.

Ela deixou o cartão de Archie na mesa, juntamente com uma bala Jolly Rancher de melancia meio derretida e trinta e sete centavos.

ARCHIE TINHA AMPLIADO as fotografias das chaves e colado-as no quadro de avisos da sala de conferências da central. A chave de Henry e a da criança tinham sido levadas para o teste. Restavam três. Ele levantou o dedo mindinho e apontou para a imagem. "As chaves são metade do tamanho de meu dedinho", disse ele. "O que elas abrem?"

Heil, Flannigan, e Ngyun sentaram ao redor da mesa de conferência, cada um em seu terceiro ou quarto copo de café. Archie levantou. O frigobar na sala estava nas últimas, e seu motor fez um ruído baixo de moagem. O relógio na parede marcava. A chuva caía. Duas cadeiras na mesa estavam vazias. Uma de Henry, uma de Claire.

O principal caso da força-tarefa estava sediado em um banco extinto que a cidade havia comprado anos atrás para utilizar como espaço extra de escritório. Archie e sua equipe se mudaram para o prédio depois de terem se reunido para rastrear um serial killer de adolescentes. Esse tinha sido o caso que trouxe de volta Archie da licença médica, e ele reuniu um grupo de detetives, muitos dos quais havia trabalhado várias vezes durante os dez anos do caso da Beleza Mortal. Dez policiais. A maioria veio e se foi, transferidos, quando necessário, de outras unidades.

O banco ocupava um quarteirão, andar térreo, estrutura de telhado plana, rodeado por um estacionamento. O caixa eletrônico ATM ainda funcionava. Tinham arrancado o balcão dos caixas, mas por dentro ele ainda gritava Wells Fargo dos anos 1980, das cadeiras de escritório malva até o carpete cinza.

A sala de conferências era a sala de descanso do banco. A geladeira ainda tinha ímãs ostentando linha de empréstimo para casas a juros baixos.

Archie espirrou.

"Saúde", disse Heil.

"Diários?", disse Flannigan.

Ngyun revirou os olhos.

"O quê?", perguntou Flannigan.

Archie escreveu a palavra *diários* na lousa ao lado do quadro de avisos. "Próximo?", ele disse.

"Chaves de um carrinho de golfe?", disse Ngyun.

Flannigan bufou. "E você achou os *diários* ruins?"

"Mais", disse Archie. Ele escreveu algumas de sua autoria. Chaves de cofre. Chaves de armário. Chaves do cadeado.

"Poderiam ser chaves para velhos baús ou caixas de joias", disse Ngyun.

"Bom", Archie disse, adicionando-os à lista.

"Talvez elas não são chaves para nada", disse Heil. "Quero dizer, talvez elas sejam reproduções ou falsificações, sabe? Coisas de lojas de bugigangas".

O telefone de Archie vibrou e ele olhou para ele. Susan novamente. Ela ligou para ele quatro vezes nos últimos 20 minutos. Ele não tinha tido a oportunidade de verificar as mensagens.

Fingimento.

Eles tinham assumido que as chaves eram velhas, mas e se não fossem? O laboratório criminalístico seria capaz de dizer, mas até que eles testassem, valia a pena manter a mente aberta.

Flannigan se recostou na cadeira e cruzou os braços. "Como o garoto conseguiu uma?", disse.

Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

"Ele é vítima?", perguntou Heil.

Archie olhou para as fotos, a pequena chave preta alinhada cuidadosamente ao lado das outras chaves encontradas em posse de cada uma das vítimas. "Ele não foi envenenado".

Heil deu de ombros. "Talvez Henry interrompeu-o."

Fazia sentido. Henry foi atacado e eles encontraram uma chave com ele. O garoto acabou dentro do rio duas horas depois do último contato de Archie com Henry, e ele também tinha uma chave. Havia muitas coincidências para não haver uma conexão.

"Nós precisamos encontrar o garoto", disse Archie. Ele tirou as fotografias do quadro e colocou-as em cima da mesa na frente de Flannigan. "Leve-as para um chaveiro e veja o que você pode descobrir sobre elas", disse ele. "Heil, você mantém contato com lojas de aquário para ver se alguém andou perguntando sobre polvos de anéis azuis".

"Além de mim", disse Heil.

"Além de você", disse Archie.

"E Ngyun, você vasculha as salas de bate papo sobre cefalópodes e veja se algum viciado se transformou em homicida."

"Salas de bate papo sobre cefalópodes?", perguntou Ngyun.

"Isso, na Internet", disse Archie. "Elas existem".

Heil empurrou para frente uma pilha de quarenta centímetros de papel. "Estas são todas as dicas que vieram on-line e por telefone durante a noite", disse ele. "As pessoas que pensam que viram o garoto, ou Henry, ou apenas querem conversar."

"O chefe nos atribuiu quatro patrulheiros", disse Archie. "Dê dez centímetros para cada um deles."

Ngyun levantou a mão. "Hum, Nós vamos falar sobre o polvo?", disse.

A porta se abriu e Susan entrou. Ela parecia como se tivesse tomado banho completamente vestida. Seu brilhante cabelo cereja caía em tiras crespas. A maquiagem dos olhos estava manchada através de uma bochecha. Sua blusa preta caía molhada e mole.

Ela parou por um momento, recuperando o fôlego. Então ela disse: "Eu tenho um problema".

Todos olharam para ela, esperando.

Ela abriu a bolsa e tirou uma caixa de papelão retangular azul de tampões e jogou-a em cima da mesa. Ela deslizou dez centímetros e parou na frente de Heil.

"Achei isso na minha bolsa", disse ela.

Ninguém se mexeu.

"Oh, pelo amor de Cristo", disse Susan. "Não os tampões. Olhe dentro."

Archie pegou a caixa e inclinou-a. Vários tampões deslizaram para fora, junto com uma pequena chave preta. A chave saltou sobre a mesa e, em seguida, ficou imóvel.

Archie olhou para as fotografias em frente a Flannigan e depois de volta para a chave.

Isso era um jogo.

"Onde você conseguiu isso?" Archie perguntou suavemente.

ARCHIE VIROU AS palmas das mãos de Susan e prendeu-as em suas mãos, olhando para a marca reveladora. Ele estava surpreso com o quão estável ele estava, como sentia seu rosto neutro. Era algo que todos os pais aprendiam. Não mostrar pânico. Não mostrar o terror brotando em seu intestino. Esse vômito? É apenas uma gripe.

Inclinou os dedos para trás e levantou uma de suas mãos mais perto. Sua mão pálida tinha uma fina camada de suor que a fez brilhar. Ela cheirava a lírios.

"Eu estou bem", disse ela.

Lá. A pequena mancha marrom, na base do polegar perto de seu pulso. Archie se firmou. Ele tocou com o seu dedo. "O que é isso?", perguntou ele, olhando para cima.

Susan deslizou as mãos das dele e apertou-as debaixo de suas axilas. "Uma pinta", disse ela. "Eu não fui atacada. Eu acho que eu teria notado."

Archie voltou para a mesa. Ngyun, Heil, e Flannigan não se moveram. Eles estavam todos olhando para Susan. A geladeira estava rangendo como uma tempestade. "Ensaque isso", Archie disse a Heil. Heil piscou para ele, e em seguida, agarrou um saco de provas de seu bolso, e usou uma caneta para orientar a chave fora da mesa e para dentro do saco.

Archie voltou-se para Susan. "Onde você conseguiu a chave?", ele perguntou.

"Estava na minha bolsa, como eu disse a você", disse Susan. "Eu achei-a quando estava no Lar. Mas eu não sei desde quando ela estava lá."

"Tudo bem", disse Archie. Ele tinha que pensar, dar sentido a isso, organizar a linha do tempo dos acontecimentos. "Quando foi a última vez que você limpou sua bolsa?"

Susan fez uma careta. "Eu não limpo a minha bolsa. Acabei de comprar uma nova e coloquei o que eu precisava nela."

Archie apontou uma das duas cadeiras vazias para ela e fez sinal para ela se sentar. "Eu quero que você diga-me em todos os lugares que você foi nos últimos dias ", disse ele.

Ela jogou a bolsa sobre a mesa ao lado dos tampões e deixou-se cair na cadeira. "Oaks Parque", disse ela. "O jornal. O necrotério. Waterfront Park. O hospital. Casa. O Lar Mississippi Magnolia." Ela atirou a Archie um olhar irônico. "Que, por sinal, não tem uma magnólia perto dele." Ela levantou as mãos. "E aqui".

"Você ficou longe de sua bolsa?", perguntou Archie. "Talvez a deixou em algum lugar?"

"Não."

"Você não a colocou de lado no hospital. Deixou-a na parte de trás de uma cadeira? Colocou-a no chão no parque enquanto você estava cuidando de Henry?"

"Eu fiquei com ela", disse ela. "Eu não a coloquei no chão." Ela deu à bolsa um pequeno empurrão. Mas estava tão pesada que ela não se mexeu. "Ela tem os meus cigarros e celular."

A bolsa jazia entre todos eles em cima da mesa, como uma peça central estranha. Era de couro, alças duplas, e uma cinta de couro, que abria para cada lado com uma fivela dourada. Não tinha zíper ou aba e na parte superior era aberta. Archie podia ver o canto de uma carteira, a tampa de uma garrafa de água, e um par de óculos de sol que Susan não usaria até julho.

"Está aberta", disse Archie.

"É uma bolsa Bottega Veneta", disse Heil. "É feita para ficar aberta. Esse é o estilo. Reese Witherspoon tem uma igualzinha."

"Exatamente", disse Susan.

Archie e os outros dois detetives olharam para Heil.

"Minha esposa deixa a revista *InStyle* no banheiro", disse Heil.

"Como é que você a usa?" Archie perguntou a Susan.

Ela olhou para ele como se ele fosse louco. "Você me viu com esta bolsa uma centena de vezes."

Ele não se lembrava de já tê-la visto com essa bolsa, mas isso não queria dizer nada. Coisas de detetives.

"Coloque-a", disse ele. "Por favor".

Ela colocou as mãos sobre a mesa, empurrou sua cadeira e levantou-se com um suspiro exagerado. Em seguida ela pegou a bolsa e atirou-a por cima do ombro, para que o corpo da bolsa descansasse atrás dela no quadril esquerdo. "Assim", disse ela. "Feliz?"

"Vire-se", disse Archie.

Susan virou-se e olhou por cima do ombro, para a bolsa, para os detetives, para a mesa, para Archie.

Archie deu um passo em sua direção, de modo que não houvesse mais que alguns centímetros entre eles, e mexeu na abertura da bolsa aberta. Os olhos de Susan seguiram sua mão.

"Ele veio por trás dela", disse Ngyun.

"Aquele filho da puta", disse Susan.

O assassino estava perto o suficiente para tocá-la, e sua reação foi ficar puta. Archie gostava disso em Susan.

Archie ouviu uma batida e olhou para a porta, que Susan havia deixado entreaberta, para ver um patrulheiro feminino olhando para eles. Ele não a conhecia, ela era um dos policiais que o chefe tinha enviado para ajudar. Mas ela estava segurando uma folha de papel em cada mão, e balançava-as como Polaroids secando.

"Sim?", ele disse.

"Acho que encontrei alguma coisa", ela disse, entrando na sala. "Eu estava passando pelos relatórios de pessoas desaparecidas, como você pediu. É fora do estado, por isso não apareceu de imediato." Ela foi até a mesa e abaixou a foto granulada do menino saindo do hospital. Então ela mostrou a outra foto — inequivocamente uma foto de escola — de um relatório de pessoas desaparecidas.

Archie olhou de uma imagem para outra. A forma da cabeça, a simetria das características, a cor do cabelo — parecia o mesmo garoto.

"Seu nome é Patrick Lifton," a policial continuou. "Nove anos de idade. Ele saiu de sua casa em Aberdeen, Washington, para ir à casa de um amigo a três quadras de distância e nunca chegou até lá." Ela apontou a data na parte superior da página, as datas em que o menino havia saído de casa pela última vez e quando foi arquivada no relatório de pessoas desaparecidas.

Foi a um ano e meio atrás.

O garoto estava desaparecido há um ano e meio, e Archie teve-o nos braços.

E deixou-o ir.

"Saia", disse a Susan.

"O quê?", disse ela.

Archie se recuperou. "Por favor", disse ele. "Nós precisamos ter uma reunião. Você pode esperar por mim em meu escritório."

Ela cruzou os braços. "Por que eu tenho que esperar?"

"Sua bolsa", disse Archie, em busca de uma razão. "Precisamos tirar as digitais. Vou chamar um técnico."

Seus olhos caíram sobre a bolsa e ele pensou que ela fosse protestar.

"Posso pegar meu telefone e cigarros?", disse ela.

"Vá em frente", disse ele.

Ela pegou um dos tampões da mesa. "E eu vou precisar disso", disse ela.

O ESCRITÓRIO DE Archie era uma sala quadrada com uma janela, uma mesa, três cadeiras e uma estante. Era um museu. Susan achava que parecia um cenário daqueles pornôns dos anos oitenta, em que a estagiária ficava curvada sobre uma mesa de um executivo vestindo apenas uma gravata listrada azul e vermelha. Ela nunca disse isso a Archie. Obviamente.

Sua cadeira nem sequer tinha braços.

Ela circulou lentamente pela mesa.

Ele culpa a si mesmo. Por perder o garoto.

Havia um computador sobre a mesa de Archie. O monitor era plano e preto, mas a CPU era mais velha do que aquelas que estavam no *Herald*. Era provavelmente protegido por senha. Mas isso não importa. Susan tirou seu telefone da mesa e pesquisou "desaparecido 'Patrick Lifton' Washington."

Uma página de resultados apareceu.

Smartphones. Você tinha que amá-los.

Ela clicou no primeiro resultado. Era um site gerido pela família. Uma home page tinha uma foto de Patrick Lifton, oito anos de idade, sorrindo e segurando uma bola de futebol debaixo do braço. Estava faltando um dos seus dentes da frente superiores. VOCÊ ME VIU? gritavam as letras em negrito acima de sua cabeça.

Todas as informações estavam lá. Patrick Lifton nasceu e passou seus primeiros oito anos em Aberdeen. Susan sabia que o lugar — uma pequena cidade na entrada da Olympic Península de Washington que tinha sido arenosa, mesmo antes de os moinhos fecharem e os tanques de salmão terem secado.

Seu pai trabalhava em uma das fábricas de papel restantes, e sua mãe foi descrita como "autônoma". Seu filho saiu de casa num sábado à tarde para andar três quarteirões até a casa de seu amigo. Era a terceira vez que ele tinha sido autorizado a andar sozinho. A mãe do amigo ligou meia hora depois de Patrick sair. Ele nunca chegou.

O resto era muito familiar. Os pais de Patrick procuraram por ele. A polícia foi chamada. Logo, uma busca maciça começou. Um Alerta Amber foi emitido. Ninguém viu nada. Era um bairro de aluguel. Havia um monte de prédios de apartamentos. As pessoas realmente não conheciam uns aos outros.

Não houve testemunhas. E nenhum suspeito.

Susan esperava que o relatório da polícia tivesse mais informações. Se o homem que tinha envenenado Henry e matado outras três pessoas tinha pego a criança, então o garoto provavelmente estava no inferno.

E estava nas mãos de um homem que ficou perto o suficiente para que colocasse a chave em sua bolsa. Ela passou isso uma e outra vez em sua mente. Ela esteve sozinha, no meio da multidão? Todos os outros envenenamentos tinham acontecido perto do rio. Foi lá que deve ter acontecido. Ela, Archie e Claire passaram por tantas pessoas, procurando Henry. Todas aquelas capas de chuva sem rosto. Ela estremeceu. E se ele tivesse planejado o envenenamento dela e, em seguida, mudou de ideia? Ou será que ela se virou no último minuto?

"Me desculpe se eu interrompo," Archie disse da porta.

Susan ergueu o telefone. "Eu estava me saindo bem em um jogo de palavras cruzadas", disse ela.

"Claro que você estava", disse ele. Ele caminhou e sentou-se em uma das cadeiras em frente a ela. Em seguida ele cruzou as mãos no colo e olhou para ela nivelando o olhar. Ela sabia que vinha uma palestra, quando ela via isso. "Essa coisa sobre o garoto, precisamos manter isso em segredo", disse ele. "Nós não queremos que os pais saibam até termos certeza."

Susan já tinha pensado tudo isso. "Você pode verificar suas impressões digitais na chave que ele deixou debaixo da cama. Tenho certeza de que tem suas impressões depois que ele desapareceu, certo?"

Ele não se mexeu. "Eu sei como fazer o meu trabalho, Susan."

"Certo", ela disse. Ele tinha pensado nisso também.

Ambos ficaram quietos durante o que pareceu muito tempo.

"Você quer sua cadeira?", ela perguntou finalmente.

"É um polvo de anéis azuis", disse ele.

Ela não tinha certeza se tinha ouvido direito. "O quê?"

"O relatório da toxicologia chegou esta manhã", disse ele. "É um pequeno cefalópode. Muito mortal. Sua picada provoca paralisia respiratória. Não há antídoto. Eles acham que se Henry aguentar 24 horas, ele vai ficar bem. Você pode procurá-lo em seu telefone."

Tudo o que Susan pode dizer foi: "Você mentiu para mim no hospital?"

Ele suspirou e desviou o olhar. "Nós não queremos que isso vá a público."

Lembrou-se das manchas nas palmas das mãos, sua preocupação quando as viu. "As marcas nas mãos", disse Susan.

"Sim".

"Então alguém está... está..." Ela hesitou, procurando as palavras.

"Usando um polvo para matar pessoas", disse Archie.

"Um polvo de anéis azuis", disse Susan.

"Sim".

Ela examinou seu rosto por algum lampejo de humor. "Isso é uma piada?"

"Não."

"Por que você está me dizendo?"

Ele abriu os dedos. "Você pode ter a história."

"Você disse que não queria isso publicado".

"Eu não queria", disse ele. "Agora, eu quero."

Era o garoto. Os chefes de Archie não queriam que a história polvo vazasse. As pessoas iriam surtar. A cidade estava inundada. Eles já tinham o suficiente com que se preocupar. Mas Archie tinha decidido que isso poderia aumentar suas chances de pegar o cara, e salvar o garoto.

"Eu não sou mais jornalista", disse Susan. "Eu fui demitida."

"Você é uma jornalista freelance."

Henry. Archie disse que não havia antídoto.

"Vinte e quatro horas?" Susan olhou ao redor do escritório para um relógio. "Que horas são?", ela perguntou.

Ele nem sequer olhou para o relógio. "É quase meio-dia. Faltam seis horas, mais ou menos."

Susan virou-se lentamente na cadeira. "Esse cara pega uma criança e a mantém por um ano e meio. Então usa um polvo venenoso para matar três pessoas, põe uma quarta no hospital, e ele deixou chaves em todos eles."

"As chaves são a sua assinatura. O polvo é a sua arma. Eu não sei como o garoto se encaixa nisso"

"Por que ele me deu uma chave? Eu era uma provável vítima?"

"Eu não tenho nenhuma ideia."

"É como uma espécie de romance de Peter Benchley."

"Ok", disse Archie.

"Quanto tempo eu tenho? Para uma exclusiva?"

"Duas horas e eu enviarei um comunicado à imprensa."

Seu telefone tocou. Ela conhecia o toque. "Number of the Beast." Iron Maiden.

"É Ian", disse ela.

"Você pode lidar com isso."

Ela deixou ir para o correio de voz. "Eu vou ligar de volta", disse ela. Um serial killer com um polvo? Ela poderia escrever a história em qualquer lugar. Mas ela sabia que, uma vez que ela o fizesse, qualquer esperança de Ian recontratá-la acabaria. Ela teria que ganhar a vida com freelancer, ou mudar para uma cidade com mais meios de comunicação.

Havia uma segunda opção.

Ela poderia usar o furo para voltar para o *Herald*. Ian teria que recontratá-la. Ela o faria assinar algo. Tudo poderia voltar a ser como era.

"Posso fumar um cigarro e ter cinco minutos para pensar sobre isso?", ela perguntou.

"Claro", disse Archie.

Susan levantou-se. Ela olhou para Archie. Ele esperou.

"Você está me dando isso porque você está preocupado porque eu quase fui morta e quer me manter por perto para ficar de olho em mim?", disse ela.

Ele segurou o polegar e o indicador a um centímetro de distância. "Um pouco", disse ele.

SUSAN DEBRUÇOU-SE SOB uma saliência ao lado de uma lata de lixo do lado de fora do edifício da força-tarefa e acendeu um cigarro com um isqueiro do bolso da capa de chuva. A garoa era implacável. O céu do meio-dia era monótono e escuro. Ela podia ouvir as calhas correndo em volta dela, um constante jorro de água derramando no concreto. As luzes da rua do cruzamento nas proximidades balançaram para frente e para trás no vento suave, piscando em vermelho.

O cigarro parecia realmente bom.

Ela não se preocupou em verificar a mensagem de Ian em sua caixa postal. Ela quase nunca escutava o correio de voz — se as pessoas tivessem algo importante a dizer, bem, é o que os textos diriam. Ele provavelmente precisava dela para preencher alguns papéis ou fazer uma entrevista de saída ou algo assim.

"Number of the Beast" recomeçou.

Ele era como herpes.

Ela deixou Iron Maiden cantar um verso antes que ela atendesse.

"O quê?", disse ela sem rodeios. Ela daria um pouco de trabalho a ele. Se ela estava indo para lá com a história, ela gostaria de uma sala melhor, talvez até mesmo uma vista para o rio.

"Eu sinto muito", disse Ian.

Ela não teria ficado mais surpresa se ele tivesse dito que *Alienígenas chegaram e querem dar-lhe uma entrevista*. Talvez ele tenha ligado para o número errado.

"É Susan", disse ela.

"Eu sei", disse ele. "Estou ligando para dizer que eu sinto muito."

"O quê?"

"Eu me comportei mal. Você pode ter seu emprego de volta."

Susan ficou em silêncio. Ela deu uma tragada no cigarro. Examinou. Jogou algumas cinzas na lata de lixo. Havia algo estranho acontecendo. Ela deixou Ian louco por quase um ano. Ela estava sempre atrasada para as reuniões, dificilmente ficava no escritório, dava despesa, insistia em suas próprias ideias para as histórias, e por duas vezes quebrou a máquina de doces do terceiro andar tentando pegar M & Ms através da aba. Mas ela conseguiu histórias incríveis — estar bem no meio delas — de modo que ela sempre imaginou que seu trabalho fosse seguro, apesar de suas ameaças ocasionais. Além disso, houve o fato de que ela tinha dormido com ele, e ele sabia que, se ela dissesse a alguém (o que ela não faria), ele estaria arruinado. Tinha sido durante a sua fase homens-mais velhos-casados-com-autoridade. Pensar nisso agora dava-lhe arrepios.

"Você está me ouvindo?" Ian disse. "Eu estou oferecendo-lhe o seu emprego de volta."

"Por que?", perguntou Susan.

"Nós precisamos de você", disse Ian.

"Não, você não precisa", disse Susan. Ela deu uma tragada no cigarro. "Quero dizer, você precisa. Mas você não sabe disso."

"Não seja difícil", Ian disse com um pouco do velho ranço em sua voz. "Você acha que vai encontrar outro emprego lá fora?" Ele fez uma pausa. "Sinto muito. Sinto muito. Estou em um congestionamento aqui. Apenas volte. Eu vou fazer funcionar."

"Ok", disse Susan.

"Tudo bem? Sério? Você vai pegar o seu emprego de volta?"

"Claro", disse Susan. "Pode apostar".

"Isso é ótimo", Ian disse, com um sonoro suspiro de alívio. "Obrigado, querida."

"Oh, Ian?"

"Sim?"

Susan sorriu e esticou o momento enquanto pôde, amassou o cigarro na parede de tijolos. Não havia nenhuma maneira de ela dar a ele esta história. Ela não trabalhava para o *Herald*. Ela era uma freelancer. Ela disse: "Eu me demito." Ela esperou pelo ofego do outro lado do telefone antes de desligar e jogar a bituca no lixo.

Ela não fez isso.

Ela pegou outro cigarro de sua bolsa e o acendeu. Ela não tinha fumado dois cigarros seguidos desde sua Pós-graduação. O segundo a fez sentir-se tonta e quente. Ela não tinha arrependimentos. Ela só tinha que conseguir outro emprego seguro antes que ela tivesse câncer de pulmão.

Uma casca de laranja passou, arrastada pelas corredeiras na sarjeta.

Susan ligou para Derek.

"Ei, olá", disse ele.

Ela não estava no clima para conversa fiada. "Você ligou para Leo Reynolds e disse-lhe que eu fui demitida?"

Derek estava em seu carro. Susan podia ouvir a NPR em segundo plano. Ele diminuiu o volume e a voz do locutor caiu para um baixo gaguejar. Mas ele não respondeu a pergunta. Ele não precisava.

"Eu vou matar você", disse Susan.

"Ian é um idiota", Derek protestou. "Você não merece ser demitida. Você pode fazer um bom trabalho. Quando você tem tempo."

Quando ela tem tempo? "O que você quer dizer com isso?"

"Só que você gasta muito tempo andando com seus amigos da polícia."

O cigarro dobrado na mão de Susan. "Eu estou trabalhando. Como você acha que eu consigo as histórias?"

"Você já se perguntou por que você fica tão perto deles?", disse Derek. Houve um traço em sua voz que Susan não gostou — como aspas em "perto", uma implicação de algo sórdido.

Susan ficou irritada com aspas em geral. Mas havia algo sobre estas em especial que realmente a incomodou.

Ela bateu a cinza do cigarro com raiva. "Sim, claro", disse ela. "É por isso que eu não queria escrever a história de Henry. Teria sido inadequado. Eu conheço os limites".

"Onde você está agora?"

Susan virou-se de costas para os escritórios da força-tarefa. Sentia-se ridícula. Não é como se ele pudesse vê-la através do telefone. "Cala a boca", disse ela. "Eu estou com raiva de você."

"Então eu liguei para Leo Reynolds", disse Derek. "Você me pegou. A família dele conhece os Overtons. Você pode ter notado a Ala Overton-Reynolds no museu." Susan não tinha. "E ele obviamente gosta de você. Então eu liguei para ele e disse-lhe que tinha sido injustamente demitida, e que se ele realmente gostasse de você, dar-lhe seu emprego de volta seria um gesto mais grandioso do que lentamente enterrar você em arranjos florais."

"Como você conseguiu seu número?", perguntou Susan. Ela sabia que Leo estava fora da lista.

"Você escreveu com um marcador em sua mesa", disse Derek.

"Oh". Lembrou-se disso agora. Ela não tinha conseguido encontrar um Post-it.

"Eu ainda acho que ele é uma má notícia", disse Derek. Ele fez uma pausa. "Mas com certeza ele conseguiu falar com Ian." Susan podia ouvir o sorriso em sua voz. "Você deveria tê-lo visto atendendo a chamada".

Susan não pôde deixar de sorrir com a ideia da conversa.

O ruído de rádio parou, e ela ouviu Derek abrir a porta do carro. Onde quer que ele fosse, ele chegou.

"Então Ian readmitiu você?", perguntou Derek.

"Sim."

"Ótimo", disse Derek. Ele parecia feliz. Ele estava fora do carro. Ela podia ouvir os sons da cidade ao fundo, o tráfego, o som de passos na água.

"Então eu me demiti", disse Susan.

"Susan", disse Derek. Ele estendeu a palavra, transformando-a em um suspiro desapontado.

Ela ouviu uma sirene então, alguém em um alto-falante, rádios da polícia latindo, a comoção de uma centena de conversas urgentes.

Ela sentiu de repente que gostava muito de Derek. "De onde você está ligando?"

"Parque Waterfront. Ian mandou-me aqui para cobrir o mutirão dos sacos de areia. Tenho que ir. Tenho prazo."

Se ela dissesse a Derek, ele correria com isso. Seria uma manchete no site do jornal em dez minutos. *Você já se perguntou por que você está muito perto deles?* Ela não podia dizer nada. Além disso, o que ela deveria dizer, *Mantenha um olho em um louco empunhando um polvo?*

Ela jogou o resto do cigarro no lixo.

"Derek?", ela disse.

"Sim?", ele gritou. Ela podia vê-lo, telefone contra uma orelha, dedos pressionados contra o outro, usando algum estúpido casaco esporte e uma gravata, identificação do *Herald* em um cordão ao redor de seu pescoço. Ele usaria aquela coisa no chuveiro, se pudesse.

Ela estava sendo cruel. Ele daria um bom namorado. Para uma pessoa normal. Alguém que não ela.

"Tenha cuidado", disse ela para o ar parado.

SUSAN TINHA DEIXADO um tampão sobre a sua mesa. Archie tinha notado enquanto ele estava no telefone com Claire.

‘Sem alterações.’

Isso é o que Claire tinha dito.

Archie não tinha certeza se isso era bom ou ruim. Se o corpo de Henry estivesse processando a toxina, seus sinais vitais não deveriam ficar melhores?

Ele abriu a gaveta da mesa, tirou o pen-drive. Fazia seis meses desde que Gretchen tinha dado a ele. O último movimento de seu jogo demente.

Archie ainda tinha que abri-lo em seu computador e ver os arquivos. Ele havia prometido a Henry que não o faria.

Ele o colocou de volta na gaveta e olhou o relógio. Já era depois de meio-dia.

Um e-mail chegou, um relatório de pessoas desaparecidas sobre Patrick Lifton em arquivo eletrônico. O FBI acabava de encaminhar.

Ele estava examinando quando Susan entrou.

"Eu vou fazer", disse ela. "A história. Liguei para o editor nacional do *The New York Times*, enquanto eu estava fora. Posso ter uma mesa para trabalhar?"

"Você deixa o menino fora disso por enquanto", disse Archie.

"Sim", disse Susan. "Agora me devolva minha bolsa. Eu preciso do meu notebook."

O telefone de Archie tocou. Ele viu o número de Heil e o atendeu.

"Onde você está?", perguntou Archie.

"Aqui na frente", disse Heil.

"Você está me ligando do escritório?"

"Era mais rápido. Há alguém aqui. Diz que foi ele que moveu no corpo de Stephanie Towner".

"Aqui, agora?"

"Eu estou olhando para ele. Diz que ele é o zelador do Oaks Park".

"Eu estou indo", disse Archie. Ele olhou para Susan. "Você pode trabalhar no meu escritório", disse ele. Ele e imediatamente se arrependeu da oferta.

* * *

AUGUST HUGHES TINHA grandes maçãs do rosto e um grande nariz, cabelos brancos com entradas. Sulcos profundos apareciam em sua testa escura, e as covinhas tinham há muito tempo se aprofundado em trincheiras rasas em ambos os lados de sua boca. Além de um bigode branco. Sua camisa de colarinho estava passada. Ele estava usando suspensórios vermelhos.

Seu filho, Philip, que havia trazido ele, tinha o mesmo sintoma da calvície congênita e raspava a cabeça e deixava a barba crescer.

Archie tinha decidido não entrevistá-los na sala de interrogatório e, em vez disso sugeriu a sala de conferências onde agora estavam sentados.

A lista dos possíveis elementos chaves ainda estava na lousa.

Heil sentou ao lado de Archie; August e Philip Hughes, lado a lado na mesa.

August Hughes engoliu em seco. "Eu vou arcar com toda a responsabilidade", disse ele.

Seu filho, desviou o olhar.

Eles não pediram um advogado.

"Você moveu o corpo para o Carrossel?" Perguntou Archie.

"Sim".

"Por que?", perguntou Archie.

"Eu vou arcar com toda a responsabilidade", disse ele novamente. Suas íris pareciam quase preta, o branco de seus olhos mais creme do que o branco, e com vasos vermelhos de sangue.

"Por que você fez isso?" Archie repetiu.

Philip Hughes colocou a mão nas costas de seu pai. "Diga-lhes, Pai," disse ele.

Os ombros de August caíram. "No início, eu a tirei do barranco, porque eu estava com medo que o rio a levasse de volta", explicou. "Eu a coloquei na grama." Ele encolheu um pouco e fez uma careta. "Mas isso não me parece certo. Ela parecia tão fria, com medo. Eu não queria que ela fosse encontrada assim."

Archie ergueu uma sobrancelha. "Então você a colocou no Carrossel?"

"O Carrossel está lá desde 1923", disse August. "Está no Registro Nacional dos Lugares Histórico, e é reconhecido pela Associação Nacional de Carrosséis. Todo de madeira. Esculpidas à mão. É a coisa mais bonita no parque. "Ele balançou a cabeça, os olhos fechados. "Eu sabia que era errado. Sabia quando eu fiz isso, mas às vezes o certo é errado, sabe o que eu quero dizer?".

"Você pode ter destruído provas valiosas", disse Archie. Ela estava na água há dois dias; qualquer traço de evidências certamente tinha desaparecido há muito tempo. Mas August Hughes não sabia disso. "Algo que poderia ter nos ajudado a pegar o assassino."

August abriu os olhos. "Ela foi assassinada? Eu pensei que ela havia se afogado."

Philip Hughes respirou fundo, tirou a mão das costas de seu pai, e colocou sobre sua mão. "Está tudo bem, papai."

"Por que você não relata o que aconteceu?" Archie pediu a August.

"Como eu poderia explicar o que eu fiz?", Disse o velho. "Além disso, eu sabia que a equipe de trabalho poderia encontrá-la. Eles fazem a pausa para o cigarro lá. Mas isso estava me corroendo. Eu finalmente disse ao meu filho esta manhã. Que me pediu para contar a todos vocês."

As pessoas faziam um monte de coisas estranhas, por razões estranhas. Archie tinha visto algumas dessas coisas. Mas isso? Foi pro topo.

"Por que o avestruz", perguntou Archie.

August Hughes olhou para suas mãos. "Nenhuma razão. Pensei que ela ia gostar. Você pode dizer muito sobre alguém pelo animal do Carrossel que ela escolhe. Galo, cegonha, sapo, zebra. A maioria das pessoas ficam nos cavalos de salto, no dragão, no leão, no tigre, você sabe, os clássicos. Temos dois avestruzes no Carrossel. Algumas crianças choram quando suas mães tentam colocá-las em um. Elas querem montar no dragão. Algumas crianças vão direto para os avestruzes. Eles têm nomes secretos para eles. Você os vê sussurrar em seus ouvidos. Essas são as crianças com coração. Eu pensei que ela era uma delas."

"Meu pai é um alcoolatra", disse Philip.

"Eu bebo cerveja," August, disse, olhando para cima. "Só o suficiente. Não mais."

Archie tinha quarenta e um e todo o seu corpo machucado. Ele não podia mais carregar seus filhos além de algumas quadras. Este homem de idade, conseguiu mover um corpo no escuro, depois de algumas cervejas? Corpos mortos eram muito mais difíceis de mover do que a maioria das pessoas pensava. Havia uma razão do porque as pessoas usam a expressão "Peso morto." Os mortos não eram mais pesado do que quando estavam vivos, mas parecia. "Você levantou aquela garota, passou por cima da cerca, carregou-a por 30 metros, e a colocou no Carrossel?" Archie. "Sozinho?"

"Eu não disse que eu fiz isso rápido", disse o velho.

"Meu pai é forte", disse Phillip. "Ele ainda vai à academia todos os dias. Ele era do exército. Depois trabalhou nos estaleiros. "Ele acariciou a mão de

seu pai. "A pista de patinação foi destruída por volta de 48, e depois eles suspenderam a pista e a colocaram sobre as colunas. Meu pai estava trabalhando no parque durante a inundação no Natal de 64. Viu a água marrom chegando, e ele cortou piso flutuante com uma moto-serra. Salvando a pista de patinação."

"Mil novecentos e quarenta e oito", disse o Archie. "Foi a inundação de Vanport, certo?"

O velho Hughes assentiu. "A água tinha que ir a algum lugar, uma vez que inundou a cidade. O Willamette subiu 5 metros. O parque ficou debaixo d'água por 30 dias, as árvores mortas, trilhas destruídas. Claro, eu não trabalhava lá nesta época."

"Você não deveria estar lá na noite de domingo" disse Archie. Ele tinha visto a escala de serviço dessa semana. "Então, o que você estava fazendo no parque?", ele perguntou.

"Eu vou muito lá à noite no inverno", disse August. "O lugar está fechado. Eu não quero que ninguém se meta em encrencas. Crianças pulando a cerca para brincar. Eu conheço todos eles e seus pais."

Era uma dica. Nada mais. Archie tinha o arquivo do caso na frente dele. Abriu-o e pegou a imagem do menino da câmera de vigilância do hospital e empurrou-a para August Hughes.

"Você já viu esse garoto?" Archie perguntou a ele.

Philip Hughes se inclinou para frente. "É o garoto do noticiário?"

August franziu a testa. "Ele não causou nenhum problema."

O coração de Archie acelerou. "Você já o viu? Você tem certeza?"

"Ele vem para ver os peixes", disse Hughes August. "As crianças mais velhas, vêm para o parque e gastam uma fortuna jogando dardos em balões para conseguir os peixes. Vão a loucura quando conseguem um. Você até acha que eles acabaram de ganhar uma viagem a Paris, pela forma como eles comemoram. Dez minutos mais tarde, eles já não se importam mais. Acho os sacos com os peixes na roda-gigante, no banheiro, em bancos. O garoto

perguntou se ele poderia ficar com eles. Eu não me importo. Eles não pertencem a ninguém. Eles vivem apenas algumas semanas"

"Quando foi a última vez que você o viu?", Perguntou Archie.

"Ele foi até o parque a cada dois dias no verão passado. Não o vi nenhuma vez desde que o parque fechou para a temporada em outubro".

Patrick Lifton estava em Portland, pelo menos há seis meses.

"Alguma vez ele lhe disse o nome dele, onde ele vivia? Alguma coisa?"

"Disse que seu nome era Sam. Fora isso, nada. Ele era quieto".

"Você já viu ele com alguém?"

"Não. Ele estava sempre sozinho. Mas a maioria das crianças que eu vejo estão sozinhas. Elas não se perdem. Os pais querem que eles sejam independentes. Ele está bem?"

"É o menino do noticiário?" Philip Hughes perguntou novamente.

"Nós vamos precisar de suas roupas daquela noite. Suas impressões digitais e uma amostra de DNA."

"Qualquer coisa", disse o filho.

"Você cometeu um crime de classe C. Há uma pena. Até cinco anos".

Philip deu a seu pai uma garrafa d'água.

"Eu estou pronto para o que eu fiz", disse o velho.

"Ele tem oitenta e cinco", disse Philip.

"Nós não o estamos prendendo ainda."

Philip olhou para o pai e depois de volta para Archie. "O que você está dizendo?"

"Obrigada por ter vindo," disse o Archie.

O velho hesitou. "Podemos ir?"

"Eu vou colocar um detetive para escoltá-lo até sua casa", disse Archie. "Para pegar essas roupas, e pegar seu DNA." Archie voltou-se para Philip. "Ele fica na cidade. Disponível se precisarmos dele. "Archie pegou um cartão e entregou-o a August Hughes. "Se vir esse garoto novamente, ligue-me."

August Hughes pegou o cartão e colocou no bolso. Então ele olhou para o ar condicionado. "Você precisa de um novo rolamento no seu condicionador de ar", disse ele.

SUSAN MONTOU UM esboço dos fatos do caso para o *The New York Times* no computador de Archie — ele a fez sair da sala enquanto digitava sua senha. Alguém conseguiria patrocinadores. E uma terceira pessoa faria tudo soar melhor. Os três poderiam compartilhar a subscrição da matéria.

Não era como Susan tinha imaginado que seria sua primeira matéria para o *Times*, mas o editor nacional a queria no site o mais rápido possível, e assim, aparentemente, era a maneira mais rápida de fazê-lo. Ela esperava que eles não colocassem os nomes dos colaboradores em ordem alfabética. Ela estava sempre se ferrando por isso.

A matéria completa — que estaria disponível na edição impressa de amanhã, era completamente de Susan. E ela tinha o resto do dia para prepará-la

Ela teclou enviar, e esperou que o editor enviasse um e-mail de volta.

Susan, em seguida, tinha um tempo ocioso sozinha no escritório de Archie Sheridan. Ela não decidiu bisbilhotar. Simplesmente aconteceu. Ela olhou para baixo e abriu a gaveta da mesa de Archie. Ela era esse tipo de pessoa. O tipo de pessoa que você não queria sentada em casa.

Lá, dentro da gaveta da mesa, juntamente com todos os cliques de papel, canetas e notas oficiais, junto a papelada, debaixo de um pen drive, havia uma fotografia de Gretchen Lowell. Não era uma coisa estranha, para um detetive que tinha passado a maior parte de sua carreira caçando um assassino, ter a imagem dele em seu escritório. Era um caso famoso. Um monte de detetives provavelmente tinham uma foto de Gretchen Lowell em seus escritórios, pendurado na parede, com dardos perfurando-a. Mas Susan também sabia que parte do processo de recuperação de Archie era que ele supostamente deveria seguir em frente. Não é como se alguém pudesse evitar totalmente a imagem de Gretchen. Mas ele não tinha que vê-la cada vez que ele precisasse de um clipe de papel.

Susan ouviu uma voz vinda da porta dizendo: "Encontrou algo interessante?"

Ela fechou a gaveta, quase arrancando a ponta do dedo. "Uau", disse ela.

Anne Boyd tinha chegado de Washington, DC, e agora estava na porta do escritório de Archie. Susan deu um sorriso tímido para Anne, envergonhada de ser pega bisbilhotando por qualquer pessoa, mas principalmente pela psicóloga criminal.

Anne era a única mulher negra trabalhando no FBI e, como tinha dito uma vez a Susan, ela também era "a mais elegante." Ela apertava o cinto de seu casaco de couro da cor de geleia de uva e sorriu. "Ele ainda mantém uma foto dela lá?", ela perguntou.

Anne tinha trabalhado no caso da beleza assassina. Ela sabia o que ela tinha feito para Archie. Talvez melhor do que a maioria. Mas Susan ainda evitou a pergunta. "Eu estava apenas procurando uma caneta", disse ela.

Anne olhou para ela por um segundo, e depois sorriu. "Boa resposta", disse ela finalmente. Sua atenção foi atraída pro corredor. "Aí vem o nosso líder destemido".

Susan colocou a mão no queixo, assim que Archie apareceu ao lado de Anne.

"Você está atrasada", disse Archie. Sua expressão não era agradável. Nada de Hey, como é que vai. Seja bem vinda

Susan conhecia aquela expressão.

Ela poderia dizer pela mudança na postura que Anne também sabia disso. "O que aconteceu?", Perguntou Anne.

"Chamada da Guarda Nacional, outro corpo", disse Archie.

Um e-mail apareceu na tela do computador, uma resposta do editor do *Times*.

"Vamos dar uma olhada", disse Anne.

Susan olhou para a linha de assunto do e-mail. "Precisamos de mais detalhes", dizia.

Susan levantou-se, batendo os joelhos na mesa de Archie. "Posso ir?", disse ela.

Archie hesitou.

"Eu gostaria de ficar com você", disse Susan. Ela tentou parecer vulnerável e um pouco assustada. Não era difícil.

Os ombros de Archie caíram. "Tudo bem", disse ele.

Susan começou a reunir todos os seus itens pessoais — telefone, cigarros, notebook — e, em seguida, correu ao redor da mesa atrás deles.

"Como você está?" Anne perguntou a Archie.

"Como é que eu pareço?", Disse Archie.

Anne deu um passo para trás e olhou para cima e para baixo. "Melhor", disse ela. "Mal para a maioria das pessoas. Mas bem, no seu caso."

O RIO ERA um monstro. A pausa da chuva não o tinha acalmado. Pior, parecia ainda mais feroz. A água se agitava com turbilhões e redemoinhos, e linhas de detritos cruzavam a superfície.

"Então me diga", disse Anne. "O que é que as pessoas têm feito para irritar o bom Deus?"

Archie parado ao lado do carro patrulha, no lado leste da ponte Burnside. Ele tinha atualizado Anne dos detalhes do caso durante o percurso. Susan tinha permanecido estranhamente calma, rabiscando notas no banco de trás.

Heil, que tinha se juntado a eles desde a sede, parou ao lado deles em um Nissan Cube verde. Não era um veículo policial. Mas era novo, e Heil insistia em conduzi-lo.

A ponte elevada era sempre uma visão estranha, quatro pistas de estradas e calçadas, tudo a um ângulo de quase noventa graus, postes quase paralelos a terra. Ela estava fechada ao tráfego, mas cavaletes de cautela haviam sido colocados e era fácil conduzir ao redor.

A chuva tinha abrandado a um chuvisco, o tipo de chuva que você não podia ver caindo se você olhasse de dentro pela janela.

Archie estava em silêncio. Ele não sabia o que dizer. Tanto que Anne e Susan ocasionalmente olhavam para ele um pouco perto demais para ser confortável.

Eles desceram a escadaria que conduzia para baixo da passarela de pedestres da ponte para a esplanada abaixo, onde o policial Chuck Whatley estava desenrolando uma fita de plástico amarelo isolando a cena do crime com a ajuda de um soldado da Guarda Nacional.

O céu tinha textura e cor de concreto recém derramado. Esta parte da esplanada era alta o suficiente para que o rio a alcançasse, mas não o permitia

transbordar. O corpo estava debaixo de um cobertor do lado seco do pavimento. O cobertor era do mesmo cinza do céu.

Whatley amarrou a fita em um poste enquanto ele falava. "Cheguei aqui a cerca de 15 minutos atrás", disse ele. Ele estava vestindo um gorro amarelo de chuva de plástico brilhante sobre seu quepe, frisado pela chuva. "Um Guarda Nacional encontrou o corpo em uma barreira a cerca de trinta minutos atrás." Ele se conteve. "Um guarda *feminino*", ele corrigiu. Ele ergueu a mão na direção da pessoa que tinha ajudando-o com a fita. "De qualquer forma, esta é ela."

O soldado era uma jovem mulher negra, e claramente grávida. Ela estalou os calcanhares juntos batendo continência. Ela estava usando um colete refletor laranja sobre seu uniforme de grávida e segurando um dos postes de aço de 3 metros que Archie tinha visto eles usarem para segurar os detritos flutuantes.

"Soldado Jen Auster, senhor", disse ela.

"O que você está fazendo aqui?" Archie perguntou gentilmente.

"Limpendo detritos, senhor. Eles nos mandaram para cá para empurrar as toras maiores para fora da margem. Ajuda a evitar as coisas menores. Mantendo tudo em movimento".

Um monte enorme acumulado na área sob a ponte, estava preso pelas enormes estacas de concreto. A massa de quinze metros de toras e galhos era uma armadilha mortal. Conseguir desembaraçar um copro não teria sido tarefa fácil. Não com essas correntezas.

"Quem o puxou para a terra", perguntou Archie.

"Ele, senhor", disse soldado Auster.

Um homem magro com uniforme da Guarda Nacional correu ao encontro deles. Archie o reconheceu imediatamente.

"Carter," disse Susan.

Carter correu em direção a eles, sorrindo. "Eles me mandaram para cá para me afastar dos repórteres", disse ele. "Algo fácil, disseram. Mais fácil do

que puxar sacos de areia, eu acho." Seus olhos brilharam. "Eu o laçei."

"Deixe-me adivinhar", disse Susan. "Fez rodeio, além de salvar vidas."

"Tenho um cinturão de ouro na categoria bezerro roping. Cresci em Pendleton, senhora. Não acontecia muitas coisas."

Archie não teve coragem de dizer a ele que ele deveria ter deixado o corpo para os policiais. Teria sido bom ter pelo menos uma fotografia antes de ter sido movido. A recuperação e o cobertor podem ter contaminado provas. O que acontecia com as pessoas movendo corpos nessa cidade? Precisavam fazer alguns anúncios de utilidade pública sobre isso. "Você teve as últimas 24 horas movimentadas," Archie disse.

"Você também, senhor. Lamento ouvir que o garoto desapareceu."

"Você o cobriram?" Susan perguntou a Carter.

"Logo depois que chamamos vocês", disse Carter. Ele deu ao corpo um aceno de nojo. Parecia a coisa certa a fazer.

"Isso é muito bom", disse Susan.

Archie virou-se para Heil. Os dois soldados precisavam ser entrevistados antes que eles comessem a conversar entre si e trocassem os detalhes. Mesmo as testemunhas mais bem-intencionadas, dada a oportunidade para a troca de versões, seriam capazes de adaptar os aspectos de memórias dos outros como as suas. É inconsciente. Duas pessoas veem um ladrão de banco. Eles falam sobre isso. Uma viu um homem com uma camisa laranja com um bigode. O outro viu um homem em uma camisa laranja, mas não vi o rosto dele. Muito em breve os dois vão jurar pela vida de suas mães que o cara tinha um bigode, e eles vão dizer-lhe tudo sobre ele, cor, se era bem aparado. O cara nunca teve um bigode. Mas a primeira pessoa que erra, se torna viral.

Heil parecia saber exatamente o que Archie estava pensando. "Eu cuido dele", disse, ele puxou o notebook e foi até Carter que estava distante.

Archie virou-se para Anne. Tendo trabalhado no caso da Beleza Mortal, ele tinha visto mais corpos do que a maioria dos detetives viu em toda a sua

carreira. Ele nunca tinha se acostumado a isso, mas tinha aprendido a se importar menos. "Vamos dar uma olhada", disse ele.

"Pensei que você nunca chamaria", disse Anne.

"E eu?" Disse Susan.

Archie hesitou. Ele não tinha nenhuma razão para deixar Susan ver o corpo. Ela não era mais repórter. Ele já a tinha exposto a morte o suficiente.

"Eu encontrei Henry", disse Susan. "Eu poderia ajudar. Reconhecer uma pista ou alguma coisa assim."

"Tudo bem", disse Archie. Ele não estava com vontade de discutir. "Tente não pisar em nenhuma prova."

Eles caminharam para o corpo, e Archie puxou o cobertor para trás. O cheiro de carne em decomposição explodiu no ar, um leve cheiro de carne velha.

Cheirava muito, muito pior. Este estava úmido e azedo, mas não por muito tempo. O corpo era relativamente fresco. O jovem ainda parecia humano. Archie não viu nenhuma carne disforme onde gases tinham se acumulado. Sem manchas azuladas onde o sangue tinha coagulado. Dentro da água fria o Rigor Mortem poderia ser retardado. Ele havia sido espancado um pouco. Havia uma ferida aberta na testa, fundo o suficiente para que Archie pudesse ver uma parte de crânio branco. Mas havia pouco sangue, e Archie supôs que a ferida era pós-morte, como consequência de ter ficado preso nas colunas de concreto da ponte.

"O que você acha?" Archie perguntou a Anne. "Poucas horas?"

"Parece que sim", disse ela.

"Eu também acho.", disse Susan. Archie deslizou-lhe um olhar. "O quê?", disse ela. "Eu sei um pouco sobre forense".

O cobertor ainda estava nas mãos de Archie, ele descobriu o corpo todo e deixou-o cair ao lado do corpo.

A corda ainda estava amarrada ao redor dos tornozelos do homem morto, onde Carter havia lhe laçado. Salva-vidas atavam pela cintura durante resgates. Isso teria vindo a calhar à noite anterior. Carter tinha a certeza que ele estaria pronto na próxima vez.

Cadáveres perdem alguma coisa que eles tinham em vida. Quando afrouxa os músculos, o rosto fica macio, mais largo, covinhas e rugas de expressão desaparecem. É uma das razões pelas quais as pessoas às vezes não identificam restos mortais, e foi por isso que Archie não reconheceu o garoto de rua de cara. Foi o brinco tribal que lhe chamou a atenção. Em seguida a barba trançada, a jaqueta do exército larga, os sapatos de skatista. "Eu o conheço", disse Archie.

"Parado", Archie ouviu Robbins abaixo. "Você sabe que eu odeio quando você espia." Archie deu um pequeno passo para trás do corpo, e Susan e Anne fizeram o mesmo. Robbins movimentou-se sob a autoestrada, seguido por dois investigadores forenses, todos os três vestidos com roupas Tyvek idênticas, brancos, capuzes sobre a cabeça. Robbins se ajoelhou ao lado do corpo, abriu a caixa de ferramentas de plástico, e tirou as luvas de látex. Ele deu ao cobertor de Carter um bufo desdenhoso. "Diga-me que algum imbecil não jogou um cobertor velho desagradável em meu cadáver."

Susan olhou na direção onde Heil estava entrevistando Carter. "Não tão alto", disse ela. "Você vai ferir seus sentimentos."

"Empacote-o," Robbins disse a um de seus investigadores.

Archie, Susan, e Anne deram mais alguns passos para trás. Um dos investigadores forense começou a tirar fotografias digitais da cena. O outro tirou as luvas e cuidadosamente colocou o cobertor em um grande saco de provas.

Todos que Archie se preocupava naquele momento estavam olhando para as mãos do corpo. Mas ele sabia que era melhor que apressar Robbins.

Archie ouviu uma sirene se aproximando, e então viu uma ambulância parar na ponte acima deles. Dois paramédicos desceram e começaram a descer as escadas. "Eu acho que é um pouco tarde para medidas salva-vidas", Archie disse a Robbins.

"Vou levá-lo para o Hospital Emanuel para autópsia. Meu escritório, como você vai se lembrar, está submerso."

"Então, você chamou uma ambulância?" Disse Susan.

Robbins nem sequer olhou para cima. "Você quer me ajudar a levá-lo para o meu carro?" Ele virou a cabeça de volta para os paramédicos. "Estamos bem aqui", ele gritou. "Dê-nos um minuto." Os dois paramédicos pararam e olharam um para o outro, claramente sem saber como proceder.

Archie suspirou e levantou seu distintivo. "Só aguarde alguns minutos", ele gritou. "Nós estamos bem. Ele está morto. Obrigado."

"Quem é esse idiota?", Perguntou Susan. Archie seguiu seu olhar mais para cima das escadas, onde um homem estava olhando para o rio, com as mãos nos quadris. Archie era excelente em perceber pequenos detalhes sobre as pessoas. Ele se lembrava da curva da orelha de uma pessoa, o ângulo de posição, o padrão das sardas em uma clavícula exposta. Ele conhecia a linguagem do corpo. Expressões faciais. As estruturas da frase da pessoa se misturava quando ela mentia. Ele poderia ler as pessoas. Mas categorização social lhe escapava.

Ainda assim, Archie podia ver o que Susan queria dizer com esse cara.

"Eu liguei para ele", disse Robbins antes que Archie pudesse comentar.

Seu visitante parecia estar em seus trinta e poucos anos. Ele estava usando um lenço vermelho amarrado elegantemente em torno de seu pescoço, e um tipo de chapéu xadrez de jornaleiro que jovens suficientes em Portland tinha começado a usar que mesmo Archie tinha notado.

Ele viu Archie olhando para ele, acenou cordialmente e começou a descer pelas escadas.

"Ele é um acadêmico?", perguntou Archie.

Robbins estava ocupado orientando seus assistentes. "Você queria um especialista", disse Robbins. "Esta é a parte do caso em que você chama-os, certo?" Ele inclinou a cabeça encapuzada para Anne. "Psicólogo Criminal, atende por Cara do Polvo".

Octopus Guy (Cara do Polvo) percebeu que falavam dele e correu pelas escadas restantes.

"Este é Any Mingo", disse Robbins enquanto o Octopus Guy se aproximava. "Ele ensina biologia marinha no Estado de Portland."

Archie estava esperando por alguém do Oregon Coast Aquarium em Newport. Profissionais dizem o que você precisava saber. Acadêmicos lhe dizem o que queriam que você soubesse que eles sabem.

Mingo passou a mão sobre a perna da calça e ofereceu-a. "Eu ensino zoologia de invertebrados de água doce", ele disse. Ele estava usando óculos com lentes do tamanho de montanhas-russas, as quais, com base na falta de refração, ele não parece precisar. Ele tinha um rosto carnudo largo com traços delicados e um queixo pronunciado com destaque para as patilhas que se estendiam a seus maxilares. Ele usava uma abraçadeira de couro em cada punho.

Archie apertou sua mão. Os dedos de Mingo eram calosos, na parte da frente, não as pontas. Levantando-se, Archie o cumprimentou. "Obrigado por nos ajudar."

"Eu sou Susan", disse Susan. "Eu gosto do seu chapéu."

"Agente Boyd", disse Anne. "FBI".

Mingo cheirou o ar. "Esse cheiro", disse ele, "me faz lembrar um polvo gigante que eu descobri na Tasmânia. 7 metros. Achado morto em uma praia." Ele se inclinou para Susan. "O jato de esperma que um polvo gigante do sexo masculino deposita em uma fêmea é de quase um metro de comprimento."

Susan olhou para Archie e levantou uma sobrancelha.

Robbins levantou uma das mãos do cadáver e se inclinou perto para examiná-lo. "Professor Mingo gosta de alguns cefalópodes", disse ele. "Eu já lhe informei sobre o nosso problema com polvos."

Mingo estava entre Archie e Susan, numa distância de dois metros do corpo, mas ele parecia fazer questão de não olhar para ele. "Eles não são

animais agressivos", disse ele. "Eles basicamente passam suas vidas sozinhos, escondidos. Os únicos relatos de ataques são quando são pisados ou manuseados".

"Ele tem uma marca na mão, assim como os outros", disse Robbins.

A garganta de Archie apertou. Isso somava quatro. Cinco se incluíssem Henry. E eles ainda não sabiam nada sobre o assassino.

O investigador forense Robbins colocou um saco plástico sobre a mão do cadáver e usou um twist-tie (fio para fechar sacos) para prendê-lo em torno de seu pulso.

"Você disse que o conhece?" Anne perguntou a Archie.

Archie abriu seu casaco. Ele estava quente. A umidade pegando ele. "Ele estava no acampamento na última noite", disse Archie. "Ele sabia que estávamos procurando alguém, sabia sobre os ataques de polvo. Eu os avisei. Especificamente." Se eles não poderiam proteger as pessoas que sabiam com o que deveriam ter cuidado, sabiam o que procurar, como é que eles protegeriam uma cidade cheia de pessoas que nem sequer sabiam ao que temer?

"Então ele não o teria pegado", disse Anne. "Ele sabia que não devia. Mas ele poderia tomá-lo nas mãos antes de saber o que era. Se ele viesse de alguém que não parecesse ser uma ameaça. Alguém que ele conhecesse. Ou alguém que tinha razão para confiar. Com a exceção de Henry, todos eles foram encontrados na água?"

Ela não esperou pela resposta. Ela sabia disso. Ela estava só divagando agora. "O assassino espera para vê-los morrer, e então empurra os corpos no rio", concluiu.

Archie assentiu. "Ele gosta de assistir."

"Ou ela. As mulheres são mais propensas a usar veneno." Ela virou para Mingo. "O que acontece com as vítimas? Após o sucesso do veneno?"

Mas Mingo estava olhando para o corpo, agora, os olhos arregalados por trás dos óculos falsificados. Archie tinha visto isto antes. Uma vez que você

olhou, você não conseguia desviar o olhar. A palidez do professor passou de pouco pálido ao cinza. "A toxina causa paralisia respiratória", ele murmurou.

É por isso que Archie não gostava de trazer amadores para as cenas de crime. Muito em breve Mingo estaria vomitando nos arbustos e, em seguida, eles teriam que lidar com o cheiro da decomposição.

"Não, quero dizer passo a passo", disse Anne. Ela pegou o queixo pontudo de Mingo em suas mãos com luvas de couro e virou suavemente a cabeça dele. "Olhe para mim. Não para ele." Ela sorriu para ele. Ele piscou. Respirou fundo. Ajeitou a boina. Seu pomo de Adão subiu e desceu. "Pronto, agora", disse ela. "Você está bem. Agora me diga, esta toxina, qual é a sensação?"

Ele franziu a testa e pensou por um momento. "Isso acontece rápido", disse ele. "Um monte de gente nem sequer sabe que foram picados. Não doe. De repente eles sentem náuseas. Sua visão turva. Ficam cegos em poucos segundos. Eles perdem habilidades motoras, seus sentidos de tato, olfato, a sua capacidade para falar. Eles encontram-se incapazes de engolir. Dentro de dez minutos eles experimentam total paralisia do corpo. Eles podem estar cientes do que está acontecendo ao seu redor. Mas eles não podem se mover, seus pulmões param de trabalhar." Ele olhou para o grupo. "Basicamente, eles sufocam."

A barreira gemeu, lutando contra a força do rio, e Archie ouviu o estalo de madeira quando ela se soltou.

Foi por isso que Henry tinha deixado cair o telefone. Ele pegou-o para pedir ajuda, mas tinha perdido a função motora e o deixou cair. Em seguida, tropeçou e caiu. Ele estava, provavelmente, a poucos metros quando Otter o encontrou, mas tinha sido incapaz de gritar.

"Como é que Henry ainda está vivo?" Disse Susan. "Se ele foi mordido pelo menos uma hora antes de o encontrarmos."

"Ele não deve ter sido inoculado por uma dose completa de veneno", disse Mingo. "O veneno esta na saliva. Não é injetado pelo bico. O bico perfura a pele. Mas não é como uma picada de cobra. Se o detetive conseguisse reagir rapidamente, interromper o ataque e aplicar pressão sobre a ferida, ele poderia ter ganho algum tempo. Ele é um cara grande?"

Archie assentiu.

"Isso ajudaria, também."

Henry estava no chão, incapaz de se mover ou falar, mal conseguindo respirar, mas completamente consciente. Archie sabia o que era aquilo, ele tinha experimentado no porão da casa de Gretchen. Esta era uma das razões pelas quais ele deixava as luzes acesas quando saía.

"Você sabe como o polvo está sendo transportado?", perguntou Mingo.

"Nós encontramos um saco de freezer tipo Ziploc perto de onde Henry foi encontrado", disse Archie. "Cheirava a água salgada. Nós vamos testar."

"Ele estava vazio?", perguntou Mingo.

Todos eles olharam um para o outro, a questão era tão óbvia que ninguém se preocupou em dizer isso. *Onde estava o polvo?* Se o saco tinha sido utilizado para transportar o polvo, e Henry *tinha* interrompido o ataque e o assassino não tinha ficado para assistir, tendo que fugir, deixando para trás a bolsa —

Ele havia deixado o polvo para trás.

Todos eles se viraram e olharam para o rio, na direção do Japanese American Plaza. O paredão era alto o suficiente para que Archie não conseguisse distinguir as pessoas mais próximas ao rio, apenas suas cabeças e os braços quando eles empilhavam a última camada de sacos de areia. Mas ele podia ver o teto do veículo de emergência que ainda estava no parque, as tendas brancas criadas como estações de voluntários, as centenas de pessoas que ainda perambulavam mais para dentro do parque. "Quanto tempo uma dessas coisas sobrevivem fora da água?", perguntou.

"Por meia hora, no máximo", disse Mingo.

Eles tinham procurado por cada centímetro da praça.

"Esses polvos podem se esconder muito bem", Mingo continuou. "Eles podem rastejar de uma poça para outra, se esconder em um buraco do tamanho de uma ervilha."

"Heil", Archie chamou. Heil olhou por cima de onde ele estava entrevistando Jen Auster. "Precisamos revistar a praça novamente. Certifique-se de que o polvo não cavou um buraco do tamanho de uma ervilha e morreu." Archie olhou sobre a afluência do Willamette. "Ele não pode sobreviver lá dentro, certo?", Perguntou ele.

"Sem chance", disse Mingo.

Susan ainda estava olhando através do rio. "O assassino tem mais de um polvo? Quero dizer, se ele se esquece da bolsa. Talvez ele coloque a coisa em um balde ou bolsa. Para transportá-lo. Ele tem que tirá-lo do saco, certo? Ou será que ele apenas abre o saco e faz as pessoas puxá-lo para fora?"

"Talvez ele use pinças", disse Archie.

Ninguém riu.

"Será que o conhece?" Susan perguntou a Mingo.

"Oh, vamos lá", disse Archie.

"Se você colocar um caranguejo em uma garrafa", Mingo disse, "e deixá-la ao lado de uma dessas coisas, eles podem descobrir como desenvolver para chegar ao caranguejo. Eles podem aprender. É possível que essa coisa tenha conhecimento de que o seu proprietário não constitui uma ameaça. Mas se isso é verdade, seria espetacular. Eu gostaria de escrever um artigo sobre ele. Posso escrever sobre isso? Para uma revista especializada?" Ele olhou a distância média. "CONSULTORIA PARA A POLÍCIA PARA CAPTURAR O ASSASSINO DO POLVO." Então ele riu nervosamente e mexeu em seus óculos. "Você sabe o que dizem, publicar ou perecer".

Anne estava voltada para o corpo, não ouvindo nada disso. "Então vamos supor que ele tem mais de um."

"Estamos falando de animais exóticos aqui", disse Mingo. "Ele precisa de um tanque de espécies. Cinquenta litros de água salgada, pelo menos. Um sistema de filtragem, um filtro. Monitoramento de temperatura constante. O ideal seria que você enchesse o tanque por três meses antes mesmo de colocar um polvo nele. E você precisaria de um tanque para cada polvo. Eles não gostam de companheiros de quarto."

"Alguma sorte com lojas de aquário ou pet shops?" Archie perguntou a Heil.

"Tudo está fechado", afirmou Heil. "Estou tentando rastrear os proprietários. Ngyun esta online e em contato com alguns dos sites que os vendem. Nada ainda."

Susan abraçou seus braços. "Por que as pessoas teriam estas coisas?"

Mingo bufou, soando um pouco ofendido. "Eles são lindos", disse ele, como se fosse óbvio. "Na maioria das vezes eles são da cor da areia, mas quando eles estão agitados produzem anéis azuis do tamanho de cabeças de borracha por todo o corpo. Os anéis são manchas em círculo pretas, e o azul é esta incrível cor neon luminoso. Estes anéis, eles pulsam com a cor. As crianças adoram eles." Ele fez uma pausa. "Essas são as baixas você costuma ver — alguma criança em férias na Austrália vê um polvo de anéis azuis em uma poça e pega." Sua boca volta-se para baixo com desdém exagerado. "Turistas", explicou. "Os moradores conhecem bem. A maioria dos entusiastas dos cefalópodes resistem ao desejo de possuir um, no entanto. Eles são difíceis de cuidar, não vivem por muito tempo, e há sempre a chance de que seu neto vai alcançar o tanque e ir para casa em uma caixa." Ele deu a Archie um cutucão com o cotovelo e piscou. "Você sabe o que dizem sobre cogumelos e mulheres. Quanto mais eles são lindos, mais perigoso."

Archie sentiu algo bater em seu rosto e olhou para o céu de concreto. A chuva estava piorando. Ela aumentou de uma garoa para pingos constantes. Os outros viraram a cabeça para o céu também.

"Era bom demais para durar," Heil disse, subindo o capuz.

Robbins e os paramédicos correram para carregar o corpo em uma maca e levá-lo para a ambulância.

Mingo ajeitou o boné contra a garoa e Susan se abrigou debaixo da ponte a poucos passos distância.

"Você acha que eles foram para a Missão?" Archie perguntou a Heil.

"Eu liguei ontem à noite. Todos eles foram."

"Você é tipo fofo", disse Archie.

"Eu sei", disse Heil. Seu telefone tocou e ele se afastou para atender a chamada.

Pelo menos, eles sabiam onde encontrar os moradores de rua, Archie pensou. Talvez seus amigos tenham visto alguma coisa. Talvez eles não tenham. Mas de qualquer forma, a força-tarefa precisava saber.

Robbins voltou correndo da ambulância com algo na mão. Ele estendeu-o para Archie. Em um saco de provas.

"O que é isso?", Disse Archie.

"Você sabe o que é", disse Robbins. "Ela estava em seu bolso."

Archie pegou a bolsa. Dentro dela, de lado, havia um boneco de Darth Vader do filme de ação *Star Wars*.

Heil retornado. "Era do laboratório de crime", disse ele. "As impressões digitais na chave que você encontrou sob a cama de hospital do menino combinam com as de Patrick Lifton."

Archie fechou os olhos por um momento. Quando o fez, o som do rio apagou tudo.

"Há um detetive no Departamento de Polícia de Aberdeen, que trabalhou em estreita colaboração com a família", disse ele finalmente. "Seu nome está no processo. Ligue para ele e deixe-o dar-lhes a notícia. Mas vamos mantê-lo fora da mídia por hora. Nosso cara o manteve vivo por tanto tempo. Nós não queremos que ele entre em pânico." Ele estendeu o saco de evidência que Robbins lhe dera.

"O que é isso?", Perguntou Heil, ao pega-lo.

"Leve-o para o laboratório de crime", disse Archie. "Meu palpite é que eles vão encontrar as digitais de Patrick Lifton nela, também."

No entanto, o garoto estava envolvido em tudo isso, só foi ficando cada vez mais complicado.

"Hey," disse Susan debaixo da ponte. Algo atraiu a atenção dela no rio. "Olha que água branca", disse ela, apontando para uma espuma espessa bege que serpenteava ao longo da margem do rio, lambendo a beira da água.

Mingo era o mais próximo dela. "É a poluição," Archie ouvi-o dizer. "Uma mistura de esgoto, produtos químicos e bactérias. Terrível para a vida marinha. Eu não entraria nesse rio se minha vida dependesse disso."

Archie tossiu, tentando não pensar na água que tinha terminado em seus pulmões na noite anterior.

ARCHIE CONDUZIU O mais rápido possível para os escritórios da força-tarefa para tirar Susan e Anne dali. A chuva estava realmente forte agora. O céu parecia menor e mais escuro. Ele tinha os limpadores do pára-brisa em sua velocidade máxima e seu insistente vai-e-vem estava frenético.

Heil tinha ficado para trás para supervisionar a investigação da cena do crime nas imediações de onde o cadáver tinha sido encontrado. Archie não o invejou. Nada pior do pé ante pé nas margens de um rio subindo, tomando chuva e procurando por pequenas pistas entre o lixo flutuante e o musgo.

Mingo tinha voltado para seja lá de onde ele tinha saído.

Susan deslizou pelo banco de trás, abriu a porta do carro e correu para o edifício com seu notebook debaixo do braço.

Anne não se mexeu.

Os limpadores do pára-brisa continuaram ligados.

O motor chiou.

"Você vai sair do carro?", perguntou Archie.

Anne baixou o queixo e virou-se para olhar para ele. "Há quanto tempo você esta com essa tosse", ela perguntou.

"Não muito."

"Desde que você caiu no rio?"

"Eu não sei."

"Já foi ao seu médico?", perguntou Anne.

"Ainda não."

Anne deu um suspiro. "Seu sistema imunológico não é mais o mesmo", disse ela.

"Eu já fui avisado sobre isso", Archie disse, olhando para a frente.

Descobriu que não se vive muito bem sem um baço. Entretanto, um órgão do tamanho de um punho não era exatamente inútil. Baços limpavam os glóbulos vermelhos velhos do sangue armazenado e produziam e armazenavam glóbulos brancos. Esses glóbulos brancos produzidos eram os anticorpos que seu corpo precisava para lutar contra uma infecção. Se você perdesse seu baço para uma bela psicopata, o fígado era quem ajudava a fazer parte dessa função. A menos, claro, que seu fígado estivesse danificado há dois anos por causa do vício em analgésicos.

Ele podia senti-la ainda olhando para ele.

Ele precisava sair, para chegar ao abrigo, mas ele precisava dela fora do carro.

Ele se voltou para ela. "Estou um pouco ocupado, Anne."

Anne pegou sua bolsa e colocou-a no colo, e estendeu a mão para a maçaneta da porta. "Você é um mártir teimoso com um complexo de cavaleiro branco", disse ela, abrindo a porta. "Você sabe disso, né?"

"Eu quero um perfil de ambos," Archie disse enquanto fechava a porta.

"Você vai ligar para o seu médico se ficar pior?", ele ouviu Anne falar quando ele se afastava.

HAVIAM DOIS PRÉDIOS do Abrigo de Portland em Burnside, separados por três quadras. O antigo abrigo, fundado em 1949, era em uma estrutura de tijolos do século XIX, com um luminoso de néon em forma de um farol na frente. O novo edifício, resultado de uma campanha de angariação de fundos, era feito de aço e vidro. O escritório de Mary Riley ficava no antigo prédio, que geralmente era usado como abrigo de emergência para homens, mas tinha sido aberto a todos os necessitados durante a inundação.

Era para onde tinham sido encaminhados Nick e seus amigos. Mary Riley os tinha esperando em seu escritório. "Não toque em nada", disse a Archie antes que ela o deixasse, e ele não tinha certeza do porquê, uma vez que parecia que havia passado um tornado pelo escritório de arquivos, livros e canecas de café lascadas amontoadas.

Nick e seus amigos, — menos o garoto que agora estava no necrotério do hospital — estavam sentados em um sofá velho que parecia que pertencia a uma varanda. Archie sentou-se em uma cadeira na mesa de Mary Riley. Um dos braços de plástico estava dividido ao meio, como se a cadeira tivesse sido jogada contra a parede.

Archie era o único na sala que não tinha tomado banho e mudado de roupa nas últimas vinte e quatro horas. Ele quase não reconheceu a mulher sem os seus casacos encharcados. Ele podia ver agora que, na verdade, eles não pareciam nada incomuns. Um deles tinha cabelos escuros e brilhantes, o outro tinha os cabelos descoloridos e era claramente mais velho e mais estilo de rua.

Archie pegou todos os seus nomes desta vez, escrevendo em um bloco de notas aberto sobre sua coxa.

A jovem se chamava Kristen Marshall. A mulher mais velha era Liz McDaniel, mas era conhecida por "irmã". O homem com a barba espessa chamava-se Devin Longman. O sobrenome de Nick era Campbell.

Ele já tinha pegado seus nomes completos com Mary Riley, que necessitava dos nomes completos de todos que passavam a noite na unidade, mas ele queria iniciar uma conversa, e pedir que as pessoas dissessem seus nomes sempre era um bom começo. Todo mundo sabia a resposta. Ele passava para a linha de baixo, e cada um deles dizia seus nomes os soletravam para ele.

"Entendi", disse Archie. Eram todos jovens, ninguém com mais de vinte e cinco anos.

"O que aconteceu com você?", Perguntou Nick. Mesmo com sua camiseta doada pelo abrigo, ele tinha auto confiança. O homem no comando.

Archie passou a mão pelo cabelo molhado e tossiu. "Está chovendo".

Ele parecia tão ruim assim?

"Obrigado por nos ajudar com os cães", disse Nick.

Archie tinha feito isso mais vezes do que ele conseguia se lembrar. Nos dias da Beleza Mortal, quando a contagem de corpos desafiava a imaginação, Archie sempre sentia que era ele quem precisava dar a notícia. A família merecia receber a notícia do comandante da força-tarefa. Além disso, Archie não desejava causar esse tipo de dor a ninguém.

"Nós encontramos um corpo, hoje, no rio", disse Archie. Ele fez uma pausa para deixá-los se acostumarem, mas quando ele olhou de rosto em rosto ele viu que já adivinharam imediatamente, como sempre faziam. E quando eles sabiam, eles esperavam estar errados. "Eu o vi com você na noite passada. O garoto com o cavanhaque trançado".

A mulher mais jovem, Kristen, levantou as mãos sobre a boca. "D.K.", disse ela entre os dedos.

Archie escreveu D.K. em seu bloco. Em seguida, perguntou: "Você sabe o nome completo dele?"

"Dennis alguma coisa", disse Nick. Ele se virou para os outros. "Keating? Keller?"

"Keller," Kristen disse por trás de suas mãos.

Archie escreveu. "Você sabe de onde ele era?", Ele perguntou.

"K-Falls," o barba espessa disse. Klamath Falls era uma cidade do alto deserto perto do Oregon na fronteira com a Califórnia. Archie checkou suas notas. Devin Longman.

Kristen deixou as mãos cair da boca em seu colo, com os punhos apertados. "A mãe dele mora lá", ela disse. "E um padrasto. Eles não se dão bem." Ela olhou para Archie com ceticismo. "Ele está morto?"

"Sinto muito", disse Archie.

"Deixei-o", disse Nick. Seu olhar estava fixo no chão, mas seus olhos brilhavam com intensidade feroz. "Na noite passada, eu o deixei para trás".

"O que aconteceu?", Perguntou Archie.

"Tem um lugar perto do trilho do trem ao longo da ponte de aço. É um espaço apertado debaixo dos trilhos. Você tem que rastejar sobre alguns dos suportes de madeira e chegar em uma trilha, entre as duas linhas do trem. Não é grande o suficiente para andar todo o caminho, mas usávamos para armazenar cerveja lá em cima às vezes, quando tínhamos. Mas não valia a pena. D.K. pensava que alguém poderia estar vivendo lá embaixo."

"Por quê?"

"Ele encontrou este brinquedo. Um boneco do *Star Wars*. Estava fora da abertura. Ele tentou se arrastar, mas você não pode ver além de alguns metros, e é tão alto lá em cima sob a ponte que você não pode ouvir nada. Só engatinhando dá pra entrar. É pequeno. Grande o suficiente apenas para uma criança."

O pensamento de Archie foi para o brinquedo que tinha sido encontrado no bolso de DK. "Darth Vader", disse ele.

"Sim".

"Ele pensou que poderia pertencer ao garoto que estavam procurando", disse Devin.

"Ele não nos disse nada até depois que você foi embora", disse Nick.

Kristen mordeu as unhas. "D.K. fugiu de casa quando tinha doze anos. Seu padrasto costumava espancá-lo muito. Ele pensou que talvez o garoto houvesse fugido também. Ele não queria a polícia atrás dele."

"D.K. foi procurar por ele", disse Archie.

"Ele ia chamá-lo para vir com a gente", disse Devin. "Ele estava preocupado com o garoto que estava lá em cima. Que ele poderia se afogar ou qualquer outra coisa."

"Esperamos", disse Nick. "Mas a van do abrigo chegou, e as pessoas pelos cães também. D.K. nem sempre fazia o que falávamos. Ele se distraia."

"Ele estava alto" A mulher mais velha, disse, limpando o nariz com as costas das mãos. Foi a primeira coisa que ela disse desde que ela tinha soletrado seu nome para Archie.

Nick estava balançando a cabeça, os olhos fixos num ponto no chão novamente. "Eu não deveria ter deixado ele para trás."

Eles poderiam ter esperado a noite toda. D.K. não teria voltado.

Archie colocou a ponta de sua caneta no seu bloco. "Onde exatamente fica este atalho?", ele perguntou.

Nick descreveu como chegar a ele, e Archie escreveu.

"Não se culpe," Archie disse quando ele os deixou. Mas ele sabia que Nick o faria. Archie e Nick eram parecidos.

Archie chamou a força-tarefa, logo que saiu do prédio. Quanto mais cedo alguém achasse o esconderijo do menino, melhor.

ALGUMA COISA ESTAVA acontecendo. Susan ouviu uma voz vindo do escritório principal da força-tarefa. Não gritos, mas o som de alguém passando uma informação urgente. Ela levantou-se da mesa de Archie e correu para lá.

Heil estava fazendo alguma coisa com a sua arma. Ele tinha um estojo em sua mão, olhou para ele e em seguida colocou-o no coldre. Ngyun e Flannigan estavam colocando seus casacos azuis escuros escrito POLÍCIA em letras maiúsculas e brancas nas costas.

Os patrulheiros uniformizados que estavam rastreando as denúncias estavam sentados em suas mesas falando no telefone ou clicando em sites, mas Susan podia ver seus olhos seguindo os detetives.

Susan olhou para Anne e viu-a sentada em uma mesa vazia, com um laptop aberto e pilhas de arquivos e notas ao seu redor.

"O que está acontecendo?" Disse Susan.

Heil estava recolocando sua arma . "Nós vamos verificar uma coisa", disse ele. "Você vai ficar aqui."

"Mas — ", disse Susan.

"Sem discussão", afirmou Heil.

Susan caminhou até Anne. "Você sabe o que está acontecendo?"

Anne manteve o olhar fixo em suas notas. "Eles têm uma pista sobre onde o menino poderia estar", disse ela. "Isso é tudo que eu sei."

"Pergunte se podemos ir também", disse Susan.

"Não", disse Anne.

"Você não vai agir?"

Ela olhou para Susan e suspirou. "Tenho dois filhos", disse ela. "Quando eles dizem que não é seguro, eu escuto".

O telefone de Susan tocou. Não era o número do editor da *Times* a chamá-la de volta, ela já havia programado um ringtone para o seu número "Big Apple Dreamin'", de Alice Cooper. Este era o toque padrão. Ela não reconheceu o número.

Ngyun jogou um blusão em Heil. Ele tentou pegá-lo, mas caiu, e o blusão voou para o chão. Heil inclinou-se e pegou.

"Olá?" Susan disse em seu telefone.

Houve uma pausa. "Susan Ward?"

"Sim", Susan disse lentamente.

"Aqui é Frances Larson. Eu sou a filha de Gloria Larson. Você queria falar comigo?" Susan tinha quase esquecido que ela tinha ligado para Brad do Mississippi Magnolia e pedindo-lhe para mandar uma mensagem para a família de Gloria.

Ngyun, Flannigan, e Heil estavam colocando seus bonés de beisebol agora. O mesmo azul, as mesmas letras brancas escrito POLÍCIA.

"Você está aí?", Disse Frances Larson.

Susan voltou sua atenção para a chamada. "Sim", ela disse. "Sim, muito obrigada." Ela tentou descobrir uma maneira simples de explicar tudo. "Eu escrevi uma história ontem para o *Herald* sobre um esqueleto que foi encontrado há poucos dias no lamaçal da Columbia. O esqueleto é antigo, que remonta aos anos quarenta ou cinquenta. Sua mãe leu a minha história e me ligou. Ela disse que achava que sabia a identidade do homem". Susan mentalmente cruzou os dedos. "Alguém chamado McBee?"

"Sinto muito a minha mãe ter te incomodado", disse Frances Larson. "Mas ela fica confusa. Ela gosta de ler jornais, e fica agitada as vezes."

Susan fez outra tentativa. Só para ter certeza. "Você nunca ouviu alguém mencionar o nome Mcbee?"

"Sinto muito, mas não."

"Ela já morou em Vanport?"

"Não", disse Frances Larson. "Ela cresceu no bairro de Kenton. Viveu lá até que ela vir morar comigo. Ela era secretária na União do Estivadores de Portland. Depois que ela e meu pai se casaram, ela ficou em casa."

Susan olhou em torno atrás de uma caneta e papel. Seus olhos fixaram-se em uma caneta esferográfica na mesa de Anne, e ela a pegou.

"Hey" Anne disse.

Kenton, Susan escreveu em sua mão. *União dos Estivadores de Portland. Secretária*. Ela procurando uma agulha em um palheiro. "Você se importa se eu perguntar quando eles se casaram?"

"Mil novecentos e cinquenta e quatro."

Susan escreveu descendo pela base do polegar. Gloria Larson poderia ainda ser solteira em 1948. "Qual era o seu nome de solteira?", Perguntou Susan.

"Green. Gloria Green".

Susan escreveu *Green* em toda a palma da mão. "E ela nunca mencionou alguém chamado McBee, ou a inundação de Vanport?"

"A inundação de Vanport?" Frances Larson fez uma pausa. "Ela falou sobre o assunto. Quando eu estava crescendo, nós conhecemos um monte de pessoas que perderam suas casas e se mudaram para o Norte de Portland. Muitos deles tinham teorias da conspiração sobre a forma como a Secretaria de Habitação deixou a cidade inundar. Para livrar-se de todos os negros." Ela fez outra pausa e riu. "Mas minha mãe nunca acreditou."

"Ok, então", Susan disse, tentando esconder sua decepção. "Obrigado de qualquer maneira."

"Desculpe, eu não poder ajudar."

Susan desligou. Os detetives tinham saído. Anne estava segurando-lhe a mão, a palma para cima. Susan colocou o caneta nela.

"Eu não podia ir com eles de qualquer maneira", disse Susan. "Eu tenho muita coisa para fazer."

Ela voltou ao escritório de Archie e caiu na cadeira de frente para o seu computador.

Era verdade. Ela tinha muito que fazer. Ela tinha enviado ao *Times* a informação sobre a mais recente vítimas do Serial Killer, mas ela tinha muito trabalho ainda para fazer a história atual. O documento do Word que ela estava trabalhando estava aberto na tela. O cursor piscava para ela insistentemente.

Susan minimizou a janela, abriu o navegador da Internet de Archie, e pesquisou "Gloria Larson." Mais de vinte e seis mil links apareceram. Então ela tentou "Vanport 'Gloria Larson." Nada. "'Gloria Larson 'União dos Estivadores de Portland ." Nada. "Vanport 'União dos estivadores de Portland '."

Bingo.

O primeiro acesso era um PDF da Sociedade Histórica de Oregon documentando a inundação. Susan marcava os destaques. WE Williams, o presidente do União dos Estivadores de Portland, tinha sido o primeiro a ligar e denunciar a ruptura na barragem. Um de seus funcionários, Floyd Wright, estava patrulhando a ferrovia e tinha visto o leito da estrada ceder. Ele correu de volta para o pátio e alertou Williams, que chamou imediatamente a Secretaria de Habitação.

Williams e Wright esperaram, mas não ouviram uma sirene de evacuação, por isso Williams tinha ligado de novo. "Pelo amor de Deus, alertem as pessoas", foi relatado que ele gritou ao telefone. E a sirene soou não muito tempo depois. Trinta e cinco minutos depois, Vanport estava debaixo de 3 metros de água.

Gloria Larson tinha trabalhado para a União dos Estivadores de Portland.

Era uma ligação.

Susan clicou para imprimir.

Ela disse ao editor nacional que ela cobriria a conferência de imprensa. Isso deu-lhe duas horas. Ela pesquisou "'Inundação de Vanport.'" Valia a pena a tentativa. Às vezes, a melhor pesquisa acontecia quando você nem sabia o que você estava procurando.

O RELÓGIO DE Archie era um Timex. Ele tinha uma parte de titânio com um fundo negro, os números brilhavam no escuro, e maquinário suíço. E ele pagou apenas US \$14,99 para isso. Archie estava olhando para ele enquanto atravessava o corredor da UTI, motivo pelo qual ele não viu sua ex-esposa, até que ele estivesse diante dela.

Ela estava deixando seu cabelo crescer. Ela sempre usou muito curto, e agora caíam os cachos abaixo de suas orelhas. Archie ainda estava se acostumando com isso. Suas sardas marrons brilhavam na luz hospital. Ela parecia mais feliz e mais jovem, agora que haviam finalmente se separado.

"É você", disse ele em tom baixo.

"Você deveria ter me avisado", disse ela. "Eu fiquei sabendo pelo noticiário."

Ela estava certa. Debbie tinha conhecido Henry desde sempre. Henry tinha estado lá para ela todos os dias quando Archie estava faltando, e, em seguida, para o longo mês no hospital depois. Ele estava cuidando dos seus filhos, ia a todas as festas de aniversário. Ela merecia ouvir isso dele. "Sinto muito", disse Archie. Quantas vezes ele disse isso a ela? "Eu estava tentando te proteger."

"Bem, pare", Debbie disse com um sorriso gentil.

Archie esticou para olhar em volta, para o quarto onde Henry jazia como uma múmia em um túmulo. Claire ainda estava na cadeira que estava antes, lendo um livro. "Como ele está?"

Debbie olhou para longe. "O mesmo".

"Onde estão as crianças?" Por que ele fez parecer uma pergunta pessoal?

"Com Doug, em casa", disse Debbie. "Eu posso trocar com Claire. Já fiz isso antes, você sabe."

Antes. Quando Archie estava em coma induzido. Quando ela se sentou em uma cadeira ao lado de sua cama de hospital. Antes de Archie confessar tudo.

"A irmã dele está aqui", disse Archie.

"A irmã dele é uma idiota", disse Debbie.

"Claire sabe como lidar com isso muito bem."

"Você é um idiota, também."

"Só emocionalmente", disse Archie.

"Sim", disse Debbie. "Não é só isso."

Ela esperou, e eles ficaram quietos. Ele poderia dizer que ela estava trabalhando como dizer alguma coisa.

"Um dos médicos veio e conversou com Claire", ela disse finalmente. "Disseram-lhe que Henry pode ter sofrido hipóxia cerebral." Ela fez uma pausa. "Ela é causada pela falta de oxigênio no cérebro."

Archie teve que desviar o olhar por um momento, para mantê-lo juntos. "O que estamos falando?"

"Oh, podem ser muitas coisas", disse Debbie. "Falta de atenção, perda de memória de curto prazo, movimentos descoordenados. As pessoas costumam se recuperar. Em graus variados. Depois, há o hipoxia cerebral grave. O paciente entra em um estado vegetativo prolongado. Eles podem respirar por conta própria. Eles podem abrir seus olhos. Eles dormem. Mas eles não respondem a nada, eles não sabem que você está lá." Ela olhou-o nos olhos. "Eles geralmente morrem dentro de um ano."

"Não o Henry", disse Archie.

Ela apertou seu braço. Sua boca formou a palavra *Não*, mas nenhum som saiu.

Archie tossiu. O esforço chegou a doer. O escarro encheu sua garganta e sacudiu em torno de seus pulmões. Ele parecia que pertencia a UTI. Ele enxugou a testa com a manga.

As sobrancelhas de Debbie estavam franzidas. "Você está doente?"

Archie olhou para longe. "É apenas um resfriado."

Ela olhou-o por um longo momento. "Ok", disse ela lentamente. "Eu vou pegar um pouco de comida. Você quer alguma coisa?"

Ele não tinha comido desde a manhã. "Sim".

"O quê?"

O telefone de Archie tocou. "Você sabe o que eu gosto", disse ele. Pegou o telefone e olhou para o identificador de chamadas. "Eu tenho que atender isso", disse ele, olhando para cima. Mas Debbie já havia se virado e começado a andar pelo corredor.

Ele levou o telefone ao ouvido. "Vá em frente", disse ele.

"Descobrimos que," Heil disse, emocionada. "Eles estavam certos. A abertura é pequena. Mas nós observamos com uma câmera e alarga-se um pouco quando você chegar mais perto. Parece que um garoto foi definitivamente lá em cima. Nós encontramos mais bonecos do *Star Wars*, sacos de frutas secas, uma lanterna. Sem saco de dormir ou cobertor, no entanto. Talvez ele levou".

"Pegue o saco de dormir e deixe os bonecos do *Star Wars*", disse Archie. "Você não tem filhos, tem, Heil?"

"Não, senhor."

Então, o garoto estava ficando debaixo da ponte durante o dia. Que trazia a questão, para onde ele ia à noite? Archie sabia a resposta. Patrick Lifton voltava para o seu captor, exatamente como ele havia retornado para ele depois do hospital. O menino estava sob controle do sequestrador por um ano e meio. As crianças eram especialmente vulneráveis à síndrome de Estocolmo. Patrick tinha espaço para passear, e sempre voltava, era provavelmente, parte de todo o poder do assassino.

Onde quer que o seqüestrador estivesse hospedado, ele estava perto o suficiente do rio, para o menino de ir e vir sempre.

"Oh," Heil acrescentou, "e encontramos mais dessas chaves. Como aquelas debaixo da cama do hospital. Mais seis até agora. Todas do mesmo tamanho. Aparência de velhas. Todas se encaixam em diferentes fechaduras."

ARCHIE ACORDOU TOSSINDO, todo rígido e dolorido em uma cadeira na sala de espera da UTI. Seus pés estavam sob a mesa de café ao lado de um burrito meio comido. Sentia-se pegajoso e frio. Seus músculos doíam. Lembrou-se de Debbie levando-o lá para comer e tirar uma soneca, mas não tinha idéia de quanto tempo tinha passado desde então. Olhou para o relógio.

"Você só esteve dormindo uma hora", ele ouviu uma voz dizer.

Ele olhou para cima e encontrou Anne estava sentada na cadeira em frente a ele. Ele não sabia quanto tempo ela estava lá.

"Henry", ele perguntou.

"Nenhuma mudança", disse Anne. "Eu peguei algumas coisas da farmácia lá embaixo", ela completando. Ela levantou um saco de papel branco do chão, e colocou sobre a mesa de café, e começou esvaziá-lo, colocando cada item na mesa. "Xarope de tosse. Pastilhas de cereja. Descongestionante. Tylenol. Vitamina C."

"Você pode me escrever uma prescrição de Vicodin", perguntou Archie.

Ela o ignorou, seus lábios franzidos de preocupação. "Você ainda está com febre. Ainda bem que baixou um pouco. Por enquanto"

"Você pode dizer só olhando?"

"Eu sou uma mãe."

"Como você sabia que eu estaria aqui?"

Ela levantou uma sobrancelha para ele, como se fosse óbvio.

Archie abriu a garrafa de Tylenol e tomou dois comprimidos com um gole de xarope para a tosse.

"Ótimo", disse Anne.

"Eu tenho muita experiência de tomar pílulas."

Ela levantou a mão e fez um gesto vago para o hospital. "Como é a sensação de estar aqui?"

"Na UTI? É uma caminhada pela estrada da memória."

"Em quarto você estava?"

"Pergunte a Debbie. Eu estava inconsciente o tempo todo. Você tem um perfil para mim?"

"Eu não vim apenas trazer-lhe xarope para tosse." Ela acenou para o notebook. "Eu tenho alguns pensamentos ociosos e observações."

Archie tinha aprendido há muito tempo que os pensamentos e observações ociosas de Anne eram mais confiáveis que as dissertações acadêmicas da maioria das pessoas.

Ele sentou-se.

Ela não abriu seu notebook. Ela não precisava. "O assassino quer vê-los morrer", disse ela com naturalidade. "Imobilizados, impotentes. Nenhuma ameaça. O assassino tem todo o poder. Esta é uma pessoa que quer a vítima saiba o que aconteceu com eles, quer que eles saibam o que ele fez. Quer que eles experimentem a morte."

"Como um polvo", perguntou Archie.

"Por que não?", Disse Anne. "Tem funcionado muito bem até agora."

"Que tipo de pessoas possuem aquários?", perguntou Archie.

"Você quer dizer além de psicopatas e restaurantes de sushi?", Disse Anne. Ela revirou os olhos. "Todos os tipos de pessoas têm aquários, Archie. Muitos de nós acham os muito reconfortante." Ela levantou um dedo. "Aquários de água salgada, no entanto, precisam de um tratamento especial. A manutenção é muito cara. Manter um tanque cefalópode é um outro nível. Eles têm uma vida útil de dois ou três anos, se você tiver sorte. Você não vai ter um grande nível de apego emocional. Eles não são como cães."

"Então como é que ele se sente sobre o garoto? Ele é outro espécime? Algo para se manter e observar?"

"Eu acho que ele acha o garoto útil." Ela cruzou as botas na altura dos tornozelos, se inclinou para frente. "Eu estou curiosa na habilidade do assassino para chegar tão perto de vítimas. Mesmo Henry. Mesmo após suspeita envenenamentos. Você tinha avisado ao menino de rua especificamente sobre o polvo. Este assassino se mistura, aparece confiável. Em casos como este, nós consideramos alguém disfarçado de funcionário da lei, exceto que o menino de rua não teria confiado um policial ou alguém em um uniforme da Guarda Nacional. Uma mulher. Alguém fingindo perigo. Ela precisa de ajuda. A vítima vai em seu auxílio, e ela empurra o polvo na mãos da vítima. É escuro, a pessoa toma a coisa reflexivamente, antes mesmo de saber o que aconteceu. Eles estão mordidos instantaneamente. O veneno entra em seu sistema. Eles ficam desorientados. O assassino recupera o polvo. Espera enquanto a vítima morre. Em seguida, empurra a vítima para dentro da água."

"Ele está usando a criança como isca", disse Archie.

Anne assentiu. "Se assim for, a criança já assistiu pelo menos quatro pessoas morrerem. Isso explica por que ele deixou o hospital, por que ele foi encontrar o seu caminho de volta para essa pessoa. Ele seria totalmente dependente. E aterrorizado". Ela pensou por um segundo. "Esta pessoa esta em salas de bate-papo, trocando de informações com outros fãs de cefalópodes", disse ela. "E falou com os funcionários da loja de aquário. Há uma trilha. Você pode encontrá-lo."

Chefe Eaton enfiou a cabeça na sala. "Os pais estão aqui", disse a Archie. "Eles querem conhecê-lo."

Archie pigarreou. "É claro", disse ele. Ele se levantou, pensando nos pais que estavam lá embaixo, enquanto ele seguia Eaton para encontrá-los, mas quando Eaton abriu mais a porta Archie viu que os pais de Patrick Lifton estavam ali.

Eles ficaram na porta, Eaton atrás deles. Eles não vieram para dentro Eles se pareciam fisicamente. Desconfie de Archie. Ele tinha visto isso antes.

Policiais associados a vítimas de crimes gerava dor e ansiedade. Tudo tinha ido muito bem antes da polícia aparecer.

"Eu sou o detetive Sheridan", disse Archie. Ele estendeu a mão e Daniel Lifton a tomou. Ele tinha um aperto de mão firme e ele olhou para Archie nos olhos por baixo da aba do seu boné de beisebol. "Nós apreciamos tudo o que você está fazendo ", disse ele.

"Eu gostaria de poder fazer mais", disse Archie. Ele estendeu a mão para Diana Lifton. Ela embrulhou mão em torno dele, mas ela não mexeu. Ela só segurou-a por um momento. A palma da mão era lisa e quente.

"Como ele estava?", Ela perguntou. "Quando você o viu?"

Archie não sabia como responder a isso. Estava escuro. E Patrick Lifton tinha acabado de se afogar. Como se ele parecia? Ele parecia assustado, molhado e perdido.

"Ele é um lutador", disse Archie.

Diana concordou.

"Obrigado", disse Daniel Lifton.

Por que não estavam eles nervosos? Por que não tinham chegado na cara do Archie e exigido saber como ele tinha perdido seu filho e deixado sozinho na noite?

"Ok", Chefe Eaton disse aos pais. "Vamos lá." Ele olhou para Archie. "Eu vou dar-lhe alguns minutos para se preparar", disse ele.

A porta se fechou, e Archie e Anne estavam sozinhos.

"Eu não estou bem", disse ele antes que ela pudesse perguntar.

"Eu não pensei que você estivesse", disse ela.

Eles estavam esperando por ele. Era hora do desfile na frente das câmeras de TV. Archie olhou fixamente na bolsa de Anne. "Conferência de Imprensa", disse ele. "Você tem ferramentas suficientes aí para fazer me parecer humano?"

"Querido", disse ela, "Eu estive esperando para escovar seu cabelo desde que nos conhecemos."

ISTO É COMO você deve matar alguém, ele pensou.

Você deixa experimentarem lentamente. Por meios naturais. Você deixa eles passarem pelo terror até o entendimento. Ele gostava de dar um passo para trás e ver os seus olhos quando eles sentiam os primeiros efeitos do veneno. Eles todos entravam em pânico. Tropeçavam. Lutavam. Era a condição humana, lutar. A raiva contra a morte. Assim como era da nossa natureza para deixar ir. O corpo sabia quando desistir do fantasma. O cérebro liberando endorfinas. A dor desaparecendo.

Ele viu seus peitos subindo e descendo, mais lento, mais lento.

Pacífico no final.

Seus olhos sorrindo.

E depois tudo isso, eles ficavam em silêncio como ratos.

Era muito parecido com o afogamento.

O rio Willamette sempre matou as pessoas, de uma forma ou de outra, por um longo tempo. Poluição tóxica, metais pesados, hidrocarbonetos aromáticos policíclicos. Resíduos industriais e urbanos; escoamento agrícola. Um trecho de seis quilômetros do rio através de Portland era considerado um local super fundo. O rio violado com padrões de temperatura, as bactérias e mercúrio alterados. Você não podia comer a maioria dos peixes.

Era uma bela vista, quando se subia. Tinha esperado muito tempo por isso.

Ele foi paciente. Eles estavam ali por quase uma hora, sua mão enluvada no ombro do menino, e as suas costas apoiadas contra a parede de tijolos do corpo de bombeiros vazio.

O menino foi totalmente envolto de roupas de chuva, capa impermeável com capuz, botas de chuva. Todas em cores escuras. O casaco era muito grande e as algemas presas em suas mãos. O capuz caía sobre a testa e escondendo seu perfil.

O homem usava botas impermeáveis verdes de borracha na altura da cintura sob um casaco leve, e um boné de beisebol preto.

Eles estavam vestidos para o clima.

Ele havia esperado os dois soldados da Guarda Nacional passarem. Eles estavam marchando para baixo da esplanada. Um carregava uma vara comprida, e o outro parecia estar patrulhando. Eles não podiam vê-lo, ou ao menino. As pessoas não vêem coisas que não estava procurando.

A água espirrava nas botas do homem. O mundo nunca esteve mais alto. O pulsar das lâminas do helicóptero no céu acima da cidade, o trovão da chuva, surgindo no rio, a estática da chuva batendo na água parada. O barulho parecia ser a construção de uma febre.

O homem olhou para o menino para ver se ele podia ouvi-lo, mas o rapaz não olhou para cima. O menino estava muito calmo. Há alguns dias que ele não falava uma palavra.

Um movimento chamou a atenção do homem, e ele olhou para a esplanada e viu outro soldado da Guarda Nacional galopando em sua direção. Chapéu do soldado estava puxado para baixo. Ele estava indo para algum lugar, de cabeça baixa.

O homem empurrou o menino para a frente com a mão pesada.

"Você pode ajudar o meu filho?" O homem disse.

O menino tropeçou, sem equilíbrio.

O soldado parou e olhou para cima. Ele estava há uns bons trinta metros de distância.

O homem acenou.

O soldado sorriu e acenou de volta.

Ele veio até eles em uma corrida lenta. Quando chegou a poucos metros, parou, colocou as mãos sobre suas coxas, e abaixou-se para ficar do nível ocular do menino. "Qual é o problema, garoto?", Ele perguntou.

O menino não respondeu.

O homem acenou com a cabeça no balde. "Ele descobriu isso na calçada", disse ele. "Achamos que está ferido."

"O que é isso, companheiro?", Disse o soldado.

"Mostre a ele", disse o homem.

O menino fez um som. De alguma forma, borbulhou acima do rugido dos rotores e dos rios. Uma palavra. Claro como o dia.

"Executar".

O homem pegou o balde do menino, levantou-o e jogou o seu conteúdo no soldado.

A água derramou contra o rosto do soldado e no peito. Ele gritou de surpresa. Em seguida, olhou para no chão, com o rosto em confusão.

O homem estava ofegante, com o coração batendo em seu peito. O anel azul colocar aos pés do garoto, um bola amarela suave de carne, seus anéis de néon de um azul brilhante pulsando. Ele pegou-o com sua luva e baixou-o suavemente dentro do balde. Se eles conseguissem colocar de volta em seu tanque em breve, poderia viver.

O soldado não se moveu.

Isso era um bom sinal.

O homem olhou para ele. O soldado levantou a mão para sua bochecha, e olhou para ele. O homem podia ver uma pequena marca vermelha se formando. Mas o ponto de injeção era minúsculo. Não havia qualquer marca de sangue.

O soldado caiu de joelhos, de frente ao garoto. Ele parecia surpreso.

"Você", disse ele.

A palavra pairou no ar por um momento antes de o soldado se atrapalhar com seu rádio, e cair, e entrar em colapso.

Desta vez, não houve tempo para assistir.

O homem pegou o balde e colocou uma mão enluvada sobre o ombro do rapaz. "Isso é como você mata alguém", disse ele.

A CONFERÊNCIA DE imprensa estava no hospital. Era um compromisso. A imprensa tinha corrido até o Emanuel depois de terem descoberto que Henry tinha sido envenenado. O hospital tinha se protegido, trazendo segurança extra para mantê-los fora. Desta forma, a imprensa iria receber os seus tiros hospitalares.

O oficial de informação pública foi ao microfone dando atualizações da inundação, com Robbins, o prefeito, o chefe e Archie de pé atrás dele.

Os pais de Patrick Lifton sentaram-se segurando as mãos a frente. Aparentemente, a mídia tinha conseguido o comunicado de imprensa. Havia uma centena de cadeiras lá, e ainda estavam de pé apenas quatro.

Archie tinha sido recebido com uma enxurrada de perguntas quando ele entrou na sala.

"Você já viu Gretchen ultimamente?"

"Como você está se sentindo?"

"Ela deve ter a pena de morte, desta vez?"

Eram sempre os mesmos.

A PIO continuou. O número de sacos de areia, que tinham sido cheios. O número de voluntários que tinha participado. A imprensa obedientemente tomou notas.

Depois foi a vez do prefeito. Ele fez o discurso de não precisam se preocupar, tudo está sob controle. O paredão estava segurando. A cidade tinha uma força tarefa de crack liderada por Archie Sheridan na trilha do assassino. Eles tiveram alguns bons suspeitos. (*Agora, isso seria notícia*, pensou Archie.) Seria tudo resolvido em breve.

Ele não tomou perguntas.

Chefe Eaton intensificada. Ele teve que ajustar o microfone para baixo de um pé. As luzes da sala escureceram, o chefe clicou um controle remoto na mão, e uma imagem projetada em uma tela apareceu atrás dele, acima da cabeça de Archie.

"Este é um polvo de anéis azuis", disse Eaton o assunto com naturalidade. "Eles são atualmente reconhecidos como um dos animais mais venenosos do mundo. Eles podem ser reconhecidos pelo seu azul característica e anéis pretos e pele amarelada. Eles caçam pequenos caranguejos, caranguejos e camarões, e podem morder se atacados, incluindo os seres humanos se provocado." Archie sabia que o material era o texto exato da página da Wikipedia. "Nosso médico legista descobriu uma toxina desse animal nos corpos de quatro pessoas e recentemente acreditavam-se que se afogou no Willamette: Dennis Keller, Stephanie Towner, Zak Korber, E Megan Parr. Foi também a toxina que foi usada para envenenar o detetive Henry Sobol, que permanece em estado crítico no andar de cima."

As mãos já estavam de pé: vinte, trinta. Todo mundo se esforçando para ser mais alto.

"Acreditamos que alguém está usando o polvo como uma arma", continuou Eaton. "Estes são criaturas de água salgada, que exigem um habitat muito específico para sobreviver. Eles não podem viver nas nossas águas." Algumas das mãos desceram. "A pessoa que estamos procurando é alguém com interesse em aquários. Ele ou ela tem pelo menos um depósito de água salgada".

Eaton respirou fundo e olhou para Archie. Archie deu-lhe um aceno de cabeça.

O chefe voltou para o microfone. "O suspeito também é uma pessoa de interesse em um caso de pessoas desaparecidas." Ele apertou um botão no controle remoto e a imagem acima da cabeça de Archie foi alterada. Archie viu que os pais do menino vacilaram e seu controle sobre o outro apertar. A sala ficou mais barulhenta. "Patrick Lifton," o chefe disse, acalmando a imprensa com uma mão. "Nove anos de idade. Ele desapareceu de Aberdeen, Washington, um ano e meio atrás. Acreditamos que este é o menino que o detetive Sheridan resgatou do rio na noite passada." Ele fez uma pausa.

"Como vocês sabem, o menino desapareceu do Hospital Emanuel várias horas depois disso."

Archie perguntou como que ia jogar na mídia.

Eaton deve ter se perguntado, também. Porque isso foi quando ele decidiu transformar as coisas para Archie.

Archie avançou, ajustou o microfone, e olhou para a multidão. Cinquenta flashes dispararam. Archie pigarreou. Ele tinha preparado observações. Eles estavam em fichas nos bolsos. Mas ele estava tendo dúvidas. Esse cara queria o controle. É o que ele alimentava.

Alguém precisava desafiar isso. Archie era necessário para lutar com ele para o menino.

"Patrick Lifton está vivo", Archie disse no microfone. "Ele está ou vagando pelas ruas ou ele está sob a custódia do serial killer que roubou-o de seus pais. De qualquer maneira, eu vou encontrá-lo." Archie olhou diretamente para os pais do menino sentados na primeira fila. "Eu. vou. encontrá-lo." Ele olhou de volta para a multidão, e desta vez se dirigiu a linha de câmeras de TV. "Patrick Lifton está voltando para casa."

Archie suspirou. Sua cabeça doía.

"Alguma pergunta?"

SUSAN TINHA QUE ficar na parte de trás da sala de conferências do hospital durante a conferência de imprensa. Archie respondeu perguntas por vinte minutos. Ela manteve o caso de Patrick Lifton fora dos registros, e agora Archie e o chefe haviam anunciado ao mundo sem nada mais além da cabeça erguida. Ela ficou um pouco amarga sobre isso antes de se lembrar que seus problemas eram insignificantes em comparação com os de Patrick Lifton. O clima na sala era sombrio, mas assim que a conferência de imprensa terminou, foi o Armageddon quando todos se esforçavam para ter suas histórias. Susan conseguiu uma cadeira no caos. Ela estava sentada de pernas cruzadas, com o seu laptop sobre os joelhos, digitando um trecho da conferência de imprensa para o *Times*, quando ela sentiu o cheiro de Stetson.

"Oh," ela disse, enquanto Derek sentava-se em uma das cadeiras de plástico ao lado dela. "Isso é bom. Você está vivo."

"Você finalmente percebeu", disse ele. Ele mexeu a mandíbula um pouco. "Vi a matéria on-line para o *Times*."

"Sim", disse Susan. Ela apontou para o distintivo de imprensa sobre o cordão em volta do pescoço. "Eu estou cobrindo a conferência de imprensa", disse ela.

Derek examinou o distintivo. "Isso foi totalmente impresso em seu computador", disse ele.

Ela puxou-o para longe dele. "Eles ainda não me enviaram as credenciais."

"Ian está chateado", disse Derek. "Você deveria ter voltado para nós."

"Ian me demitiu", disse Susan. Ela terminou de escrever a frase que ela estava escrevendo e clicou em enviar.

"Eu tenho que ir", disse ela, fechando e guardando seu laptop. Ela ergueu o queixo em direção a Archie e Robbins, que estavam conversando perto do

púlpito. "Eu tenho que falar com a minha vasta gama de fontes internas".

Ela deixou Derek e foi direto para a frente da sala, o que exigiu alguma habilidade para se esquivar. Ela tropeçou em um cabo de laptop, pisou em três pés, e afastou em um câmara man da KGW ajoelhado com o cotovelo. Archie e Robbins ficaram encostados na parede. Pararam de falar quando a viram. As pessoas faziam muito isso.

"Alguma notícia sobre Ralph ?", ela perguntou a Robbins.

Ele olhou para ela. "Eu realmente só compreendi cerca de vinte por cento do que você diz."

"O esqueleto de Vanport", disse Archie.

Robbins piscou. "Desde quando nós decidimos que ele tinha alguma coisa a ver com Vanport ?"

"A época bate", disse Susan. " A localização está certa."

"Mais ou menos 10 anos e 5 Km", disse Robbins. "A idade dos ossos é um palpite. Eu estive ocupado com os corpos mais frescos. Há um menino de nove anos de idade, desaparecido, você sabe. Não a sessenta anos atrás. Agora".

O rosto de Susan queimou.

"Eu tenho uma dica", disse ela. "De um leitor."

Robbins cruzou os braços. Archie estava em silêncio.

"Ela me deu um nome", disse Susan. "McBee. Quinze corpos foram recuperados após a inundação de Vanport. Quatorze mais foram dados como desaparecidos e nunca encontrados. Elroy McBee. Ele era bombeiro do Corpo de Bombeiros de Vanport. Foi visto pela última vez, duas horas antes do dique romper. Seu corpo nunca foi encontrado".

"Isso deveria ser importante para mim, porque eu sou negro?", perguntou Robbins.

Susan gaguejou por um segundo. "Não." Ela vasculhou sua bolsa. "Olhe para isso", disse ela, segurando a página que tinha impresso no gabinete de

Archie. "Muitas pessoas se perguntam por que demoraram tanto tempo para dar o alarme quando o dique rompeu? Eu encontrei esta história. "Ela contou-lhes a história de WE Williams e os armazéns, procurando um argumento que serviria ao seu propósito. "Ele não tinha que ter ligado novamente. Ele tinha feito sua parte. Mas ele se superou."

"Sua fonte sofre de demência", disse Archie. Susan lançou-lhe um olhar.

"Vai e vem", disse ela.

"Temos negócios mais importante agora", disse Archie. "Isso pode esperar."

Eles ainda não entenderam.

"Descubra alguma coisa sobre essas chaves?", perguntou Susan.

"Flannigan está investigando", disse Archie. "Ele mostrou algumas fotos para um serralheiro, mas não descobriu nada."

"Você sabe como todo mundo tem um pequeno talento?" Disse Susan "Como fazer baliza? Ou pegar Serial Killers? O meu é a pesquisa. Eu sou realmente uma excelente pesquisadora. "Ela abriu seu laptop, clicou em hospital wi-fi, e abriu uma página do eBay. Era uma lista de chaves. Ela virou a tela para eles.

A boca de Archie abriu.

"É uma chave de caixa de correio", disse Susan. Ela olhou em volta para a tela e para a fotografia de uma pequena chave preta que tinha três licitadores para um total de US \$4,50. "DeVanport. Eles recuperaram centenas delas do lamaçal após a inundação. Pessoas as colecionam."

Archie desviou o olhar, os olhos correndo para trás e para frente. Ele esfregou o rosto. "Quando saiu a sua coluna, sobre o esqueleto?"

"Quinta-feira", disse ela.

Ele suspirou e virou-se para Robbins. "Um dia antes do primeiro assassinato."

"Eu mandei os ossos para Lewis e Clark", disse Robbins.

"Pegue-os de volta", disse Archie.

"Eu vou falar com Gloria Larson," disse Susan. Ela arregalou os olhos inocentemente para Archie. "Você quer vir?"

"LIMPE SEUS PÉS", disse Gloria Larson. Ela parecia altiva. Não era o que Archie esperava. Primeiro, ela era branca.

"Este é meu amigo Archie", disse Susan. "Ele é detetive da polícia. Você se lembra de mim."

Gloria virou-se e caminhou de volta para seu apartamento, gesticulando para que eles a seguissem. "Eu estou fazendo um chá", disse ela.

Archie enxugou os pés, e Susan tirou suas botas de chuva de arco-íris e deixou na entrada da porta.

"Sente-se", disse ela na cozinha, e Archie e Susan se sentaram em um sofá listrado na sala principal do apartamento. "Camomila ou hortelã-pimenta", ela perguntou.

Ele nem gostava de chá. "Camomila", disse ele.

"Isso vai ajudar a limpar seus pulmões", disse ela. "E eu vou adicionar um pouco de mel."

Ele não tinha certeza de como ela sabia que ele estava doente. Ele não tinha sequer tossido.

"Hortelã-pimenta, por favor", disse Susan. "Posso te ajudar?"

"Eu estou bem, querida", disse Gloria.

A TV estava ligada. Eles estavam mostrando a entrevista de Archie na conferência de imprensa. "Eu vou encontrá-lo." Em seguida, a tela mostrou uma fotografia de Patrick Lifton.

Gloria deu a volta no balcão da cozinha com duas xícaras bonitas em pires. Ela colocou uma na frente de Archie e uma na frente de Susan. "Deixe o em infusão", disse ela.

Ela voltou para a cozinha e preparou o seu próprio chá.

Archie olhou para a mesa do café. Havia uma barra de Jolly Rancher meio comida ao lado de sua xícara de chá.

Susan viu, também. Ela a pegou da mesa e colocou-a na boca. "Essa é minha", disse ela.

Gloria voltou, colocou o seu chá no final da mesa, e se sentou em uma cadeira listrada em frente a Archie.

"O primeiro nome é McBee, era Elroy?", perguntou Susan.

"Elroy McBee", disse Gloria, mas Archie não poderia dizer se ela estava confirmando ou apenas repetindo.

Sentou-se um pouco para frente. "O que faz você pensar que o esqueleto no lamaçal é de McBee?"

"Haviam três", disse ela, olhando para sua xícara de chá. "Apenas três homens que desapareceram. Eram crianças principalmente."

"Os outros dois eram negros, não eram?" Disse Susan. "McBee era branco."

Gloria virou-se e olhou para a TV. Era uma fotografia diferente de Patrick Lifton agora. Um instantâneo dele abraçado com um labrador retriever preto.

Gloria parecia preocupada. "Aquele pobre menino. Será que ele se afogou?"

"Não", disse Archie.

"É seu filho?", Ela perguntou.

A pergunta surpreendeu Archie. "Não", disse ele. "Ele está desaparecido. Nós estamos procurando por ele."

Ela estava torcendo a parte inferior de seu cardigan em torno de seus dedos. Ela parou e cruzou as mãos em seu colo e olhou em direção à porta, como se estivesse esperando alguém.

"Está tudo bem, Sra. Larson?", perguntou Susan.

Gloria olhou para Susan e sorriu. "Ontem fui vê-los nadar na Ponte Fremont", disse ela. "Nós embalávamos o almoço e levávamos para as crianças. Eles atravessavam toda a parte central do rio em uma barca e levavam nos aolugar. Era maravilhoso."

"Isso foi em 1973," Archie disse a Susan.

Seu telefone tocou. Era Flannigan. Este exercício parecia ter terminando de qualquer maneira. "Desculpe-me", disse ele, atendendo a chamada.

"Alô", Archie disse. "O que aconteceu?"

"É Carter", disse Flannigan. "O soldado da Guarda Nacional. Ele está morto."

"Você é casado?" Gloria perguntou a ele.

Archie cobriu sua orelha livre e se afastou dela. Carter? Morto? Eles tinham acabado de vê-lo, não tinham? "O que aconteceu?", Ele perguntou a Flannigan.

Flannigan suspirou. "Ele não estava respondendo a seu rádio, então fomos à procura dele. Encontrei-o de braços perto da estação de incêndio no lado leste. Havia uma marca. Mas não em suas mãos. Mas em seu rosto."

Archie devia ter fechado parte do deck. Perto do paredão. Ele devia ter tirado todos de lá. Deixado a cidade inundar. Era uma zona de armazéns. "Eu estou indo", disse Archie.

Ele desligou o telefone.

Susan tinha empalidecido. "O que está acontecendo?"

"*Eu vou encontrá-lo*", disse Archie na TV. "*Eu. Vou. Encontrá-lo*".

Eles haviam chegado em carros separados.

"Carter está morto", disse Archie. "Você deveria ir para casa."

A testa de Susan enrugou. Ela engoliu em seco. "Eu tenho trabalho a fazer", disse ela. "Eu preciso de mais declarações. Eu tem fatos para checar."

Archie encarou-a. "Fique longe do rio, ok?"

Ela assentiu com a cabeça.

Ele ficou de pé. "Eu tenho que ir", disse ele a Gloria. "Obrigado pelo chá." Ele ainda não tinha tomado um gole.

"Você é?" Gloria perguntou novamente. "Casado?"

"Eu sou divorciado", disse Archie.

"Alguma vez você já teve um caso?"

"Apenas um", disse Archie.

Gloria baixou o queixo femininamente, os cabelos brancos caindo em volta do rosto. "Eu tive mais do que isso ", disse ela.

CARTER TINHA MORRIDO tentando pegar o rádio para obter ajuda. Ele estava de bruços no concreto, um braço estendido, e seu walkie-talkie a poucos metros de distância, de onde ele havia caído. Ele provavelmente tinha olhado para o rádio por um tempo enquanto seu corpo apagava. Ouvido as chamadas pelo rádio. Viu a luz vermelha piscar constantemente.

O rio batia sobre o barranco, formando uma onda sobre a calçada, onde Carter estava, deixando uma grudenta sujeira residual na calçada. O walkie-talkie entrou em curto com o contato com a água. Ele ainda estava funcionando quando o encontraram. Foi o que levou os soldados a encontrarem o corpo, eles ouviram a estática do rádio. Mas o rádio também estava morto, agora.

A chuva fazia cócegas na nuca de Archie. O céu estava escurecendo.

Os olhos de Carter estavam abertos. Seus cílios com gotas de água.

Flannigan olhou nervosamente para o rio. "Precisamos tirar ele daqui", disse ele. Ele era a terceira pessoa a dizer isto desde que Archie tinha chegado. A estação de bombeiros ficava vinte metros acima do rio, protegida por umas folhagens que saiam do rio abaixo. Hoje em dia não havia barrancos. As árvores esguias que cresceram na sua parte de cima balançavam e uma já tinha quebrado no meio da correnteza.

O rio soava como um trovão. Raios cortavam o céu sobre as nossas cabeças. E acima de tudo isso havia o grito das gaivotas. Elas dançavam acima do rio, tomando vôo alguns metros no ar, mas sempre a retornar, com os olhos no corpo de Carter.

Elas estavam com fome.

"Em um minuto", disse Archie.

Ele se agachou ao lado de Carter e examinou a lesão vermelha do tamanho de uma ervilha, que marcava o lado direito da bochecha. A lesão era maior do que as outras, e também estava em uma área mais sensível. O assassino tinha feito os outros pegarem o polvo de alguma forma. Mas não Carter. Carter teve a coisa jogada nele.

Uma película de água e de espuma escorria sobre a calçada, fazendo com que os dedos da mão de Carter se movessem ligeiramente.

Carter havia sido encontrado dentro do mesmo espaço de tempo que Henry foi envenenado. Mas Henry ainda estava vivo, por enquanto, e Carter não estava.

Archie olhou ao redor do pavimento molhado. Não havia nada lá. Qualquer evidência potencial tinha sido levada pelo rio. O rosto do garoto estava em todos os noticiários. Algo que iria acontecer. Ele tinha sido visto em público. No Oaks Park. As pessoas tinham-no visto. Alguém poderia entregá-lo agora.

"Olá". Robbins parou ao lado de Archie, o terno Tyvek que ele tinha usado para a conferência de imprensa já estava molhado de chuva. "Nós precisamos movê-lo para fora daqui."

"Tudo bem", disse Archie.

O telefone de Archie tocou, ele deixou tocar algumas vezes antes de verificar o identificador de chamadas, mas atendeu no segundo em que ele viu quem era.

"Sou eu", disse Claire. "Você precisa vir para o hospital."

SUSAN OLHOU PARA a tela de seu laptop. Agora que ela tinha o seu, ela não precisa do computador de Archie, então ela decidiu trabalhar na sala de conferência. Ela poderia se espalhar por lá, e as cadeiras eram mais confortáveis. Além disso, ela conseguiu encontrar a sobra de um burrito na geladeira, o que não mataria a sua fome de qualquer maneira.

Ela atualizou o editor do *Times* sobre Carter. Eles estavam mandando o chefe da Área Noroeste do jornal vir de Seattle. A história era agora grande demais para uma free-lancer, disse ele.

O cursor na frente dela piscou. Porcaria. Ela não poderia mesmo descobrir como terminar a história que ela começou. Ela nunca achou mais de trinta centímetros de coluna tão difícil em sua vida.

Heil entrou, viu Susan, e parou.

"Você ainda está aqui?", Ele perguntou.

"Você ainda está aqui também", ressaltou.

Sua testa franziu. "Eu trabalho aqui", disse ele.

Bom ponto. "Estou quase terminando", disse ela. Ele estava vestindo uma jaqueta. Não o blusão da polícia. Neste momento, uma jaqueta preta com o zíper na frente fechado. "Você está indo para casa", ela perguntou.

"Eu finalmente entrei em contato com alguns funcionários do aquário local e loja de suprimentos." Ele levantou uma lista. "Aquário Nerds. Tenho entrevistas com cinco deles."

Ela viu o endereço de longe. "Isso fica no meu caminho para casa", disse ela. "Quer que eu vá?"

Heil olhou para a lista na mão. "Você pode ler daí?"

"Você escreve grande, como uma menina."

Ele sorriu e guardou a lista. "Vá para a Academia", disse ele. "Trabalhe como patrulheira. Torne-se detetive. E então me chame." Ele caminhou até a geladeira e abriu-a. Após alguns segundos, ele disse: "Será que você comeu o meu burrito?"

Susan se encolheu. A folha ainda estava na frente dela. "Eu não sabia que pertencia a alguém", ela disse.

"Estava em um saco com o meu nome", afirmou Heil. "Escrito grande. Como uma menina."

"Desculpe!", disse ela.

"Eu vou pegar algo enquanto estou fora", Heil disse com um suspiro. "Algo tem que estar aberto." Ele virou-se e caminhou até a porta e depois voltou.

"Você está bem?", Disse. "Sobre Carter?"

"Claro", Susan disse, virando-se para que ele não pudesse ver seu rosto. "Não é como se eu o conhecesse."

Heil saiu, e ela tentou voltar para a sua história, mas sua mente continuava voltando para Carter. O *Times* queria notícias. Um soldado da Guarda Nacional tinha sido assassinado. Mas isso não lhe fazia justiça.

Ela abriu o Safari e foi para o eBay para verificar a chave. Ela não estava procurando nada em particular. Era apenas algo para fazer. Mas assim que a chave apareceu em sua tela, ela desligou seu laptop e foi à procura de Ngyun.

Ela o encontrou em sua mesa escrevendo uma mensagem sobre um polvo em um chat em uma comunidade.

"Essa chave no eBay?", Disse ela, virando o laptop para que ele pudesse ver a tela. "Alguém deu um lance de dez dólares por isso."

Ele pegou o laptop de Susan e colocou-o em sua mesa, e ela deu a volta por trás de sua cadeira e olhou sobre seu ombro.

"Isso realmente não significa nada", disse Ngyun. "Se ele realmente quer a chave."

"Confira o nome de usuário", Susan disse, apontando para a tela.

Vanport48.

"Ele está disposto a gastar dez dólares em uma chave velha", disse Ngyun. "Eu acho que está claro que ele está interessado em Vanport".

"Você pode descobrir quem é?", ela perguntou.

"Tipo contatar o eBay e fazer-los me dizer o nome verdadeiro do cara e informação de contato?", Disse Ngyun.

"Exatamente!", disse Susan.

"Não!".

"Sério?" Disse Susan.

"Não sem um mandado", disse Ngyun. "E as decisões financeiras imprudentes não são motivo suficiente."

"Eu pensei que o governo tivesse acesso a todas as nossas contas on-line."

"A Segurança Nacional, talvez", disse Ngyun. "Não nós. E supostamente você não deveria saber sobre isso."

Ela viu seus olhos voltando ao seu próprio monitor.

"Vamos lá", disse Susan. "Há algo que você pode fazer."

Ngyun hesitou. "Tudo bem", disse ele. "Muitas pessoas têm um nome de usuário e ficam com ele por todas as suas contas. Eu, por exemplo, sou huggybearxp para quase tudo não relacionado ao trabalho. Esse cara, provavelmente Vanport48 usa para outras coisas, posso ficar de olho nele. Se eu vê-lo em qualquer um dos chats sobre cefalópodes podemos ter uma causa provável." Ele começou digitando em seu teclado. O ruído de seus dedos tocando as teclas parecia muito com a chuva. "Eu sou um arraso nisso", disse ele.

Susan estava satisfeita.

Ela levou o seu laptop de volta para a sala de conferência, ligou, e continuou procurando. Carter estava morto. E agora ele só estava lá na página. Ela havia escrito que ele tinha sido instrumento de resgate no rio, que tinha recuperado o corpo de Dennis Keller. Mas faltava a sua personalidade na matéria. Em seguida algo lhe ocorreu.

Depois de alguns minutos de navegação, ela teve o que precisava. "Alex Paul Carter cresceu em Pendleton, Oregon, onde ele era um salva-vidas, nadador do time do colégio, e escoteiro. Ele ganhou um cinto fivela de ouro laçando bezerro na categoria 4-H na competição de rodeio."

Ela olhou para a tela um pouco mais.

Então ela clicou em enviar, desligou o laptop, e foi para casa.

"LÁ," DISSE CLAIRE. "VÊ?"

Archie tinha visto. As pálpebras de Henry vibraram. Claire pegou a mão de Archie e deu-lhe uma espremida.

Henry tinha ficado respirando sozinho por quase 30 minutos.

A máscara de oxigênio foi retirada, e Archie podia ver o rosto de Henry novamente. Seu queixo e couro cabeludo estavam espinhoso onde o cabelo e a barba tinham crescido, mas a sua cor estava melhor. Sua pressão arterial estava normalizando. Parecia que ele estava vivo.

Claire soltou a mão de Archie, pegou uma crosta de saliva seca no canto da boca de Henry, e jogou-a no chão.

O quarto parecia estranhamente calmo, sem o som do respirador artificial.

Os médicos e enfermeiras entravam e saiam em intervalos regulares. Todo mundo estava sorridente.

Os olhos de Henry vibraram novamente.

"Aí está", disse Claire.

Seu rosto se iluminava cada vez que isso acontecia.

A neurologista de Henry entrou na sala pela quarta vez em dez minutos. Ela era indiana e usava o cabelo preto e grosso em uma trança que pendia contra as costas de seu jaleco branco. Ela olhou para o monitor.

"Ele vibrou novamente", disse Claire.

A neurologista sorriu. "Isso é um bom sinal", disse ela, e ela digitou alguma coisa no gráfico de Henry que estava a esquerda.

"Ela acha que ele não vai acordar", disse Claire.

"Ele vai acordar."

Claire balançou a cabeça para trás e olhou para o teto. "Eu não deveria ter chamado você", disse ela. "Você não deveria estar aqui."

"Isso é importante."

Ela piscou para o teto por um longo momento e então olhou para Archie. "Vá!", disse ela. "Tentar encontrar o garoto."

Archie hesitou.

"Vá!", disse Claire.

Archie se levantou. "Chame-me se alguma coisa mudar?"

"Sim!".

Ele estendeu a mão e colocou-a no peito de Henry. O tecido da camisola do hospital era fino. Archie tossiu e levantou a mão à boca. "Tudo bem!", disse ele.

Ele se virou e deu alguns passos.

"Archie?", Disse Claire.

"Outra vibração?"

"Não", ela disse.

Ele virou-se. Claire estava de pé agora, ambas as mãos sobre a boca, os olhos brilhantes de lágrimas.

Os olhos de Henry estavam abertos.

Archie voltou correndo para a cabeceira ao lado de Claire.

As pálpebras de Henry estavam pesadas, seus olhos eram fendas. Mas eles estavam abertos.

A neurologista apareceu, rapidamente se juntando a Claire e Archie ao pé da cama.

Ela tirou um oftalmoscópio de bolso do jaleco e focou para frente e para trás entre os olhos de Henry.

"Henry", ela disse em voz alta e clara. "Você pode me ouvir?"

Claire agarrou o braço de Archie.

Henry olhou para a luz. "Sim", ele resmungou.

"Oh meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus!", disse Claire. Ela soltou Archie, se apertou ao lado da médica, e tomou uma das mãos de Henry na sua.

Henry olhou para ela e sorriu. "Hey, baby", ele sussurrou.

Claire colocou a cabeça delicadamente no peito de Henry. Lágrimas escorriam de seus olhos e os ombros balançavam, mas o sorriso em seu rosto era luminoso.

"Você sabe o seu sobrenome?", Perguntou a médica.

"Sobol," Henry disse asperamente.

"Você sabe quem é o presidente?"

Henry tocou a nuca de Claire com a mão.

"Gary Hart."

A médica ficou rígida.

Ele tossiu. "Brincadeira!"

"Eu preciso falar com ele.", disse Archie.

A médica levantou uma mão. "Não agora!", disse ela.

"Archie?" Henry disse, levantando a cabeça para olhar ao redor do quarto.

"Você se lembra o que aconteceu?", perguntou Archie.

"Ele não vai se lembrar de nada", disse a médica. "Seu cérebro sofreu um fantástico trauma."

Henry ergueu a mão do pescoço de Claire e fez um movimento acenando para Archie.

Archie avançou para frente, passando pela neurologista, e se inclinou tão perto quanto podia.

Claire não se mexeu.

A mancha de suas lágrimas se espalhava no algodão fino do avental de hospital de Henry.

A voz de Henry era pouco mais que uma grossa. "Homem branco. Quarenta anos mais ou menos. Galochas de borracha. Ele tinha um criança com ele."

O DESEMBAÇADOR DO Saab de Susan não funcionava, então ela tinha as janelas abertas para evitar que o para-brisa embaçasse. A chuva batia-lhe no rosto. Ela debruçou-se para a frente sobre o volante e apertou os olhos na tentativa de distinguir as formas na escuridão à sua frente.

Os semáforos da Rua Division estavam todos desligados. Alguns dos reatores dos postes tinham explodido. Mesmo com as luzes da varanda e da casa acesas, era difícil ver a rua. Susan abrandou quando ela cruzou os trilhos da ferrovia. Ela não viu quaisquer outros carros na estrada. Aparentemente, todos estavam levando esta coisa do toque de recolher muito a sério.

Seu rádio estava chiando. Um DJ interrompeu a programação com uma atualização de notícias. O serial killer havia feito outra vítima. A Ilha Sauvie estava inundando. O Porto estava inundando. A Ilha Swan estava inundando. Esperava-se que o Willamette transbordasse mais tarde naquela noite. Susan mudou a estação.

Ela não percebeu a profundidade da água até que ela estava nela.

A água tinha juntado no cruzamento, formando um vasto pântano negro. Ela subiu até seus pneus e ela podia sentir a pressão dela contra o carro. "Foda-se", disse ela. Ela deu a marcha a ré e virou-se para fazer a conversã. Mas o motor parou.

Seu coração pulou uma batida quando ela virou a chave na ignição, uma vez, duas, três vezes.

"Não", ela disse. "Não, não, não, não."

Nem mesmo um crepitar.

Sentou-se um pouco no banco e olhou por cima do capô de seu carro. Os faróis ainda estavam acesos, deslizando pela superfície da água, iluminando a chuva. Em seguida, eles apagaram.

O rádio parou.

Estava escuro, quieto e silencioso. E o carro começou a deslizar. Aconteceu lentamente no início, uma movimentação quase imperceptível, algo mais parecido com vertigem do que um movimento real. Em seguida, ele derrapou.

Susan não teve tempo para reagir. Não que houvesse qualquer coisa que ela pudesse fazer. Ela só segurou-se e se preparou para o impacto.

Ele não veio.

Ela abriu os olhos e olhou ao redor.

Ela ainda estava no cruzamento, só que agora ela estava virada para cima na Avenida Twelfth. O carro parou de se mover. *O carro havia parado de se mover?*

Sim.

Ela olhou para fora pela janela. Ela ainda estava na água. Estava tudo alagado ao seu redor. Ela tentou puxar o freio de mão, meio esperando que a pressão da água o mantivesse parado, mas continuou deslizando sobre a água. Ela pegou sua bolsa do banco do passageiro e saiu do carro. A água tinha talvez 15 centímetros de profundidade, acima de seu tornozelo. Ela podia sentir o seu frio através da borracha de suas botas.

Ela já tinha tirado seu telefone quando ela se virou e viu o seu carro em movimento novamente. Ele flutuou pacificamente por um momento, antes de raspar ao longo de uma caminhonete estacionada e parou contra ela.

Susan ligou para o 911.

Todos os operadores estavam ocupados.

"Você está brincando comigo", disse Susan.

Eles estavam, provavelmente, até o último fio de cabelo com as chamadas. Inundações. Deslizamentos de terra. Os acidentes de trânsito. Cidadãos preocupados com aquário do vizinho.

Ela ligou para Archie. Ele não atendeu.

Ela olhou para cima e para baixo da Rua Division, e depois para cima e para baixo pela Avenida Twelfth. Ela não via quaisquer faróis vindo.

Pelo menos o carro dela estava fora do caminho do tráfego.

Ela escreveu uma nota em uma página de seu bloco de notas e casou-a. *Meu carro bateu sua caminhonete*, dizia a nota. *Desculpe*. Ela acrescentou seu nome e número de celular. Ela se arrastou até a caminhonete e enfiou a nota sob o limpador de para-brisa. O papel já estava molhado o suficiente para que a tinta escorresse.

Ela estava do outro lado do cruzamento, quando ela percebeu que seu laptop estava no banco de trás do carro. Ela decidiu deixá-lo. Estava a vinte e três quarteirões de casa, e ela não queria ficar encharcada.

Ela colocou o capuz e começou a andar.

Não era tão longe. Eram quarteirões curtos. E ela se lembrou que Heil ia em um endereço por aqui. Ela decidiu tomar a Rua Division na maior parte do caminho, e manter o olho no seu carro. Ela tinha que atravessar poças profundas em alguns lugares da calçada, ainda bem que ela calçava suas botas arco-íris. Elas eram relativamente quentes. Este era o lado positivo — se tudo isso estava descendo por causa da neve, Portland poderia estar ainda mais ferrada. Depois de algumas quadras ela estava tão aquecida que ela teve que abrir sua capa de chuva.

Poucos quarteirões depois disso, ela estava exausta.

Seus pés doíam. Ela estava ficando com bolhas entre os dedos dos pés. Ela precisava de Band-Aids. Suas calças jeans estavam encharcadas.

Ela acendeu um cigarro e ligou para Archie novamente. Mais uma vez, foi para o seu correio de voz após um toque. Isso a estava deixando um pouco louca. "Sou eu", disse ela. "Susan. Mais uma vez. "Ela não sabia o que ele poderia fazer, só que ele poderia fazer alguma coisa. Chamar um reboque ou algo assim. Dar-lhe uma carona. Então ela viu o Nissan Cube verde-menta.

Ela procurou o endereço da rua na parede de uma casa nas proximidades. O número 2000 da Rua Division.

"Não importa", disse ela para o correio de voz de Archie. "Eu estou vendo o carro de Heil." E ela desligou.

Tinha que ser o carro de Heil. Quantos Nissas Cube verde-menta tinham sido vendidos em todo o país? Cinco? Seis, talvez?

Ele estava estacionado em frente a uma pequena casa quadradona estranha com um telhado íngreme. As casas de ambos os lados parecia muito similar. O número da casa era 2051. Parecia familiar. Ela lembrou-se que era o primeiro endereço da lista dele.

O meio-fio era largo, assim Heil provavelmente teria estacionado bem na frente.

Tinha que ser essa a casa.

Susan ficou na chuva, de repente, cheia de dúvidas. A chuva balançou-lhe o casaco. Ela ligaria para ele.

Ela ligaria e diria a ele que ela estava lá fora, explicaria o que tinha acontecido, e pediria uma carona.

Ela olhou para o seu número na sua lista de contatos e clicou sobre ele. Chamou. Ele provavelmente estava entrevistando o nerd do aquário e não quis ser interrompido.

Ela ficou lá mais um pouco. Ela podia sentir seu cabelo molhado batendo nos lados de seu rosto.

Ela deu uma tragada no cigarro.

Era apenas uma carona. Ela ia falar com ele, e então ela esperaria na varanda.

Apressou a caminhada, levou uns quatro passos até a varanda, e tocou a campainha antes que ela perdesse a coragem. No último momento, lembrou-se de apagar o cigarro.

Um homem abriu a porta. Ele tinha cabelo escuro. Talvez uns quarenta anos. A idade de Archie. Ele não parecia com ele, no entanto. Ele era redondo

em todos os lugares Archie era anguloso. Não era gordura, era um pouco flácido. Mas ele era mais alto do que Archie. Ele se aproximou.

Susan olhou para cima e sorriu. "O detective Heil está aqui?", ela perguntou.

"Venha", disse ele. "Ele está bem aqui."

Ela empalideceu só por um segundo. Heil estava lá dentro. Além disso, o cara tinha o garoto. Ela podia ver o boneco de *Star Wars* no tapete da sala de estar atrás dele.

Ele abriu a porta para ela.

Ela agradeceu-lhe quando ela entrou.

SUSAN NÃO PERCEBEU as galochas de borracha verde-exército até a altura do peito do homem até que ela estivesse lá dentro. Elas eram sustentadas por suspensórios pretos sobre uma camisa de golfe. As botas estavam com água até os joelhos. A trilha de pegadas molhadas levava pelo corredor acarpetado atrás dele.

"Porão inundado", explicou.

Susan não passou além da porta. "Isso é péssimo", disse ela.

A chuva bateu contra a janela da frente. Parecia água fervente.

A sala era pequena, mas organizada. Livros de bolso estavam alinhados perfeitamente na estante. Os CDs estavam organizados em torres de CD de vime. Ele tinha um sofá de couro cinza, e uma poltrona de rattan que um monte de gente comprou na década de setenta e que eram populares nos brechós desde então. Havia um baralho de cartas Uno na mesa de vidro. Além dos bonecos de *Star Wars*, este era o único outro sinal de uma criança na sala.

Ela não viu Heil.

O homem inclinou-se e começou a reunir os bonecos de ação. "Eu acho que o segundo turno da tempestade colocou pressão sobre a primeira enxurrada ", disse ele. "Seu amigo está lá embaixo. Ele estava me ajudando a mover algumas as coisas."

Os ombros de Susan relaxaram um pouco.

Ele jogou os bonecos de ação em uma caixa de sapato e colocou a caixa de sobre a mesa de café ao lado do baralho Uno. "Pode entrar", disse ele. "Sente-se. Vou chamá-lo."

Ela começou a tirar suas botas.

"Não se preocupe com isso", disse ele. "Eu já sujei todo o tapete. Eu tenho que ter um aspirador vaporetto aqui de qualquer maneira. Posso pegar seu casaco?"

"Hum, com certeza", disse Susan. Ela podia sentir riachos de água escorrendo pelo seu pescoço e entre seus seios. Ela tirou o casaco de vinil molhado e estendeu-o, e ele o pendurou em um cabide em um armário ao lado da porta. Susan teve um vislumbre da jaqueta preta que Heil estava usando no cabide ao lado dela.

"Você está encharcada", disse ele. "Espere, eu vou pegar uma toalha."

Ela ficou pingando no tapete enquanto ele desapareceu no corredor, provavelmente para o banheiro.

Ela estava gelada, agora que ela estava lá dentro. Seus jeans pretos estavam grudados a sua pele. Quando ela chegasse em casa, ela tomaria um banho de espuma.

A porta se abriu. Seguiu-se o som de pés descendo as escadas, e, em seguida, uma voz abafada. Bom. Ele estava dizendo a Heil que ela estava aqui. Ele estaria lá em um minuto, e eles poderiam ir. Se ele quisesse ser um bom samaritano, ele poderia voltar depois que ele a levasse para casa.

Ela olhou ao redor da sala um pouco mais. Ele tinha um pôster de Wyland emoldurado acima do sofá — uma lua brilhante erguendo-se sobre um grupo de orcas. Havia uma estrela cadente no céu roxo e rosa. Havia uma escrita branca no cartaz abaixo da imagem.

Susan avançou lê-la. Era uma citação do artista.

O MAR É CHEIO DE LUZ E CONSCIÊNCIA.

Que horror, ela pensou.

"Aqui está", disse o homem, atirando-lhe uma toalha magenta grossa.

Ela pegou e secou o rosto e, em seguida, escorreu a água de seu cabelo. "Obrigada", disse ela. Ela olhou para trás, mas ele estava sozinho. "Você disse a Heil que eu estava aqui?"

"Ele logo estará aqui", disse o homem. "Sente-se."

Susan esfregou a toalha ao longo de suas pernas, deu um tapinha em seu pescoço, torceu o cabelo de novo, e em seguida levantou a camiseta para cima, colocou a toalha por baixo, e, tão delicadamente quanto podia, secou seu peito e axilas. "Desculpe-me", disse ela. Em seguida, ela dobrou a toalha úmida, colocou-a sobre o sofá, e pousou as mãos cuidadosamente sobre ela. O sofá não era de couro de verdade de qualquer maneira.

Ele sentou-se na cadeira de vime. Suas galochas chiaram. "Não deve demorar muito", disse ele.

Ela olhou em volta um pouco mais. O quadro da baleia era a única coisa relacionada com o mar na sala. Ele não parecia muito com um nerd de aquário para ela.

"Então você gosta de peixes", ela disse.

"Eu tenho alguns aquários. Eles estão todos no porão. Era com isso que o seu amigo estava me ajudando. Eles estão funcionando com energia de emergência agora, mas os geradores não vão durar, e uma vez que os sistemas desliguem eu vou ter um monte de peixes mortos em minhas mãos."

De repente, foi fazendo sentido. Heil era o tipo de cara que tinha se engajado em algum tipo de transporte dos peixinhos. O homem provavelmente tinha Heil fazendo todo o trabalho pesado.

O homem. Ela ainda não sabia o nome dele.

Ela estendeu a mão e sorriu. "Eu sou Susan Ward", disse ela.

Ele se inclinou e apertou a mão dela. "Prazer em conhecê-la", disse ele.

Então ele olhou para o porão. "Eu tenho que voltar para lá", disse ele. "Há muito o que fazer."

"Eu vou com você para dizer 'Olá' para Heil", disse ela.

Ele olhou para suas botas. "Está fundo", disse ele.

Ela passou a mão pelo cabelo — ele parecia com algas. "Eu acho que eu não posso ficar mais molhada."

Ela o seguiu até a porta do porão. Havia uma grande lanterna industrial no tapete, ele pegou, ligou-a e apontou-a para a íngreme escadas de madeira super estreita. "Eu tive que desligar a chave geral ", disse ele. "A maioria das mortes relacionadas com inundações são devido a eletrocussão."

Mas não estava escuro, exatamente. Ela podia ver a luz que refletia na água.

"Eu tenho essas luzes de emergência do IKEA", disse ele. "Funciona a bateria. Você só tem que pregá-las direito no parede."

"Heil?" Susan chamou.

"Ele está na sala do aquário", disse o homem.

"O quê?"

"É o velho porão. Eu vou te mostrar."

Ela já podia sentir o azedume de concreto velho e detergente na boca.

Ela devia ter acabado de entrar na casa.

"Você primeiro", disse Susan.

"Claro", disse ele. Ambos tiveram que virar de lado para ele passar por ela e por um momento eles ficaram face-a-face, ou melhor, cara-a-fundo-de-queixo. Então ele a pressionou contra a parede e passou por ela.

Quando ele chegou ao fundo das escadas, ele focou a lanterna de volta para ela seguir. A água batia até um pouco abaixo dos joelhos.

Susan desceu cada degrau com cuidado, com uma mão no muro de concreto áspero, uma mão na estilhaçada grade de madeira. "Você ligou para alguém", ela perguntou.

"Metade dos porões da cidade estão inundados", disse ele. "Eles dizem que pode durar até quatro dias."

Ela chegou ao final, a beira da água. As escadas levavam a uma grande sala inacabada com uma máquina de lavar e secar roupas no canto ao lado de uma pia utilitária manchada. Duas luzes redondas do tamanho de pratos de salada

estavam em duas das paredes, proporcionando cerca de tanta luz quanto você gostaria de encontrar em um banheiro de bar. O suficiente para fazer o seu negócio, mas não o suficiente para ver tudo o que poderia incomodá-lo.

O homem desligou a lanterna, mas não soltou-a. Não havia nenhum lugar para colocá-la. A água estava turva e balançava com as quinquilharias da cave, uma caixa de folhas secas, um ornamento de Natal, uma bola de futebol.

Susan mergulhou a ponta da bota na água e sentiu-se no limite do degrau da escada. Em seguida, mergulhou o outro pé. Até que ela estava na cave. Quando ela deu o último passo, ouviu um som de sucção e água fria correu para os topos de suas botas, enchendo-as.

"Eu quero ver Heil", disse Susan. Seus pés estavam pesados e frios. Ela teve que arrastá-los para dar um passo.

"Ele está aqui", disse o homem, dirigindo-se a uma porta distante. A porta era a coisa mais nova na sala.

"Eu disse a ele que eu poderia lidar com isso", continuou o homem. "Mas ele disse que não sairia até que ele tivesse salvado o anjo-rainha. Eles são caros. Quinhentos ou seiscentos."

"Dólares?" Susan disse, marchando atrás dele.

"Claro. Seu amigo o reconheceu imediatamente. Aparentemente, ele é um pouco entusiasta de aquário."

Ele abriu a porta e Susan estava envolta em uma luz azul tranquila.

Ela ouviu Heil gritar seu nome em algum lugar dentro da sala. Mas ela não teve tempo para responder. De repente, ela estava cambaleando, seu centro de gravidade se foi, e seus pés sumiram debaixo dela. Ela não sabia o que tinha acontecido. Então ela percebeu que ela tinha sido empurrada por trás. Ela não podia levantar-se, ela caiu para a frente, de barriga debatendo-se na água com um esguicho. Era nojento. Ela tinha água na boca. Em seus olhos. Em seu cabelo. Ela virou e sentou-se, a água na altura das axilas, e olhou acusadora para a porta. Estava fechada. Ele a empurrou para dentro e fechou a porta atrás dela.

"Idiota", disse ela lutando para se levantar.

"Susan", ela ouviu Heil dizer novamente. Ela olhou ao redor e o viu agora, de pé na água de frente para uma parede de tanques azuis fantasmagóricas. Ele olhou para a água, com o rosto tenso. Ele estava perfeitamente imóvel. "Não se mova", disse ele.

ENTÃO ESTA ERA a sala do aquário. Havia tanques em todas as quatro paredes, alinhados lado a lado em prateleiras do chão ao teto. Havia pelo menos uns cinquenta deles. Eram a única iluminação da sala, um filtro de gel azul Caribenho. Alguns dos tanques eram iluminados com luz negra, criando um contraste estonteante entre os peixes incandescentes e o coral. Rosa. Azul. Roxo. O cabelo de Susan tinha sido de todos esses tons.

A voz de Heil era suave e firme, cada palavra cuidadosamente pronunciada. A luz negra tornava seus olhos e dentes de um branco natural deslumbrante. "Agora, levante-se, muito, muito lentamente."

"O. Que. É. Essa. Porra?" Disse Susan.

Ela seguiu seu olhar para uma parede de aquários. Todas as quatro paredes da sala eram revestidas com prateleiras de aquários. Mas os aquários nesta parede estavam vazios.

"Há sete desses tanques", disse Heil. "Cada um deles tinha um polvo do anel azul."

Ela levou um segundo para entender.

Eles estavam na água. Ela estava de água até o peito.

Ela fez um som de gato estrangulado e começou a se levantar.

"Pare!" Heil disse rapidamente.

A urgência na voz dele a fez congelar.

"Ouça-me", disse ele. "Eles não são agressivos. Eles só vão morder se você encostar neles. Você só precisa levantar-se lentamente. Não debata-se".

A boca de Susan estava seca. Como levantar-se de uma posição sentada sem debater-se? Ela estava sentada. Suas mãos apoiadas no chão atrás dela.

Suas pernas estavam flexionadas a frente. Para ela levantar-se, teria que se mover na água. Ela poderia tocar em uma daquelas coisas que iria mordê-la, ela sufocaria e seu coração iria parar. Ela ficaria onde estava. Sentou-se lá na água e esperou que alguém viesse tirá-los de lá.

"Levante-se, Susan", disse Heil.

Ela não se mexeu. "Por que não posso ficar assim?"

"Porque eles estão nadando aqui, e suas chances de ficar na rota delas são diretamente proporcionais com a área de superfície que tem na água."

Uma excelente observação.

"Eu pensei que eles não poderiam sobreviver neste tipo de água", disse Susan.

"Eles podem viver um breve período", disse Heil. Ele esfregou a testa. "Eu não sei."

"Ok!", disse Susan.

Mas ela ainda não podia se mover.

"Você vai se levantar?", ele perguntou.

"Sim!"

"Ok!"

Ela se perguntava se os seus dentes pareciam como os deles.

"Dê-me um minuto", disse ela.

Ela olhou para baixo em direção a sua mão direita e começou a levantá-la lentamente para a superfície da água. Cada célula de seu braço eriçava-se com a corrente elétrica, pronto para reagir ao menor contato com a matéria sólida. Quando sua mão chegou a superfície para fora da água, era como se Susan nunca tivesse visto a mão dela antes. Parecia incrível e maravilhosa. Uma mão!

"O que você está fazendo aqui?", Perguntou Heil.

"O meu motor parou", disse Susan.

Ela seguiu para a outra mão agora. "Eu estava voltando para casa e vi o seu carro.", Controlada, respirações constantes. "Eu queria uma carona." Finalmente, ela teve as duas mãos acima da linha d'água. Agora, tudo o que tinha que fazer era ficar de pé. Ela respirou fundo, mentalmente ancorando seus pés no chão, e se lançou lentamente para a frente.

Não funcionou.

Ela não conseguia alavancar-se sem a ajuda das mãos.

"Usa os músculos do estômago", afirmou Heil.

Ela ia morrer, porque ela não tinha um abdome trabalhado.

Então ela viu uma sombra na água, a poucos metros de distância de seus joelhos. Heil viu, também. Ela o ouviu engolir o ar. A adrenalina foi o suficiente para move-la para a frente e levantar-se. Ela não levantou-se lentamente. Água escorria pelo seu corpo e escorria para fora ao seu redor. Ela abraçou os braços e esperou que algo batesse contra sua perna. A água se acalmou.

Susan respirava lentamente.

Ela olhou para Heil. "Então eu acho que ele é o cara que você está procurando?"

Ele engoliu em seco. "Sim".

"O socorro está a caminho?"

Ele não respondeu.

Certamente ele tinha chamado por reforços. "Está mesmo?", Disse ela.

Ele olhou em seus olhos. Ela nunca tinha visto seu rosto tão sério. "Meu telefone não funciona aqui em baixo."

Ela esperou a ficha cair.Ok. Isso era mau. Mas eles ainda tinham opções. Ela tinha um telefone. Um smartphone. Se ela não conseguisse chamar o 911, pelo menos ela podia atualizar o seu status no Facebook. *Susan Ward diz: sendo ameaçada por polvos e quer que seus amigos venham salvá-la.* "Eu vou tentar

o meu", disse ela. A realidade bateu assim que as palavras saíram de sua boca. "Oh, não!"

"O quê?"

Ela podia vê-lo ao pé do sofá de couro falso. "Eu deixei minha bolsa lá em cima."

"Eu pensei que você nunca tirasse sua bolsa do ombro", afirmou Heil.

"Cale a boca!"

Ela olhou para o teto e colocou as mãos em volta da boca. "Hey!", Ela gritou a plenos pulmões. "Alguém nos ajude! Estamos aqui em baixo! Hey!"

"Eu acho que é à prova de som," Heil disse suavemente.

Ela apertou os olhos. Ele estava certo. Havia algum tipo de preenchimento espesso nas paredes e teto, fixados no lugar por uma grade de metal. Ela sentiu o formigamento de pânico sob sua pele.

"Eu tentei", disse ele.

Por que alguém iria querer uma sala cheia de aquários à prova de som?

Então ela percebeu: "Ele manteve a criança aqui", disse ela.

"Há um berço dobrado lá," Heil disse, levantando o queixo em direção a uma parede de azul-elétrico com tanques.

Os brinquedos no andar de cima. O baralho de cartas. Ela estava tremendo. Ela não conseguia se conter. "Então, onde está o menino agora?" disse Susan.

"Eu não sei", disse Heil.

"Eu liguei para Archie", disse Susan. "Deixei-lhe uma mensagem. Eu disse a ele que meu carro quebrou e eu vi você." Ela olhou para a água fria. A luz dos aquários refletida na superfície, dando-lhe um brilho azul-turquesa. *Não se mova*, ela disse a si mesma. *Só não se mova*. "Ele virá nós ajudar", ela disse.

ERA DIFÍCIL NÃO se mover. As perna de Susan estavam com câibras. Ela não conseguia parar de tremer. Quanto tempo tinha passado? Quinze minutos, vinte? Seus pés doíam de frio, de pé apoiados no concreto com as botas de borracha.

Ela deveria ter ficado no carro. Você deveria ter ficado no carro. Todo mundo sabia disso.

Onde estava Archie?

"Minha perna dói", disse Susan.

O brilho azul ao redor deles não era mais tranquilizador. Ele fazia a cabeça doer. As luzes negras fazia tudo parecer radioativo.

Heil estava escaneando a água. Ela notou que ele tinha um padrão, como se estivesse traçando os raios de uma roda. Ela mal sabia algo sobre ele. Agora ela se sentia mal por isso. Ela deveria ter mostrado um interesse maior.

Ele pegou a arma do coldre e apontou-o pra água a frente dele.

"O que você está fazendo?", Perguntou Susan.

"Eu estou tentando chegar até a porta", disse Heil. "E se eu ver uma dessas coisas, eu vou atirar nela."

Susan olhou ao redor para todo aquele vidro e concreto. Uma bala não iria ricochetear lá dentro?

"Por que não esperar?", Disse ela.

"Eu estou tentando chegar até a porta", disse ele novamente. Ele engoliu em seco e colocou um pé à frente uma polegada, olhos atentos a água, juntamente com a arma dele.

Ele ia se matar. Eles deveriam esperar por Archie. Ele estava a caminho.

Heil avançou o outro pé mais perto dela, até a porta.

"Continue falando comigo", disse ele.

Ela não conseguia pensar em nada para dizer. "Você gosta de peixe?"

"Eu gostava."

"Que tipo?"

Ele inclinou a cabeça na parede norte dos aquários. "Vê aqueles estranhos peixes prata em forma de pequenos machados?", disse.

Susan examinou os tanques até que viu uma dúzia de peixes brilhantes e prata com topos planos e uma grande barriga de cerveja. "Os isolados no topo do seu tanque?", Disse ela.

"Eles são peixes-machado", disse Heil. "Bom, peixes de aquário confiável. Eles são sociáveis. Eles gostam de sair. Nadar ao redor. Eles vão saltar para fora do tanque, se você não mantiver uma tampa sobre ele. Vivem mais se eles têm amigos."

Ele estava a poucos metros de distância dela agora, a meio caminho da porta.

A água ondulava entre eles. "Você viu isso?" Disse Susan.

Ele apontou a arma para ele. "Sim".

"Eu acho que você deve ficar parado." Ela sentiu algo se mover passando por sua perna e ela gritou.

"O quê?" Heil disse, alarmado.

O lábio de Susan começou a tremer. "Eu acho que alguma coisa bateu em mim."

"Onde?"

"Sobre o joelho", ela choramingou. Se ela tivesse sido mordida? Ela não podia dizer. "Dói, quando eles mordem?", ela perguntou.

"Eu acho que não", disse Heil.

Ela estava respirando muito rápido. Hiperventilando. "Eu não posso controlar minha respiração", disse ela. Ela se inclinou, agarrou suas coxas com as palmas das mãos, e tentou pensar em algo além de morrer. Letras de músicas. Pense em letras de músicas. *Carregue suas armas/ traga seus amigos / é divertido perder e fingir*. Podia sentir sua respiração desacelerando de volta ao normal.

Ela estava bem. "Eu estou bem", disse ela. "Eu estou bem."

Heil não respondeu.

Ela levantou-se. "Heil?"

Ele estava estudando sua mão.

"O que é isso?", Disse ela.

Ele olhou para ela com uma expressão perplexa no rosto. "Minha mão esta entorpecida."

Em seguida, ele virou a cabeça, inclinou-se e vomitou na água. O vômito rodou e depois afundou-se, deixando um cheiro ácido no ar.

"Eu acho que eu preciso ir ao banheiro", disse Heil. "Eu ...". Ele levou um par de respirações afiadas, curtas. "Eu não posso sentir minhas mãos."

"Está tudo bem", disse Susan. Ela esforçou-se para manter sua expressão calma. Usou cada grama de sua força de vontade para não explodiu em lágrimas. "Você precisa vir até mim. Antes de cair."

Ele olhou para ela. A arma caiu de sua mão com uma pancada na água.

Susan estendeu os braços para ele como se ele fosse uma criança. "Venha até mim", disse ela.

Heil estava olhando para o lugar na água onde a arma caiu.

"Deixe-a", disse Susan. "Você não precisa dela."

Ele virou os olhos neon branco em direção a ela e tropeçou para a frente.

Ela pegou-o pelas axilas quando ele caiu, de modo que seu rosto estava pressionado em seu ombro na parte da frente.

"Nós vamos ficar bem", disse ela. "Nós vamos ficar bem."

Ele era muito pesado. Ela não podia segurá-lo assim, ele já estava escorregando de sua mão. Ela baixou-o para a água de joelhos e segurou a cabeça dele contra seu quadril com as duas mãos.

"Eu sei que você pode me ouvir", disse ela.

OS PEIXES-MACHADO nadavam alegremente em seu tanque, seus corpos prata brilhando como moedas.

Heil não estava respirando por um longo tempo.

Susan ainda pairava sobre ele.

"Está tudo bem", ela dizia. "Você está bem."

Ela não tinha visto mais nenhuma ondulação na água. Mas ela parou de olhar. Ela não queria vê-los. Se ela não os visse, então eles desapareceriam.

Os peixes-machado pareciam tão contentes, não davam a mínima para o mundo. Ela os odiava.

Heil afundou um centímetro e ela reposicionou-o. Todo o seu corpo estava rígido. Seus pés doíam. Ela estava com a água na altura do joelho, molhada, com frio e tremendo. Mas ela não ia soltá-lo.

Ela ouviu alguém do outro lado da porta. Ela não sabia se era o assassino ou um salvador, e ela não se importava. "Olá", ela gritou. "Preciso de ajuda! Por favor! Terem-nos daqui!"

A porta se abriu.

O coração de Susan afundou. O homem estava de volta. Ele ainda usava as galochas, mas agora ele tinha vestido um casaco, como se ele fosse a algum lugar. Ele parou na porta por um momento, os aquários banhando-o em luz azul.

"Eu preciso da sua ajuda", disse a Susan.

Susan afastou-se da porta e segurou Heil mais apertado. "Eu não vou deixá-lo."

O homem andou através da água até ela e colocou a mão na parte de trás do pescoço de Heil. Em seguida ele verificou sob o queixo a pulsação.

"Ele está morto", disse o homem.

Susan podia sentir as lágrimas escorregando por suas bochechas.

O homem olhou para a água. "Eles ainda estão vivos", disse ele. "Se eles estivessem mortos estariam flutuando".

É por isso que ele estava aqui, Susan percebeu. Os anéis-azuis iriam morrer em breve. Com eles fora, ela poderia ter saído de lá. Ela teria tido uma chance.

O homem puxou Heil de seus braços e empurrou-o para dentro da água. Susan mal podia respirar.

Ele puxou os braços de Susan atrás das costas e amarrou-lhe os pulsos com algum tipo de fio enquanto ela assistia Heil afundar abaixo da superfície da água.

"Eu vou pegá-la", disse o homem.

Um dos peixes-machado arremessou-se contra a tampa do seu tanque.

Todo o corpo de Susan estava tremendo.

Ele pegou-a, levantando-a como se ela fosse uma criança. Ela soluçava, aliviada por estar fora da água e de medo de estar nos braços dele. Ele levou-a para fora da sala do aquário e através da sala ao fundo das escadas, onde Patrick Lifton estava sentado um pouco acima do nível da água segurando um boneco de *Star Wars* entre as mãos.

"Patrick?" Disse Susan.

O menino subiu alguns degraus para dar-lhe espaço, e o homem a colocou de pé alguns degraus abaixo.

Susan enxugou as lágrimas de seu rosto. "Todo mundo está procurando por você, Patrick. Seus pais sentem sua falta."

Os olhos do menino correram dela para o homem e depois de volta para Susan.

"Vamos!", disse o homem, e ele deu a Susan um empurrão. O menino levantou-se e subiu de 2 em 2 degraus. Susan se arrastava atrás dele. Quando eles chegaram à cozinha o homem disse ao menino para pegar o seu casaco e o menino saiu da sala.

O homem iria matá-la. Susan sabia. Ele iria levá-la para algum lugar para matá-la e nunca iriam encontrar o seu corpo.

"Qual é o seu nome?", Ela perguntou para ele.

Seus olhos eram pequenos e ele piscou para ela por um momento. "Roy", disse ele.

Ela assentiu com a cabeça. Agora ela estava certa. Ela ia morrer. Ele não teria lhe dito seu nome se ele planejasse deixá-la viva.

O menino voltou, vestindo uma larga capa de chuva preta.

"Posso tomar um copo de água?", ele perguntou ao homem.

Foi a primeira frase que Susan o ouviu falar.

"Depressa!", disse Roy.

O rapaz foi até a pia e pegou um copo do escorredor em cima do balcão, encheu-o com água da torneira, e bebeu alguns goles. Então, ele derramou o resto no ralo e colocou o copo sobre o balcão em frente dele.

"Vamos lá!", disse Roy. Ele abriu a porta de trás, amaldiçoou a chuva, e colocou o capuz. Então ele colocou a mão na parte de trás do pescoço de Susan e levou-a pela porta de trás para fora da casa, para a noite. Lá tinha uma garagem separada da casa, e um carro estacionado na calçada em frente a ela. Um sedan. Colorido-escuro. Sem descrição. Mesmo olhando diretamente para ele, Susan não poderia descrevê-lo.

A chuva assobiava ao seu redor.

"Para onde estamos indo?", Perguntou Susan. Os pingos de chuva caíam em sua cabeça desprotegida e espetavam-lhe as suas mãos.

"Comprar suprimentos."

Roy abriu a porta de trás e empurrou-a, tremendo, no banco de trás. O menino entrou depois dela, e ela deslizou para o outro lado para dar-lhe espaço, deixando uma mancha úmida em seu rastro. Ela notou que ele não tinha mais a boneco de *Star Wars*.

Roy entrou no banco da frente, apertou um botão, e o bloqueio de cromo na porta de Susan desceu com um som mortal.

Quando eles saíram da garagem, Susan viu o brilho azul e vermelho das luzes da polícia em frente, em um cruzamento distante.

Eles haviam encontrado o carro dela.

ARCHIE VOOU-SE CONTRA o tempo. O patrulhamento que encontrou o carro de Susan tinha fechado o cruzamento, colocando cavaletes fluorescentes para que outros motoristas não cometessem o mesmo erro que Susan. A piscina de água parada era larga de vidro preto e mais profunda do que parecia. Os pingos de chuva explodiam ao atingi-la, fazendo com que a água parecesse quase como se estivesse fervendo.

Archie tinha verificado o relatório de veículo abandonado depois de ele ter visto as mensagens de Susan. O Saab dela, que tinha sido arrastado para o meio da Twelfth Avenue, tinha acabado de ser resgatado.

Muito para o cochilo que ele estava planejando.

O Saab tinha sido claramente abatido. O espelho do lado do motorista estava faltando, e a pintura tinha sido riscada no para-choque. Archie olhou ao redor para ver onde ela tinha batido, e viu uma caminhonete com um para-choque amassado. Ele foi até lá e viu um pedaço de papel dobrado sob seu limpador de para-brisa. Ela deixou um bilhete.

Ele se inclinou sobre o para brisas, levantou o limpador e retirou o papel encharcado do vidro molhado. Ele reconheceu o tamanho do papel pautado como uma página do caderno de Susan. A tinta tinha escorrido, mas ele ainda poderia entender a essência do que ela tinha escrito.

Ele dobrou a nota ao meio, colocou-a novamente sob o limpador onde ela a tinha deixado, e voltou para o carro.

"Alguma coisa?", ele perguntou a Flannigan, quando ele entrou no carro.

"Heil ainda não está atendendo. Ngyun não falou com ele desde que ele deixou o escritório."

"Ela disse que iria a pé", disse Archie.

Flannigan ergueu sua caderneta, mostrando uma página coberta com um rabisco apressado.

"O que é isso?", perguntou Archie.

"É a lista de endereços que Heil foi checar. Ngyun encontrou no histórico do Google Mapas no computador de Heil".

Archie pegou a caderneta e tentou entender as palavras. Parecia que era em outra língua.

"Há dois neste bairro", disse Flannigan. "Um no Ladd's Addition, e outro na Twentieth and Division."

Archie olhou pela janela molhada de chuva. O mundo era um lugar escuro e desfocado.

Division ficava no caminho para casa de Susan.

Ele poderia dizer que Flannigan estava pensando a mesma coisa.

"Vamos", disse Archie.

Ele recuou na Twelfth e tomou as ruas laterais em torno da Division, evitando o cruzamento inundado.

Division era uma rua de duas pistas, mas era uma pista secundária normalmente cheia. Não esta noite. Archie só viu um outro farol, quando eles dirigiram-se para o leste, passando sob semáforos apagados e bares fechados. Os edifícios comerciais rapidamente deram lugar aos residenciais, com pequenos bangalôs de um lado e mais antigas e maiores casas do outro.

A água jorrou ao longo da calçada.

"Ali", disse Flannigan.

Archie viu, também. O carro de Heil.

Flannigan olhou para suas anotações e, em seguida, olhou para os números das casas. "Ele está estacionado em frente da casa", disse ele.

Archie manobrou e parou na calçada, enviando um spray de água da sarjeta.

A casa era simples e compacta. Um andar. Sem frescura. A luz da sala estava acesa, mas as cortinas estavam fechadas.

Fazia mais de uma hora desde que Susan havia deixado seu segundo correio de voz. Se ela tinha encontrado Heil e estivesse tudo bem, eles não deveriam ainda estar aqui.

Archie e Flannigan saíram do carro e caminharam até a porta da frente. Archie abaixou-se e pegou uma ponta de cigarro mole do degrau de concreto. Tinha batom em torno do filtro.

Ele tocou a campainha.

Eles esperaram.

Ninguém respondeu.

A chuva que fluía através de calhas da casa parecia uma cachoeira.

Flannigan bateu na porta com a lateral do seu punho.

"Vá pela parte de trás", disse Archie.

Flannigan correu pelo pátio lamacento e desapareceu pelo lado da casa.

Archie tentou a maçaneta. Ele estava destrancada. Ninguém em Portland trancava as portas. Era uma das razões pelas quais a cidade tinha uma taxa tão elevada de roubo.

Ele abriu a porta. "Polícia", disse ele. "Alguém em casa?"

Archie escutou. Tudo o que podia ouvir era o som das goteiras e da chuva contra as janelas.

Um rastro de pegadas molhadas se afastava da porta através do tapete. "Olá?", disse. Ele deu um pequeno passo para dentro, só até o tapete, e olhou em volta.

Ele desabotoou o coldre e colocou a mão em sua arma. Seus olhos caíram imediatamente na bolsa de Susan no sofá.

Seus ombros ficaram tensos. "Susan?", ele chamou. "Heil?"

Archie sacou a arma. "É a polícia", disse ele novamente. "Estou chegando" Ele se moveu lentamente na casa e foi para a cozinha, seguindo as pegadas.

Flannigan o encontrou na porta de trás. "O carro sumiu", disse ele. "Há uma garagem nos fundos."

"A bolsa de Susan está na sala de estar", disse Archie. As pegadas terminaram na porta do porão. "Chame reforços. Eu vou lá em baixo." Ele abriu a porta do porão e viu a água marrom lá embaixo. "Merda", disse ele.

"É a polícia", Archie gritou. "Eu vou descer as escadas."

Ele sacou a arma e desceu as escadas de lado, com a sua arma, colocada em um ângulo de quarenta graus. A sala inundada na parte inferior da escada estava vazia, mas havia outra porta. Ela havia sido deixada entreaberta e Archie podia ver o brilho azul das luzes dos aquários.

Entrou na água até sua coxa, se preparando contra o frio, e seguiu até a porta. Um enfeite de Natal redondo de vidro flutuou até dele. "Susan?", ele chamou novamente.

A porta era de aço — contra fogo — o dono da casa queria proteger o que estava lá dentro. Archie ergueu a arma e abriu-a.

A sala estava cheia de peixes.

Os tanques iluminavam o quarto com um brilho aquático.

Não havia ninguém lá dentro. Eles tinham ido embora.

Archie baixou a arma.

Então ele viu algo na água.

Estava na superfície — um nó de carne do tamanho de uma bola de golfe. Archie deu um passo para trás. A água no quarto estava cheia de polvos de anéis azuis.

Ele contou meia dúzia, pelo menos.

Eles estavam todos na superfície, moles, sem se moverem.

Mortos. Nada poderia viver naquela água por muito tempo.

"O que está acontecendo aí embaixo?" Flannigan chamou. "Você está bem?"

"Sim. Fique aí em cima," Archie gritou. "Há polvos mortos aqui." Ele olhou para a água. Ele esperava que todos eles estivessem mortos.

Archie saiu do quarto e estava fechando a porta quando ele viu a sombra. Não era nada que pudesse realmente discernir, apenas uma sensação de alguma coisa, uma forma, sob a água.

Ainda assim, ele sentiu um puxão doentio em seu intestino.

Havia uma pessoa lá embaixo.

Ele guardou a arma dele e tropeçou para frente até o quarto, procurando sob a água até que suas mãos encontraram roupas, carne fria sólida, cabelo. Archie ergueu a cabeça e os ombros da pessoa para fora da água.

Era Heil.

Os polvos de anéis azuis mortos flutuavam ao redor dele.

"Ligue para os paramédicos," Archie disse a subindo as escadas. "É Heil".

A pele de Heil estava gelada. Archie tomou-lhe o pulso e não tinha nada.

Corpos não afundavam até os pulmões estarem cheios de água.

Ele precisava levá-lo a uma superfície plana, para que ele pudesse iniciar a ressuscitação cardíaco-pulmonar (CPR).

Archie puxou Heil através da água, porta afora para a sala principal do porão.

Flannigan estava no alto das escadas. "Jesus Cristo", disse ele.

"Ajude-me a levá-lo para a cozinha", disse Archie.

Flannigan pegou Heil sob os braços, Archie pegou sob seus joelhos e meio carregando-o, meio arrastando-o subiram as escadas. Quando chegaram à cozinha puseram-no de costas no assoalho, uma poça de água marrom escorria de suas roupas.

Flannigan ajoelhou-se ao lado da cabeça de Heil, para que ele pudesse movê-la para o lado se Heil comesse a tossir água, e Archie começou as compressões torácicas. Era como empurrar uma borracha.

"Ele está morto", disse Flannigan.

Archie continuou trabalhando. "Eles podem salvá-lo."

"Ele está morto, Archie. Ele está morto há um tempo."

Mas Archie não parou. A CPR tinha funcionado em Henry.

Sirenes soaram à distância.

Archie manteve as compressões. Ele se concentrou na contagem. Um. Dois. Três. Quatro. Empurre.

Flannigan estendeu a mão trêmula e fechou os olhos de Heil.

As sirenes ficaram mais altas.

Archie ouviu os pneus cantando dos veículos de emergência, em seguida, a porta da frente foi aberta.

"Aqui", ele gritou.

Os paramédicos correram agachando-se ao lado dele. Um assumiu as compressões, enquanto o outro verificava os sinais vitais de Heil, em seguida, levantaram suas pálpebras e verificaram a sua resposta pupilar com um oftalmoscópio. "Ele está morto."

O primeiro paramédico ergueu as mãos com luvas de látex do peito de Heil. Ambos olharam para Archie e Flannigan.

Archie levantou-se.

Ele podia ouvir mais sirenes agora.

Um boneco do *Star Wars* estava sentado no balcão da cozinha. Archie deu um passo em direção a ele. Ele não sabia quem a personagem era, mas podia dizer que era suposto ser do sexo feminino.

O garoto estivera em casa. Talvez até mais cedo naquela noite.

Archie olhou mais de perto. O boneco tinha uma barra de Jolly Rancher em seu colo.

Flannigan ainda estava sentado no chão, contra a parede. "O que é isso?", perguntou.

"Eu não sei", disse Archie. Havia algo sob o boneco — um pedaço de papel. Archie pegou-o e desdobrou-o. Era um recibo de cartão de crédito do World Aquarium.

"Eu sei onde eles estão", disse Archie.

ROY PODERIA DIZER que a repórter estava com medo.

Ele gostava disso.

O menino não tinha medo assim há um longo tempo.

"Faça o que eu quero e eu não vou te machucar", ele disse a ela, e a empurrou na frente dele em direção à loja de aquários. Água tinha inundado, e as botas dela batiam contra o assoalho molhado conforme ela seguia.

"Foi isso que você disse Patrick?", ela perguntou.

As luzes da loja estavam desligadas, e o barulho do gerador funcionando nos tanques ecoou pela sala. As luminárias de iodeto deixavam tudo azul.

Ele se virou para o garoto. "Eu preciso de um filtro", disse ele. "Uma caixa de extravasamento. Um coletor de proteínas, e um par de bombas d'água." O garoto balançou a cabeça e foi em busca deles.

A repórter virou-se e olhou em volta. "Então, aqui é onde você mantém o seu peixe?", ela perguntou.

Ele tinha sido um cliente fiel. Até que o detetive lhe disse que a loja lhe tinha dado o seu nome. Eles fizeram um mau serviço ao cliente. Eles mereciam ser roubados.

"Eu preciso que você me ajude a carregar o tanque", disse ele. Ele deu um passo para mais perto dela, mas ela se afastou dele.

"Você vai ter que me soltar", disse ela.

Ele deu mais um passo e ela tentou fazer o mesmo, mas ele a prendeu contra a parede do tanques de água doce.

Ele colocou seu rosto próximo ao dela, acariciando seu pescoço, torcendo a língua em torno de seu cabelo molhado, saboreando-o. "Se você tentar sair,

eu vou puni-lo", Roy sussurrou. Ele colocou a boca aberta contra a orelha dela e lambeu os seus lábios. "Ele chora quando eu o castigo."

Ele colocou a palma da mão contra o peito dela e sentiu seu coração vibrar sob seu peito, seu mamilo duro sob sua palma. Bom. Ela estava com medo de novo.

Se você queria um cão leal, a primeira coisa que tinha que fazer era assustá-lo.

Ele pressionou-se contra ela e alcançou seus quadris com as duas mãos. Ele podia sentir o arfar da respiração dela contra o seu pescoço, a malha molhada do suéter dela contra seus braços. Ele deslizou as mãos pelos braços dela até seus pulsos, e depois a desatou. Ela choramingou quando ele soltou o fio. Ele fez com que ela o visse cair ao chão. Ele não era mais necessário.

"Boa menina", disse ele. Ele podia sentir o cheiro do suor entre eles. Ele inclinou a cabeça para baixo novamente e descansou o rosto no alto da cabeça dela.

"Eu tenho o material", disse o menino.

Roy afastou-se da repórter e ela soltou um soluço ofegante. O menino estava olhando para eles, com os braços cheios de suprimentos. "Coloque isso lá e consiga uma bomba de ar", disse Roy.

Era como se o menino tivesse o interrompido, e passou pela cabeça de Roy que o menino teria feito isso de propósito.

Não, Roy decidiu.

O garoto não teria coragem.

O WORLD AQUARIUM era em Naito Parkway, espremido no primeiro andar de um dos elegantes antigos edifícios voltados para o rio. Ele tinha um pequeno luminoso na frente, sem estacionamento, e uma janela da frente pintada parecendo como um tanque cheio de peixes.

Archie e Flannigan tinham percorrido a Firts Avenue, a um quarteirão a oeste da Naito, com dois carros da polícia atrás deles.

"A SWAT está tendo problemas para conseguir passar", disse Flannigan. "Metade das estradas do centro estão intransitáveis."

O que Heil disse? Sessenta centímetros de água eram suficientes para carregar um carro?

"Precisamos continuar a pé", disse Archie.

O centro estava escuro e a névoa era tão fina que parecia neblina. A água escorria dos toldos e das escadas de incêndio e jorravam pelas sarjetas. Os edifícios de três andares que se alinhavam na First Avenue eram ornamentados, a geada em suas janelas e telhados pareciam bolos de casamento. Mas as lojas do primeiro andar e os escritórios no andar de cima tinham sido evacuados, a eletricidade desligada, e suas janelas negras estavam agora iluminadas apenas pelo reflexo da iluminação pública e as balizas de emergência dos carros de patrulha.

A cidade parecia totalmente abandonada. Não havia pessoas. Sem carros estacionados. Semáforos foram desligados. A água escorria pela calçada como um riacho selvagem. Os finos arbustos que revestiam a calçada estremeciam, sem folhas, com o vento. O mundo inteiro brilhava molhado e preto, como o Oceano Pacífico durante a noite.

Archie não se preocupou em estacionar. Ele simplesmente parou no meio da estrada, saiu, e deu a volta no carro.

Os dois carros de patrulha que os seguiam pararam. Suas luzes vermelhas e azuis eram estranhamente reconfortantes. Eram algo familiar em um ambiente de repente definido por tudo o que estava faltando — consumidores, trabalhadores de escritório, ciclistas, ônibus, adolescentes sem-teto com seus dreadlocks e cartazes de papelão.

Archie abriu o porta mala e tirou o casaco.

"Vistam-se", ele disse para os policiais fardados, que já estavam saindo de seus carros. Eles eram jovens e magros, sem barba, um de cabelos claros, o outro escuro. "Nós vamos caminhando", Archie disse.

Ele puxou um colete à prova de balas do porta-malas e fechou-o, em seguida, entregou um para Flannigan.

Flannigan colocou-o.

Ninguém falou.

Helicópteros zumbiam invisivelmente em cima. Eles faziam parte do centro da cidade que mal se notava. Era apenas mais um som, como o tambor de chuva nas capotas dos carros.

Archie colocou seu casaco de volta por cima do colete à prova de balas e encarou Flannigan e os dois policiais.

De perto, à luz dos faróis, Archie podia ver a silhueta de uma penugem no lábio superior do oficial loiro. Ele estava tentando deixar crescer um bigode.

"Esta é uma situação com reféns", disse Archie. "Proteger as vítimas em primeiro lugar. Nós sempre poderemos pegar o bandido. Nós não podemos trazer alguém de volta dos mortos."

Os dois oficiais balançaram a cabeça, seus cabelos já molhados.

"Tudo bem", disse Archie. "Sigam-me."

Ele pulou, tentando saltar a poça de água correndo ao longo da calçada, mas caiu antes e teve que dar outro passo para chegar à calçada.

Flannigan estava ao lado dele, os patrulheiros alguns passos atrás. As árvores respingavam de seus molhados ramos ao vento.

Archie não sacou sua arma. Ele não queria que os outros sacassem também. Este era um lugar público, e alguém poderia aparecer a qualquer momento. O centro tinha sido evacuado, mas isso não significava que as pessoas não eram teimosas o suficiente para ignorar os avisos.

A calçada molhada chupava seus sapatos de camurça enquanto Archie caminhava e a água fria espremia em suas meias.

O nome no recibo do World Aquarium era Elroy Carey.

Tinha sido fácil descobrir a foto de sua carteira de motorista, uma vez que tinha o seu nome e endereço. Ele tinha 43 anos de idade, com um rosto suave sem rugas, ombros arredondados, e erguia as sobrancelhas em surpresa. Seu cabelo castanho se dividia no lado. Ele parecia um garoto.

Carey tinha tirado sua carteira de motorista em Oregon há três anos, e registrou um Dodge sedan na mesma época. Antes disso, ele tinha vivido em Everett, Washington, apenas algumas horas de carro de onde Patrick Lifton tinha desaparecido.

Havia uma forma dos pés de Archie ficarem ainda mais molhados?

Eles viraram em uma rua lateral e dirigindo-se até a avenida. A água na calçada era definitivamente mais profunda aqui. Ela espirrava para cima da perna da calça de Archie enquanto ele caminhava. Água parada. Não era asfalto molhado. Não era uma poça. Não era uma tampa de bueiro. Isso era uma camada de água fria que rodava contra o concreto. Archie podia ver a ponta dela lentamente subindo a extensão da rua.

Esta água formava uma correnteza.

Sob o barulho dos helicópteros, sob o agitar-se da chuva, Archie podia ouvir um leve som — semelhante a uma cachoeira ou um tanque reserva.

Flannigan ouviu também. "O que é isso?", perguntou ele.

"Água", disse Archie.

Flannigan olhou para o céu sem estrelas.

"Não é a chuva", disse Archie.

Ela tinha começado.

A cidade estava inundada.

O walkie-talkie de Flannigan chiou. "Nós temos um relatório de uma brecha no paredão", relataram.

Flannigan apertou o botão de conversa. "Aqui é Flannigan", disse ele. "Nós estamos na Ash entre a First e a Naito. Há 20 cm de água aqui, e subindo. O que está acontecendo?"

"Há um buraco no setor oito perto da Ponte Burnside. Você precisa sair daí, senhor."

"Eles estão enviando uma equipe para consertar isso?"

"Roger. Mas você precisa evacuar. Fomos informados que a parede inteira pode desmoronar."

"O que acontece então?", perguntou Archie.

"O que acontece então?" Flannigan repete no walkie-talkie.

Não houve nada além de estática por um momento. "Você já viu um inseto atingir um para-brisa?" Veio a eventual resposta. "Vai ser assim. Você será o inseto, e o para-brisa será um muro de dez metros de água".

Os dois policiais se entreolharam.

Archie não tinha certeza se Carey e os outros foram até o centro. Talvez eles não tivessem feito isso. Talvez o recibo fosse uma pista errada. Talvez Archie tivesse interpretado mal. Talvez Carey nem sequer estivesse com Susan ou com a criança. Talvez eles já estivessem mortos.

A vida de Heil tinha custado a Archie. Ele não podia arriscar qualquer outra, além da sua.

"É melhor vocês saírem daqui", disse ele.

Flannigan hesitou. "E quanto a SWAT?", disse ele para o walkie-talkie.

"Sinto muito, senhores. Mas eles foram obrigados a se retirarem até deixarmos tudo limpo".

Um poste estourou do outro lado da rua e começou a esfumaçar e enviar faíscas no ar da noite.

"Não voltem para os carros", disse Archie. "Vão a pé. Vão para oeste."

Os patrulheiros não precisaram ser obrigados. Eles se afastaram alguns metros, viraram-se e começaram a correr.

Flannigan não se mexeu.

"Eu sei nadar", disse ele.

NO MOMENTO EM que Archie e Flannigan chegaram ao Naito Parkway a lâmina preta de água estava acima de seus tornozelos.

A avenida estava inundada, e além dela Waterfront Park estava praticamente desaparecida na escuridão. Estava tudo debaixo d'água, Archie percebeu. A grande extensão de grama. O passeio. Os bancos do parque. Os monumentos e fontes. Dois helicópteros sobrevoavam uma seção do paredão, jogando seus holofotes para baixo, e Archie podia ver a cascata de água preta derramando sobre uma área de quinze metros onde o dique de emergência tinha cedido. O barulho que tinha ouvido anteriormente era dez vezes mais alto aqui.

Ele podia ver a loja de aquário quatro portas abaixo na rua, um fraco, agora familiar brilho azul irradiando de dentro — os tanques deveriam estar sendo alimentados por um gerador de emergência. Uma fileira de sacos de areia estava empilhada ao longo da emenda onde a calçada encontrava os prédios, e Archie tinha de apoiar uma mão ao longo deles para manter de pé. Flannigan estava logo atrás. Em algum lugar um alarme de carro começou a berrar.

A porta de vidro foi quebrada.

"Eles estão aqui", Flannigan sussurrou.

Archie olhou para a loja e ouviu. Mas se houvesse algo para ser ouvido acima do som dos helicópteros, do alarme do carro e da água que rugia, Archie não poderia fazê-lo.

"Elroy?" Archie gritou. "Aqui é a polícia. O rio rompeu o paredão. Esta área será inundada agora. Eu preciso que você me dê a mulher e o menino, para que possamos tirá-lo daí."

Ele dirigiu o feixe de sua lanterna para a loja. A água estava inundando, obstruindo todas as entradas. Ela cobria o chão da loja, refletindo o brilho

azul dos aquários.

Archie sacou a arma e pisou sobre as lâminas de vidro que ainda estavam pendiam no batente da porta.

O alarme do carro soava mais alto quando Archie se virou e olhou para além de Flannigan para ver o carro em questão passar flutuando, buzinando loucamente, luzes piscando, meio submerso na água. Em seguida, o alarme parou, as luzes apagaram, e o carro desapareceu na escuridão.

Ele deu um passo e ergueu a arma.

"Susan?", ele chamou.

Aquários alinhados em todas as paredes, mundos marinhos envoltos em blocos de vidro. Eles foram equipados com luz negra para realçar o neon dos peixes coloridos e corais exóticos. Rochas rosa brilhante. Peixes de todos os tamanhos e cores, magro, gordo, pequeno, grande. Os tanques borbulhavam e borbulhavam. Se Archie nunca mais visse um aquário de novo, seria muito cedo.

Ele deu mais alguns passos para dentro.

"Você gosta de peixe, Elroy?", ele chamou. "Eu gosto de peixe." Ele tentou pensar em nomes de peixes, e só poderia se lembrar dos que ele gostava de comer. "Salmão. Alabote. Bacalhau . McFish".

"Eu gosto do Leopard Wrasse African Blue Stars", disse uma voz baixinha.

Archie virou a lanterna na direção da voz e viu Patrick Lifton sentado com as pernas cruzadas em uma cadeira de plástico laranja em frente de um grande tanque de peixes vermelhos pequenos. Ele estava vestindo calças escuras de chuva e uma capa de chuva escura, mas o capuz estava para baixo. Ele tinha algo em seu colo.

Um balde de plástico.

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Archie arrepiaram.

O garoto parecia estar sozinho. Com o canto do olho, Archie viu Flannigan descer um corredor para chegar até o garoto do outro lado.

"O que você tem aí, garoto?" Archie disse em uma voz tão calma quanto ele conseguiu.

Os olhos de Patrick foram de Archie para um ponto em algum lugar atrás dele. "Ele queria um outro," Patrick disse.

Archie virou a lanterna ao redor, acompanhando a arma. Mas ele viu apenas mais peixes. Eles agitavam-se em seus tanques como espectadores ansiosos. "Onde ele está?" Archie perguntou a Patrick.

"Eu conheço você", disse Patrick.

"Eu sou Archie", disse Archie. "Nós nos conhecemos no rio."

O garoto piscou na luz, mas seus olhos não vacilaram. Ele olhou diretamente para Archie. Seus olhos eram de um verde escuro surpreendente, com uma borda marrom ao redor das íris.

"Eu preciso que você me entregue o balde", Archie disse lentamente.

"Eu não posso", Patrick sussurrou.

Eles não tinham tempo para isso. Archie precisava encontrar Susan e tirar ela e a criança de lá. O que os livros para pais dizem? Nunca negociar? "Eu tenho algo que pertence a você", Archie disse rapidamente. "Seu boneco do Darth Vader. Você o perdeu perto do rio. Eu o encontrei. Vou trocar com você."

Patrick olhou para o balde e pareceu hesitar.

Archie colocou a lanterna debaixo do braço, e estendeu a mão e deu um passo em direção ao garoto.

"Archie", ele ouviu Susan dizer atrás dele.

Se fosse qualquer outra pessoa, ele poderia ter reagido de maneira diferente. Ele poderia ter garantido primeiro o menino antes de se virar. Mas não era qualquer um, era Susan e Archie agiu por instinto, virando sua arma à sua esquerda, seguindo a voz dela, longe do menino. A lanterna ainda estava presa debaixo do braço e seu feixe se inclinou para o lado. Ele deixou cair, pegou em sua mão, e levantou a luz para encontrar Elroy Carey segurando

Susan na frente dele, com um braço em volta da cintura, o outro prendendo-a por um punhado de seu cabelo. O topo da cabeça dela estava no ombro dele. Archie apontou a arma para a cabeça de Carey.

"Ele colocará a mão no balde", disse Carey. "Se eu mandar."

Archie não podia ver Patrick. O menino estava atrás dele. Se Archie virasse, isso significaria desviar a arma de Carey. "Está tudo bem, Patrick", disse Archie. "Você não tem que fazer mais o que ele diz."

Susan estava mole nos braços de Carey, com a cabeça torcida para trás como uma boneca de pano. "Heil está morto", disse ela. Soava como uma acusação.

Archie não podia ver se Carey tinha uma arma. Se Archie atirasse nele, ele teria que matá-lo, ou arriscar que ele ferisse Susan, e ele teria que matá-lo instantaneamente. A SWAT chamava de "alvo no damasco." O damasco era a medula oblongada — a metade inferior do tronco cerebral. É o que controla o movimento involuntário. Na verdade, Carey nem sequer pestanejava. Mas Archie não era um bom atirador. E Carey mantinha-se em movimento, balançando para frente e para trás, trocando seus pés. E Susan estava muito perto.

"Você está me ouvindo?" Disse Susan. "Ele matou Heil".

"Eu sei", disse Archie. Ele manteve a arma apontada para Carey, junto com a lanterna, esperando que a luz pudesse limitar sua visão. Ele precisava ganhar tempo para Flannigan alcançar o menino.

"Você precisa me ajudar a tirar todos daqui, Elroy", disse Archie. "Está inundando."

O corpo de Susan endureceu. Archie pensava que era a ameaça de inundação.

Carey ajustou o controle sobre ela, ainda balançando, entrando e saindo da vista de Archie. "Meu nome é Roy", disse ele. Ele estava debruçado sobre Susan, com o queixo no ombro dela, a cabeça pressionada perto, como um casal posando para uma fotografia.

Os pés de Archie doíam da água fria. Carey e Susan estavam lá há mais tempo. Seus pés tinham provavelmente parado de doer pela dormência. A dormência dos pés poderia tornar Carey desajeitado.

"Ok, Roy. Meu nome é Archie."

A atenção de Carey mudou para um ponto atrás de Archie. "Vem cá, Sam", disse ele.

Archie não podia deixar Carey pegar o garoto. Se Archie um dia teve um pingo de autoridade parental, ele precisava dela agora. "Fique aí, Patrick", disse ele.

Archie escutou. Ele mal conseguia distinguir o som do gerador dos tanques. Aquários borbulhavam. A água estava alguns centímetros mais profunda agora. A sala inteira piscava com a luz dos aquários. Refletiam na água, as luminárias de metal, os tanques vazios. Archie segurou sua arma e mirou com o olho direito no centro do queixo de Carey. O recuo iria empurrar o tiro para cima, e se Archie acertasse, ele queria ter certeza de matar o desgraçado.

Os lábios de Carey enrolaram.

"Eu gosto do nome Elroy", disse Susan. Ela estava conversando com Carey, mas seu olhar estava nivelado ao de Archie. "É um bom nome. Por que seus pais o escolheram?"

O que ela estava falando?

Os lábios de Carey contorceram-se em um sorriso estranho. "Minha mãe me deu o nome do meu avô", disse ele.

"Aquela coluna pregada em cima da pia", disse Susan. "Eu escrevi aquilo."

"Eu sei quem você é", disse Carey.

"Qual coluna?", disse Archie.

"Sobre Ralph", disse Susan.

Carey puxou sua cabeça para trás pelos cabelos e examinou seu rosto. "Você está diferente da sua foto".

"Eu pintei meu cabelo."

O estômago de Archie embolou. "Qual era o nome do seu avô?", perguntou ele, antecipando a resposta.

"Elroy McBee", disse Carey.

"Vanport," Archie disse suavemente.

O rosto de Carey nublou. "Minha avó carregou minha mãe e uma mala por cinco quilômetros. Ela perdeu tudo. O marido dela. A casa dela. Estranhos levaram tudo. Ninguém se lembra." Ele olhou além de Archie para o menino. "Traga seu traseiro aqui, Sam."

Archie ouviu o garoto levantar-se da cadeira, o barulho suave de suas botas de chuva de borracha deslizando pela água.

"Seu nome é Patrick Lifton," Archie disse para o garoto. "Seu pai trabalha em uma serraria. Sua mãe trabalha em casa fazendo web sites. Você tem um labrador preto chamado Fly. Eles nunca pararam de procurar por você, Patrick. Eles querem que você volte para casa."

"Traga-o para mim, filho da puta", rosnou Carey. "Ou eu vou te machucar."

Archie precisava distrair Carey, dar-lhe outra coisa para se concentrar além do menino. "O esqueleto do lamaçal não foi identificado ", disse Archie. "Você não sabe se é seu avô."

"A inundação pegou muitas crianças", disse Carey. "Mulheres. Alguns casais, que trabalhavam no turno da noite, morreram em suas camas. Havia apenas três homens na lista de desaparecidos. Dois negros. O jornal disse que o esqueleto era de um homem branco. É ele."

"Eles estão mortos?", perguntou Patrick.

"Quem?" Archie perguntou a Patrick, a arma ainda apontada para o queixo de Carey. "Seus pais? Não. Eles estão bem."

A voz de Patrick vacilou. "Os anéis-azuis".

Quem sabia quantos crimes o garoto tinha visto, mas estava preocupado com os polvos. "Não", disse Archie. "Não. Nós os salvamos."

Os olhos de Carey se estreitaram. "Ele é um mentiroso, Sam. Ele vai colocá-lo na cadeia."

Houve uma breve comoção por trás de Archie. "Devolva-me isso!" O menino falou.

"Eu tenho o balde", Flannigan gritou para Archie. "Está tudo bem, Patrick," Archie ouviu-o dizer ao menino. "Eu sou um policial. Estou aqui para ajudá-lo."

Patrick Lifton, aparentemente, não acreditou nele. Archie ouviu um barulho — o som da cadeira caindo. Em seguida, o frenético respingo de botas de chuva de pequeno porte.

"O que está acontecendo?" Archie perguntou.

"Ele foi para a porta dos fundos", Flannigan lamentou.

Archie tinha que ir atrás da criança. Ele tinha que deixar Susan.

A testa de Carey se contorceu. Seu rosto de bebê brilhava com suor. Ele sorriu. Ele sabia aonde o garoto ia, Archie percebeu. Eles se encontrariam. Assim como antes.

"Pelo amor de Deus", disse Susan. "Vá pegá-lo."

Archie deu um passo para trás e, em seguida, virou-se e correu em direção à parte de trás da loja, para a porta dos fundos, para o menino. Ele olhou para trás uma vez, apenas a tempo de ver Susan bater forte com o cotovelo no estômago de Carey.

SUSAN TINHA VISTO Patrick fugir.

Ela não ia perdê-lo.

Ela bateu em Carey novamente, o cotovelo batendo na carne macia logo abaixo das costelas. Ele engasgou. Ela tinha os cotovelos pontudos. As pessoas sempre disseram isso a ela. O puxão dele em seu cabelo afrouxou um pouco e ela afastou-se, contorcendo-se para livrar-se do braço dele quando ele se dobrou de dor. Ela estremeceu com a puxada em seu cabelo rasgando seu couro cabeludo quando ela fez isso.

Ela arrastou-se em direção a parte de trás da loja, puxando aquários vazios das prateleiras atrás dela enquanto corria. Eles espirraram e alguns quebraram, espalhando vidro pelo caminho atrás dela.

Carey vinha desajeitadamente atrás dela, um punhado de fios de seu cabelo framboesa ainda em seu punho.

A porta no fundo da loja ainda estava fechando de quando Archie tinha passado por ela. Susan atirou-se contra a barra de pressão de metal da porta. Era chamada de barra de pânico. Agora ela sabia por quê.

A porta se abriu para um salão nos fundos levando a outra porta, esta com um sinal verde de saída e uma intermitente luz estroboscópica de emergência montada por cima dela. Susan continuou correndo, com o coração batendo. A água não estava tão profunda aqui. A luz estroboscópica pulsava e brilhava pelo corredor. Ela esperou pelo som de Carey entrando pela porta atrás dela, mas ele não veio.

Quando ela chegou à porta de saída de emergência e empurrou-a, ela podia ouvir Archie e Flannigan chamando o nome de Patrick.

A porta se abria para uma rua lateral.

Ela já tinha tropeçado por esta rua antes, deixando os clubes bêbada às duas e meia da manhã, à procura de seu carro quando ela deveria ter chamado um táxi.

As vozes vinham do leste, em direção ao rio, então Susan pegou à direita nessa direção. Estava um breu. Se ela não tivesse passado seus vinte e poucos anos vomitando naquela rua, ela teria quebrado o tornozelo, com certeza.

Ela andou apressadamente pela inundação, tentando ignorar o frio cortante através de suas botas de borracha.

Carey ainda não tinha saído pela porta.

Ela considerou chamar por Archie, mas ela não queria assustar Patrick se ele ainda estivesse por perto.

Suas roupas ainda estavam úmidas e o vento causou-lhe um arrepio que subiu pelos seus braços.

Se ela fosse uma criança, aonde ela iria?

Não muito longe. Isso era certeza. Não no escuro. Não com este tempo. Heil contou a Susan sobre o esconderijo do garoto debaixo da ponte. Ele gostava de se esconder. Estava escuro o suficiente nessa rua para que você pudesse se sumir de vista. Mas havia outro local, uma grande lixeira verde estacionada ao lado da entrada da cozinha de um bar, onde Susan tinha sido surpreendida mais de uma vez por algum mauricinho embriagado com o pau para fora, mijando contra os tijolos.

Susan apertou os olhos na escuridão, mal vendo a enorme sombra da lixeira, e dirigiu-se para ela.

"Patrick?", ela sussurrou quando se aproximou. "Sou eu."

Ela ouviu Archie gritar o nome de Patrick novamente. Ele estava perto, onde a rua encontrava a Parkway (N.T. — Avenida larga e arborizada). Susan podia ver o feixe de luz cortando a escuridão.

A lixeira fedia com o lixo acumulado de dois dias sem coleta. Susan colocou uma mão no metal viscoso frio e a outro no vazio escuro onde a parte de trás da lixeira encaixava no edifício.

"Pegue minha mão," ela sussurrou.

Ela esperou, sua mão estendida, sentindo-se como um idiota.

O feixe de luz da lanterna de Archie estava se aproximando.

Ela estava prestes a chamar Archie, para avisá-lo que ela estava bem.

Então, ela sentiu pequenos dedos frios em torno dos dela.

Ela apertou-os. "Precisamos sair daqui", disse ela.

A forma de Patrick materializou-se na escuridão. Ele deu um passo para frente, e ela puxou-o para seus braços.

O feixe de luz da lanterna de Archie riscou por eles, em seguida, voltou para trás e caiu sobre Susan.

Ela olhou para a luz.

"Ele está comigo", disse ela. Ela pegou o menino no colo e levou-o na direção da luz da lanterna de Archie. "Estamos bem. Eu não sei onde Carey está."

No cruzamento com a Naito, a água estava acima do meio da coxa e veloz. Susan teve que lutar contra a correnteza para ficar de pé. Archie pegou o rosto dela entre as mãos e segurou-o, sem dizer nada.

Ele colocou um braço em torno do ombro dela. "Venha comigo", disse ele. Eles começaram a dirigir-se para o norte. Ele foi levando-os em direção à ponte Burnside, ela percebeu. Havia equipes de resgate lá em cima. Ela poderia ver as luzes de emergência.

Archie acenou com a lanterna para o céu, sinalizando-os, em seguida em direção a Flannigan 7 metros a frente, que balançava a luz halógena de sua lanterna no escuro.

Era só um quarteirão de distância, mas a força da correnteza tornava tudo difícil.

Archie tentou segurar Patrick, mas o garoto agarrou-se a Susan, recusando-se a soltá-la, e ela estava secretamente gostando de não deixá-lo ir.

Os dois helicópteros zumbindo em círculos sobre o rio formavam anéis de ondulações concêntricas na água.

Ela se virou para procurar por Carey, meio que esperando vê-lo vir atrás dela espirrando água.

Não havia definição entre parques ou rua ou calçada. Estava tudo debaixo d'água agora. Levaria meses para a cidade se recuperar disto. Talvez anos.

"Ouça", disse Archie.

Ela não ouviu nada, além das sirenes e helicópteros. E então, de alguma forma, ela ouviu. Baixo, quase subsônico inicialmente, como um estômago roncando e em seguida, de uma só vez, um grande ruído branco que parecia sangrar em todos os cinco sentidos. Cada fio de cabelo no corpo de Susan se arrepiou.

Ela não podia mais ouvir os helicópteros ou sirenes. Apenas a água que se aproximava. Mas ela não se voltou para olhar. Ela não queria ver.

Não havia nenhum sentido.

Não houve tempo para correr.

Archie passou os braços em torno dela em um abraço de urso, e ela colocou a testa contra a curva do seu pescoço, o menino imprensado firmemente entre eles. Susan podia sentir o menino tenso.

"Respire", disse Archie.

Susan se preparou.

ELE PERDEU-OS IMEDIATAMENTE quando a água bateu. Era como ser engolido, forçado por um tubo de peristaltismo. Não houve como permanecer sobre a superfície. Archie foi sugado para baixo, caindo, a água trovejando em seus ouvidos. Ele não tinha nenhum senso de direção, nenhuma dica de qual a direção o levaria para cima. Ele conseguiu tirar seu colete, e quando ele bateu contra algo duro de alguma forma ele teve o instinto de agarrá-lo e lutar para voltar à superfície.

Era um poste de luz.

A água parecia recuar, como a ressaca de uma grande quebra de onda na costa, e Archie abraçava o poste com toda a sua força para não ser sugado em direção ao rio.

E então tudo estava acabado.

De repente, tudo estava incrivelmente imóvel, a água na altura da cintura, fria e negra, sem uma ondulação na sua superfície.

"Susan", Archie chamou, sua voz rouca, olhando ao redor na escuridão. "Patrick?"

O estrago era óbvio em tudo ao seu redor. Metade das cerejeiras do Japanese American Plaza se foram, um carro estava virado de lado, meio submerso, todas as janelas das lojas foram quebradas. A cadeira de dentro da loja de aquários flutuava.

Ele ouviu água espirrar perto, e se virou para ver a mão de um homem emergir da água. Archie a alcançou instintivamente. Ela agarrou-o, e Archie puxou a pessoa para a superfície, esperando ver Flannigan.

Mas era Elroy Carey que surgiu gritando.

Ele explodiu saindo da água e pôs as mãos em torno do pescoço de Archie. Archie perdeu o equilíbrio e caiu de costas na água até a cintura. Carey caiu em cima dele, e Archie se debateu segurando os pulsos de Carey, tentando erguer-se, mas a água roubou toda a sua alavancagem.

Também roubou a de Carey.

Archie prendeu a respiração, pôs os pés juntos, dobrou os joelhos, e chutou Carey nas canelas. A força desequilibrou Carey e ele caiu de barriga para frente, perdendo o controle. Archie saiu de debaixo dele e veio até a superfície para respirar.

Mas Carey tomou a parte de trás de seu pé e virou-o voltando-se para ele.

A cabeça de Carey estava machucada e sangrando. Ele havia batido contra alguma coisa quando a inundação o tinha atingido. Ele tinha quebrado a cabeça. Archie podia ver o brilho rosa de tecido cerebral onde o cabelo castanho molhado de Carey se separava em torno da ferida. Raiva e adrenalina eram as únicas coisas que o mantinham de pé.

Archie procurou por sua arma, mas a inundação tinha rasgado o coldre de seu cinto.

Carey se lançou para ele.

Mas Archie estava pronto. Carey tinha matado Heil. Ele tinha tirado Patrick Lifton de sua família. Ele tinha tentado matar Henry. Ele merecia morrer.

Archie cerrou o punho e bateu forte no ferimento da cabeça de Carey. Seu punho bateu contra osso, cabelo e algo escorregadio. Isso nocauteou Carey do seu lado, de volta para a água.

Carey puxou-se para levantar, dobrou-se arfando, afundando na água suja.

Ele levantou a cabeça e olhou de soslaio para Archie.

O sangue jorrou de seu couro cabeludo, em seu rosto, em seus olhos, e em seu peito. Ele ajustou a suatentação de suas galochas. Seus olhos reviraram para trás. E ele caiu de joelhos, desaparecendo quase completamente debaixo da água. Ele conseguiu ficar lá por um momento, apenas a testa visível, a

ferida aberta pulsando sangue. Em seguida, ele afundou. Archie assistiu até que as bolhas parassem. Levou apenas alguns minutos. Ele esperou mais alguns minutos, apenas para ter certeza. Então ele tateou procurando o corpo, e levantou-o pelo colarinho da camisa.

O couro cabeludo de Carey estava limpo. Archie podia ver toda a extensão de seus ferimentos agora uma área de dois centímetros de seu cérebro exposto. A ferida tinha parado de sangrar. Ele estava morto. Archie olhou em volta. Ele estava sozinho. Ele liberou o corpo de Carey e assistiu-o afundar e desaparecer no rio.

SUSAN EMERGIU E tomou um grande fôlego por ar. Ela estava viva. Ela tinha sido jogada, caiu e rolou debaixo d'água até que ela pensou que seus pulmões iriam estourar, mas ela ainda estava viva. Ar úmido e fétido da cidade inundada nunca tinha sido tão bom. Ela ainda estava na água, mas estava nadando na superfície. Ela conseguia respirar.

Em seguida, uma ausência a golpeou.

Onde estava Patrick?

Ela o havia perdido quando a água a levou.

"Patrick", ela gritou. Ela remava em círculos frenéticos na água, procurando por ele no escuridão, chamando seu nome sem parar.

Mas ele não respondeu.

"Archie", ela chamou.

Ele também não estava lá.

Ambos sumiram.

Ou talvez ela fosse ela que tinha sumido.

Ela olhou ao redor para as margens, mas não conseguiu orientar-se. Ela não via todos os edifícios. Chovia forte contra a superfície da água. Em comparação com a água da inundação, a água da chuva estava quente.

A correnteza ainda estava em movimento, a levá-la junto com ela. Ela podia sentir tudo ao seu redor, a pressão de toda água correndo na mesma direção. Ela percebeu, então, que ela não estava nadando. Ela estava boiando na água, remando contra a corrente.

Os músculos de seus braços já estavam queimando. Ela foi ficando cada vez mais exausta pelo esforço.

Ela se esforçou novamente para conseguir localizar-se. E então viu a sombra de algo a frente. Uma ponte.

Ela estava no meio do rio.

Frenética agora, ela nadou para a margem, braçadas largas, chutes retos, empregando cada grama de energia que ainda tinha. Ela nadou como uma atleta olímpica. Como Esther Williams. Mas toda a força que ela exercia encontrava o dobro da resistência. A correnteza era muito forte. E ela não conseguia lutar contra ela.

ARCHIE ANDAVA COM a água até a cintura, gritando por Susan, pelo menino, por Flannigan. Ele tossia após cada nome, como se o esforço de produzir qualquer som fosse demais para seus pulmões. Ele não sabia se era do frio ou se era por toda a água que ele tinha engolido.

A lanterna foi, juntamente com seus sapatos, arrancada pela inundação. O telefone dele estava morto. Alguns dos edifícios tinha luzes exteriores de emergência, e os facho de luz brancas e amarelas piscavam iluminado a cena em lampejos de luz.

Ele continuou andando. Continuou chamando por eles.

Seu joelho ficou preso em algo imóvel na água. Ele afundou as mãos no rio frio e passou sobre o obstáculo. Era uma lixeira pública de concreto. Ele podia ver seu antigo conteúdo, agora, numa trilha de copos de papel e canudos de plástico vermelhos, embalagens amassadas e garrafas de água, estendendo-se em um trilha através da água. Archie contornou a lata de lixo, e em seguida, quase caiu ao se equilibrar passando por cima de uma calçada. Um ramo passou e Archie o pegou, usando-o para sondar o chão à sua frente como um cego.

Ele poderia percorrer por fora. Ir até as equipes de resgate em Burnside. Conseguir ajuda. Mas o tempo era muito precioso, os valiosos minutos eram cruciais.

O Willamette lhes tinha puxado em direções opostas, Archie concluiu. Se ele estava certo, se Susan não estava por perto, então ela estava no rio.

Os helicópteros ainda sobrevoavam o local, só que agora seus focos verificavam ao longo da margem. Eles estavam à procura de sobreviventes.

Archie podia ouvir sirenes. E ver algum tipo de luz que deslizava sobre a superfície da água, chegando mais perto.

Ele viu outras luzes então. Patinavam ao longo da água, aparecendo por trás dos prédios.

Botes de salvamento.

A primeira luz que ele viu estava indo em sua direção, movendo-se para o norte onde tinha sido o estacionamento.

"Aqui!" Archie gritou, agitando os braços. "Aqui!"

Um feixe de holofotes iluminou seu rosto e ficou fixo nele até que o barco chegasse bem ao seu lado.

Um braço pegou Archie pelas axilas e puxou-o para o bote preto. Alguém colocou um cobertor em torno dele.

Quando Archie olhou para cima, viu dois soldados da Guarda Nacional usando coletes pretos.

"Vocês encontraram mais alguém", perguntou Archie.

Eles negaram com a cabeça.

Archie tossiu, e quando prendeu a respiração, ele olhou para o rio. Ele sabia como era a correnteza lá fora. Se Susan e Patrick tivessem sido arrastados para o Willamette, estariam a um quilometro de distância agora.

"Quão rápido essa coisa pode ir", ele perguntou.

SUSAN PAROU DE nadar e deixou o rio levá-la. Ela tentou respirar profundamente e flutuar na superfície como já havia feito mil vezes nas piscinas de hotel, mas a água era muito suja, puxava-a para baixo e machucava seu rosto, deixando-a ainda mais exausta e desorientada. Então ela ficou na vertical, os pés batendo para não afundar, as botas pesavam muito, os braços fora da água remavam, sua cabeça era como uma boia humana na superfície. Havia tanto lixo e destroços no rio que ela tinha que ficar vigilante para não bater em nenhum galho solto. Ela manteve seus braços abertos movendo perto da superfície, para que ela pudesse afastar com a mão os destroços de seu caminho. Até agora, ela já tinha dado um tapa num tronco de madeira e o que parecia ser o espelho retrovisor de um carro. Seu cabelo estava emaranhado com os galhos. Suas mãos ardiam como se estivessem sangrando. Sua pele tremia. Um arrepio gélido percorreu seus ossos.

Ela virou o rosto para o céu da meia-noite, com a chuva a bater seus cílios.

Estava tão negro como a água, exceto por uma estrela brilhante.

Não era uma estrela. Era um planeta.

Vênus.

Não, Júpiter.

Ela nunca poderia ver os dois em linha reta.

Era grande demais para ser um planeta. Estava muito perto. Susan sentiu a água ao seu redor achatar um pouco antes do vento das lâminas de helicóptero atingirem seu rosto.

"Aqui!", Ela gritou, engolindo um pouco de água. Ela engasgou e ergueu as mãos para acenar, mas isso só a fez afundar. Ela nadou forte, o mais forte que podia, e conseguiu levantar um braço para cima e apontando para o céu. "Aqui", ela gritou. "Eu estou aqui!"

Mas o helicóptero embicou para cima sem parar, e ela ficou sozinha novamente no escuro.

Eles não podiam vê-la. Estava muito escuro. Havia muitos detritos.

Ela ia morrer.

Ela começou a respirar mais rápido, pequenas respirações ofegantes, e seus olhos ardiam com lágrimas quentes. Sentiu a luz na cabeça. Ela mordeu a língua e sentiu o gosto de sangue.

Eles nunca iriam encontrar seu corpo. Ela ia afundar. Ficar presa sob toda essa porcaria e ser retirada só quando estivesse deteriorando em uma doca em algum lugar. Se tivesse sorte as bactérias em seu estômago criariam gás suficiente para o corpo inchar e subir para a superfície.

Susan não queria morrer.

Suas pernas estavam com câibras, seus pulmões latejavam. Ela precisava se acalmar, controlar a sua respiração.

A primeira etapa do afogamento era o pânico.

Ela pensou em Patrick, lá fora sozinho, com medo, se ele ainda estava vivo.

Converse com você mesma, Susan pensou. *Fale sobre isso*. É isso que os repórteres fazem, não é?

Eles tomam notas.

Eles fazem pesquisas.

Esperavam que um dia todo esse conhecimento inútil que tinham armazenado servisse para algo.

A água estava fria, e Susan recuperou-se, tentando manter o queixo acima da água. Estava escuro e ela não conseguia ver nada. Ela nem sabia o caminho que o rio a estava levando. A água do rio tinha gosto de barro e metal. Por toda a sua vida tinha escutado para não beber água do Willamette, que era poluído pelo mercúrio do esgoto radioativo de Hanford. Agora ela tinha

provavelmente engolido um barril dele. Se ela não se afogasse, ela morreria de câncer.

A maioria das pessoas que estavam se afogando não gritavam por ajuda. Eles estavam ocupados demais tentando respirar.

Não é como você vê na TV.

É silencioso.

As pessoas simplesmente deslizaram sob a superfície, e se foram.

Galhos e detritos batiam contra suas pernas, mantendo a mente dela concentrada como um tapa na cara. O rio gemia e gritava. Ele era o único som.

Seu corpo queimava de exaustão.

Usou toda força que tinha para dar esse último suspiro. Ela poderia ter polpado energia. Ganhado um ou alguns minutos. Mas ela nunca tinha sido o tipo de pessoa que agia tranquilamente. Então ela gritou. Toda aquela golfada de doce de oxigênio ela tomou, transformou-se em uma palavra. "Archie". Ele ecoou em sua cabeça tão alto e claro como um sino, mas ela não tinha certeza se ela tinha dito isso em voz alta. Seu nome ecoou em seu cérebro, desvanecendo-se como um mantra quando ela afundou abaixo da linha d'água.

Archie.

Levou um segundo para ela perceber que estava debaixo d'água. Ela estava tranquila, o rugido do rio era um som distante.

Ela estendeu a mão para cima e conseguiu encontrar o ar frio da noite com as pontas dos dedos, mas não teve nenhuma relevância, nenhuma maneira de empurrar-se acima da água. Ela podia sentir o pânico no corpo, como uma faísca explodindo em chamas, ela inalou água, um grande gole frio dela. Quando engasgou, doeu. Mas ela não podia parar. Ela inalou mais água.

Seu cérebro não estava funcionando. Ela procurou relaxadamente por alguma frase que ela pudesse se apegar.

A segunda fase. A epiglote selava a via aérea. Era a maneira que o corpo tinha de proteger os pulmões de encherem de água.

Ela estava calma agora, e muito cansada. A água levando-a. Era um alívio parar de lutar contra ela, para deixar seu corpo descansar.

Ela não estava mais com frio.

Ela pensou em seu pai, morrendo em seu leito de hospital, e como no final, depois de todos aqueles meses lutando, morto parecia tranquilo.

Ela pensou em sua mãe, e como ela ficaria puta com isso.

Qual era a terceira fase? *Inconsciência*. Isso iria acontecer em breve, e então ela iria entrar em parada cardíaca. Seu coração iria parar. Ela estaria clinicamente morta. Não faria mal nenhum. Ela estaria dormindo.

Quatro minutos.

Esse é o tempo que você tinha entre a morte clínica e a morte biológica. CPR. Desfibrilação. Você poderia ressuscitar o coração, se você fosse socorrida a tempo.

Quatro minutos. Era o tempo de uma canção pop.

Esse era o tempo que Archie tinha para salvá-la.

ELE OUVIU A voz dela.

Ninguém mais no barco tinha ouvido. Mas Archie estava certo de que ele tinha ouvido Susan chamando seu nome.

"Silêncio", ele disse.

O soldado que pilotava o barco desligou o motor de popa, e Archie chamou de volta para ela. Mas não ouvia nada. Somente os helicópteros. O barulho interminável da chuva. O som da correnteza.

Archie procurou na escuridão e tentou identificar sua localização.

"Para lá", ele gritou, e o motor de popa foi ligado e se dirigiram 6 metros para cima a oeste até que Archie disse, "Aqui".

Um dos soldados estava com seu rádio para chamar uma equipe de mergulho e guiar o helicóptero para o local. Alguém jogou um salva-vidas na água. Ele fez um splash surdo. Alguém girou holofotes do barco ao redor, examinando a superfície da água. Mas eles não tinham tempo para tudo isso.

Archie pulou do barco e mergulhou.

Não era a primeira vez que ele mergulhava neste tipo de treva.

No porão da casa de Gretchen, quando ela o havia cortado, a escuridão tinha sido um conforto envolvente; e mais tarde, depois que ela o libertou, todas aquelas noites quando ele tinha adormecido com sete Vicodin em seu organismo, em que ele desejava deixar sua mente ir novamente para o abismo.

A inundação era aquele abismo, dada a sua forma física e peso.

Ele estendeu a mão desajeitadamente, tateando sob a água, com os dedos abertos. Seus ouvidos batiam e doíam por causa do frio. Ele mergulhou mais fundo.

Um mártir com um complexo de cavaleiro branco, Anne diria.

Só que as pessoas que ele tentou salvar morreram.

Mesmo debaixo d'água, ele podia ouvir o barulho do rio. A correnteza corria em torno dele, quase a pegá-lo. Seus ouvidos doíam na água fria. Ele abriu os olhos e viu lá embaixo apenas escuridão. Ele impulsionou-se mais profundo, lutando contra a correnteza. Podia senti-la movendo-se contra ele. Seus pulmões pulsavam com dor.

Ele cavou através da água, esticando os braços e as pernas, na esperança de fazer contato com ela.

Mas ele precisava de ar.

Ele nadou para cima, irrompendo na superfície com uma tosse forte.

Ele olhou em volta. O barco estava há 30 metros de distância. A correnteza tinha levado ele rio abaixo 15 metros em apenas alguns minutos.

E, em seguida, de uma só vez veio a luz.

Estava banhando ele. Ele tinha que apertar os olhos contra ela por um momento, antes que ele pudesse enxergar. A luz preenchia com um trilhão de minúsculos pingos brilhantes. O feixe a rodeá-lo e depois direto para o céu.

Ele estava no centro das atenções de um helicóptero da Guarda Costeira.

Os helicópteros circulantes que se tornaram como um ruído branco nos últimos dias parecia um trombeta da cavalaria.

Então, de cima, ele viu algo na luz. Eles estavam baixando uma cesta de salvamento. Eles estavam tentando resgatá-lo.

Não.

Archie não conseguiria fazer mais um ciclo respiratório completo, seus pulmões estavam muito cansados, muito cheio de lama. Mas ele puxou o ar, tanto quanto podia.

Ele prometeu a si mesmo que iria salvá-la.

Ele mergulhou para baixo, empurrando a água gelada com toda a sua força, e quando ele o fez, sua mão roçou alguma coisa.

Ele foi em direção a ela, agarrou, e nadou para a superfície.

PRIMEIRA PERCEPÇÃO DE Susan foi de vomitar água.

O vômito espirrou na calçada ao lado dela como o café derramado pela janela de um carro em movimento. Sua barriga contraiu-se quando ela engasgou, e ela teve uma lancinante dor de cabeça. Seu corpo todo doía. E ela estava gelada até os ossos, cada músculo contraído com frio.

Ela podia ouvir um barulho. O mesmo som uma e outra vez, e depois de um tempo ela percebeu o que era:

"Susan?"

"Susan?"

"Susan?"

Por que alguém dizia o nome dela? Ela estava de ressaca. Ou pegou uma gripe. Ou estava tendo um terrível sonho. Ela precisava descansar.

"Você pode me ouvir?", Disse a voz.

Era a voz de Archie.

"Deixe-me em paz", disse ela.

"Você sabe quem eu sou?"

Ela murmurou seu nome.

"Você sabe o seu nome?"

Qual era o problema dele? "Susan", disse ela.

E então tudo voltou. O rio. A inundação.

Ela olhou ao redor, sua consciência esforçando-se através da névoa, lutando para lembrar dos detalhes.

Ela estava de costas no chão. Em uma ponte. Havia pessoas ajoelhadas em volta dela. Archie. Rostos distorcidos aleatórios da Guarda Nacional. Eles estavam todos sorrindo, como se eles tivessem uma torta.

Algo parecia engraçado em seu peito e ela estendeu a mão, e encontrou um adesivo gigante, alguns fios. Ela viu o desfibrilador automático externo na calçada ao lado dela, ligados aos fios que conduziam a seu peito.

Eles ressuscitaram-na.

Putá merda. Ela tinha sido morto.

"Você vai ficar bem", disse Archie.

Ele estava encharcado. Ele a tinha salvo. Ele a achou e puxou-a para fora a tempo.

Seu cérebro parecia pudim.

"Obrigada", disse ela. E então ela vomitou tudo sobre os pés dele.

"Está tudo bem", disse ele. "Eu estou molhado de qualquer maneira."

Ela viu as luzes da ambulância antes que ela ouvisse o *grito* de sua sirene. Sentia-se confusa assim, como se seu cérebro ainda estivesse lutando para organizar as informações.

"Onde está o Patrick?" Ela tentou perguntar. Mas saiu mais como "Werspatrick?"

De alguma forma, Archie parecia saber o que ela estava falando. "Nós não encontramos Patrick ainda."

Os paramédicos chegaram em uma corrida de eficiência reconfortante. Eles tiraram-lhe os adesivos do AED, envolveram Susan em cobertores, e ataram-na a uma maca.

"Carey está morto", disse Archie quando eles começaram a levá-la.

"Bom", disse ela.

Ela virou a cabeça e olhou para a escuridão. Os paramédicos a colocaram na ambulância. Ela tinha passado por essa rotina antes, e se entregou a ela.

ARCHIE CONTOU DOZE helicópteros agora. O rio estava repleto de barcos salva-vidas e holofotes. Toda a ponte, desde a Hawthorne até a Ponte de Aço, estavam iluminadas com o vermelho e azul das luzes de emergência dos veículos. Nenhuma sirene. O procedimento padrão em casos como esse. Eles não queriam abafar o som de alguém gritando por socorro.

Mesmo com a batida dos rotores dos helicópteros, a cidade estava estranhamente silenciosa. O paredão estava destruído. O centro do rio ainda estava revolto por causa do degelo e da chuva, mas a água da enchente que destruiu o muro havia formado um lago escuro e plácido. Toda a paisagem do centro de Portland ficou alterada. O Willamette agora estendeu-se para o dobro de sua largura, confinando as fachadas dos edifícios antigos na beirada do parque. Era como se Portland estivesse voltado há cem anos, antes de terem construído a autoestrada ao longo da margem oeste, e décadas depois, sendo rasgado e substituído por Waterfront Park, separando para sempre Portland do rio.

Archie tinha uma boa vista do alto da ponte Burnside. A ponte levadiça estava abaixada, alguém tinha conseguido levar o centro de comando móvel do chefe para o lado leste da ponte, que, por não ter um paredão de emergência, sofreu menos danos.

Archie estava vestindo uniforme da Guarda Nacional com um cobertor sobre os ombros para protegê-lo do frio e meias encharcadas de vômito em seus pés. Havia muitos carros de patrulha ao redor que ele poderia ter entrado para se aquecer. Mas ele não queria conforto. Não até que Patrick e Flannigan fossem encontrados. Ele falou no walkie-talkie que lhe tinham dado. "Alguma coisa?"

"Ainda não, senhor", respondeu uma voz.

Archie olhou para o sul na noite, onde a quilômetros de distância, degelo e afluentes se encontravam perto do Eugene, onde o rio Willamette era

formado, fluindo para o norte até Portland, que serpenteava um caminho através de cidades, região vinícola e agrícola. Então ele se virou para o norte, rio abaixo, onde o Willamette fluindo para a esquerda, juntava-se ao rio Columbia, e desaguavam no Pacífico.

Quase 3500 quilômetros.

E inundações ao longo de todo ele.

Os esforços de resgate continuarão durante dias. Limpeza durante meses, talvez anos.

Eles já tinham tirado um soldado da Guarda Nacional fora da água e resgatado cinco pessoas de telhados no centro da cidade.

Mas não havia nenhum sinal de Flannigan ou do menino. E nenhum sinal do corpo de Carey.

Archie sentiu um aperto em seu ombro e Chief Eaton parou ao lado dele.

"Qual é a gravidade?" Archie o perguntou.

"Nós não vamos conseguir avaliar com certeza até o amanhecer", disse Eaton. "Mas há água até Segunda Avenida, desde Burnside para baixo em direção o mercado. O governador pediu ajuda federal. Eles estão enviando mais Guardas e Soldados. Washington e Califórnia estão enviando equipes de resgate. Graças a Deus temos ajuda."

"A inundação chegou só até a Segunda?" Archie disse cuidadosamente.

Eaton deu-lhe um olhar compreensivo. "Nós evacuamos a prisão horas atrás."

Archie estava tentando manter seus pensamentos longe de Gretchen. Ele tinha focado em Patrick, Heil e Susan. Mas isso o incomodava. O Centro de Justiça ficava na Terceira Avenida, no centro da cidade. Ficava na zona de inundação. "Para onde?", Ele perguntou.

"Para a Prisão Salem", disse Eaton. "Todos os prisioneiros foram contabilizados. Incluindo Gretchen Lowell." Ele olhou para Archie de cima a

baixo e levantou uma sobrancelha. "Eu não posso dizer se você está desapontado ou aliviado."

Tal como acontece com tudo o que tinha a ver com Gretchen, foi um pouco de ambos. Archie segurou o cobertor um pouco mais apertado. "Eu só quero que ela esteja trancada", disse ele.

"Vá para casa", Eaton disse fazendo-lhe uma anuência com a cabeça. "Já passou-se uma hora. Qualquer um que estivesse naquela água já estaria hipotérmico há 30 minutos atrás"

Casa. Archie tinha deixado o seu carro Cutlass na Primeira Avenida. Ele achou que não era ainda onde ele tinha estacionado. Seu prédio, provavelmente tinha um fosso em torno dele.

Archie não podia ir embora. Ele levou o walkie-talkie à boca. "Alguma coisa", ele disse.

"Ainda não, senhor."

Archie olhou para o lado da ponte em direção ao horizonte escuro.

"O que você acha que atingiu Carey?", Disse Eaton.

"Um carro estacionado, talvez", disse Archie. Ele lhes dissera que Carey estava morto. Ele havia omitido a parte sobre socá-lo no cérebro. Perguntou-se sombriamente se uma autópsia o questionaria se o corpo de Carey tinha se afogado. Provavelmente. Archie tinha aprendido que por mais inconveniente que fosse à verdade, mais provável viria a tona.

O telefone de Eaton tocou, ele olhou para ele e o atendeu. "Sim", ele disse. Ele escutou. "Espere um pouco." Ele estendeu o telefone para Archie. "É para você", disse ele.

Archie pegou. "Olá?", Disse.

"Jesus", disse Henry. "Eu pareço melhor do que você."

Archie levou a mão à testa. Sua expressão contraiu. Agora que Susan estava segura, o resto o estava abalando. "Heil está morto."

"Eu ouvi".

"Preciso ligar para sua esposa", disse Archie.

"Espere até de manhã", disse Henry.

Archie ainda podia sentir Susan e Patrick em seus braços. Sendo arrancados. "Eu tive o menino, Henry. Eu tive-o duas vezes, e eu o perdi. Susan estava debaixo d'água. Ela teve que ser ressuscitada".

"Não foi sua culpa", disse Henry. Sua voz ainda estava rouca devido ao tubo do respirador. "Culpe o psicopata antes disso".

"Eu tenho que achar esse garoto", disse Archie.

"Acabou", disse Henry suavemente. "Não há nada que você possa fazer aí. Deixe os profissionais fazerem o seu trabalho".

Archie ouviu um tumulto na ponte e olhou para ver um homem gritando com um uniforme de patrulheiro. Uma mulher estava com ele. Um par de faróis de repente iluminou a cena e Archie foi capaz de reconhecer o casal.

Eles eram os pais de Patrick Lifton.

"Eu tenho que ir", Archie murmurou ao telefone, ele desligou e entregou o telefone para Eaton.

Eaton viu também e colocou um braço sobre o peito de Archie. "Eu posso falar com eles", disse ele.

"Está tudo bem", disse Archie. "Deixe-os passar", ele gritou para o oficial que tentava segurá-los.

O oficial voltou-se e viu Archie e depois acenou com a cabeça e levantou a fita para os pais de Patrick passarem por baixo.

Os olhos de Daniel Lifton caíram sobre Archie e Lifton correu para ele.

Seu rosto estava contorcido de dor, com os olhos inchados. Ele não estava usando um casaco.

Eaton se colocou entre eles então.

"Você tinha ele?" Lifton perguntou a Archie, sua voz quase um lamento.

"Eu não consegui segurá-lo", disse Archie.

Archie pensou que Lifton iria socá-lo. Archie queria que ele o socasse. Ele queria sentir a dor lacinante em sua pele, deslocando sua mandíbula. Ele queria provar seu próprio sangue.

Lifton se virou, tentando conter os soluços. "Nós quase o tivemos de volta."

Eaton colocou um braço em torno de Lifton e o afastou alguns passos. "Nós vamos encontrá-lo."

Encontrá-lo. Todos sabiam o que ele realmente queria dizer era encontrar o corpo. Mas mesmo isso poderia não ser possível. Cadáveres poderiam ficar submersos muito tempo no rio.

A mãe de Patrick passou perto de Archie.

"Era para eu ter ido com ele, para a casa de Simon," ela disse. Ela estava ao lado dele, de modo que eles estavam lado a lado, mas ela olhava a margem oposta, sobre a amurada contra o rio. Ela estava usando um boné de beisebol, e Archie imaginou que podia ouvir a chuva batendo contra a aba do boné. "Mas eu estava atrasada em um trabalho, um site que eu estava construindo para esta pequena loja em Everett. Então eu disse a ele que poderia ir por conta própria. Fiquei ali sentada, escrevendo códigos, enquanto o meu filho foi levado por algum maníaco."

"Qual era a loja?", perguntou Archie.

"O Pet Nook", disse ela.

Archie tentou manter sua expressão neutra. "Será que eles vendem peixe?"

Ela se virou e olhou para ele. A aba do boné fez sombra em seu rosto. "Sim".

"Alguma vez você foi com Patrick lá?", Perguntou Archie.

Ela assentiu com a cabeça. Ele podia ver sua boca sob luz, uma pequena linha. "Ele foi comigo algumas vezes", disse ela. "Ele se sentou na parte de trás, ao lado dos aquários, e fez o dever de casa, enquanto eu falava com o

proprietário. Ele adorou voltar lá. Algo sobre a iluminação dos aquários. Ele sempre quis ir. "Sua voz foi sumindo e, em seguida ela olhou para ele, seus olhos acometido de sofrimento. "Foi onde o seqüestrador o encontrou? Onde o pegou? Como se ele estivesse escolhendo um animal de estimação? Ele apenas escolheu-o e levou-o?"

"Ele deve ter seguido vocês de volta para casa."

O walkie-talkie na mão de Archie chiava e estalava. "Detetive Sheridan?", Disse uma voz.

"Eu estou aqui", Archie disse, levantando-o à boca.

"Nós encontramos seu detetive. Flannigan. Ele conseguiu ir até a escada de incêndio. Ele está bem."

Archie fechou os olhos e exalou. Isso o fez tossir e ele virou a cabeça para o seu ombro. Seus pulmões contraíram, ele lutou para recuperar o fôlego.

Quando ele se recuperou, ele olhou para cima para ver os Liftons e Eaton olhando para ele.

"Flannigan está bem", disse Archie.

Diana Lifton apontou para o cobertor sobre os ombros de Archie onde ele encostou a boca quando tossiu, onde uma mancha escura era visível na lã cinza.

"É sangue", disse ela.

O RAIO X de pulmão de Archie foi exibido brilhantemente em um monitor de tela plana preto na sala de emergência do Hospital Emanuel. O Dr. Fergus estava sentado em um banquinho. Ele era alto, e o banco era demasiadamente baixo para ele, assim seus joelhos se dobraram em ângulos estranhos e excessivamente pontudos. Fergus digitou alguma coisa em um teclado com dois dedos, parando de vez em quando para escrever. O banco parecia uma montanha-russa, e Fergus ficou rolando em torno do mesmo círculo desde que ele se sentou. Archie não tinha certeza se ele mesmo sabia que estava fazendo isso.

O uniforme da Guarda estava muito úmido, e Archie estava agora de volta no hospital vestindo moletom usado, uma camisa de golfe de algum torneio em Indiana e mocassins de um tamanho muito grande. De onde o hospital estava recebendo todas essas roupas? Do necrotério?

Ele examinou o raio X. Seus pulmões pareciam que alguém tinha recheando-o de algodão e o algodão se estabelecia na parte inferior.

Fergus ainda estava digitando. "Nós estamos vamos redecorar uma suíte no andar superior e homenageá-lo depois de todos os negócios que vocês nos trouxe", disse ele, sem olhar para cima.

"Ha ha", disse Archie.

"Você deveria ter ligado para mim quando a febre começou."

Fergus teclou Enter no teclado, puxou um bloco de papel do bolso do jaleco, e rabiscou algo sobre ele. Então ele arrancou a prescrição fora do bloco e se virou para enfrentar Archie, que estava sentado em uma cadeira. "Eu vou fazer-lhe cobertura com antibióticos", disse ele, entregando a Archie a prescrição. "Estes tem um grande espectro de ação. Eles provavelmente vão enganar a infecção"

"Provavelmente?", Disse Archie. Um ataque de tosse iniciou e Archie enterrou o rosto em seu cotovelo. Quando terminou, ele olhou para cima, com o rosto quente, os olhos lacrimejando. Agora tinha passado o efeito da adrenalina, ele podia sentir o peso de sua exaustão.

Fergus tirou os óculos de leitura dos olhos e enxugou-os com o canto de seu jaleco branco. "Você contraiu uma pneumonia bacteriana", disse ele. "Em estágios iniciais, ainda. Mas, dada a sua condição geral, isso não deve ser desconsiderado. Se fosse qualquer outra pessoa, eu diria para ficar na cama em casa por alguns dias, mas eu sei que você vai ignorar minhas instruções, então eu não vou perder meu tempo".

Ele abriu uma gaveta do armário, tirou uma máscara cirúrgica branca, e estendeu-a para Archie.

"Isso é realmente necessário?", Perguntou Archie.

"Quando você está perto de pessoas doentes, sim. A pneumonia não é contagiosa, mas as bactérias que a estão provocando, sim. Você está em um hospital cheio de pessoas com sistemas imunológicos comprometidos, bem como o seu. Vamos tentar não infectar todos os amáveis bebês com câncer, não é?"

Archie pegou a máscara. "Eu tenho visto o Detetive Sobol desde que eu fiquei doente", disse ele.

"Eu acho que pegar a sua gripe é o menor dos problemas dele agora", disse Fergus. Ele se inclinou para a frente sobre os joelhos agudos e bateu a prescrição na mão de Archie. "Agora, consiga as medicações imediatamente, na farmácia do lobby."

"Obrigado mais uma vez," Archie disse, levantando-se.

Antes que ele pudesse sair pela porta, Fergus o deteve. Seu comportamento áspero de médico suavizou. "Eu lamento sobre o detetive que você perdeu esta noite", disse ele.

"Sim".

Fergus balançou de volta para o monitor. "Faça-nos um favor", disse ele. "Se você tiver dificuldades de respirar, ou começar a tossir mais sangue, ligue-

me. E enquanto isso não salte em quaisquer outros rios."

"Eu continuo esquecendo de não fazer isso", disse Archie. Ele colocou sua máscara e saiu pela porta.

Ngyun estava encostado contra a parede do corredor esperando por ele.

Archie parou, nervoso. Ele consolou a família e amigos de dezenas de vítimas. Agora, as palavras ficaram limitadas. Heil estava morto. Archie era o seu chefe. Mas Ngyun e Flannigan? Eles trabalharam com Heil. Dia após dia, há mais de um ano. "Foi rápido", disse Archie.

Ngyun acenou com a cabeça e olhou para um ponto próximo à cabeça de Archie. Então ele estendeu a mão e ofereceu algo que ele segurava. "Eu pensei que você poderia precisar disso."

Era um telefone celular.

"É um empréstimo do escritório", disse Ngyun. "Eu ativei o desvio de chamada do seu número, para este. Eles disseram que estará funcionando em algumas horas."

Archie pegou o telefone. "Obrigado", disse ele.

"Você precisa de mim para fazer alguma coisa?", perguntou Ngyun.

Flannigan estava em casa com sua família. Seco e quente em sua cama.

"Vá para casa", disse Archie.

Ngyun balançou a cabeça novamente, ainda olhando para aquele ponto. "Certo", disse ele. Ele virou-se depois de um momento e saiu até o final do corredor. Archie assisti-o partir. Ele tinha mais uma coisa que ele queria fazer antes de ir para a farmácia.

* * *

SUSAN ESTAVA DEITADA em uma cama, ligada a todos os tipos de monitores. A enfermeira estava ocupada digitando notas no computador do quarto.

Susan sorriu sonolenta quando viu Archie.

Ele ficou por um momento na entrada.

"Flannigan está bem", disse ele.

Os olhos de Susan se abriram mais e ela levantou o um polegar para cima.

Ele não ficou.

"Moletom legal" ele ouviu Susan gritar.

AS PÍLULAS QUE Fergus tinha lhe dado vieram em uma embalagem blister. Elas eram ovais e brancas, e se Archie piscasse pareciam Vicodin. Ele colocou sua máscara de lado, tirou a primeira dose, e tomou-a com um gole de água mineral. Em seguida, ele sacou o resto fora do blister e as colocou no bolso.

Ele esquecia de tomar pílulas.

"O que você está pensando?" Henry perguntou. Ele estava sentado na cama, apoiado em um travesseiro. Sua cabeça estava raspada e seu couro cabeludo brilhava sob as luzes do hospital. Claire tinha puxado uma cadeira para perto da cama e segurava a mão de Henry.

Archie tossiu. "Eu deveria sair daqui", disse ele. Ele nem sequer sabia quando tinha sido a última vez que ele dormira.

"Eu vou te dar uma carona", disse Claire.

Anne apareceu no corredor. "Eu vou fazer isso", disse ela.

Archie olhou para ela. "Eu não quero conversar".

"Eu não quero que você tussa em mim", disse Anne. "Nós dois pode fazer um acordo."

* * *

ANNE TINHA ALUGADO um Mustang vermelho conversível.

A chuva batendo contra o conversível soava como uma bandeira tremulando pelo vento forte.

"Está escuro", disse Anne.

"Está sempre escuro", disse Archie.

A máscara cirúrgica estava em seu colo. Eles foram descendo pelo Boulevard Martin Luther King Jr. Uma van de notícias passou por eles muito rápido em um cruzamento, indo em direção do rio.

"Henry parece estar bem", disse Anne.

Archie podia ver os helicópteros a distância, mas ele não podia ouvi-los. "Heil está morto."

Anne olhou para a frente para fora do para-brisa. "Não foi uma troca", disse ela.

As torres brilhantes do centro de convenções espetavam o céu escuro.

"Ele gostava de ver as pessoas morrerem", disse Archie.

"Ele gostava de ver as pessoas se afogarem", disse Anne, corrigindo-o. "O avô dele se afogou em Vanport. A história era provavelmente mítica em sua família. O veneno fornecia um jeito para que ele assistisse as pessoas se afogarem em terra seca. Ele justificava isso como uma espécie de vingança cobrada pela morte de seu avô. Era por isso que ele deixava as chaves de Vanport sobre os corpos. Ele queria deixar um legado, ser entendido. Você disse que ele sabia que era Susan. Ele provavelmente colocou a chave na bolsa dela, na esperança de que ela veria uma conexão e escrever sobre ele. No fim das contas, a história de seu avô era uma desculpa. Ele se sentia impotente. Matar pessoas o fazia sentir-se menos impotente."

"Como é que o menino se encaixa nisso?", Perguntou Archie.

"Nós nunca saberemos", disse Anne. "Mas o meu palpite é que o sequestro foi espontâneo. Que Carey reconheceu alguma coisa na criança que estava vulnerável. Ele queria controle. Manter Patrick Lifton em um porão não era diferente para ele do que manter um peixe em um aquário. Isso deu-lhe o poder que ele desejava. Mas depois de um tempo já não era o suficiente."

"Então, ele viu a história de Susan sobre o esqueleto, e sentiu um incômodo a motivá-lo a sair em uma onda de assassinatos?"

Anne levantou uma sobrancelha e suspirou. "Eu não ficaria surpresa se nós descobrissemos que ele afogava animais desde a infância ", disse ela.

Passaram a entrada para I-84, ao norte de Vancouver.

Archie não conseguia parar de pensar sobre o menino. "Se o garoto conseguiu sair do rio, onde ele iria?"

Anne pensou. "Em algum lugar ele se sentia seguro."

O World Aquarium estava em ruínas. A casa estava isolada com fita crime. A Ponte onde Patrick se escondia estava debaixo d'água.

"Oaks Park", disse Archie.

* * *

"ISSO É RIDÍCULO", Anne murmurou atrás de Archie quando eles andaram através do estacionamento inundado.

Archie acenou para August e Philip Hughes, que estavam com lanternas no portão principal até logo adiante.

"Obrigado por ter vindo", disse Archie. "Quão ruim isto está?"

"60 cm, na área mais profunda", disse August Hughes. "Ela se sairá bem. A maioria dos trilhos estão acima da água".

"Há energia?", perguntou Archie.

"Sim, senhor", disse August Hughes. "Temos geradores reserva para a rede de energia principal." Ele abriu o portão e entrou no parque, seu feixe de luz saltando na frente dele.

Alguns momentos depois, as luzes se acenderam. As grelhas metálicas e o intrincado funcionamento dos trilhos foram iluminados por feches fluorescentes e lâmpadas multicoloridas brilhantes. Mas o parque permaneceu imóvel. Os trilhos não se mexeram.

August Hughes reapareceu de um canto.

"Ok", Archie disse a Anne. "Vamos dar uma olhada por aí."

"Nós podemos ajudar", disse Philip Hughes. "Papai conhece o parque melhor do que ninguém. Ele conhece o desde criança."

Quanto mais cedo eles tivessem o parque revistado, mais cedo eles saberiam que o menino não estava lá, e mais cedo Archie poderia dormir. "Peguem o lado sul", disse Archie. "E fiquem juntos." Ele olhou para Anne. "Você fica comigo", disse ele.

"Estamos no meio da noite", disse Anne. "Você está doente."

"Eu só tenho que ter certeza que ele não está aqui."

"Patrick?" Archie chamou.

"Este lugar me dá arrepios", disse Anne.

Archie chamou o nome de Patrick novamente. "É o Detective Sheridan", ele chamou.

"Lá", disse Anne.

"O quê?"

"Eu vi algo se mover", Anne disse, apontando.

"O quê?", Perguntou Archie.

"Uma sombra", disse Anne.

"Era ele?"

"Eu não sei", disse Anne. "Era alguma coisa."

"Patrick?" Archie chamou novamente.

Ele viu alguma coisa se mexer, também. Um flash de movimento. Alguém desaparecer por uma porta para um dos trilhos.

Archie correu através da água para o trilho, chamando o nome do menino.

Ele parou na porta.

Não era realmente um trilho. Era algum tipo de edifício. Alguma passagem. Uma casa mal-assombrada.

Uma figura sombria se escondia atrás da porta.

"É seguro", disse Archie. "Você pode sair."

O garoto deu um passo em direção à luz. Ele estava molhado e sujo, com o rosto arranhado.

"Jesus Cristo", disse Anne.

Patrick deu um passo hesitante em direção a eles e, em seguida, atirou-se nos braços de Archie, todo frio, molhado dos pés a cabeça.

Archie olhou para o lado da atração de onde o menino tinha saído. A porta era uma boca. Emoldurada por um par de lábios vermelhos enormes abertos.

Letras extravagantemente pintadas enunciados BEAUTY KILLER — BELEZA MORTAL CASA DE HORRORES.

Archie abraçou Patrick Lifton mais apertado por um longo tempo antes que ele pegasse seu telefone e ligasse para o chefe. "É Archie", disse ele. "Ligue para os Liftons. Eu tenho ele. Eu tenho ele."

* * *

ARCHIE ESTAVA SENTADO com Patrick na parte aberta de trás de uma ambulância. Os Paramédicos tinha verificado os sinais vitais do menino e colocar band-aids em seus arranhões. Ele ainda precisava ir para o hospital, mas os paramédicos concordaram em esperar. Archie viu as luzes do carro de patrulha, luzes piscando, vindo rápido demais, seus pneus espalhando água no pavimento. Ele parou ao lado de uma outra unidade de patrulha, a cerca de cinco metros da ambulância. A porta traseira se abriu e Diana Lifton explodiu descendo do carro. Ela estava usando pijamas, tênis e um casaco, seu cabelo

amarrado em um rabo de cavalo rápido. Daniel Lifton saiu atrás pela mesma porta, vestido em shorts, uma gasta T-shirt e chinelos de veludo usado sobre meias brancas. Eles se abraçaram ao se aproximarem da ambulância. A chuva tinha abrandado. As Luzes dos veículos de emergência ao redor desvaneciam a escuridão com flashes de vermelho e azul.

Patrick não os viu logo. Archie segurou-o no colo, enrolado em um cobertor, o menino tinha a cabeça contra o ombro de Archie, com os braços ao redor do pescoço de Archie. Archie podia sentir seu cabelo, o suor de seu couro cabeludo, a cobertura de lama do rio. "Sua família está aqui", Archie sussurrou.

Ele sentiu Patrick levantar a cabeça e ouviu a mãe do garoto fazer um som entre uma risada e um grito.

"Mama?" Patrick disse.

Os braços do menino se afastaram do pescoço de Archie e o cobertor caiu de lado, quando Patrick Lifton voou do colo de Archie para os braços de sua mãe. Não houve hesitação. Nenhum momento de confusão ou medo. Seus pais o abraçaram.

"Você está seguro", disse Diana Lifton. Ela ficava repetindo isso.

Archie se levantou e caminhou lentamente, deixando os Liftons em seu momento. Os geradores ainda estavam ligados sobre o parque e seguiam com brilhantes luzes coloridas piscando. As nuvens escuras acima finalmente se dissiparam, revelando um pedaço do céu estrelado.

"Eu podia ouvi-lo ofegar de lá", Anne disse, apontando para onde ela estava a vários metros de distância, ao telefone.

"Ligando para casa", perguntou Archie, apontando para o telefone na mão.

"Um dos meus meninos bateram com a minivan", disse Anne.

"Você tem uma minivan?"

Anne sorriu. "Eu tinha".

"Seu filho está bem?", Perguntou Archie.

"Até meu marido ter acabado com ele", disse Anne.

O olhar de Archie caiu sobre Patrick Lifton. Seus pais ainda estavam em cada lado dele e o ajudavam a voltar para a ambulância. Quando ele estava seguro, eles entraram atrás dele.

"Será que ele vai ficar bem?" Archie perguntou a Anne.

As portas da ambulância fecharam-se. A unidade de patrulha entrou no local para escoltá-la. E, em seguida, os dois veículos afastaram-se pela chuva. "Melhor do que a maioria de nós", disse Anne.

SUSAN TINHA SIDO transferida para um quarto no andar de cima do hospital, com vista para o parque de estacionamento. As cortinas estavam abertas e a luz da manhã de inverno encheu o quarto.

Havia uma cadeira de plástico cor de rosa em seu quarto, uma verdadeira antiguidade, e um mesa de cabeceira com um copo de plástico e um jarro de água que combinava com a cadeira. Uma imagem de Mount Hood pendurada na parede. Ela se perguntava se as pessoas que tinham vista para Mount Hood tinham fotos do estacionamento pendurada em suas paredes.

Ela contou até dez e, em seguida, pegou o telefone e discou o número que ela havia escrito em um bloco do hospital em frente a ela. Ela seguiu as instruções, digitou as informações do cartão de crédito, e sua ligação foi transferida ao navio de cruzeiro que sua mãe estava.

Quando a operadora do navio atendeu, Susan pediu para falar com Bliss Mountain, salientando que era importante, no caso de sua mãe estar no meio de saudações ao sol quando a encontrassem e ela se recusasse a atender o telefone.

Susan imaginou um comissário de bordo andando no convés do navio carregando uma bandeja de prata com um telefone sem fio nela.

Não demorou tanto tempo quanto ela pensava que seria.

"Olá?" A voz de sua mãe disse hesitante.

"Bliss? Sou eu ", disse Susan. E então ela sentiu a necessidade de acrescentar: "Susan." Ela fez uma pausa, desejando que ela estivesse mais preparada. "Eu só queria que você soubesse o que está acontecendo." *Eu estava clinicamente morta? Eu fui raptada por um serial killer? Novamente.* Ela começou : "O rio inundou."

"Sally está bem?", Perguntou Bliss.

"A cabra está bem", disse Susan. "Estou ligando para avisar que me afoguei."

Sua mãe respirou fundo. "O quê?"

"Quer dizer, eu estou bem agora", disse Susan. "Eu fiquei refém. Havia esses polvos. O menino. Eu tentei salvá-lo. E eu fui pega pela inundação quando o dique se rompeu e eu me afoguei. Meu coração parou. Eles tiveram que me reanimar."

"Um garoto com um polvo?"

Ela estava ouvindo? "Mãe, eu tive que ser ressuscitada".

"Onde você", perguntou Bliss.

"Eu estou no hospital." Susan lutou contra a vontade de acrescentar *obviamente*.

"Eu não posso sair do navio no momento", disse Bliss. "O próximo porto é St. Thomas. Eu posso arranjar um vôo saindo de lá."

"Não, Bliss", disse Susan. "Sério. Você nunca conseguiria. "Sua mãe era famosa por ficar perdida nos aeroportos. Metade do tempo ela ficava na fila para o vôo errado. "E você sabe que não pode voar por Miami."

"Isso foi anos atrás. Tenho certeza de que eles esqueceram isso."

"Eles encontraram quatro pacotes de maconha em sua bolsa, Bliss." As duas vezes que Bliss tinha voado com conexão em Miami, ela foi submetida a uma revista corporal enquanto Susan esperava no salão para quatro horas.

"Aquilo era para uso pessoal", disse Bliss. "E era jamaicana." Como se isso fez alguma diferença.

"Não venha", disse Susan. "Eu estou bem. Eles dizem que eu vou me recuperar completamente. Mas pode tomar alguns dias para minha bolsa ser liberada da cena do crime. "Eles a tinham incomodado por seu cartão de seguro de saúde. "Quando você é demitida, você ainda tem seguro de saúde por um tempo?"

Bliss fez uma pausa. "Eu acho que sim. Por quê?" Sua mãe suspirou. "Oh, Susan. Você não fez isso."

Susan não queria entrar nesse assunto. "Eu tenho que desligar", disse ela rapidamente. "Isso está a custar-me US \$0,69 por minuto. Eu te amo. Vá meditar ou algo assim."

"Eu também te amo, querida."

Susan desligou o telefone e entregou o cartão de crédito de volta para Archie.

Ele pegou o cartão e colocou-o de volta em sua carteira.

"Fale-me novamente sobre os pais dele", disse ela.

Archie sentou-se na cadeira de plástico rosa e cruzou as mãos sobre o peito. Ele parecia melhor que ele estava a alguns dias atrás — como se ele tivesse realmente conseguido dormir um pouco. "Eles choraram", disse ele. "Eles foram direito par o parque, antes mesmo que o tirássemos de lá. Eles o abraçaram. Eu não tenho certeza se um dia eles vão soltá-lo."

"E Carey? Você tem certeza de que ele está morto?"

"Sim", disse Archie.

"Eu estava certa sobre McBee."

"Você e Gloria Larson."

"Você acha que ela vai ser capaz de nos contar a história toda?"

"Talvez. Em um dia lúcido." Levantou-se, uma mão pressionada contra o peito, como se doesse. "Não há ainda muito a fazer", disse ele. "Eu vou passar por aqui mais tarde." Ele olhou ao redor do quarto, as rosas e lírios que estavam espalhadas por toso os lugares. "Leo Reynolds?", ele perguntou.

Susan olhou para o pequeno buquê que Archie tinha trazido, claramente adquiridos na loja de presentes do hospital. Cravos-de-rosa bebê em um pequeno vaso de plástico estranho.

"Eu gosto mais das suas", disse ela.

Archie fez uma volta desajeitada com os pés. Em seguida, ele deu um passo em direção à porta, fez uma pausa, tossiu mais uma vez, e voltou.

"Você quer que eu vá verificar a cabra?", ele perguntou.

* * *

ARCHIE TINHA DEIXADO o quarto de Susan e seguia pelo corredor até a UTI quando quem apareceu, a não ser o próprio Leo Reynolds. Ele estava vestindo um terno escuro, perfeitamente passado e claramente sob medida. Archie nunca tinha tido nada sob medida em sua vida. Mas ele apreciava quando ele via o corte dos ombros, o comprimento dos braços. Archie e Leo se conheceram quando Leo estava na faculdade, e Archie estava investigando o assassinato da irmã dele. Ele se vestia assim desde aquela época.

Leo podia pagar. Seu pai tinha feito uma fortuna contrabandeando enormes quantidades de heroína e Cocaína.

Leo caminhou até Archie, carregando um buquê de rosas enorme. Archie se perguntou de onde diabos ele estava recebendo todas essas flores no meio de um desastre natural deste porte.

"Como você sabia que ela estava aqui?" Archie perguntou a ele.

"Ela me ligou," Leo disse.

Archie não tinha pensado nisso.

Leo olhou em volta, e depois deu um pequeno passo mais perto de Archie. "Você não disse a ela", ele disse. "Sobre mim?"

"Não."

"Eu não quero estragar a minha reputação de bad-boy", disse ele. Ele esfregou o queixo com a mão, e Archie pensou ter detectado uma pitada de decepção. Leo queria que Archie dissesse a Susan que ele estava no DEA. Ele queria que ela soubesse. Leo era um dos ativos mais valiosos da agência. Uma fonte que quis ficar longe de sua família pelo tempo que ele esteve na

faculdade, que procurou a ajuda de Archie, e a quem Archie tinha enviado ao DEA, que por sua vez convenceu Leo a ficar. Archie sempre suspeitou que Leo o odiava um pouco por isso.

"A sua reputação de bad-boy está intacta", disse Archie. Susan nunca poderia descobrir. Ambos sabiam disso. Havia muito em jogo.

"Eu ouvi dizer que você salvou a vida dela."

"Nós nos salvamos um ao outro", disse Archie.

"Estou falando sério sobre ela." Leo olhou para o buquê nas mãos. "Eu sinto que eu deveria pedir sua permissão."

Archie gostava de Leo. Isso complicava as coisas. Trabalhar disfarçado tinha um custo. Leo odiava o pai, mas parecia não se importar com as drogas, as mulheres e os ternos caros. "Você tem uma vida perigosa," Archie disse.

Leo encontrou o olhar de Archie. "Assim como você".

Archie podia sentir que o clima ficou pesado entre eles. "Eu não estou dormindo com ela" Archie disse.

Leo ergueu a sobrancelha.

Archie sentiu-se perturbado. "Eu tenho que ir", disse ele.

"Eu também," Leo disse.

Eles seguiram em direções opostas — Archie para a UTI, Leo para o quarto de Susan, com as rosas debaixo do braço.

Uma semana depois

GLORIA LARSON ABRIU a porta do apartamento vestindo uma túnica de lã azul escuro sobre uma camisola de flanela azul claro, meias brancas e chinelos de tecido que pareciam ser feitos à mão.

"É bom vê-la novamente", disse Archie.

"Limpe os pés", disse Gloria.

Tinha parado de chover três dias antes. A inundação no centro da cidade tinha diminuído, deixando bilhões em prejuízos. O Cutlass de Archie tinha sido encontrado a quatro quadras de onde ele o havia deixado. Patrick Lifton voltou para Aberdeen, ia dormir em sua própria cama, brincar com seu cachorro e embarcar no que seria provavelmente uma vida de terapia.

Os sapatos de Archie e Susan estavam secos. Mas eles enxugaram-nos de qualquer maneira.

"Sentem-se", disse ela. E sentou-se no sofá.

A TV estava desligada. Archie estava grato. Ele já tinha tido notícias o suficiente do local. Tomadas aéreas suficientes mostrando carros flutuantes. O bastante de jornalistas entrando na água para mostrar o quão profundo era. Hipóteses suficientes sobre o caso Elroy Carey.

Gloria colocou um xícara de chá diante dele. "Camomila", disse ela. "Seu favorito. Deixe-o em infusão", ela disse. Em seguida, ela voltou com outra xícara para Susan e colocou-a na frente dela. "Hortelã", disse ela.

"O primeiro nome de McBee", disse Susan. "Era Elroy?"

"Elroy McBee," Gloria disse lentamente, como se estivesse testando. Ela trouxe seu olhar de volta para Susan e afagou-lhe o joelho. "Você sabe sobre a inundação em Vanport?"

"Sabemos alguma coisa", disse Susan com um olhar para Archie. "Mas não o suficiente, como você."

"Eu era muito jovem então. Vinte e seis anos. "Gloria sorriu maliciosamente. "E eu era uma mulher independente, como muitas de nós durante a guerra. Eu trabalhei nos armazéns como secretária do presidente, um homem chamado Williams. Foi uma grande operação na época. Ao sul de Vanport. "Ela parou e deu a Archie um olhar cuidadoso. "Você disse que teve um caso?", ela perguntou.

Archie tossiu.

Ela esperou.

"Sim", disse ele depois de um momento. Ele olhou para Susan. "Quando eu era casado, eu traí minha esposa."

Gloria deu-lhe um tapinha no joelho, aparentemente satisfeita.

Archie puxou o saco de chá de sua xícara e colocou-o ao lado no pires.

"Eu estava envolvida com dois homens", ela continuou. "Um deles, Elroy McBee — era casado." Ela acenou com a cabeça para si mesma. "Eu era a outra mulher." Ela olhou para Archie. "Como a sua outra mulher, eu suponho."

Não exatamente, pensou Archie.

"Depois de um tempo eu terminei com McBee", disse Gloria. "O outro cavalheiro e eu estávamos nos mudando para a Califórnia, juntos. "Ela piscou rapidamente. "McBee ficou com raiva. E eles brigaram. Coisas feias foram ditas. Eu queria que eles se acalmassem, então eu disse a McBee que iria encontrá-lo na manhã seguinte para conversarmos sobre as coisas. Você já ouviu falar do Teatro Vanport?"

Archie balançou a cabeça negativamente, e tomou um gole de chá.

"Ele acomodava setecentos e cinquenta pessoas, e apresentava 3 espetáculos duplos por semana", disse ela. "Nós deveriam nos encontrar por trás dele. "Ela se inclinou para frente e sussurrou. "Mas quando eu cheguei lá, ele estava morto. Eu encontrei ele caído contra a parede, de cabeça para baixo, com as pernas estendidas para fora. Alguém atirou e o matou."

Archie olhou-a por cima de seu chá.

"Eu sabia que o cavalheiro meu amigo era o responsável. Ele sabia onde e quando McBee e eu nos encontraríamos, e ele sabia que McBee faria tudo que pudesse para nos impedir de ir embora juntos."

"Ele era bombeiro?", perguntou Archie.

"Sim", ela disse, alisando o roupão em seu colo. "A arma estava no chão. Eu pensei que as impressões digitais do meu amigo estariam sobre ela, então eu peguei e joguei no bueiro. E então, entrei em meu carro e dirigi para o trabalho. Esperei o dia todo para ouvir a notícia de que o corpo havia sido encontrado. Eu mal podia pensar direito."

Seus olhos se encheram de espanto. "Mas o dia passou, era quase quatro horas e ele não tinha sido descoberto. Você pode imaginar? E então me lembrei que dia era."

"Memorial Day", Archie disse suavemente. "O teatro estava fechado."

"Eu não tive o dia de folga", disse Gloria. "Os currais dependem muito do serviço de trem, perto da represa que protegia Vanport também passava a estrada de ferro. Sabíamos que havia neve derretida. Meu patrão, o Sr. Williams, tinha homens em carros que patrulhavam as trilhas. Às quatro horas, um dos homens veio correndo de volta para o escritório do Sr. Williams. Ele disse que a represa teve um rompimento de 15 metros. "Nós todos corremos para a janela, e pudemos ver o leito da estrada de ferro a partir de lá, arrebentada, a água jorrando".

Ela estendeu a mão para seu chá.

Susan chegou para frente. "Você era secretária dele", disse ela. "Você estava lá em um feriado. Ele não deveria conseguir fazer as coisas funcionarem sem você."

"Aquele homem não poderia assinar o seu nome sozinho."

Gloria disse que Williams tinha feito duas chamadas naquele dia. Mas Williams era o presidente da empresa. Acostumado a dar ordens.

"Não foi o seu chefe que fez a primeira chamada", disse Archie.

Gloria sorriu para si mesma. "É claro que ele não fez. Um homem como esse, naquela época? Ele me disse para fazê-la. Eu tinha uma mesa fora de seu escritório e eu fui até ela e peguei o telefone. Ele me disse para ligar para a Autoridade de Habitação, responsável por Vanport. Mas depois eu pensei, e se eu não ligar? "Suas mãos fecharam-se em punhos. "O que aconteceria se Vanport fosse inundada e McBee com ela?"

Archie tomou outro gole de chá.

Gloria estava sentada perfeitamente imóvel. "Meu amigo cavalheiro, você vê, ele era porteiro. E eu sabia que ele estava em Seattle até então, não deveria voltar até a noite. Ele estaria seguro. "Seus ombros levantaram-se e caíram. "Voltei para o escritório do Sr. Williams e disse-lhe que eu tinha feito a chamada", disse ela. "E nós assistimos por cinco ou seis minutos antes que a represa cedesse. A barragem cedeu uns 45 metros de largura. E ainda não tínhamos escutado a sirene de evacuação. O Sr. Williams já estava ficando com o rosto vermelho. Ele era um bom homem, você vê, e ele sabia que essas pessoas estavam em perigo. E ele pegou o telefone por ele mesmo. "Ela levantou as sobrancelhas brancas. "Eu nunca tinha visto ele fazer isso antes. Eu nunca tinha visto ele fazer uma chamada. Chamou a Autoridade de Habitação e gritou para eles. Disse-lhes, em linguagem muito clara, que eles precisavam fazer soar o alarme."

"O que aconteceu com o seu amigo?", Perguntou Archie.

"Eu nunca mais o vi. Eu estava com muito medo do que ele tinha feito, e envergonhada do que eu tinha feito. Três crianças se afogaram naquele dia. Mas funcionou. McBee nunca foi encontrado. Até a semana passada."

"Seu amigo, ele era negro?", perguntou Susan.

"Sim".

"É por isso que você queria mudar para a Califórnia?" Disse Susan.

"Eles tinham acabado de autorizar a legalização do casamento misto. Houve um grande caso. Muitas histórias nos jornais. E quando isso foi resolvido, meu amigo me pediu para casar com ele. Costumávamos pegar o bonde para Oaks Park, e foi aí que ele me pediu. No carrossel."

A boca de Archie estava seca. "Qual era o nome dele?"

"Tenho certeza que ele já está morto, detetive. Foi há cem anos atrás."

"Nós ainda precisamos de seu nome", disse Susan.

"Hughes. August Albert Hughes."

"Eu acho que há algo que você deve saber", disse Archie.

A MESA DE piquenique no Oaks Park ficou torta, levantada pela enchente e reassentada em um pequeno ângulo. O área gramada sob os Ulmeiros era um campo de lama. Do outro lado do rio, a margem estava acidental e desfigurada, onde o rio tinha se distanciado. Mas as nuvens tinham se afastado. O céu estava azul. E a parte superior de madeira da mesa de piquenique estava quente sob o sol.

Archie observava seu filho e filha brincarem por ali, rindo enquanto a lama era sugada por seus tênis.

Ben olhou para cima e acenou, e Archie acenou de volta para ele.

Fazia semanas desde que Archie os tinha vistos. Tinha sido muito fácil dar desculpas.

Ele tinha deixado Susan falando, observando seus filhos enquanto ela desfiava a história de Gloria Larson para August Hughes. Hughes sentou-se calmamente ao lado dela no banco da mesa de piquenique, até ela terminar.

"Eu não matei Elroy McBee," August Hughes disse finalmente, quando ela terminou. "Eu imaginei que ele tinha se afogado, como todo mundo. Achei que partiu o coração de Gloria. Que ela ainda o amava."

A testa de Susan franziu e ela olhou para Archie. "É por isso que você nunca tentou ver Gloria novamente", disse ela.

"Eu não o matei", Hughes disse novamente. "Então quem foi?"

Ambos esperaram Archie dizer alguma coisa.

"Ela disse que jogou a arma no chão do esgoto", disse Archie. "Parte do sistema de esgoto ainda está lá. Quando construíram o campo de golfe o reutilizaram para irrigação. Eu tenho pessoas procurando por ela."

"E se você encontrá-la?"

"Vai ter suas impressões digitais sobre ela", disse Archie. "Ou não."

Era um blefe. As chances de eles encontrarem a arma estavam próximas de zero, as chances de que houvessem impressões após sessenta anos eram menor ainda.

Mas Hughes não recuou. "Você vai dizer a ela que eu não fiz isso?", questionou.

Susan olhou para cima, atrás de Archie, em direção ao estacionamento. "Diga a ela você mesmo."

Archie se virou e viu Gloria Larson e sua filha saindo de um carro. Outro carro parou ao lado do dela e Debbie saiu do carro e acenou para ele. Ele se levantou. Seus filhos correram para sua mãe.

"Eu tenho que ir", Archie disse a Susan. "Eu tenho algo do outro lado do rio."

"A audiência, certo?" Disse Susan.

"Hoje é o dia."

"Boa sorte", disse ela. Ela olhou para trás e para frente entre August Hughes e Gloria Larson e sorriu de orelha a orelha. "É como destino", disse ela.

ARCHIE SENTOU-SE NO banco duro da sala do tribunal, com os pés no chão de mármore, com as costas contra a parede de gesso. Ele tirou os comprimidos do bolso. Havia quatro. Eles estavam ajudando. Seus pulmões estavam sarando.

Henry tinha sido liberado do hospital a tempo de assistir ao funeral de Heil. Heil tinha sido cremado, por isso não havia um caixão. Archie sentiu-se aliviado. Ele não queria vê-lo novamente.

O banco estava fazendo as costas de Archie doerem, ele olhou para o relógio. Mas ele tinha parado. Aproximou contra um ouvido. Não estava funcionando. A água finalmente o estragou.

A multidão do lado de fora enchia o parque do outro lado da rua. Van de notícias enchiam a rua. Archie podia ouvir o canto distante da multidão, mas ele não conseguia distinguir as palavras. A mídia tinha sido proibida no tribunal, mas não podiam tirá-los lá de fora.

As portas do tribunal se abriram e Archie olhou para cima para ver a promotora assistente. Ela estava vestindo uma saia, um terninho e saltos. Era um grande dia. O telefone de Archie tocou. Ele olhou para o ID e levantou um dedo pedindo para ela esperar.

Era Robbins.

"Alô," Archie disse, colocando os comprimidos no bolso direito. "Seja rápido."

"Nós encontramos a arma", disse Robbins. "Estava em uma parte não utilizada do tubo, por isso ficou seca a maior parte do tempo que ela ficou lá embaixo. Há uma impressão parcial. É meio surpreendente. Não teria durado todos esses anos se não fosse tão gordurosa"

"Foi Hughes?", perguntou Archie.

"McBee. Ele atirou em si mesmo. Eu combinei com a impressão dos registros dos Bombeiros. Na boca, eu acho. A bala estava alojada em seu cérebro. É por isso que não vimos evidências de danos de bala no esqueleto. Ele morreu instantaneamente. Há contrações na mão. A arma atirou a poucos metros de distância."

Carey havia matado cinco pessoas por vingança por causa de uma crença equivocada de que McBee havia se afogado. E Gloria Larson tinha vivido com a consciência pesada de que ela tirou vidas retardando o alarme.

"Não posso provar isso", disse Archie.

"Não pode provar nada", disse Robbins.

Archie fez uma pausa. "Você acha que o corpo de Carey virá à tona?"

"Claro", disse Robbins. "Dê-lhe alguns meses. Alguém vai pescá-lo."

"Talvez em 60 anos", disse Archie. Ele olhou para a promotora.

Você está atrasado, ela murmurou.

"Eu tenho que ir", Archie disse, desligando.

A promotora sorriu. "Lindo dia, não é?"

"Eu não sabia se precisava usar uma gravata", disse Archie.

"Está tudo bem", disse ela. "Siga-me".

Ele levantou-se e seguiu-a até a entrada do tribunal. Um oficial de justiça acenou para eles e abriu as portas para a audiência de sanidade de Gretchen Lowell.

O sol entrava pelas janelas altas e brilhava nas molduras de madeira e bancos.

Archie parou.

Ele podia ver Gretchen sentada à mesa do réu, de costas para ele, seu cabelo loiro dourado na luz. Ela lentamente virou a cabeça e olhou para ele. Ela ainda não tinha falado com ele desde sua segunda captura. Nem uma única palavra. Seu rosto estava perfeito. Sua pele brilhava. Ela estendeu a mão

com as mãos algemadas, e escovou o cabelo para atrás da orelha e sorriu para ele.

"Você pode sentar aqui", sussurrou a promotora, conduzindo-o a sentar sobre um banco. "Serão só alguns minutos."

Archie tomou um assento, e a promotora deslizou ao lado dele.

Era uma audiência fechada, por isso limitava-se a presença de testemunhas e funcionários do tribunais.

O juiz pegou alguns papéis em sua mesa. "Ms. Lowell. O tribunal foi informado de que você decidiu não testemunhar em seu próprio nome, isso está correto?"

Gretchen se inclinou para perto de seu advogado. Seu cabelo caiu como uma cortina entre seu rosto e Archie não poderia ver se ela estava dizendo algo a ele ou simplesmente inclinando a cabeça. Depois de um momento, seu advogado acenou. "Na verdade", disse ele, "se for do agrado do tribunal, a Sra. Lowell gostaria de fazer uma breve declaração."

Mesmo com tão poucas pessoas na sala do tribunal, o murmúrio de surpresa foi audível.

"Vá em frente", disse o juiz.

Gretchen empurrou sua cadeira para trás da mesa do réu e se levantou. Ela levantou-se languidamente, descontraída, mas proposital, como se ela estivesse desculpando-se após pagar a conta do almoço em um restaurante.

Ela caminhou até o banco das testemunhas e se sentou. Ela estava vestindo as calças de algodão laranja da prisão, uma camisa de algodão laranja sobre uma camiseta e tênis. Todos os presos do sexo masculino e do sexo feminino usavam o mesmo tipo de roupas. As camisetas, junto com a calcinha, eram tingidas de rosa, depois de anos de atrito entre os detentos que trocavam as calcinhas quando eles eram liberados.

Gretchen olhou diretamente para Archie. A coleira rosa da camiseta a fazia parecer feminina. Sua pele brilhava. Sua perfeição bastante característica ainda fazia seu estômago doer.

"Eu só queria deixar claro que eu não me arrependo de nada", disse ela. Seus olhos azuis deixaram Archie e olhou ao redor pelo tribunal, olhando todos, fazendo com que cada pessoa se sentisse incomodada. "Você pode se justificar por matar alguém, realmente", disse ela. "Você só precisa dar a si mesmo permissão. Tudo o que eu fiz, eu fiz por uma razão." Ela olhou para Archie e sorriu aquele sorriso de rainha da beleza. "Eu sabia que você viria, querido", disse ela.

Ele tinha sido intimado.

Archie não desviou o olhar. Ele enfiou a mão no bolso esquerdo e rolou um comprimido entre os dedos.

Ele era menor do que os antibióticos. Seu único Vicodin. Ele ia salvá-lo.

"Você está pronto para fazer isso?" A promotora sussurrou.

Archie encontrou o olhar de Gretchen. A luz do sol que entrava através da janela banhava ela, a camiseta era justa e abraçava a curva de seus seios. Ele não mostrou nada à ela. Nenhuma emoção. Nenhuma reação.

O sorriso dela desapareceu, e os seus lábios perfeitos ficaram ligeiramente abertos.

Então, ele sorriu.

"Absolutamente", disse Archie.

Epílogo

HEATHER JADOT ESTAVA fora de forma. Barriga de grávida. Dylan tinha seis meses, mas a gordura da gravidez ainda estava lá, uma polegada extra de carne em torno de suas coxas, quadris e barriga. Nenhuma cinta Spanx no mundo poderia escondê-la. A maior parte da Esplanada de Eastbank tinha reaberto. Não estava chovendo. Então, ela não tinha mais desculpas. Dylan estava confortável no carrinho do bebê e ela tinha Vixen em sua coleira ao lado deles.

Ela podia ver os tratores no lado oeste, ainda estavam trabalhando para limpar detritos. Barcas que empurravam os detritos haviam se tornado uma visão comum no Willamette. O Parque Waterfront tinha sido completamente destruído. Uma campanha da capital já estava em curso para financiar a reconstrução. Heather tinha se juntado a página da campanha no Facebook.

Seu Reebok batia no pavimento enquanto se dirigia para o norte, ao lado da auto-estrada. O caminho de concreto tinha ficado debaixo d'água, como tudo o mais. Quando a água recuou tinha deixado uma camada de lodo em tudo, que tinha de ser lavado com a pressão das mangueiras de incêndio. A margem do rio, que nunca tinha sido bonita, agora era um mingau de plantas mortas e lama. O lixo veio à superfície e retinham-se nas ervas daninhas mais rápido do que os voluntários poderiam conseguir limpá-lo.

Vixen pulou para a grama e deslizou para baixo do banco a poucos metros.

Heather parou o carrinho e puxou a coleira dele, mas Vixen não se mexia.

Ela tinha encontrado alguma coisa. E rosnava ao redor.

Heather podia sentir algo estranho. Vixen já tinha pegado os restos de um esquilo afogado no estacionamento.

Heather puxou com força e o rosto de Vixen apareceu acima da folhagem.

"Solte isso", Heather ordenou.

Vixen hesitou.

Dylan começou a chorar.

"Solte", Heather disse mais alto.

Vixen desapareceu por um momento e então veio pulando até o caminho com algo em sua boca. Heather recuou com nojo e Vixen sentou-se na calçada.

Heather olhou para baixo. Era apenas um pedaço de elástico. Como um pedaço de suspensórios de um homem. Foi um alívio.

Heather cutucou o elástico com a ponta de seu Reebok de volta para o mato. Ela não ia tocá-lo. Alguém o apanharia.

Tudo iria para o rio de qualquer maneira.

Ela ajeitou o boné de beisebol rosa por cima do rabo de cavalo, olhou sobre a próxima ponte, e começou sua corrida.

Ela queria fugir daquele cheiro.

FIM

Créditos

